

Fundação Instituto de
Pesquisas Econômicas

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP

***PROJETO DE ESTUDO SOBRE AÇÕES DISCRIMINATÓRIAS NO ÂMBITO
ESCOLAR, ORGANIZADAS DE ACORDO COM ÁREAS TEMÁTICAS, A SABER,
ÉTNICO-RACIAL, GÊNERO, GERACIONAL, TERRITORIAL, NECESSIDADES
ESPECIAIS, SOCIOECONÔMICA E ORIENTAÇÃO SEXUAL***

PRODUTO 7
RELATÓRIO ANALÍTICO FINAL

COORDENADOR RESPONSÁVEL: PROF. JOSÉ AFONSO MAZZON

SÃO PAULO
MAIO DE 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. SUMÁRIO EXECUTIVO	6
3. OBJETIVOS DO ESTUDO	12
4. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	14
5. DETALHAMENTO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA	15
5.1. Conceitos Estruturais para os Instrumentos	17
5.2. Teste-Piloto dos Questionários	20
5.3. Aplicação da Coleta de Dados no Teste Piloto	21
5.4. Metodologia empregada para análise das escalas atitudinais	23
6. DETALHAMENTO DO PLANO AMOSTRAL	27
6.1. Definição das Populações-Alvo e Amostras	27
6.2. Detalhamento da Construção dos Pesos	31
7. DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA OS TRABALHOS DE CAMPO	35
7.1. Estrutura de Campo	36
7.2. Critérios Relevantes para a Seleção e Contratação dos Profissionais que Atuaram na Coleta dos Dados da Pesquisa	36
7.2.1. Equipe técnica central	36
7.2.2. Supervisores de campo	37
7.2.3. Pesquisadores de campo	38
7.2.4. Instrumentos de apoio para o trabalho de campo	39
7.2.4.1. Estratégia de elaboração dos instrumentos de coleta de dados	39
7.2.4.2. Estratégia de coleta dos dados	39
7.2.5. Organização do trabalho de campo e treinamento	41
7.2.5.1. Organização e execução do programa de treinamento	43
7.2.6. Síntese das atividades do Levantamento e Crítica dos Dados	44
7.2.7. Guarda dos instrumentos	47
7.2.8. Conclusão dos trabalhos de campo	47
8. DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA ESTRUTURAÇÃO DOS BANCOS DE DADOS E DE MICRODADOS	49

9. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	53
9.1. Caracterização da Amostra	53
9.2. Análises Descritivas Sobre Preconceito e Discriminação nas Escolas	68
9.2.1. Análise de atitudes, crenças e valores relacionados ao preconceito e à discriminação	69
9.2.2. Análise da Distância Social dos Respondentes em relação aos grupos pesquisados	78
9.2.3. Análise do conhecimento de situações de discriminação presenciadas na escola	86
9.3. Análise Multivariada Para Identificação das Dimensões que Expressam Atitudes, Crenças e Valores e Distância Social em Relação aos Grupos Sociais Pesquisados	99
9.3.1. Análise Fatorial de Atitudes, Crenças e Valores	100
9.3.2. Análise Fatorial da Distância Social	108
9.4. Análises Descritivas das Dimensões Latentes e Macroconstrutos da Pesquisa	110
9.5. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Características Demográficas dos Respondentes entre Alunos e Profissionais do Corpo Técnico da Escola (diretores e professores)	117
9.5.1. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Modalidade de Ensino	118
9.5.2. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Porte da Escola	123
9.5.3. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Localização da Escola (Urbana na capital, Urbana no interior e Rural)	129
9.5.4. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Região do País	135
9.5.5. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar por Acesso a Meios de Informação	141
9.6. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar de acordo com a Participação em Cursos de Formação Continuada (diretores e professores)	147
9.7. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no Ambiente Escolar de acordo com Características Específicas das Escolas Pesquisadas	155
9.8. Mapeamentos Perceptuais da Discriminação em Função de Características Demográficas	175
9.8.1. Análise por público alvo	176

9.8.2.	Análise por sexo e faixa etária _____	192
9.8.3.	Análise por Região do País _____	208
9.8.4.	Análise por Acesso à Mídia _____	224
9.8.5.	Análise por Cor / Etnia _____	238
9.8.6.	Análise por Religião _____	253
9.9	Árvore de Classificação para Análise da Distância Social a Partir das Características Demográficas dos Respondentes _____	267
9.10	Análises da Relação entre Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> nas Escolas _____	271
9.10.1.	Respondente como Unidade de Análise _____	271
9.10.2.	Escolas como Unidade de Análise _____	280
9.10.3.	Contribuição e Peso Relativo das Atitudes Preconceituosas e da Distância Social dos Atores Escolares no Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> _____	284
9.11	Análise da Influência das Atitudes, Crenças e Valores das Áreas Temáticas de Discriminação da Pesquisa para a Distância Social e para o Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> _____	287
9.12	Contribuição e Peso Relativo dos Aspectos Específicos das Escolas no Preconceito e Discriminação Geral das Escolas _____	300
9.13	Análise dos Fatores Associados ao Preconceito e à Discriminação no Ambiente Escolar _____	302
9.13.1.	Análise dos Fatores Associados à Distância Social dos Alunos _____	308
9.13.2.	Análise dos Fatores Associados à Atitude Preconceituosa dos Alunos _____	322
9.14	Resultados da Prova Brasil 2007 por Nível de Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> no ambiente escolar _____	343
9.14.1.	Resultados Descritivos _____	343
9.14.2.	Relação entre as Atitudes Preconceituosas, a Distância Social dos Atores Escolares e o seu Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> na Escola e os Resultados obtidos pelos alunos das escolas na Prova Brasil 2007 _____	347
9.14.3.	Contribuição e Peso Relativo das Atitudes Preconceituosas, da Distância Social dos Atores Escolares e do seu Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> na Escola para os Resultados obtidos pelos alunos das escolas na Prova Brasil 2007 _____	350
10.	CONCLUSÕES _____	352

1. INTRODUÇÃO

A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE vinculada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), firmou convênio com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (convênio nº 35/2008, celebrado em junho de 2008), para realizar o projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, organizadas de acordo com as áreas temáticas étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais (deficiência) e socioeconômica e para desenvolvimento de pesquisas de interesse recíproco, em regime de mútua cooperação, por meio da celebração de convênio.

Este relatório (Produto 7) corresponde ao relatório analítico final da pesquisa e tem por objetivo descrever os principais resultados em relação aos temas pesquisados. Os itens apresentados neste relatório encontram-se detalhados nos seguintes tópicos:

- Objetivos;
- Sumário Executivo;
- Métodos e técnicas da pesquisa;
- Detalhamento da metodologia adotada para seleção da amostra;
- Detalhamento do plano amostral;
- Detalhamento dos trabalhos de campo;
- Detalhamento da estruturação dos bancos de dados e microdados;
- Detalhamento da construção dos pesos amostrais;
- Resultados finais;
- Conclusões.

2. SUMÁRIO EXECUTIVO

Visando subsidiar a formulação de políticas e estratégias de ação que promovam, a médio e longo prazos, a redução das desigualdades em termos de resultados educacionais, o respeito e a própria educação para a diversidade nas escolas públicas brasileiras, conduziu-se pesquisa pioneira no campo da diversidade na educação brasileira com o objetivo de analisar de maneira global e coerente a incidência de preconceito e discriminação nas escolas públicas, de forma a descrever um quadro consolidado que sirva de linha de base para a avaliação de ações globais no campo da promoção da diversidade.

Este trabalho compreendeu um estudo quantitativo por meio de uma *survey* aplicada em 500 escolas de todo o país junto a estudantes da penúltima série do ensino fundamental regular (7ª ou 8ª), da última série (3ª ou 4ª) do ensino médio regular, de EJA (2º segmento do ensino fundamental e ensino médio), professores(as) do ensino fundamental e médio que lecionam português e matemática nas respectivas séries acima mencionadas, diretores(as), profissionais de educação que atuam nas escolas, e pais, mães e responsáveis por alunos da(s) séries anteriormente referidas, que sejam membros do Conselho Escolar ou da Associação de Pais e Mestres.

A análise dos resultados da pesquisa revelou que os diversos públicos-alvo (diretores, professores, funcionários, alunos e pais / mães) apresentam atitudes, crenças e valores percebidos que indicam que o preconceito é uma realidade nas escolas públicas brasileiras nas sete áreas temáticas de discriminação pesquisadas (étnico-racial, de deficiência, de gênero e orientação sexual, geracional, socioeconômica e territorial). A área temática que apresentou os maiores valores para o índice ponderado percentual de concordância com as atitudes discriminatórias foi a que exprime a discriminação em relação a gênero (38,2%), seguida pelas áreas referentes à discriminação geracional (37,9%), em relação à deficiência (32,4%), à identidade de gênero (26,1%), à socioeconômica (25,1%), à étnico-racial (22,9%) e à territorial (20,6%).

Em complemento às análises do preconceito percebido, utilizou-se uma escala acumulativa (escala de *Bogardus*) que apresenta maior robustez na mensuração efetiva da

distância social entre os atores escolares e os diversos grupos sociais pesquisados (pobres, negros, índios, ciganos, moradores de periferia / favela, moradores de áreas rurais, homossexuais e pessoas com necessidades especiais, físicas e mentais), com o objetivo de medir o nível de proximidade com que os atores escolares se mostram predispostos a estabelecer contatos sociais com os grupos considerados no estudo. É extremamente importante observar que, embora os respondentes tenham apresentado, na média, valores abaixo de 40% de concordância com atitudes preconceituosas, os valores obtidos para o índice percentual de distância social, medido através da escala de *Bogardus*, oscilou entre 55% e 72%, indicando que estes mesmos respondentes, na média, não aceitam a diversidade como parecem perceber e possuem intenções comportamentais associadas ao nível de contato com os grupos estudados que efetivamente denotam discriminação.

A distância em relação a pessoas homossexuais foi a que apresentou o maior valor para o índice percentual de distância social, com 72%, seguido da distância em relação a pessoas portadoras de deficiência mental (70,9%), ciganos (70,4%), portadores de deficiência física (61,8%), índios (61,6%), moradores da periferia e/ou de favelas (61,4%), pessoas pobres (60,8%), moradores e/ou trabalhadores de áreas rurais (56,4%) e negros (55%).

Mais preocupante é o fato que o preconceito e a discriminação muitas vezes resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas ou acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. Nota-se que estas práticas discriminatórias no ambiente escolar tem como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas entre os diversos públicos pesquisados.

Apesar do fato de que os alunos são as maiores vítimas, as práticas discriminatórias na escola também vitimam professores e funcionários com preocupante incidência. Entre os professores vitimados, os que mais sofrem os efeitos de práticas discriminatórias, de acordo com o conhecimento dos respondentes, são os professores mais velhos, os homossexuais e as mulheres, com médias de 8,9%, 8,1% e 8% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying*. Entre os funcionários, as

maiores vítimas são os pobres (7,9% para o índice de conhecimento de situações de *bullying* entre os respondentes), idosos (7,6%) e negros (7,5%).

Os resultados da análise das relações entre as áreas temáticas de diversidade pesquisadas evidenciam ainda que a ocorrência de preconceito e discriminação em uma área, em geral, não ocorre de maneira isolada. As percepções preconceituosas em relação às áreas temáticas da pesquisa se mostraram fortemente correlacionadas, com coeficientes estatisticamente significativos a $p < 0,01$ e iguais ou maiores a 0,511. Isso mostra que o preconceito em relação a um determinado aspecto vem, em geral, acompanhado de preconceitos similares em relação aos outros aspectos pesquisados. O mesmo foi observado para a distância social e para o grau de conhecimento de práticas discriminatórias (*bullying*) nas escolas.

No entanto, é importante notar que os coeficientes para as correlações entre as atitudes e as distâncias sociais apresentaram valores muito mais baixos, apesar de significativos a $p < 0,01$, indicando que a relação entre o preconceito declarado e o nível de proximidade ou distância que se pretende estabelecer com diferentes grupos sociais é mais frágil. Esse resultado foi confirmado pela utilização da técnica de modelagem de equações estruturais para a verificação das relações de causalidade entre as atitudes e as distâncias sociais, por meio da qual se observou que o poder explicativo de variações na distância social em função de variações no construto de atitudes, crenças e valores em relação às diversas áreas temáticas de preconceito consideradas no estudo é baixo (com valores inferiores a 7% para o R^2 do construto de comportamento discriminatório, em função do construto de atitudes). Estes resultados sugerem que a distância social dos respondentes em relação aos diversos grupos sociais pesquisados nem sempre é consistente com o preconceito ou atitude preconceituosa por eles percebida.

Um exemplo deste fenômeno é a diferença entre a percepção e a distância social verificada entre os públicos-alvo da pesquisa. Os funcionários, professores e, principalmente, os diretores de escolas são os públicos que evidenciaram as atitudes menos preconceituosas. Entretanto, os resultados indicam que os diretores, seguidos de funcionários e professores, respectivamente, foram aqueles que apresentaram menor

predisposição a estabelecer contatos em níveis de proximidade com os grupos sociais pesquisados, comparativamente ao verificado com alunos e pais / mães.

Os resultados obtidos através de análises de correlação, da aplicação de técnicas de regressão linear múltipla, regressão logística multinomial e de equações estruturais evidenciam também que a ocorrência de práticas discriminatórias nas escolas (*bullying*), que representa a efetiva materialização de forma ofensiva do preconceito e da discriminação, está associada principalmente ao nível de preconceito dos alunos e em menor grau à distância social que estes mesmos alunos percebem em relação aos diversos grupos sociais pesquisados. Foram ainda realizadas análises comparativas de atitudes e comportamentos de acordo com outras características dos respondentes, a saber:

- ***Gênero e faixa etária do respondente***: os resultados indicam que pessoas do sexo feminino e pessoas de faixas etárias mais altas apresentam, de maneira geral, tanto atitudes quanto distâncias sociais menores em relação aos grupos sociais pesquisados;
- ***Região do País***: assim como para os públicos-alvo da pesquisa, existem diferenças entre as atitudes e a distância social observada ao nível regional. Os respondentes das regiões Sudeste e Sul evidenciaram as percepções menos preconceituosas, enquanto aqueles das regiões Nordeste e Norte apresentaram maior grau de preconceito. Entretanto, a análise da distância social sugere que, na média, os respondentes da região Sul são os que apresentam maior discriminação, enquanto que aqueles das regiões Nordeste e Norte são os que apresentam menor distância social, com maior predisposição a manter contatos de maior proximidade com os grupos sociais pesquisados;
- ***Acesso a Meios de Informação***: os resultados indicam que quanto maior o acesso a meios de informação (rádio, TV, jornais, revistas, internet), tanto em termos de qualidade quanto de quantidade, menor a percepção preconceituosa do respondente. Em termos de distância social, respondentes com acesso muito baixo ou muito alto a meios de informação apresentam menor distância social do que aqueles com grau intermediário de acesso. É importante notar, no entanto, que o maior nível de acesso

aos meios de informação está mais associado a um nível maior de preconceito e discriminação em relação a moradores e trabalhadores de áreas rurais;

- ***Cor / Etnia:*** os respondentes negros, mulatos, pardos e brancos apresentaram os menores níveis de preconceito, em função das atitudes verificadas, enquanto que os amarelos ou orientais apresentaram percepções mais preconceituosas. Entretanto, a análise da distância social revela que os respondentes brancos, seguidos dos amarelos ou orientais são os que apresentaram predisposição em estabelecer contatos em menores níveis de proximidade com os diversos grupos sociais pesquisados, enquanto que cafusos, caboclos e índios apresentam, na média, menores níveis de distância social em relação aos demais grupos considerados;
- ***Religião:*** os respondentes que declararam não possuir religião são os que apresentam, na média, os maiores valores para os índices de preconceito e discriminação, tanto para atitudes, quanto para a distância social observada, enquanto que respondentes de outras religiões que não a católica ou a evangélica (budista, candomblé, umbanda, espírita, judaica, muçulmana e outras) apresentaram os menores valores para as atitudes e para as distâncias sociais;
- ***Modalidade de Ensino:*** professores e, principalmente, os alunos do ensino fundamental apresentam maiores níveis de preconceito e distância social do que os respondentes do nível médio, tanto do ensino regular, quanto do EJA;
- ***Porte da Escola:*** respondentes de escolas maiores em termos do seu número de matrículas, especialmente seus alunos, apresentam atitudes em geral menos preconceituosas, talvez pela quantidade de pessoas convivendo no ambiente escolar. Os respondentes do corpo técnico de escolas maiores (diretores e professores) também apresentam, de maneira geral, menores níveis de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados. Entretanto, não se observaram diferenças estatisticamente significativas para a distância social de alunos em função do tamanho de sua escola;
- ***Localização da Escola:*** escolas urbanas das capitais apresentam menores níveis de preconceito entre seus alunos e seu corpo técnico do que em escolas urbanas localizadas fora das capitais e, principalmente, do que em escolas rurais. O mesmo se

verifica para a distância social dos respondentes do corpo técnico das escolas, que é menor em escolas urbanas, especialmente as das capitais. No entanto, entre os alunos verifica-se que em escolas urbanas, e especialmente nas das capitais, a distância social em relação aos grupos pesquisados é maior do que a verificada em escolas rurais.

A utilização de modelos hierárquicos lineares (HLM) e da técnica de regressão linear múltipla evidenciou ainda que as características intrínsecas dos alunos são as principais responsáveis pelos diferentes valores nos índices de distância social e nas atitudes preconceituosas. Somente uma pequena porcentagem dessa variação nos indicadores pode ser atribuída às características das escolas, especialmente nos índices de distância social. Em média, cerca de 83% da variância no preconceito apresentado pelos alunos pode ser explicado por características demográficas intrínsecas dos próprios alunos, enquanto 17% desta variância são explicados por características das escolas. Para a distância social, as características demográficas dos alunos respondem por cerca de 91% da variância.

Finalmente, observou-se a partir de testes de diferenças de médias e análises de correlação, que em escolas em que os escores que medem o preconceito e o conhecimento de práticas discriminatórias apresentam valores mais elevados tendem a apresentar médias menores para as avaliações na Prova Brasil. Do ponto de vista do preconceito, nota-se ainda que a relação é mais forte para o preconceito dos alunos, ou seja, em escolas em que os alunos apresentam maior preconceito, as avaliações tendem a ser menores. Entretanto, escolas em que os alunos apresentam predisposição em manter contatos de menor proximidade com os grupos sociais pesquisados tendem a apresentar melhores resultados na Prova Brasil. Realizou-se ainda uma análise de regressão linear múltipla para avaliar o grau de importância das diversas variáveis de preconceito e discriminação para a explicação das variações nas médias da Prova Brasil 2007. Os resultados indicam que cerca de 30% das variações nas médias puderam ser explicadas por variações nos escores de preconceito ou discriminação, o que representa um expressivo poder de explicação, especialmente em estudos de natureza social. Além das atitudes dos alunos, nota-se que a intensidade de práticas discriminatórias na escola vitimando funcionários e, principalmente, professores, são as variáveis com maior peso na explicação das variações das médias da Prova Brasil 2007.

3. OBJETIVOS DO ESTUDO

Define-se como **objetivo central** a ser alcançado com a realização do estudo quantitativo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar – organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais (deficiência) e socioeconômica – a mensuração de situações de discriminação no ambiente escolar e sua influência no acesso, na permanência, na trajetória e no desempenho escolar dos estudantes, de forma a subsidiar a formulação de políticas e estratégias de ação que promovam, a médio e longo prazos, a redução das desigualdades em termos de resultados educacionais, o respeito e a própria educação para a diversidade.

Com base nos objetivos fixados e nos instrumentos elaborados pelo MEC/INEP, a equipe técnica da FIPE efetuou o teste piloto dos instrumentos de pesquisa fornecidos pelo MEC/INEP (resultados apresentados no Relatório 1); elaborou o plano amostral (Relatório 2); realizou a coleta de dados dos instrumentos por auto-preenchimento junto às diversas populações-alvo (Relatório 3); efetuou a crítica e consistência dos bancos de dados (Relatório 4); elaborou o banco de microdados (Relatório 5); processou os dados e realizou as análises dos resultados – consubstanciadas no presente relatório de pesquisa – abordando os seguintes públicos de escolas públicas estaduais e municipais, urbanas e rurais/do campo:

- i) Estudantes da penúltima série do ensino fundamental regular (7ª ou 8ª);
- ii) Estudantes da última série (3ª ou 4ª) do ensino médio regular;
- iii) Estudantes de EJA (2º segmento do ensino fundamental e ensino médio);
- iv) Professores(as) do ensino fundamental e médio que lecionam português e matemática nas respectivas séries acima mencionadas;
- v) Diretores(as) de escolas;
- vi) Profissionais de educação que atuam nas escolas com a(s) série(s) acima mencionadas [secretária(o), porteira(o), orientador(a) educacional, merendeira(o) ou correlatos];

vii) Pais, mães e responsáveis por alunos da(s) séries anteriormente referidas, que sejam membros do Conselho Escolar ou da Associação de Pais e Mestres.

Considerando os temas abordados no âmbito da pesquisa, a saber: (1) gênero, (2) étnico-racial, (3) socioeconômico, (4) geracional, (5) pessoas com necessidades especiais (deficiência), (6) territorialidade, e (7) orientação sexual foram definidos como **objetivos específicos** a serem alcançados:

- a) Avaliar percepções quanto a situações de violência no âmbito escolar e familiar, especialmente as violências psicológica, física e de abuso e exploração sexual, e seus impactos em termos de atitudes e comportamentos das pessoas vitimadas;
- b) Avaliar percepções quanto à incidência e intensidade de situações de discriminação de raça, de etnia, de gênero e de orientação sexual, ou ainda, por situações de conflito com a lei, das diversas populações-alvo do estudo;
- c) Avaliar percepções de reconhecimento e respeito à diversidade.

Esta é uma pesquisa pioneira no campo da diversidade na educação brasileira e, portanto, teve por objetivo analisar de maneira global e coerente a incidência de preconceito e discriminação nas escolas públicas, de forma a descrever um quadro consolidado que sirva de linha de base para a avaliação de ações globais no sentido de transformar as escolas em um ambiente essencial ao estímulo à diversidade e à mitigação do preconceito e da discriminação, além de gerar importantes subsídios para o aprofundamento dos estudos relacionados a cada uma de suas áreas temáticas. Neste contexto, não foi objetivo desta pesquisa esgotar as questões e conceitos relativos a cada uma das áreas temáticas pesquisadas.

É importante notar também que a presente pesquisa produziu um banco de dados bastante vasto sobre os temas pesquisados. A dimensão deste banco de dados permitirá ampliar o conhecimento sobre os fenômenos de preconceito e discriminação nas escolas para as diversas áreas temáticas que compuseram a pesquisa para além do escopo definido para este estudo, por meio da expansão posterior das análises através de novos estudos viabilizados pelos dados e informações agora disponíveis.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Um aspecto importante a ser ressaltado é que todo o desenvolvimento metodológico das atividades realizadas foi documentado, apresentado e debatido pela equipe técnica da FIPE junto a representantes do MEC/INEP, de forma a possibilitar o enriquecimento mútuo de ambas as equipes de trabalho, com a transferência de conhecimento, tecnologias e de experiências em pesquisas educacionais dessa natureza.

Face à natureza da pesquisa – mensuração de crenças, atitudes e comportamentos comuns e específicos entre diferentes populações-alvo – foi definido o emprego do método de pesquisa *survey* – com realização anterior de oficinas para discussão das questões afetas à pesquisa e revisão de literatura temática específica – envolvendo a construção de cinco instrumentos de coleta de dados que foram respondidos pela técnica de auto-preenchimento, sob a coordenação de pesquisador qualificado junto às unidades de observação (respondentes) associadas às unidades amostrais (escolas de redes públicas estaduais e municipais, urbanas e rurais, de todas as unidades federativas).

Para a realização do presente estudo, a FIPE dispôs de pessoal e equipamentos necessários para a perfeita execução do objeto do convênio firmado, especificamente para atender aos produtos apresentados como resultados nas Metas 1 e 3: processo de coleta dos dados no teste piloto (apresentado no Relatório 1) e na aplicação dos Instrumentos de Coleta (Relatório 3), quando foram contratados supervisores e pesquisadores de campo, com formação superior e experiência profissional nessa área.

No Relatório 4 foram encaminhados os bancos de dados consolidados e no Relatório 5 os procedimentos utilizados na preparação do banco de microdados, acrescidos dos pesos amostrais calculados para cada público, que subsidiaram as análises dos resultados. O relatório 6 consistiu de uma análise preliminar que subsidiou a realização de um seminário de resultados alcançados.

5. DETALHAMENTO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O MEC/INEP, com o apoio do Cedeplar/UFMG e de especialistas em psicometria e da área educacional, elaborou a primeira versão dos cinco questionários, um para cada uma das populações-alvo da pesquisa, conforme explanado no tópico “Contextualização”. Esses questionários são os seguintes:

Questionário	População-alvo
D	Diretores de escola
P	Professores de matemática e português
F	Funcionários de escola
A	Alunos da penúltima série (7 ^a /8 ^a) do EFR / da última série (3 ^a /4 ^a) do EMR / 2º ciclo do EF ou médio do EJA
PM	Pais ou responsáveis por alunos

Os questionários foram desenvolvidos considerando-se os seguintes blocos de assuntos:

Blocos/Assuntos	Denominação
1	Questões sobre exposição à mídia por parte dos respondentes
2	Questões sobre hábitos de lazer
3	Questões sobre escala de distância social
4	Questões sobre crenças e atitudes
5	Questões sobre o conhecimento de práticas discriminatórias (<i>bullying</i>)
6	Questões sociodemográficas
7	Questões escolares

Para a elaboração das cinco versões de questionário do teste piloto – uma para cada população-alvo – foram adotados diversos procedimentos metodológicos, a saber:

- utilização dos subsídios gerados pela pesquisa qualitativa, em termos de valores, crenças, atitudes e comportamentos;

- b) revisão de literatura de estudos e pesquisas realizadas nas áreas temáticas de preconceito e discriminação no ambiente escolar, visando coletar subsídios para a estruturação das questões;
- c) emprego de questões comuns a todos os públicos (técnica de superposição de assuntos homogêneos) e de questões específicas por população-alvo;
- d) agregação das questões em blocos de assuntos de mesma natureza, de forma a possibilitar uma melhor organização lógica dos questionários e facilitar a coleta dos dados ou exteriorização das idéias por parte dos respondentes;
- e) emprego de questões fechadas, de modo a possibilitar a uma análise estatística em termos de escalas objetivas de mensuração;
- f) utilização preferencial de escalas assumidas intervalares, mais poderosas para efeito de tratamento e análise estatística de dados;
- g) colocação de orientações-chave aos pesquisadores de campo e das instruções de pulo entre questões.

A equipe técnica da FIPE procedeu à (1) adequação do *lay-out* dos questionários em termos de imagem visual de forma a impactar positivamente os respondentes e para adequação à digitação dos dados; (2) adequação da página de rosto do questionário para as atividades de controle da entrevista e de crítica das perguntas respondidas; (3) inclusão de observações por escola pesquisada, destinadas ao registro de comentários por parte das duplas de pesquisadores de campo.

Considerando que seria importante ter a aprovação dos instrumentos de coleta dos dados, o INEP com auxílio da FIPE, submeteu-os a aprovação do COEP/UFMG. Isso acarretou em um atraso de sete semanas, motivo pelo qual o cronograma de atividades e o plano de trabalho precisaram ser alterados.

5.1. Conceitos Estruturais para os Instrumentos

O foco central da pesquisa refere-se ao uso conjunto de três conceitos fundamentais: (1) as crenças, atitudes e valores que expressam preconceito; (2) a distância social medida pela escala de *Bogardus*; e (3) o conhecimento de práticas discriminatórias no ambiente escolar (*bullying*).

Em relação à medida de crenças, atitudes e valores que expressam preconceito, as versões finais dos questionários consideraram um conjunto de 83 frases relacionadas às 7 áreas temáticas de preconceito e discriminação do estudo.

Estas frases foram estruturadas através de um escala ordinal do tipo *Likert* de quatro pontos. As frases representam afirmações cujas respostas correspondem ao nível de concordância com cada afirmação como descrito a seguir:

- (1) Discordo Muito;
- (2) Discordo Pouco;
- (3) Concordo Pouco;
- (4) Concordo Muito.

Para melhor compreensão dos resultados, as variáveis resultantes das respostas a essas afirmações foram transformadas em um índice percentual de concordância (IPC%), variando entre 0 e 100 para cada item do questionário referente às atitudes do respondente.

O segundo conjunto de frases compreende os itens dos questionários que utilizam a escala de *Bogardus* para a mensuração da distância social do respondente em relação a pessoas dos grupos sociais pesquisados (negros, índios, ciganos, pobres, homossexuais, moradores da periferia/favela, moradores de áreas rurais, pessoas com necessidades especiais). A referida escala tem por objetivo medir empiricamente a predisposição do respondente em estabelecer contatos sociais em diferentes níveis de proximidade com membros desses grupos.

Esta escala corresponde a um tipo específico de escala acumulativa (escala de *Guttman*), pois cada afirmação selecionada incorpora a idéia da afirmação anterior. Ela

consiste de um conjunto de afirmações que podem ser ordenadas partindo de uma posição menos extrema até uma posição mais extrema, de forma que o padrão de resposta possa ser expresso através de um único índice que represente toda a escala ordenada.

Neste estudo, essa escala foi utilizada para verificar a distância social de cada respondente em relação aos diversos grupos sociais pesquisados. Por exemplo, em relação a uma pessoa pobre e considerando os públicos do corpo técnico (diretores e professores) e de funcionários da escola, foi solicitado que os respondentes assinalassem apenas a frase com a qual concordassem com maior intensidade dentre as listadas a seguir:

- a) Aceitaria como aluno(a) da escola.
- b) Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a).
- c) Aceitaria que estudasse em minha casa com meu(minha) filho(a).
- d) Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a).
- e) Aceitaria como colega de trabalho na escola.
- f) Aceitaria como aluno(a) na minha sala de aula.

Essas frases foram então reordenadas para refletir a posição de aceitação do ponto mais extremo da escala para o menos extremo, conforme apresentado a seguir:

- 1) Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a).
- 2) Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a).
- 3) Aceitaria que estudasse em minha casa com meu(minha) filho(a).
- 4) Aceitaria como colega de trabalho na escola.
- 5) Aceitaria como aluno(a) na minha sala de aula.
- 6) Aceitaria como aluno(a) da escola.

O conceito subjacente a essa escala é o de que se o respondente concorda mais fortemente com a frase em que ele aceitaria que seu filho se casasse com uma pessoa pobre há menor distância social entre o respondente e essa pessoa, então ele automaticamente aceita as demais frases, ou seja, apresenta menor distância em relação a esse grupo social

dentre as situações apresentadas, recebendo o menor valor para a escala (1). Por outro lado, se a frase com a qual ele concorda com maior intensidade é que ele aceitaria essa pessoa pobre como aluno da escola, pressupõe-se que não aceitaria as cinco demais situações e, portanto, o respondente apresenta a maior distância em relação a esse grupo social, sendo atribuído o maior valor para a escala de distância social (6).

A partir desse conceito foram criados nove indicadores que contém os escores dessa escala para os nove conjuntos de frases contidas no questionário, com valores possíveis entre 1 (comportamento menos discriminatório) a 6 (comportamento mais discriminatório). Para melhor compreensão dos resultados, as variáveis de distância social foram transformadas em um índice percentual de distância social (IPCD%), variando de 0 a 100 para cada uma das nove variáveis, de forma a permitir a comparabilidade com os resultados das medidas de preconceito.

O terceiro conjunto de frases relaciona-se com o conhecimento da existência de situações de humilhação, agressão física, acusação injusta e outras situações presenciadas na escola em função do pertencimento aos seguintes grupos sociais: negros, índios, ciganos, pobres, homossexuais, moradores da periferia/favela, moradores de áreas rurais, pessoas com necessidades especiais (deficiência), idosos e mulheres. Essas frases foram estruturadas através de um escala ordinal de três pontos que mede o grau de conhecimento de cada respondente acerca da ocorrência de situações de *bullying* motivadas pelo pertencimento das vítimas aos 11 grupos sociais mencionados acima. A escala utilizada para medir o conhecimento sobre essas situações é a seguinte:

- (1) Nem vi, nem soube que aconteceu nesta escola;
- (2) Não vi, mas soube que aconteceu nesta escola;
- (3) Vi nesta escola.

Com o propósito de facilitar a compreensão e a comparabilidade dos resultados com os escores relativos às demais dimensões (atitudes e distância social) foram criados escores para cada grupo social a partir da média dos valores medidos em cada frase, variando entre 0 e 100.

Um ponto importante no processo de construção do instrumento de pesquisa foi a formulação de perguntas que expressassem estes três conceitos (atitudes, distância social e conhecimento de situações de *bullying*) tendo como ponto de partida o universo cognitivo dos potenciais respondentes. As frases que denotam estes conceitos nos instrumentos utilizados foram construídas a partir das mesmas expressões e frases utilizadas pelas pessoas participantes durante os *focus groups* realizados na etapa qualitativa. Este procedimento teve por objetivo garantir que as perguntas que compuseram o instrumento fizessem parte deste universo cognitivo, facilitando a sua compreensão pelos respondentes da pesquisa.

5.2. Teste-Piloto dos Questionários

As primeiras versões dos questionários foram submetidas a um teste piloto pela equipe da FIPE e discutidas com representantes do MEC/INEP e consultores externos, de forma a possibilitar a mensuração adequada dos diversos objetivos fixados para a pesquisa. Esse teste visou avaliar:

- a reação dos entrevistados à pesquisa;
- a compreensão das perguntas;
- a necessidade de desmembramento de questões;
- a adequação das escalas de mensuração utilizadas;
- o seqüenciamento das perguntas;
- o tempo de coleta dos dados, dentre outros aspectos.

O teste piloto foi aplicado em uma amostra de 12 escolas públicas localizadas em 5 estados brasileiros, a saber: Norte (Pará); Nordeste (Bahia); Centro-Oeste (Goiás); Sudeste (São Paulo); Sul (Rio Grande do Sul), sendo 5 nas capitais e 5 no interior, dentro das modalidades previstas no item 2 deste relatório, conforme descrito a seguir:

Tabela 1 – Localização das Escolas selecionadas para o teste piloto

Localização da Escola		Modalidades
N (PA)	Belém	Ensino Fundamental
	Castanhal	Ensino Médio
NE (BA)	Salvador	EJA – Ensino Fundamental
	Lauro de Freitas	Ensino Médio
CO (GO)	Goiânia	Ensino Fundamental
	Senador Canedo	EJA – Ensino Médio
SE (SP)	São Paulo	EJA – Ensino Médio
		Ensino Médio
	Osasco	Ensino Fundamental
		Ensino Médio
S (RS)	Porto Alegre	EJA – Ensino Fundamental
	Viamão	Ensino Fundamental

A seleção dessas escolas foi feita pela equipe técnica da FIPE, conforme plano de trabalho aprovado pelo MEC/INEP.

Os questionários foram digitados e processados de forma a analisar a validade e a confiabilidade das escalas empregadas. Em função dessa análise, foram elaboradas as versões finais dos questionários de pesquisa, as quais foram devidamente aprovadas pelo MEC/INEP, para posterior início das atividades de coleta dos dados.

5.3. Aplicação da Coleta de Dados no Teste Piloto

A FIPE imprimiu o número necessário de exemplares dos questionários, considerando uma quota reserva para efeito de treinamento dos pesquisadores de campo e de eventuais substituições que se fizessem necessárias quando da realização da coleta de dados.

Os questionários foram impressos de acordo com as seguintes especificações mínimas: papel *off-set* 90 gramas, branco, formato A4 (21 cm X 29,7 cm), impressão frente e verso, utilizando toner preto e acabamento com dois grampos refilados na margem esquerda.

A FIPE imprimiu, além dos questionários, os seguintes materiais relativos à pesquisa de campo:

- carta de apresentação do MEC/INEP apresentando a pesquisa e indicação de coordenadores da FIPE para eventual necessidade de contato por parte dos respondentes;
- carta de apresentação do pesquisador e da pesquisa, com nome, telefone e e-mail da Central de Atendimento Telefônico e por e-mail da pesquisa, para obtenção de informações ou esclarecimentos que se fizessem necessários;
- termo de consentimento do COEP/UFGM, validando os instrumentos de coleta dos dados;
- relação de nomes do MEC/INEP e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação para efeito de eventual necessidade de contato por parte dos respondentes;
- cartão de identificação do pesquisador de campo com foto e logomarca da FIPE;
- manuais de treinamento do supervisor e do pesquisador de campo;
- boletim de ocorrência da pesquisa.

Desse modo, o *kit* do trabalho de campo, por pesquisador, continha os seguintes itens:

- manual de instruções;
- conjunto de questionários, com uma quota de reserva técnica de 10%;
- relação de nomes e endereços das escolas amostradas;
- carta de apresentação da FIPE apresentando os objetivos e relevância da pesquisa, o pesquisador de campo, os dados para contato com a Central de Atendimento Telefônico para obtenção de informações ou esclarecimentos necessários;
- outros materiais de campo;
- pasta para acondicionamento dos materiais com as logomarcas da FIPE e do MEC/INEP.

Foram entregues ao MEC/INEP cópias dos materiais de campo como anexos do relatório III.

5.4. Metodologia empregada para análise das escalas atitudinais

Os questionários da pesquisa aplicados no teste piloto continham 154 frases relativas a valores, crenças e atitudes que foram respondidas por meio de auto-preenchimento pelos públicos-alvo formado por diretores, professores, funcionários, alunos e pais de alunos participantes dos respectivos Conselhos Escolares.

O banco de dados foi composto de 411 respondentes, o qual foi submetido a uma extensa análise para efeito de avaliar a estrutura de correlações entre as frases de forma a possibilitar a elaboração de um questionário final com menor número de frases sem perda significativa de informação.

Considerando o caráter pioneiro e inovador de um estudo quantitativo dessa natureza nas escolas públicas de ensino básico no Brasil, é fundamental que o processo de seleção de frases fosse o mais criterioso possível de forma a assegurar validade e confiabilidade das escalas empregadas.

Nesse sentido, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Aplicação da técnica de análise fatorial, usando o algoritmo de componentes principais e rotação espacial de máxima variância, para o conjunto total de frases, avaliando a natureza dos fatores extraídos e a proporção da variância explicada. O índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de adequação amostral foi de 0,899 (altamente significativo) e o valor do teste de esfericidade de Bartlett relativo à estrutura da matriz de correlações para efeito de aplicação da análise fatorial foi significativo a $p < .000$. Foram extraídos 37 fatores com *eigenvalue* superior a 1, totalizando um nível de explicação da variância de 70,5%, valor esse extremamente satisfatório para pesquisas sociais. As comunalidades calculadas também apresentaram excelentes resultados: todas as frases superaram o limite mínimo de 0,50, ou seja, pelo menos metade da variância encontra-se explicada pelos fatores extraídos. Os resultados mostram que 70 frases tiveram a comunalidade entre 0,600 e 0,699; o maior número de frases (78) entre 0,700 e 0,799 e 6 frases apresentaram comunalidade igual ou

superior a 0,80. Em síntese, a estrutura do banco de dados mostra-se significativamente adequada para efeito de prosseguimento na análise dos dados visando à avaliação das sub-estruturas correlacionais das variáveis consideradas no estudo;

- b) O segundo passo foi o agrupamento das frases segundo as macro-dimensões de preconceito e discriminação: étnico-racial, gênero; orientação sexual; geracional; territorialidade; socioeconômica e de pessoa possuidora de necessidades especiais (deficiência);
- c) Para cada uma dessas macro-dimensões, efetuou-se uma análise fatorial específica, tendo-se igualmente aplicado o teste KMO e de Bartlett, extraído o nível de explicação da variância (o quanto os fatores extraídos com *eigenvalue* superior a 1 explicam da variância normalizada das variáveis consideradas na análise), a comunalidade de cada variável (o quanto as cargas fatoriais rotacionadas dos fatores explicam da variância total de cada variável normalizada). As variáveis com maiores cargas fatoriais em cada um dos fatores significativos extraídos foram colocadas em ordem decrescente de importância, de forma a auxiliar na atribuição de um nome ou significado de cada fator;
- d) O quarto passo consistiu na aplicação dos procedimentos estatísticos de análise da confiabilidade de cada um dos fatores extraídos e das sete macro-dimensões atitudinais. Os indicadores avaliados foram:
 - o *alpha* de Cronbach;
 - as estatísticas descritivas consolidadas (item *means* e *inter-items correlations*);
 - item *total statistics*, avaliando o impacto na confiabilidade de exclusão das variáveis com menor carga fatorial rotacionada e comunalidade explicada;
 - a análise de variância empregando o teste de aditividade de Tukey;
 - a significância do teste de Hotelling;
 - e, por fim, a significância dos coeficientes de correlação intra-classe para cada um dos fatores e das macro-dimensões;

- e) O quinto passo consistiu em re-aplicar os procedimentos estatísticos de confiabilidade da escala com a eliminação das frases de pouco impacto no índice *alpha* de *Cronbach* e no coeficiente de determinação;
- f) Até o quinto passo, os procedimentos estatísticos aplicados são considerados na literatura especializada como de 1ª geração, sendo essencialmente caracterizados como procedimentos de análise fatorial exploratória. Embora parcela substancial dos estudos de confiabilidade das escalas empregue tão somente procedimentos de 1ª geração, a equipe técnica da FIPE decidiu também pelo emprego de procedimentos estatísticos de 2ª geração, qual seja, o uso de Modelagem de Equações Estruturais (SEM) por meio do procedimento *Partial Least Squares* (PLS). Construiu-se, então, um modelo teórico de 3ª ordem que foi testado, relacionando os seguintes constructos (fatores):

$$PED = f(ETR; OSE; GEN; IDA; TER, SEC; DEF)$$

onde os constructos são, respectivamente:

PED – preconceito e discriminação;

ETR – étnico-racial;

OSE – orientação sexual;

GEN – gênero;

IDA – geracional;

TER – territorial;

SEC – socioeconômico;

NES – necessidades especiais (deficiência).

Cada um dos construtos de segunda ordem está relacionado com os construtos de 1ª ordem (fatores extraídos da análise fatorial exploratória), os quais são formados pelas frases selecionadas após a aplicação dos procedimentos de confiabilidade das escalas.

Os resultados obtidos foram estatisticamente significativos ($p < .000$) para os construtos de 1ª, 2ª e 3ª ordem respectivamente, indicando a excelência com que as frases, fatores e macro-construtos foram elaborados. Dois procedimentos de PLS foram empregados:

- a) o primeiro, calculando-se os coeficientes de cada *path* do modelo estrutural, utilizando-se a amostra total (n=411 casos);
- b) o segundo, empregando-se o procedimento *bootstrapping*, o qual tem por finalidade testar a estabilidade do modelo estrutural; neste caso, os *paths coefficients* foram calculados pela média obtida de 200 amostras aleatórias de duzentos casos cada uma. Todos os *paths coefficients* do modelo estrutural original e dos modelos *bootstrapping* mostraram-se estatisticamente significativos e estáveis, não havendo diferença entre eles ao nível de probabilidade de $p < .01$.

Face à solidez das análises efetuadas pode-se re-elaborar os questionários da pesquisa, excluindo-se as frases de menor impacto na validade e confiabilidade dos resultados.

6. DETALHAMENTO DO PLANO AMOSTRAL

6.1. Definição das Populações-Alvo e Amostras

O universo de estudo e a amostragem foram parcialmente descritos no projeto de pesquisa apresentado pela FIPE. Nesta seção far-se-á uma atualização, considerando que foram empregados os dados mais recentes até a data desta etapa da pesquisa: os do Censo Escolar de 2007. O universo do plano amostral, conforme já especificado no item 2, abrangeu:

- i) Estudantes da penúltima ou última série do ensino fundamental regular (7^a ou 8^a);
- ii) Estudantes da última série (3^a ou 4^a) do ensino médio regular;
- iii) Estudantes de EJA (2º segmento do ensino fundamental e ensino médio);
- iv) Professores(as) do ensino fundamental e médio que lecionam português e matemática nas respectivas séries acima mencionadas;
- v) Diretores(as) de escolas;
- vi) Profissionais de educação que atuam nas escolas com a(s) série(s) acima mencionadas [secretária(o), porteira(o), orientador(a) educacional, merendeira(o) ou correlatos];
- vii) Pais, mães e responsáveis por alunos da(s) séries anteriormente referidas, que sejam membros do Conselho Escolar ou da Associação de Pais e Mestres.

O universo da pesquisa correspondeu, portanto, ao conjunto de escolas públicas das redes estaduais e municipais, urbanas e rurais, que tinham um ou mais dos seguintes níveis/modalidades de ensino: penúltimas ou últimas séries do ensino fundamental regular (7^a ou 8^a), última série do ensino médio regular (3^a ou 4^a) e segundo segmento do ensino fundamental e médio do EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Considerando o Censo Escolar de 2007, a população do estudo está caracterizada nas tabelas 2 a 8.

A sub-população de escolas públicas rurais/do campo está distribuída nas regiões demográficas conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição de escolas públicas rurais do EF, EM e EJA nas séries-alvo

Região	Escolas	Matrículas	Municípios
Norte	3.209	101.136	178
Nordeste	9.868	386.754	575
Centro-Oeste	863	26.997	143
Sudeste	1.887	80.032	259
Sul	2.799	67.938	239
Total	18.626	662.857	1.394

De outra parte, a sub-população de escolas públicas urbanas está distribuída geograficamente conforme a Tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição de escolas públicas urbanas do EF, EM e EJA nas séries-alvo

Região	Escolas	Matrículas	Municípios
Norte	3.012	719.016	271
Nordeste	11.076	2.104.364	1.218
Centro-Oeste	2.865	585.816	323
Sudeste	12.507	3.330.330	1.408
Sul	6.316	962.714	949
Total	35.776	7.702.240	4.169

Desse modo, o universo da pesquisa é formado por 54.402 escolas, localizado em 5.563 municípios brasileiros, totalizando o montante de 8.365.097 matrículas de alunos nas respectivas séries-alvo da pesquisa. Cabe observar que esses números são aproximados, porque em alguns casos não estava claro se uma dada turma pertence ou não à população-alvo com base nesse Censo Escolar.

Tomando-se ainda por base a distribuição de matrículas e escolas localizadas em área urbana, pelos estratos de capitais de UFs e não-capitais (interior ou litoral), estruturou-

se a Tabela 4 segundo a presença das séries-alvo do estudo (ressaltando-se a superposição de escolas que têm duas ou mais dessas séries).

Tabela 4 – Distribuição de escolas públicas do EF, EM e EJA nas séries-alvo

Região	Capitais de UFs			Não-Capitais de UFs			Rural
	EFR	EMR	EJA	EFR	EMR	EJA	
Norte	480	375	484	1.217	925	1.488	3.209
Nordeste	941	682	1.199	5.473	3.633	6.249	9.868
Centro-Oeste	480	290	288	1.511	1.126	1.162	863
Sudeste	1.562	1.146	1.168	7.121	6.707	5.246	1.887
Sul	390	250	163	4.294	3.023	1.580	2.799
Total	3.853	2.743	3.302	19.616	15.414	15.725	18.626

As escolas foram sorteadas respeitando a proporcionalidade em termos do número de matrículas, conforme a Tabela 5.

**Tabela 5 – Distribuição de matrículas em escolas públicas
do EF, EM e EJA nas séries-alvo**

Região	Capitais de UFs			Não-Capitais de UFs			Rural
	EFR	EMR	EJA	EFR	EMR	EJA	
Norte	70.206	65.030	120.683	130.395	130.791	201.911	101.136
Nordeste	119.758	123.476	221.026	504.821	494.474	640.809	386.754
Centro-Oeste	59.935	50.942	83.973	126.636	104.298	160.032	26.997
Sudeste	227.709	203.078	290.659	841.377	686.990	1.080.517	80.032
Sul	42.723	32.638	43.150	344.892	262.097	237.214	67.938
Total	520.331	475.164	759.491	1.948.121	1.678.650	2.320.483	662.857

O parâmetro populacional que exige um tamanho de amostra maior para uma precisão razoável é a proporção. Parâmetros do tipo proporção são estimados com base em um grande número de perguntas aplicáveis aos diferentes atores desta pesquisa (diretores, professores, funcionários, alunos e pais de alunos). A pesquisa fornece estimativas, em nível nacional, do erro amostral máximo.

O tamanho planejado da amostra foi de 500 escolas, conforme explicitado no projeto e compatível com os recursos orçamentários. Esse tamanho de amostra proporciona um erro amostral inferior a 4,5%, com nível de confiança de 95%, nas estimativas em nível nacional. A seleção da amostra respeitou a proporcionalidade das matrículas por região demográfica, localização da escola (capital e não-capital) e nível/modalidade de ensino (EFR, EMR e EJA), conforme a distribuição das células da Tabela 5, mas com a restrição de se ter o mínimo de seis escolas em cada célula. Para as escolas rurais foram especificadas seis escolas por região demográfica. Assim, o tamanho da amostra para cada estrato é apresentado na Tabela 6.

**Tabela 6 – Distribuição da amostra de escolas públicas
do EF, EM e EJA nas séries-alvo**

Região	Capitais de UFs			Não-Capitais de UFs			Rural
	EFR	EMR	EJA	EFR	EMR	EJA	
Norte	6	6	7	8	8	11	6
Nordeste	7	8	12	30	29	37	6
Centro-Oeste	6	6	6	8	6	10	6
Sudeste	13	11	17	49	40	63	6
Sul	6	6	6	20	15	13	6
Total	38	37	48	115	98	134	30

A seleção de escolas foi efetuada considerando-se o critério PPT – Probabilidade Proporcional ao Tamanho, em função do número de matrículas de cada escola por região/localização/níveis-modalidades de ensino, conforme Tabela 4. Desse modo, a probabilidade de seleção de uma escola era proporcional ao número de matrículas do nível/modalidade. Ressalte-se que em cada escola selecionada entrevistou-se o diretor ou coordenador de ensino, uma turma de alunos sorteada dentre as existentes na série-alvo, dois professores (de português e matemática que lecionam para a turma sorteada), dois funcionários e dois pais de alunos, sempre relativos ao nível/modalidade em que a escola foi sorteada. Se a escola foi selecionada em duas modalidades, o número de entrevistas deveria dobrar, exceto no caso do diretor. A Tabela 7 apresenta o número esperado de respondentes por população-alvo.

Tabela 7 – Amostra de respondentes por população-alvo

População	No de casos (n)	
	Previsto	Realizado
Diretores	500	501
Funcionários	1.000	1.005
Professores	1.000	1.004
Alunos	15.000	15.087
Pais de alunos	1.000	1.002

Nas escolas que funcionam em dois ou mais turnos de trabalho, houve um estágio adicional de seleção, que compreendeu a seleção do turno e, em seguida, da turma de alunos. A totalidade dos alunos presentes no dia da coleta de dados na classe sorteada compôs a amostra pesquisada.

As escolas sorteadas foram apresentadas como anexo do Relatório 2, incluindo uma amostra de escolas reservas, que só seria utilizada nos casos de não ser possível realizar entrevista na escola originalmente sorteada. Observa-se, também, que o número real de escolas pesquisadas, conforme previsto no plano amostral foi de $n = 501$, pois uma escola foi sorteada nas modalidades Fundamental e EJA.

6.2. Detalhamento da Construção dos Pesos

Descrevem-se, a seguir, os critérios utilizados na construção dos pesos de cada público-alvo, considerando os diferentes estratos amostrais.

1. A amostra final de referência à escola corresponde ao arquivo de diretor (Diretor.sav), totalizando 501 escolas pesquisadas, considerando os 35 estratos amostrais, conforme tabela a seguir:

Tabela 8 – Descrição dos 35 estratos considerados no estudo

Região	Capitais de UFs			Não Capitais de UFs			Rural
	EFR	EMR	EJA	EFR	EMR	EJA	
Norte	N1	N2	N3	N4	N5	N6	N7
Nordeste	NE1	NE2	NE3	NE4	NE5	NE6	NE7
Centro-Oeste	CO1	CO2	CO3	CO4	CO5	CO6	CO7
Sudeste	SE1	SE2	SE3	SE4	SE5	SE6	SE7
Sul	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7

2. As escolas foram alocadas em cada um dos estratos considerados, conforme dados da tabela 3. As escolas foram selecionadas de acordo com a técnica amostral denominada PPT – Probabilidade Proporcional ao Tamanho –, na qual a probabilidade de seleção de uma escola é proporcional à quantidade de matrículas nas séries-alvo em cada uma delas. O número de matrículas em cada um dos 35 estratos encontra-se apresentado na Tabela 4.
3. Uma escola da amostra faz parte de duas modalidades (Fundamental e EJA), portanto compõe dois estratos diferentes em termos de alunos (N1 e N6). Para diretor, professor e funcionário ela será considerada no estrato N6, no qual tem um número maior de alunos.
4. Pesos para Diretor: Cada uma das 501 escolas recebeu como peso a quantidade $M_{oh}/(n_h \times M_{hi})$, onde M_{oh} é o total das matrículas do estrato h , $h=1, 2, \dots, 35$, no qual a escola foi alocada, M_{hi} é a matrícula na escola i do estrato h e n_h é o número de escolas amostradas no estrato h .
5. Pesos para Funcionários: Cada uma das 500 escolas (somente uma escola não teve funcionário respondendo ao questionário) recebeu os pesos, como definido no plano amostral, multiplicados por $1/n_{hi}$, onde n_{hi} é o número de funcionários amostrado na escola i do estrato h . A definição desse peso levou em conta o fato de não se ter previamente o número de funcionários nas escolas amostradas. Com esse peso, o que

se está considerando é uma resposta média para cada escola amostrada ou ainda que, independente da escola, os funcionários foram selecionados com a mesma probabilidade.

6. Pesos para Professores: Cada uma das 501 escolas recebeu os pesos, como definido no plano amostral, multiplicados por $1/n_{hi}$, onde n_{hi} é o número de professores amostrado na escola i do estrato h . A definição desse peso levou em conta o fato de não se dispor previamente do número de professores nas escolas amostradas. Com esse peso, o que se está considerando é uma resposta média para cada escola amostrada ou ainda que, independente da escola, os professores foram selecionados com a mesma probabilidade.
7. Pesos para Pais: Cada uma das 497 escolas, que tiveram pais/mães que responderam ao questionário, recebeu os pesos, como definidos no plano amostral, multiplicados por $1/n_{hi}$, onde n_{hi} é o número de pais amostrado na escola i do estrato h . A definição deste peso levou em conta o fato de não se ter previamente o número de pais nas escolas amostradas. Com esse peso, o que se está considerando é uma resposta média para cada escola amostrada ou ainda que, independente da escola, os pais foram selecionados com a mesma probabilidade.
8. Pesos para Alunos: Cada uma das 502 escolas – como já referido no item 3, uma escola foi considerada em dois estratos diferentes – recebeu como peso a quantidade $M_{oh}/(n_h \times n_{hi})$, onde M_{oh} é o total das matrículas do estrato h , $h=1, 2, \dots, 35$, no qual a escola foi alocada, n_h é o número de escolas amostradas no estrato h e n_{hi} é o número de alunos amostrados na escola i do estrato h . A seleção de alunos foi considerada como proporcional ao número de alunos na escola nas séries-alvo do estudo.

Os pesos foram considerados em termos do resultado das expressões matemáticas acima mencionadas. Contudo, em todos os públicos, eles podem ser padronizados para algum total, bastando, para isso, dividi-los pela sua soma e multiplicar o resultado pelo

valor desejado. Vale ressaltar que essa transformação nos pesos não altera as estimativas desejadas. Em outras palavras, em termos de estimativas pontuais não há necessidade de se efetuar qualquer transformação nos pesos.

7. DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA OS TRABALHOS DE CAMPO

Com a aprovação pelo MEC/INEP dos questionários e do plano amostral foram elaborados os Manuais de Instruções: um para os supervisores de campo e outro para os pesquisadores de campo, bem como duplicados os materiais de campo correspondentes (apresentados como anexos do Relatório 3).

Os principais procedimentos metodológicos desta fase de coleta e crítica de dados são apresentados a seguir:

- a) realização do treinamento de supervisores e de pesquisadores de campo: teve por propósito apresentar os objetivos do estudo, a metodologia a ser empregada, os procedimentos de amostragem, a organização do trabalho de campo, a discussão de cada uma das perguntas dos questionários, a forma de abordagem e de aplicação por auto-preenchimento dos questionários e principalmente a postura que deveria ser adotada visando minimizar possíveis vieses de mensuração. Foi feita ampla discussão dos procedimentos propostos, esclarecendo-se as dúvidas existentes e reforçando os pontos principais para a coleta dos dados;
- b) a totalidade dos questionários foi submetida à verificação de qualidade pela equipe de supervisão de campo, avaliando-se o preenchimento dos questionários e o Boletim de Ocorrência. A verificação e crítica dos questionários foram feitas tanto pela supervisão de cada estado quanto pela supervisão geral em São Paulo;
- c) após a aprovação dos questionários nessa fase, os mesmos foram digitados por uma equipe especializada, utilizando-se o sistema de dupla digitação independente (em dois microcomputadores), utilizando-se um sistema de entrada de dados desenvolvido especialmente para essa pesquisa;
- d) em seguida, por meio de outro programa, foi efetuada a consistência dos dados, tanto em termos de divergência de dados digitados (por meio do batimento dos vetores dos dados

digitados nos dois microcomputadores) quanto de parâmetros lógicos relativos às perguntas dos questionários (pulos, relações entre variáveis etc.).

Com a finalização da consistência dos dados, foi estruturado o banco mestre de dados para cada tipo de questionário elaborado, de forma a possibilitar o relacionamento entre os bancos de dados de cada população-alvo.

Da mesma forma, foi construído um banco único de dados considerando questões comuns aos públicos-alvo pesquisados.

7.1. Estrutura de Campo

A coleta de dados foi feita utilizando-se um sistema misto de gestão: descentralizado por unidade federativa para efeito de supervisão de campo e aplicação dos questionários, e centralizado em São Paulo para efeito de crítica final de dados, digitação, consistência e montagem dos bancos de dados.

Face à natureza, dimensão e complexidade do projeto e à experiência acumulada da equipe técnica da FIPE em projetos de pesquisas educacionais de campo de grande envergadura, elaborou-se uma estrutura organizacional visando atender aos parâmetros de eficácia e eficiência requeridos pelo projeto.

7.2. Critérios Relevantes para a Seleção e Contratação dos Profissionais que Atuaram na Coleta dos Dados da Pesquisa

7.2.1. Equipe técnica central

A FIPE levou em consideração para a seleção dos profissionais que compuseram a Equipe Técnica Central do projeto, os seguintes aspectos:

- profissionais com postura ética ilibada;

- profissionais com sólida formação teórica e reconhecida experiência em trabalhos de pesquisa de amplitude nacional, principalmente relacionados com o MEC/INEP, Secretarias de Educação estaduais e municipais, BIRD e BID;
- profissionais com longo período de atuação, experiência e coordenação de projetos complexos de pesquisa de campo na área pública e privada;
- profissionais com ampla experiência na área de educação e com conhecimento da realidade das escolas públicas;
- profissionais com conhecimento das políticas e programas do MEC;
- profissionais com ampla experiência na condução de programas de treinamento de supervisores de campo e de pesquisadores;
- profissionais com visão integrada de todas as atividades do processo de pesquisa, facilitando desse modo a interação eficaz e eficiente com outros profissionais;
- profissionais que sempre demonstraram elevada dedicação e desempenho nos projetos de que participaram;
- profissionais com habilidade, iniciativa e competência técnica para estabelecer relações interpessoais e ações concretas que resultem em eficácia (atendimento dos objetivos específicos previstos para o projeto) e em eficiência (atuação dentro de padrões otimizados de prazo e custos).

7.2.2. Supervisores de campo

Tendo em vista a estrutura organizacional prevista, foi fundamental definir critérios compatíveis para a seleção e contratação de supervisores de campo, de forma a garantir uma elevada qualidade técnica do trabalho que seria realizado. Os critérios significativos levados em consideração para a seleção e contratação desses profissionais foram os seguintes:

- a) pessoas de postura ética ilibada e com formação superior, preferencialmente nas áreas de Pedagogia, Sociologia e Administração;

- b) supervisores estaduais preferencialmente residentes nas respectivas capitais de cada estado da federação, com conhecimento da região onde iriam atuar;
- c) pessoas com conhecimento da filosofia e dos programas do MEC;
- d) pessoas com conhecimento e experiência na área de pesquisas sociais e educacionais;
- e) pessoas com habilidade no relacionamento interpessoal, que seria feito com as coordenações do projeto, com as secretarias estaduais e municipais de educação, com as escolas componentes da amostra e com os pesquisadores de campo;
- f) pessoas com experiência em supervisão de pesquisas complexas de campo;
- g) pessoas com habilidade em gerenciamento e controle administrativo de campo;
- h) pessoas com capacidade para realizar programas de treinamento de pesquisadores, devidamente preparadas pela equipe de coordenação de campo da pesquisa;
- k) pessoas com experiência comprovada de dedicação plena de tempo em projetos de pesquisa.

7.2.3. Pesquisadores de campo

O processo de seleção e contratação de pesquisadores de campo foi feito de acordo com os seguintes critérios:

- a) pessoas com postura ética ilibada e com formação superior;
- b) pessoas preferencialmente residentes nas respectivas capitais ou principais cidades de cada estado da federação, com conhecimento da região onde iriam atuar;
- c) pessoas com conhecimento e experiência na área de educação;
- d) pessoas com disponibilidade de tempo para dedicação plena ao projeto;
- e) pessoas com habilidade no relacionamento interpessoal, para efeito de aplicação dos instrumentos de coleta de dados junto aos públicos-alvo do estudo;
- f) pessoas preferencialmente já cadastradas na FIPE e que já tivessem trabalhado em projetos de pesquisa de campo anteriores, preferencialmente em pesquisas educacionais.

7.2.4. Instrumentos de apoio para o trabalho de campo

7.2.4.1. Estratégia de elaboração dos instrumentos de coleta de dados

a) Questionários estruturados em blocos de assuntos:

De modo a tornar mais focado o processo de coleta de dados, os instrumentos de pesquisa foram estruturados por natureza de blocos de assuntos. Três tipologias básicas de blocos foram estruturadas nos questionários:

- a de questões de caracterização do estilo de vida dos respondentes (exposição à mídia, hábitos de lazer, caracterização sociodemográfica e questões escolares);
- a de questões de valores, crenças e atitudes em relação a preconceito e discriminação;
- a de distância social dos atores escolares em relação a certos grupos sociais considerados (escala de *Bogardus*);
- a de práticas de *bullying* nas escolas.

Os questionários aprovados pelo MEC/INEP e utilizados na coleta dos dados foram apresentados em anexo no Relatório referente ao teste piloto da pesquisa.

b) Uso das logotipias das instituições envolvidas no estudo (MEC/INEP e FIPE):

O objetivo foi impactar positivamente os respondentes dos questionários, procurando criar um clima propício à cooperação e de seriedade/responsabilidade social na coleta de dados.

7.2.4.2. Estratégia de coleta dos dados

De forma semelhante ao item anterior, as considerações efetuadas a seguir foram incorporadas no planejamento da pesquisa pela equipe técnica da FIPE.

a) Elaboração de carta de sensibilização:

Para a realização das atividades de coleta de dados, o pesquisador de campo, além do crachá de identificação com os logotipos da FIPE, estava de posse de uma carta de apresentação para mostrar às pessoas que iriam responder o questionário, descrevendo o objetivo do estudo e esclarecendo que o mesmo estava sendo feito em todo o Brasil. Constavam os números de telefone, *fax* e *e-mail* da equipe de coordenação da pesquisa e, se respondentes desejassem, poderiam obter qualquer informação adicional. A carta realçava a relevância e amplitude do estudo (cerca de 18.500 questionários de pesquisa aplicados em todo o Brasil), valorizando a importância das informações coletadas para a formulação de políticas públicas educacionais e sociais e o papel central do respondente no fornecimento de informações fidedignas.

b) Apresentação dos pesquisadores:

Os pesquisadores de campo, após passarem pelo programa de treinamento, abordaram as unidades de observação (diretores, professores, funcionários, alunos e pais de alunos), apresentando-se:

- a) devidamente trajados e asseados;
- b) com o crachá de identificação da FIPE fixado de forma visível;
- c) com a pasta com as logotipias já mencionadas para acondicionamento de todos os materiais de pesquisa;
- d) com a carta de apresentação da FIPE e cópia da carta de apresentação do MEC/INEP, explicando o objetivo e importância da pesquisa, bem como o papel relevante do respondente no fornecimento fidedigno dos dados solicitados. O pesquisador também portava cópia da carta do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que aprovou a realização deste estudo desde a etapa qualitativa.

7.2.5. Organização do trabalho de campo e treinamento

A pesquisa abrangeu unidades de observação situadas em escolas de todas as unidades da federação, de diferentes níveis/modalidades de ensino (7^a/8^a série do EFR, 3^a/4^a série do EMR e 2º ciclo do EF e ensino médio do EJA), localização (urbana e rural) e dependência administrativa (estadual e municipal). Pela sua complexidade e dimensão foi um trabalho que exigiu organização e um detalhado planejamento de todas as etapas e fases do trabalho de campo.

A estrutura para a execução da pesquisa foi composta de profissionais com sólida formação teórica e ampla e aprofundada experiência prática em trabalhos de campo, notadamente na área educacional.

A estrutura organizacional do trabalho de campo foi composta:

- pela coordenação nacional de Levantamento e Crítica de Dados, sediada em São Paulo;
- pelas supervisões estaduais de campo, as quais tiveram sob sua responsabilidade o gerenciamento da coleta de dados nas respectivas unidades federativas;
- por uma equipe de pesquisadores de campo, recrutados em cada estado, a qual era responsável pela aplicação dos instrumentos de coleta de dados.

A equipe de Coordenação de Levantamento e Crítica de Dados, com o apoio das demais coordenações e consultores especializados, planejou e executou o programa de treinamento dos supervisores estaduais e dos pesquisadores de campo, a fim de discutir detalhadamente os objetivos da pesquisa, a amostragem, a estrutura, a forma de aplicação e de preenchimento dos questionários, o trabalho de coleta e crítica dos dados, bem como os procedimentos administrativos inerentes à realização de um trabalho dessa natureza.

O treinamento dos pesquisadores foi feito por profissionais da equipe técnica da FIPE. Mesmo sendo os pesquisadores de campo pessoas com experiência em pesquisas no ambiente escolar, o treinamento foi fundamental para simular condições em que o trabalho deveria ocorrer. Isso foi relevante tendo em vista que possibilitou a homogeneização de procedimentos e transmitiu experiências de forma a ter-se ganhos de eficiência no processo de coleta dos dados e na qualidade do relacionamento interpessoal com os respondentes.

Somente depois desse treinamento e ampla discussão dos procedimentos metodológicos e dos questionários é que os pesquisadores de campo foram realizar efetivamente o trabalho de aplicação dos questionários via auto-preenchimento por parte dos respondentes.

De forma a possibilitar um acompanhamento permanente das atividades de campo, garantindo a qualidade dos dados coletados, uma equipe volante de supervisores realizou visitas aos estados, avaliando e reorientando os trabalhos em execução, além de efetuar a crítica de dados e esclarecer eventuais dúvidas porventura existentes.

Outro aspecto importante – apoio aos supervisores e pesquisadores de campo – relacionou-se com a disponibilização de dois instrumentos para a racionalização das atividades:

- **sistema *toll free***, em que supervisores e pesquisadores de campo, em qualquer parte do país, podiam ligar a cobrar para telefones diretos especificamente alocados para esse atendimento, com a finalidade de obter informações complementares, esclarecer dúvidas, resolver pendências etc.;
- **sistema de entrega rápida** (TAM Express), que permitiu aos supervisores estaduais enviar os questionários rapidamente à coordenação em São Paulo, após leitura e crítica dos dados. Com isso, a crítica dos questionários pela equipe de São Paulo ficou bastante agilizada, permitindo um trabalho em paralelo com a digitação e consistência dos dados.

Os supervisores estaduais receberam um mapa de seus respectivos estados, com a identificação dos municípios que seriam pesquisados, além das listagens de controle da amostra de escolas.

Cabe ressaltar um aspecto de elevada importância: a equipe de supervisão de campo de São Paulo e as supervisões estaduais realizaram um intenso *approach* junto ao diretor das escolas amostradas no sentido de sensibilizá-lo para a relevância da pesquisa. Com esta sensibilização, os diretores puderam solicitar aos seus professores, funcionários, alunos e pais de alunos que não faltassem na data agendada para a aplicação dos questionários. Assim, mesmo considerando o difícil período de coleta dos dados – novembro e dezembro de 2008 – onde alunos aprovados já começam a faltar às aulas, onde alunos potencialmente reprovados já não sentem estímulo para ir à escola, onde professores que não faltaram

deixam de lecionar em algum dia, os resultados quanto à presença de todos os públicos-alvo foi extremamente satisfatório, mostrando a importância da ação empreendida pela equipe de supervisão.

7.2.5.1. Organização e execução do programa de treinamento

A Coordenação de Levantamento e Crítica de Dados, com apoio das demais coordenações técnicas, planejou e executou o programa de treinamento dos supervisores estaduais de campo e pesquisadores, onde se discutiu detalhadamente os objetivos da pesquisa, a amostragem, a estrutura, a forma de aplicação e de preenchimento dos questionários, o trabalho de coleta e crítica dos dados, bem como os procedimentos administrativos inerentes à realização de um trabalho dessa natureza.

O treinamento dos pesquisadores foi feito por técnicos da Coordenação de Levantamento e Crítica de Dados por grupos de capitais das unidades federativas. Ainda que os supervisores e pesquisadores de campo selecionados para a realização da coleta de dados nas escolas fossem experientes, a quase totalidade deles tendo trabalhado em pesquisas anteriormente realizadas dentro do âmbito da FIPE na área educacional, mesmo assim o programa de treinamento previu a realização de exercícios práticos e simulação das condições em que o trabalho iria ocorrer. Isso se deu por meio da realização de um programa de treinamento bi-etápico, composto por:

- 1ª sessão: treinamento quanto aos objetivos da pesquisa, procedimentos de amostragem, forma de abordagem, discussão das perguntas dos questionários da pesquisa, procedimentos administrativos de campo, contato com supervisão, dentre outros aspectos. Após esse treinamento, realizado em grupos de capitais de unidades federativas, equipes de pesquisadores de campo fizeram a aplicação em uma escola, de modo a familiarizar-se com os procedimentos metodológicos e identificar problemas na coleta dos dados;
- 2ª sessão: após a aplicação dos questionários em uma escola por grupos de pesquisadores de campo, os mesmos retornaram para discussão com o supervisor de campo para dirimir eventuais problemas ou dúvidas porventura existentes. Somente após esse segundo treinamento é que os pesquisadores de campo se deslocaram para o interior dos estados.

O programa de treinamento permitiu uma ampla discussão dos questionários face às experiências acumuladas em trabalhos anteriormente realizados, permitindo assim homogeneizar procedimentos e transmitir experiências de forma a ter-se ganhos de eficiência no processo de coleta dos dados e na qualidade do relacionamento interpessoal com os responsáveis pelas escolas amostradas e com as respectivas unidades de observação pesquisadas.

Somente depois desse treinamento e ampla discussão das experiências, é que os pesquisadores foram realizar efetivamente o trabalho de campo.

7.2.6. Síntese das atividades do Levantamento e Crítica dos Dados

De acordo com o plano de trabalho aprovado pelo MEC/INEP, a equipe técnica da FIPE comprometeu-se e cumpriu todos os procedimentos abaixo descritos:

- a) Elaborar e submeter ao MEC/INEP, para sua aprovação, Plano Logístico de Aplicação dos Questionários, especificando a estratégia para aplicação dos instrumentos de coleta de dados, de forma a garantir a qualidade dos dados coletados e preservar o sigilo das informações, bem como os métodos, processos e técnicas de trabalho aplicáveis a cada uma das fases de execução dos trabalhos, incluindo as formas de capacitação dos recursos humanos envolvidos nessa etapa;
- b) Estruturar e organizar o trabalho de campo, as atividades da equipe de aplicação dos instrumentos, os mecanismos adotados e providências tomadas para assegurar a padronização dos procedimentos e o controle de qualidade da aplicação dos instrumentos, resguardando tanto a segurança dos instrumentos levados a campo quanto as respostas dos participantes;
- c) Preparar os demais instrumentos de coleta de dados (manuais de aplicação e de treinamento das equipes, bem como os formulários de aplicação e acompanhamento da pesquisa);

- d) Selecionar e contratar os profissionais da equipe técnica e de aplicação dos instrumentos, conforme especificado na proposta, considerando a função, o perfil e os critérios de seleção de cada tipo de profissional envolvido;
- e) Elaborar o plano de treinamento dos supervisores e pesquisadores de campo;
- f) Realizar o treinamento da equipe de campo, visando ao aperfeiçoamento e à uniformização dos procedimentos de aplicação dos questionários;
- g) Realizar os treinamentos de forma presencial, com material de apoio e manuais com as atividades a serem desenvolvidas por supervisores e pesquisadores de campo;
- h) Manter comunicação permanente com a coordenação central da pesquisa junto ao MEC/INEP, facilitando, assim, a tomada de decisões conjuntas e garantindo informações rápidas sobre o andamento dos trabalhos;
- i) Providenciar a distribuição de todo material necessário à aplicação dos questionários, garantindo a segurança e o sigilo dos dados coletados;
- j) Esclarecer eventuais dúvidas que os respondentes pudessem ter a respeito dos questionários ou do estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber: étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais (deficiência), socioeconômica e orientação sexual;
- k) Agendar previamente o trabalho de coleta de dados com a direção das escolas amostradas;
- l) Assegurar que o pesquisador de campo realizasse pelo menos uma revisita em cada escola para conseguir completar o trabalho de campo;
- m) Guardar todos os instrumentos até 6 (seis) meses após a conclusão da pesquisa;
- n) Conferir o material de aplicação e organizar os questionários para a entrada dos dados;
- o) Realizar a verificação e crítica do preenchimento dos questionários pelos respondentes;
- p) Preparar o Relatório Técnico das Atividades de Aplicação dos Instrumentos, detalhando os procedimentos metodológicos, a estrutura e organização do trabalho de campo, informações sobre a composição, perfil, atividades e treinamento da equipe de aplicação, os treinamentos realizados, os mecanismos e as providências tomadas para assegurar a

aplicação dos questionários em condições adequadas e seguras e garantia da qualidade dos dados coletados, bem como na aplicação da pesquisa ou nos controles empregados, envolvendo o mecanismo utilizado para a entrega e coleta dos questionários, os problemas encontrados e as soluções empregadas, assim como o tratamento dado às questões de confidencialidade dos dados.

A FIPE deseja ressaltar que as atividades de organização do trabalho de campo, dos treinamentos realizados, dos sistemas de apoio implementados e o perfil da equipe que trabalhou na coleta dos dados da pesquisa, permitiram a montagem de uma verdadeira linha de produção, assegurando com isso que a pesquisa foi desenvolvida dentro de elevados padrões de qualidade.

Pela experiência de trabalhos anteriores na área de educação, a FIPE previu o trabalho de coleta de dados com duplas de pesquisadores para cada escola amostrada, o que foi adotado tendo em vista o melhor atendimento aos objetivos da pesquisa. Especialmente em termos de evitar o surgimento de situações constrangedoras quando da aplicação dos questionários. Os alunos foram sensibilizados para a relevância da pesquisa e então orientados para não conversar entre si e não fazer gracejos. Quaisquer dúvidas, o respondente levantava-se da cadeira e ia até um supervisor junto ao quadro-negro que o esclarecia. Outro pesquisador circulava pela sala, verificando se o preenchimento dos questionários estava sendo feito corretamente. Com isso, assegurou-se um ambiente mais tranquilo para efeito de responder com maior fidedignidade o questionário da pesquisa.

Para a realização dos trabalhos de campo foram selecionados e treinados 185 pesquisadores e 18 supervisores, exclusive a equipe central de São Paulo. A tabela a seguir apresenta as datas em que os treinamentos ocorreram. Destaca-se que alguns treinamentos foram realizados em grupos de capitais de unidades federativas, conforme já indicado neste relatório.

Tabela 9 – Realização dos Trabalhos de Campo

UFs	Nº Pesquisadores	Data de Realização
AM/ RR	9	14/11/2008
BA/ SE	12	15/11/2008
CE	10	11/11/2008
GO/ TO/ DF	12	11/11/2008
MA	8	12/11/2008
MS/ MT	14	09/11/2008
MG	18	08/11/2008
PA/ AP	12	13/11/2008
PB	6	09/11/2008
PE/ AL	8	
PI	6	10/11/2008
RJ/ ES	14	08/11/2008
RN	6	10/11/2008
RS	14	11/11/2008
RO	6	11/11/2008
SC	8	08/11/2008
SP/ PR	22	06/11/2008
Total	185	--

7.2.7. Guarda dos instrumentos

Os instrumentos de coleta aplicados e formulários de acompanhamento ficarão guardados por um prazo de 6 (seis) meses da finalização do contrato e após todas as análises, ficando armazenados em local seguro em dependências da FIPE, de forma organizada e acessível.

7.2.8. Conclusão dos trabalhos de campo

No teste piloto (feito sem prévio contato com a Direção das escolas amostradas), observou-se elevado absenteísmo por parte dos alunos, o que levou a FIPE a propor uma amostra adicional de escolas (quando não houvesse mais salas do nível de ensino amostrado) e/ou de classes (quando houvesse duas ou mais classes do nível de ensino e no

turno amostrado), de modo a assegurar o cumprimento do tamanho amostral de 15.000 alunos, o que foi objeto de um termo aditivo ao convênio celebrado.

Como comentado anteriormente, face às dificuldades encontradas no teste piloto, a equipe técnica da FIPE adotou uma série de providências, de modo a evitar que o absenteísmo de alunos no período de coleta dos dados (novembro e dezembro de 2008). Esse absenteísmo se justificaria por diferentes situações relativas a esse período letivo (aluno que já “passou de ano”, aluno que “acha que não ia passar de ano”, aluno que nunca faltou e aproveita para faltar nas últimas semanas de aula etc.).

Muitos contatos foram feitos com os dirigentes das escolas amostradas conscientizando-os da relevância da pesquisa, de precisar com exatidão a data de realização da pesquisa na escola, da importância do Diretor informar aos professores, funcionários, alunos e pais de alunos para que todos estivessem presentes no dia e hora fixados para a aplicação dos questionários.

Esse procedimento checado diversas vezes pela equipe técnica e de campo da FIPE (para saber se o Diretor avisou os alunos, pais, professores e funcionários, se confirmou a presença no dia agendado, se explicou o motivo da pesquisa etc.) levou a um elevado sucesso no processo de coleta dos dados.

Em todas as escolas visitadas foi atingido o número mínimo necessário de questionários para todos os públicos-alvo, onde as escolas pesquisadas foram apresentadas no Relatório 3.

8. DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA ESTRUTURAÇÃO DOS BANCOS DE DADOS E DE MICRODADOS

Com a finalização da etapa de levantamento dos dados, a equipe técnica e de campo da FIPE efetuou:

- A verificação e crítica da totalidade questionários respondidos;
- A seleção, contratação e treinamento de profissionais encarregados de efetuar a digitação dos dados;
- A utilização de *software* desenvolvido especificamente para a entrada dos dados coletados;
- A correção das inconsistências entre as digitações e as respostas originais dos questionários, constituindo as seguintes bases de dados:
 - ii. Base de dados do questionário de diretores das escolas amostradas;
 - iii. base de dados do questionário de professores;
 - iv. base de dados do questionário de funcionários;
 - v. base de dados do questionário de alunos;
 - vi. base de dados do questionário de pais ou responsáveis por alunos;
 - vii. Base de Dados de todos os públicos agrupados.
- Preparação do Relatório das Atividades de Constituição da Base de Dados, descrevendo o plano de entrada, verificação e crítica dos dados, estrutura e organização dos trabalhos, problemas porventura ocorridos durante esta etapa e as soluções aplicadas. Os questionários com as variáveis definidas previamente e plano de codificação (dicionário de dados), foram apresentados como anexos nos Relatórios 4 e 5, respectivamente;
- Entrega ao MEC/INEP dos arquivos brutos e consistidos, em meio digital e em formato SAV (SPSS), entregues junto com o Relatório 4;

- Entrega ao MEC/INEP dos microdados em meio digital e em formato SAV (SPSS), junto com o Relatório 5.

Apresenta-se, a seguir, uma descrição do sistema utilizado pela equipe técnica da FIPE no processo de digitação dos questionários e de consistência dos dados. A experiência com esse sistema permitiu assegurar um elevado nível de precisão na entrada e consistência dos dados devido aos seus componentes de checagem, permitindo que a equipe de digitação verificasse a qualidade dos dados à medida que eles eram inseridos no sistema. O sistema desenvolvido barrava a entrada de valores inválidos para variáveis categóricas. No caso das variáveis numéricas era fornecido um intervalo de valores válidos. Uma vez que apenas valores válidos eram aceitos para uma determinada variável, a equipe de entrada de dados era imediatamente notificada caso tivesse entrado dados inválidos, sendo solicitada a verificar o dado em questão diretamente no questionário respectivo.

A Coordenação de Levantamento e Crítica de Dados realizou o treinamento e supervisão da equipe de entrada e verificação dos dados, visando à uniformização dos procedimentos de *data entry*. A estratégia adotada para a entrada de dados foi a seguinte:

- i. utilização da entrada de dados utilizando uma máscara do questionário de cada um dos públicos, facilitando dessa forma a digitação e minimizando possíveis erros nesse processo;
- ii. seleção e treinamento de críticos de dados e de digitadores (para a primeira digitação e para a segunda digitação);
- iii. a digitação foi feita dentro do conceito de dupla digitação independente, ou seja, um mesmo questionário foi digitado duas vezes, por digitadores diferentes e em microcomputadores diferentes;
- iv. o programa possuía um sistema de consistência, calcado em dois conceitos:
 - (1) de códigos admitidos, por exemplo, de 1 a 4. Qualquer número diferente desse, o sistema automaticamente rejeitava e não permitia o avanço para o campo seguinte;

- (2) “pulos” ou “ligações” entre variáveis: nesse caso, dependendo da resposta atribuída a uma dada variável, deveria haver um “pulo ou salto” para uma outra variável. Por exemplo: Se a pessoa respondeu “sim” a uma questão “x”, então deveria responder às três próximas questões. Se respondeu “não” a essa questão “x”, então deveria pular as três próximas questões (“x+1”, “x+2”, “x+3”) e responderia a partir da questão “x+4”.
- v. após a dupla digitação independente dos questionários foi feito um novo tipo de consistência dos dados: através de um programa de computador, comparavam-se os dados digitados pelos dois digitadores. Ou seja, se o primeiro digitador, por exemplo, em um dado campo do questionário, digitou o número “138” e o segundo digitador o número “183”, ao rodar esse programa era emitido um relatório de consistência de dados, indicando que na variável “y”, campo “i-t”, questionário “número tal”, o primeiro digitador registrou 138 e o segundo digitador 183. Com isso, pode ser verificado no próprio questionário qual o número verdadeiro, corrigindo-se assim o arquivo de dados;
- vi. montado o arquivo-mestre de dados, depurado das eventuais inconsistências de digitação (fase “d”), processou-se, através de um outro programa, um sub-sistema final de consistência de dados, destinado a testar relações entre variáveis. O objetivo era verificar se existiam “indicadores duvidosos”, que necessitavam então de uma verificação no questionário e, se for necessário, junto ao supervisor estadual.

Após esse conjunto de procedimentos foram então formados os arquivos-mestre de dados, para efeito de processamento e análise dos bancos de dados e elaboração dos relatórios de resultados.

Na eventualidade de serem constatadas outras inconsistências entre os dados apresentados pela FIPE e as análises realizadas pelo MEC/INEP, a FIPE se compromete a verificar as inconsistências e/ou problemas apontados, corrigir a(s) base(s) de dados que apresentar(em) problemas e enviar as bases corrigidas e a documentação das modificações efetuadas em até 5 (cinco) dias úteis após o pedido de verificação de inconsistências e/ou problemas.

Concluindo, a qualidade no processo de digitação e consistência dos dados levou à eliminação de questionários julgados de baixa qualidade no preenchimento, principalmente em termos de número excessivo de *missing values* e de respostas sistematizadas em um único ponto da escala de avaliação.

9. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A partir dos dados coletados junto às 501 escolas, reunindo informações sobre 501 diretores, 1.005 professores, 1.004 funcionários, 15.087 alunos, e 1.002 pais/mães de alunos, foi organizado um banco de dados contendo 324 variáveis para o seu posterior processamento e análise.

Utilizando esta base de dados, procedeu-se à análise dos resultados da pesquisa, com o intuito de caracterizar a amostra do estudo em função do perfil demográfico de seus respondentes, descrever os comportamentos, atitudes, crenças e valores dos respondentes acerca dos diversos aspectos pesquisados que compõem as áreas temáticas de preconceito e discriminação abordadas neste estudo (étnico-racial, necessidades especiais, gênero, geracional, socioeconômica, territorial e orientação sexual) e de avaliar de maneira integrativa e simultânea, através de métodos estatísticos multivariados, a inter-relação existente entre as variáveis observadas e dimensões ou constructos inferidos que compõem as áreas temáticas mencionadas.

9.1. Caracterização da Amostra

A caracterização da amostra consistiu na análise de tabelas de resultados para cada uma das perguntas constantes do questionário referentes às características e ao perfil demográfico dos respondentes, através de frequências absolutas e relativas comparando-se os resultados da pesquisa entre os diferentes públicos-alvo do estudo (diretores, professores, funcionários, alunos e pais/mães), considerando questões como o acesso à mídia e a meios de informação, religião, região do país em que mora o respondente, cor/etnia, sexo, faixa etária, dentre outras.

A tabela a seguir oferece informações agrupadas contendo a descrição dos públicos-alvo de acordo com a Unidade da Federação e a região da escola pesquisada. Como se pode verificar, a distribuição é exatamente igual para diretores, professores, funcionários, pais/mães e muito próximas para os alunos, em virtude de a unidade amostral

ser a escola, e do fato de que a seleção respeitou a proporcionalidade por região demográfica, conforme descrito no plano amostral. Existe apenas uma pequena variação para o percentual de alunos em cada região, pois para cada escola selecionada, foi amostrada uma turma e as turmas nas diferentes escolas apresentam quantitativos diferentes de alunos.

A região Sudeste é a que possui o maior percentual de respondentes, com cerca de 35% do total para diretores, professores, funcionários e pais /mães e 41% para os alunos, seguida da região Nordeste, (32% e 30%), Sul (15% e 12%), Norte (11% e 10%) e Centro-Oeste com pouco mais de 7% para todos os públicos. Entre as Unidades da Federação, São Paulo é o que apresenta o maior percentual de respondentes (15% e 21%), seguido de Minas Gerais (12% e 13%), Bahia (9% e 7%), Rio Grande do Sul (8% e 6%), Rio de Janeiro e Ceará, ambos com pouco mais de 5% para todos os públicos.

Tabela 10 – Distribuição dos respondentes por UF e Região do País (%)

Região	UF	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
		n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Norte	PA	4,6	4,6	4,6	3,8	4,6
	RO	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8
	AM	1,5	1,5	1,5	1,0	1,5
	TO	1,3	1,3	1,3	1,2	1,3
	RR	0,8	0,8	0,8	0,6	0,8
	AP	0,6	0,6	0,6	1,4	0,6
	Total	10,6	10,6	10,6	9,8	10,6
Nordeste	BA	8,7	8,7	8,7	7,4	8,7
	CE	5,4	5,4	5,4	5,1	5,2
	PB	5,2	5,2	5,3	4,0	5,3
	MA	3,7	3,7	3,7	3,9	3,7
	RN	3,5	3,5	3,5	2,8	3,5
	PE	2,8	2,8	2,7	3,6	2,8
	PI	1,9	1,9	1,9	2,0	1,9
	AL	0,6	0,6	0,6	0,8	0,6
	SE	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1
	Total	32,0	32,0	31,9	29,8	31,9
Sudeste	SP	14,8	14,8	14,9	20,8	14,8
	MG	12,2	12,2	12,3	12,6	12,3
	RJ	5,3	5,3	5,3	5,4	5,3
	ES	2,8	2,8	2,8	1,9	2,8
	Total	35,2	35,2	35,2	40,8	35,2

Região	UF	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
		n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Sul	RS	8,0	8,0	8,0	6,3	8,0
	SC	3,6	3,6	3,7	3,2	3,7
	PR	3,3	3,3	3,4	2,8	3,4
	Total	15,0	15,0	15,0	12,3	15,0
Centro-Oeste	MT	3,7	3,7	3,7	2,7	3,7
	GO	1,9	1,9	1,9	2,4	1,9
	MS	1,6	1,6	1,6	1,8	1,6
	DF	0,1	0,1	0,1	0,5	0,1
	Total	7,3	7,3	7,3	7,3	7,2
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No tocante à estrutura etária dos respondentes, verifica-se entre os diretores de escola um predomínio de respondentes que possuem mais de 40 anos de idade (aproximadamente 70% da amostra), dos quais 66% apresentam idades entre 40 e 59 anos de idade. Cerca de um quarto dos respondentes desse grupo possui entre 30 e 39 anos de idade, enquanto que apenas 6,8% têm menos de 30 anos de idade.

Os professores, conforme esperado, apresentam uma estrutura etária um pouco mais jovem, com maior participação de indivíduos que possuem menos de 40 anos de idade (54,4%), dos quais 36,6% apresentam idades entre 30 e 39 anos e cerca de 20% entre 20 e 29 anos de idade.

Entre os funcionários, pouco mais de 50% dos respondentes possui mais de 40 anos de idade, enquanto que cerca de 30% possui entre 30 e 39 anos de idade e 16,8% entre 20 e 29 anos de idade. É interessante notar que entre estes respondentes existem 0,5% de indivíduos com idades inferiores a 20 anos de idade.

Entre os públicos de pessoas que trabalham na escola, é pequena a participação de respondentes com 60 ou mais anos de idade, não ultrapassando 3,5% do total, conforme observado entre os funcionários. Também entre os pais e mães de alunos pesquisados, é pequena a participação de respondentes com mais de 60 anos, que representam 2,3% do total de respondentes neste público. Estes, juntamente com os mais de 50% de respondentes entre 40 e 59 anos, fazem com que a maioria dos pais e mães (cerca de 55%)

tenham mais de 40 anos de idade. Em seguida, com cerca de 40% dos respondentes estão os pais e mães com idades entre 30 e 39 anos de idade, enquanto que os bastante jovens, com menos de 20 anos representam cerca de 6,1% da amostra relativa a este público.

Os alunos com menos de 20 anos representam 70% da amostra. Entre os cerca de 30% de alunos com 20 anos ou mais, 16,2% possuem menos de 30 anos, 8% possuem entre 30 e 39 anos e aproximadamente 6% possuem 40 anos ou mais.

Tabela 11 – Distribuição dos Respondentes por Faixa Etária (%)

Faixa Etária	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Até 14 anos	-	-	-	25,6	-
Entre 15 e 19 anos	-	-	0,5	44,5	-
Entre 20 e 29 anos	6,8	17,8	16,8	16,2	6,1
Entre 30 e 39 anos	24,5	36,6	29,5	8,0	39,3
Entre 40 e 59 anos	66,0	44,5	49,7	5,3	52,4
60 anos ou mais	2,7	1,0	3,5	0,4	2,3

Em todos os públicos-alvo da pesquisa a participação de respondentes do sexo feminino supera a dos participantes do sexo masculino. No entanto, esta diferença, como esperado, é menor entre os alunos que responderam à pesquisa, dos quais pouco mais da metade (55,9%) correspondem a pessoas do sexo feminino.

Entre os profissionais da escola – diretores, professores e funcionários –, a participação de respondentes do sexo masculino é menor do que a verificada entre os alunos, oscilando entre 21,8% (diretores) e 28,1% (professores).

Entre pais e mães nota-se a maior diferença de participação entre os gêneros, com fortíssima participação de respondentes do sexo feminino. Cerca de 82% dos pais e mães que responderam à pesquisa são do sexo feminino e pouco menos de 18% do sexo masculino.

Tabela 12 – Distribuição dos Respondentes por Gênero (%)

Gênero	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Masculino	21,8	28,1	23,0	43,9	17,7
Feminino	78,2	71,9	76,8	55,9	81,9
Sem resposta	-	0,1	0,2	0,2	0,4

A distribuição dos respondentes de acordo com a sua cor / etnia apresenta diferenças menores entre os públicos da escola do que as verificadas para características como a idade e o gênero.

Em todos os públicos pesquisados, verifica-se um percentual maior de respondentes brancos, com participação ainda maior entre professores e diretores (46,9% e 46%, respectivamente). O público que apresentou o menor percentual de respondentes brancos foi o de alunos das escolas, respondendo por cerca de 31% do seu contingente total na pesquisa.

Os respondentes morenos e pardos vêm em seguida, apresentando percentuais menores apenas que os dos brancos na composição da amostra da pesquisa. Enquanto entre diretores e professores observa-se um percentual maior de pardos (23,2% e 22,4% respectivamente) do que de morenos (21,6% e 19,1%), os funcionários apresentam percentuais praticamente iguais, e alunos e pais / mães apresentam participação consideravelmente maior de respondentes morenos (36,1 % e 31,6%, respectivamente) do que de pardos (19,5% e 19,9%).

Os respondentes pretos apresentam participação de cerca de 5% do total de respondentes entre todos os públicos. Os diretores (6,1%), seguidos pelos funcionários (5,8%) e professores (5,6%) apresentam as maiores participações de pretos no seu número total de respondentes, enquanto alunos e pais/mães apresentaram percentuais de 4,2% e 4,5%.

Amarelos ou orientais representam entre 1% e 3% no total da amostra, com maior incidência de respondentes com estas características, verificada entre funcionários (3,5%) e alunos (3%).

Respondentes cafusos, índios e caboclos apresentaram os menores percentuais de participação na amostra da pesquisa, com valores iguais ou inferiores a 1,5% para a sua participação entre todos os públicos da pesquisa.

Tabela 13 – Distribuição dos Respondentes por Cor / Etnia (%)

Cor / Etnia	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Amarelo ou oriental	1,0	1,5	3,5	3,0	1,1
Branco	46,0	46,9	40,7	30,9	37,6
Caboclo	-	1,1	1,1	1,1	1,5
Cafuso	0,3	0,5	0,2	0,5	0,2
Índio	0,8	1,2	0,8	0,6	1,1
Moreno	21,6	19,1	23,4	36,1	31,6
Mulato	0,8	1,7	1,5	3,9	2,2
Preto	6,1	5,6	5,8	4,2	4,5
Pardo	23,2	22,4	23,0	19,5	19,9
Sem resposta	0,2	-	-	0,2	0,2

No tocante à distribuição dos respondentes de acordo com características religiosas, observa-se que entre todos os públicos-alvo da pesquisa, mais de 90% de seus respondentes possuem alguma religião. A maior incidência de respondentes sem religião é notada entre os alunos (9,4%), seguidos de funcionários (5,2%), professores (4,2%), enquanto apenas 3,6% dos diretores e 2% de pais e mães não possuem religião.

Entre os respondentes que possuem religião, verifica-se um forte predomínio da religião católica, com percentuais entre 74% e 75% entre os profissionais das escolas, e valores um pouco mais baixos entre pais / mães (69%) e entre os alunos (65%).

Os evangélicos vêm em seguida, representando cerca de 22,5% dos funcionários que possuem religião, 20,3% entre diretores e 17,8% entre professores. No entanto, é entre pais /mães (26,8%) e, principalmente, entre os alunos (31,2%) que é observada a maior incidência de respondentes evangélicos, entre aqueles que possuem religião.

Nota-se ainda que respondentes de religião espírita apresentam uma maior participação entre diretores (5,1%) e professores (5,8%), enquanto que entre alunos, pais/mães e professores, não ultrapassam 2,3%, com os alunos apresentando o menor percentual de espíritas (1,5%) entre os respondentes.

As demais religiões (Budista, Candomblé / Umbanda, Mulçumana e Outras) apresentaram cerca de 1% ou menos de participação no total de respondentes que possuem religião para praticamente todos os públicos.

O grupo de respondentes compostos pelos pais / mães de alunos foi o que apresentou o maior percentual de respondentes que possuem religião e participam religiosamente. Entre estes respondentes, cerca de 46%, se declaram muito participantes e 52% pouco participantes, enquanto que menos de 2% declara não ter participação religiosa.

Os diretores vêm logo em seguida com cerca de 42% de muito participantes, e 54% de respondentes pouco participantes. Os alunos são os que apresentam os menores percentuais de respondentes com participação religiosa, com 37% se declarando muito participante e 56% pouco participante, resultando em 7% de alunos que não tem participação religiosa. Os professores, por sua vez, apresentam maior percentual de participantes do que os alunos, embora o percentual de participantes seja maior entre os respondentes que declaram ter pouca participação, enquanto que os respondentes que declaram ser muito participantes apresentam incidência percentual mais próxima à verificada entre os alunos.

Tabela 14 – Distribuição dos Respondentes por Religião e Participação Religiosa (%)

Descrição	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
POSSUI RELIGIÃO					
Sim	96,4	95,8	94,8	90,6	98,0
Não	3,6	4,2	5,2	9,4	2,0
RELIGIÃO A QUAL PERTENCE	n= 479	n= 954	n= 957	n= 13.711	n= 974
Budista	0,2	0,1	0,1	0,5	0,5
Candomblé/Umbanda	0,8	0,5	0,7	1,0	0,4
Católica	73,5	74,6	73,8	65,2	69,3
Evangélica	20,3	17,8	22,5	31,2	26,8
Espírita	5,1	5,8	2,3	1,5	2,2
Muçulmana	0,1	0,1	-	0,1	-
Outras	-	1,1	0,6	0,5	0,8
PARTICIPAÇÃO RELIGIOSA					
Muito participante	42,4	38,8	40,5	37,1	45,9
Pouco participante	54,4	58,1	56,7	55,7	52,3
Nada participante	3,2	3,1	2,8	7,2	1,8

Os públicos de diretores e professores são os que apresentam os maiores percentuais de respondentes com acesso aos tipos de mídia pesquisados, exceto pelo rádio. Todos os públicos apresentam acesso bastante elevado à televisão, oscilando entre 94% entre os alunos e quase 99% dos diretores.

Diferentemente da televisão e de outras mídias, enquanto para diretores e professores, entre 76% e 78% tem acesso ao rádio, observa-se um percentual de 81% de respondentes com acesso entre os funcionários, de 83% entre pais / mães, e de 86% entre os alunos.

Embora as diferenças de acesso às mídias de radiodifusão sejam relativamente pequenas, nota-se uma diferença bastante acentuada no acesso à mídia impressa e à internet entre diretores e professores e os demais públicos da pesquisa. Em relação à mídia

impressa, nota-se que pouco mais da metade dos alunos lêem revistas de atualidades/notícias. Os pais / mães (62%) e funcionários (72%) apresentam percentuais maiores do que os alunos, no entanto, bem distantes dos verificados entre diretores (94%) e professores (90%).

A diferença de acesso não se resume às revistas de atualidades / notícias. Enquanto mais de 83% de diretores e professores lêem jornais, cerca de 69,5% dos funcionários e pouco menos de 60% dos pais / mães também o fazem. Entre os alunos o percentual é ainda menor: pouco mais de 40% do total de alunos que responderam ao questionário os lêem.

Se os alunos apresentam menor percentual de respondentes com acesso às mídias impressas do que funcionários e pais / mães, em relação à internet apresentam percentual consideravelmente maior (63%), especialmente do que aquele apresentado por pais / mães, dos quais apenas um grupo restrito (36 %) utiliza ou acessa a internet. Assim como para a maior parte das mídias, diretores (84%) e professores (79%) apresentam o maior percentual de respondentes que utiliza ou acessa a internet.

Tabela 15 – Acesso à Informação (%)

Descrição	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
ASSISTE TELEVISÃO					
Sim	98,5	98,2	96,8	95,4	94,4
Não	1,4	1,8	3,2	4,5	4,8
Sem resposta	0,1	-	-	0,1	0,8
OUVE RÁDIO					
Sim	75,9	78,0	81,3	85,9	83,6
Não	23,2	21,9	18,7	14,0	16,0
Sem resposta	0,9	0,1	-	0,1	0,4
LÊ JORNAL					
Sim	85,4	83,4	69,5	41,9	59,6
Não	14,6	16,6	30,3	57,9	40,0
Sem resposta	-	-	0,2	0,2	0,4

Descrição	Diretores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
LÊ REVISTAS DE NOTÍCIAS/ ATUALIDADES					
Sim	93,9	90,2	72,4	52,0	62,2
Não	5,4	9,7	27,5	47,7	37,4
Sem resposta	0,7	0,1	0,1	0,3	0,4
UTILIZA/ ACESSA A INTERNET					
Sim	83,9	78,9	54,1	62,5	36,2
Não	16,0	21,0	45,8	37,2	63,3
Sem resposta	0,1	0,1	0,1	0,3	0,5

No tocante ao nível de escolaridade mais elevado entre funcionários das escolas e pais / mães, observa-se que entre os primeiros, cerca de 78% dos respondentes apresentam ao menos o ensino médio concluído, com cerca de 30,1 % apresentando o ensino médio completo, 4% o EJA médio concluído, 14,1% o superior incompleto e cerca de 30% o superior completo.

Entre pais / mães de alunos o percentual de respondentes que possuem ao menos o ensino médio completo é menor, representando cerca de 48% do total de respondentes deste público. Pais e mães apresentam ainda distribuição mais pulverizada entre os diversos níveis de escolaridade, com 17,6% apresentando o ensino médio completo, 5,6% o EJA médio concluído, 9,3% o superior incompleto e 14,7% o superior completo. Entre os respondentes do grupo de pais / mães pesquisados que não completaram o ensino médio, 6,9% não completou a 4ª série do Ensino Fundamental, enquanto 9,8% completou este nível, 14,8% não completou a 8ª série do Ensino Fundamental e 8,5% completou esta série.

Tabela 16 – Distribuição de Funcionários e Pais/Mães por Nível de Escolaridade (%)

Escolaridade	Funcionários	Pais / Mães
	n= 1.004	n= 1.002
Nunca frequentou escola	-	0,2
Começou a estudar, mas não completou a 4ª série (antigo Primário) do Ensino Fundamental	3,0	6,9
Começou a estudar e completou a 4ª série (antigo Primário) do Ensino Fundamental	4,1	9,8
Começou a estudar, mas não completou a 8ª série (antigo Ginásial) do Ensino Fundamental	4,3	14,8
Começou a estudar e completou a 8ª série (antigo Ginásial) do Ensino Fundamental	4,6	8,5
Educação de Jovens e Adultos (antigo Supletivo) Fundamental	1,6	5,0
Ensino Médio (antigo Colegial) incompleto	4,5	6,2
Ensino Médio (antigo Colegial) completo	30,1	17,6
Educação de Jovens e Adultos (antigo Supletivo) Médio	3,9	5,6
Educação de Jovens e Adultos (antigo Supletivo) Profissionalizante	-	1,2
Superior incompleto	14,1	9,3
Superior completo	29,8	14,7
Sem resposta	-	0,2

Se a diferença entre funcionários e pais /mães que responderam ao questionário e têm ao menos o ensino médio completo é relativamente grande, um percentual maior de respondentes do público de pais / mães estão atualmente estudando. Cerca de 33% destes respondentes estão estudando atualmente, enquanto que cerca de 23% de funcionários estão estudando no momento. Nota-se, no entanto, que dos 23% de funcionários que estão estudando, um numero bastante superior à metade destes respondentes (16% do total de funcionários entrevistados) está cursando o ensino superior, enquanto que dos 33% de pais / mães, pouco menos de um terço (9,2% do total de pais / mães) está cursando o ensino superior. Entre pais e mães, pouco menos de 8% estão estudando no EJA Fundamental (quase um quarto dos que estão estudando), cerca de 7% no Ensino Médio (por volta de um quinto dos que estão estudando) e 4% (pouco mais de 10% dos que estão estudando) no Ensino Fundamental.

Tabela 17 – Distribuição de Funcionários e Pais/Mães por Atividade Atual de Estudo (%)

Descrição	Funcionários	Pais / Mães
	n= 1.004	n= 1.002
Não está estudando	77,3	67,1
Está estudando: Ensino Fundamental	0,4	4,2
Está estudando: Educação de Jovens e Adultos Fundamental	0,4	7,9
Está estudando: Ensino Médio	3,6	6,9
Está estudando: Educação de Jovens e Adultos Médio	0,8	3,4
Está estudando: Educação de Jovens e Adultos Profissionalizante	1,2	1,0
Está estudando: Ensino Superior	16,1	9,2
Sem resposta	0,2	0,3

Entre diretores e professores, pouco mais de um terço está estudando atualmente. 19% dos diretores estão cursando pós-graduação (*lato sensu*), com no mínimo 360 horas, enquanto entre professores, esse percentual é bem próximo (quase 18%). Nota-se ainda um percentual maior de professores que estão cursando o ensino superior (14%) do que o de diretores (8%).

Tabela 18 – Distribuição de Diretores e Professores por Atividade Atual de Estudo (%)

Descrição	Diretores	Professores
	n= 501	n= 1.005
Não está estudando	67,6	64,2
Está estudando: Ensino médio	*	0,1
Está estudando: Ensino superior	8,2	13,8
Está estudando: Pós-graduação (<i>lato sensu</i>) – especialização, com no mínimo 360 horas	19,0	17,6
Está estudando: Pós-graduação (<i>stricto sensu</i>) – mestrado e/ou doutorado	4,6	4,2
Sem resposta	0,6	0,1

De maneira geral, um percentual maior de diretores participou ou está participando de cursos de formação continuada do que os verificados entre os professores. Os cursos com maior participação destes dois públicos são os cursos de educação ambiental (35% entre diretores e 28% entre professores), de identificação de exploração do trabalho infantil, de violência física, psicológica, negligência e abandono, abuso e exploração sexual comercial contra crianças e adolescentes (26,8% entre diretores e 15,2% entre professores), de direitos humanos (20% e 11%) e de história e cultura da África e dos afro-descendentes (20% e 17%).

É importante notar que mais de 50% dos diretores que realizaram ou estão realizando os cursos de direitos humanos, de história e cultura da África e dos afro-descendentes, de educação no campo e de história e cultura indígena fazem ou fizeram cursos com carga horária superior a 40 horas, enquanto para os demais cursos, a carga horária de mais de 40 horas é observada para um percentual inferior a 50% dos diretores que participaram ou estão participando destes cursos. Entre os professores, os cursos que apresentam mais de 50% dos participantes com carga horária maior do que 40 horas são os de gênero e identidade de gênero e de história e cultura da África e dos afro-descendentes.

**Tabela 19 – Distribuição de Diretores e Professores por Curso de Formação
Continuada Realizado ou em Realização (%)**

Descrição	Diretores	Professores
	n= 501	n= 1.005
Educação ambiental	35,0	28,3
Menos de 40 horas	58,2	49,5
40 horas ou mais	41,8	50,5
Identificação de exploração do trabalho infantil, de violência física, psicológica, negligência e abandono, abuso e exploração sexual comercial contra crianças e adolescentes	26,8	15,2
Menos de 40 horas	59,7	53,6
40 horas ou mais	40,3	46,4

Descrição	Diretores	Professores
	n= 501	n= 1.005
Direitos humanos	20,3	11,4
Menos de 40 horas	41,3	56,9
40 horas ou mais	58,7	43,1
História e cultura da África e dos afro-descendentes	19,9	17,2
Menos de 40 horas	37,7	17,3
40 horas ou mais	62,3	82,7
Educação para relações étnico-raciais	17,5	11,5
Menos de 40 horas	58,6	55,0
40 horas ou mais	41,4	45,0
Educação no campo	11,7	6,3
Menos de 40 horas	34,1	56,6
40 horas ou mais	65,9	43,4
Gênero e identidade de gênero	8,7	6,7
Menos de 40 horas	59,1	34,3
40 horas ou mais	40,9	65,7
História e cultura indígena	7,9	6,4
Menos de 40 horas	40,2	66,4
40 horas ou mais	59,8	33,6

Observa-se que cerca de metade dos professores exerce outra atividade remunerada além do trabalho na escola, percentual um pouco maior do que o verificado entre funcionários (45%) e diretores (40%).

Tabela 20 – Distribuição de Diretores, Professores e Funcionários que exercem outra atividade remunerada além do trabalho na escola pesquisada (%)

Descrição	Diretores	Professores	Funcionários
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004
Sim	40,3	52,3	45,7
Não	59,7	47,6	53,7
Sem resposta	-	0,1	0,6

Cerca de metade dos diretores pesquisados dedicam entre 21 e 40 horas semanais à escola, enquanto que 42% dedicam mais de 40 horas semanais e apenas 5,4% dedicam menos de 20 horas por semana.

Entre os funcionários, a grande maioria dos respondentes (quase 70%) dedicam entre 21 e 40 horas por semana à escola, enquanto que apenas 17% dedicam mais de 40 horas e 15% dedicam até 20 horas semanais à escola.

Tabela 21 – Distribuição de Diretores e Funcionários por carga horária de trabalho na escola (%)

Carga Horária	Diretores	Funcionários
	n= 501	n= 1.004
Até 20 horas semanais	5,4	15,4
De 21 a 40 horas semanais	52,3	67,6
Mais de 40 horas semanais	42,1	16,8
Sem resposta	0,2	0,2

Nota-se que um percentual bastante pequeno tanto de alunos como de pais / mães e funcionários participa regularmente de atividades extracurriculares na escola durante os finais de semana (pouco mais de 10% para funcionários e pais / mães e 6% para alunos).

Nota-se que a presença de funcionários nestas atividades é maior entre os funcionários, dos quais 44% participam ocasionalmente de tais atividades, totalizando 56% que apresentam algum grau de participação.

Cerca de 45% de pais e mães participam de alguma atividade nos finais de semana na escola, sendo que pouco mais de 30% participam apenas esporadicamente destas atividades.

Entre os alunos, no entanto, considerando aqueles que nunca participaram e os que declaram não haver atividades na escola nos finais de semana, nota-se que quase 77% do total não participam de atividades na escola nos finais de semana. Entre os que cerca de 23% que apresentam alguma participação em atividades extracurriculares nos finais de semana, a grande maioria participa apenas esporadicamente, enquanto pouco mais de um quarto participa de maneira regular.

Tabela 22 – Distribuição de Funcionários, Alunos e Pais / mães por participação ou trabalho em atividades extracurriculares nos finais de semana (%)

Descrição	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Sim, sempre	12,3	6,3	13,7
Sim, às vezes / de vez em quando	44,0	16,6	30,9
Não, nunca	18,9	42,7	22,0
Não tem atividades na escola no final de semana	24,6	34,2	32,9
Sem resposta	0,2	0,2	0,5

9.2. Análises Descritivas Sobre Preconceito e Discriminação nas Escolas

A análise dos resultados teve início com as análises descritivas, por meio de tabelas de resultados para cada uma das perguntas constantes do questionário referentes às atitudes sobre preconceito, à distância social dos respondentes em relação aos grupos pesquisados bem como ao conhecimento de situações de discriminação presenciadas na escola (*bullying*). Estes resultados são apresentados através de tabelas contendo os valores médios para o índice percentual de concordância (IPC%) com as frases do questionário relativas às atitudes dos respondentes, e de frequências relativas para os itens relacionados com a distância social e com o conhecimento de situações discriminatórias na escola. As tabelas a seguir comparam os resultados da pesquisa entre os diferentes públicos-alvo do estudo (diretores, professores, funcionários, alunos e pais/mães).

9.2.1. Análise de atitudes, crenças e valores relacionados ao preconceito e à discriminação

A análise descritiva das atitudes, crenças e valores em relação ao preconceito e à discriminação de pessoas com características próprias das áreas temáticas da pesquisa consiste da apresentação dos valores médios para o índice percentual de concordância (IPC %) dos respondentes com as frases que expressam preconceito e discriminação. Doravante, o termo atitudes é utilizado para expressar o conjunto de todas as percepções dos respondentes em relação às questões de preconceito / discriminação, englobando também suas crenças e valores.

Conforme o exposto na descrição da metodologia da pesquisa, cabe ressaltar que os itens que compuseram o questionário foram elaborados a partir de frases e expressões verbalizadas pelos participantes dos grupos focais, com o objetivo de garantir que o questionário refletisse o universo cognitivo dos respondentes e, com isso, maior facilidade para a sua compreensão.

Os resultados obtidos indicam que, de maneira geral, o preconceito, é um elemento efetivamente presente no ambiente das escolas públicas do país. É importante notar que entre os públicos pesquisados, funcionários, pais e mães e, principalmente, os alunos, são os que apresentam os maiores níveis de preconceito, expressos por meio de suas atitudes em relação às frases pesquisadas.

As frases que apresentam os maiores valores para o índice de concordância são aquelas relacionadas aos ciganos, indicando que existe um grau um pouco mais elevado de preconceito em relação a estas pessoas. Em seguida surgem as frases que afirmam que os negros têm corpo bom para trabalho braçal, que costumam se exhibir mais do que os brancos em ocasiões sociais, que têm mais habilidade em trabalhos manuais e sabem cozinhar melhor. Também está entre as frases de maior valor para o IPC a que afirma que os brancos, em geral, são mais estudiosos que os índios.

No entanto, os respondentes de maneira geral discordam bastante que os brancos são superiores aos negros e que merecem trabalhos mais valorizados do que os negros.

Tabela 23 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito étnico-racial

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Os brancos, em geral, são mais estudiosos que os negros.	8,5	10,7	14,2	20,2	17,9
Ciganos não gostam de trabalhar.	26,6	30,2	45,5	44,4	47,5
Crianças brancas aprendem mais rápido que crianças negras.	3,7	3,2	7,4	12,4	10,6
Os índios pertencem a uma raça inferior.	3,2	3,6	12,8	22,5	17,6
Os negros são mais violentos que os brancos.	6,5	8,4	16,1	25,3	18,9
Índio não tem cabeça para estudar coisas de branco.	5,2	4,3	11,0	16,8	16,3
Negro tem corpo bom para trabalho braçal.	8,3	12,5	23,8	36,1	28,9
Ciganos vivem roubando.	18,3	19,0	30,9	35,8	33,1
Os estudantes negros costumam fazer baderna na escola.	3,7	4,9	11,0	22,5	16,3
Os brancos merecem trabalhos mais valorizados do que os negros.	1,7	1,5	5,6	11,6	8,1
Brancos gostam mais de estudar do que os negros.	5,1	6,1	10,4	16,2	13,1
Os negros costumam se exibir mais do que os brancos em ocasiões sociais.	12,6	14,5	23,2	30,0	24,9
As negras têm mais jeito para domésticas do que as brancas.	3,5	5,3	14,0	20,5	16,3
Os brancos são mais evoluídos que os negros.	4,5	4,5	10,7	16,5	16,0
Os índios têm conseguido mais direitos do que merecem.	11,3	7,4	16,9	26,2	19,9
Ciganos detestam responsabilidades.	24,8	27,1	39,3	40,3	43,6
Os estudantes brancos são mais comportados em sala de aula.	4,0	4,5	9,9	17,0	11,0
Os brancos são superiores aos negros.	1,6	1,8	5,9	15,6	9,3
Os negros têm conseguido mais do que merecem.	4,4	3,5	10,3	19,5	14,9

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Os negros não devem se queixar, eles estão onde devem estar.	3,1	2,2	8,9	18,1	12,8
Lugar de índio é no mato.	5,2	4,5	8,5	16,1	14,6
Índio não precisa das coisas dos brancos.	8,0	6,5	10,8	18,7	14,7
Os negros deveriam tentar ser como os brancos.	5,4	4,1	13,6	17,9	18,0
Ciganos não cumprem as obrigações.	15,4	17,7	29,0	32,0	34,7
Atualmente os negros têm mais influência política do que merecem.	4,7	4,4	12,2	20,4	16,6
Os negros sabem cozinhar melhor.	8,8	7,7	17,0	28,1	22,2
Os brancos, em geral, são mais estudiosos que os índios.	11,5	11,9	21,8	25,0	26,7
Os negros têm mais habilidade em trabalhos manuais.	6,4	10,1	19,1	30,9	27,3

Quando o tema se refere a pessoas com necessidades especiais (deficiência), os respondentes chegam a concordar, na média, que estudantes cegos deveriam estudar numa escola especial para portadores de deficiência visual e que estudantes surdos deveriam estudar numa escola especial para portadores de deficiência auditiva. Apesar de apresentarem valores médios para o IPC um pouco mais baixos para estas afirmações, os respondentes tendem a concordar mais com as afirmações que indicam que pais de estudantes normais preferem que seus filhos convivam com estudantes normais e que um professor surdo só pode dar aula para estudante surdo.

Os respondentes, no entanto, apresentam mais baixos níveis de concordância para a afirmação que sugere que o estudante com deficiência cria problemas na escola, que o número de cegos na escola é muito pequeno para se preocupar com eles, que estudantes com deficiência vão à escola somente para se socializar e, principalmente, que para cuidar de alunos deficientes, só se o funcionário ganhar mais.

Assim como verificado para a área temática étnico-racial, alunos, pais / mães e funcionários apresentam atitudes um pouco mais preconceituosas do que professores e , principalmente, que os diretores.

Tabela 24 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito em relação à pessoas com necessidades especiais (deficiência)

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
O número de deficientes físicos na escola é muito pequeno para se preocupar com eles.	7,9	11,3	18,1	32,0	24,1
Os estudantes cegos deveriam estudar numa escola especial para portadores de deficiência visual.	42,2	55,7	61,1	69,8	64,4
Um professor deficiente físico tem dificuldade de controlar a turma.	11,7	11,2	23,2	41,9	25,7
Estudantes com deficiência vão à escola somente para se socializar.	11,0	12,4	15,8	20,9	16,5
Tem que separar uma sala para alunos normais e outra sala para alunos com deficiência.	8,2	20,0	23,2	28,2	23,2
Todo professor deficiente tem dificuldade de dar aulas.	11,1	12,6	20,7	33,5	22,4
O número de deficientes na escola é muito pequeno para se preocupar com eles.	5,7	8,3	18,1	27,1	22,6
Para dar aulas para deficientes, só se o professor ganhar mais.	13,4	16,8	20,9	20,9	20,2
Os estudantes surdos deveriam estudar numa escola especial para portadores de deficiência auditiva.	31,2	44,8	55,3	58,7	58,6
Um professor surdo só pode dar aula para estudante surdo.	20,1	25,8	28,2	37,0	33,3
Para cuidar de alunos deficientes, só se o funcionário ganhar mais.	10,4	13,7	15,2	18,8	15,4
O número de cegos na escola é muito pequeno para se preocupar com eles.	6,6	9,0	15,3	26,2	21,2
O estudante com deficiência cria problemas na escola.	12,5	10,5	16,7	19,0	20,0
Pais de estudantes normais preferem que seus filhos convivam com estudantes normais.	31,5	32,9	35,7	31,0	29,7

Assim como para os temas anteriores, diretores e professores apresentam menores valores para os índices de concordância que os demais grupos, especialmente que alunos e pais / mães, em relação às afirmações preconceituosas em relação à orientação sexual.

Os maiores valores médios para o índice de concordância indicam que os respondentes apresentam preconceito um pouco maior para os aspectos expressos nas frases que afirmam que professores que não são *gays* são mais respeitados pelos estudantes, que é muito difícil aceitar a homossexualidade masculina e que uma lésbica é mais aceita na escola do que um *gay*.

Por outro lado, alunos, pais / mães e, principalmente, funcionários, professores e diretores apresentam níveis de concordância bastante baixos para as frases que expressam que os alunos homossexuais deveriam estudar em salas separadas dos demais alunos, que deveriam ser afastados da escola e que caso exista um homossexual na sala de aula, os pais devem transferir seu filho de escola.

Tabela 25 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito em relação à orientação sexual

Frases	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Pessoas homossexuais não são confiáveis.	4,1	4,2	13,6	25,2	17,5
Não evito, mas também não procuro chegar perto de homossexuais.	9,8	13,3	21,4	35,3	22,2
Uma lésbica é mais aceita na escola do que um <i>gay</i> .	19,9	20,6	25,2	34,2	26,7
Os alunos homossexuais não são alunos normais.	2,2	3,0	12,0	21,1	14,4
Acho muito difícil aceitar a homossexualidade masculina.	17,9	19,2	29,7	36,4	31,8
As escolas deveriam demitir os professores homossexuais.	2,6	2,5	9,7	18,2	12,2
Eu não aceito a homossexualidade.	10,9	10,6	20,5	26,6	20,3
Os alunos homossexuais deveriam estudar em salas separadas dos demais alunos.	1,8	1,7	6,9	17,6	10,6

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Caso exista um homossexual na sala de aula, os pais devem transferir seu filho de escola.	1,1	0,5	4,3	13,4	7,2
Alunos homossexuais deveriam ser afastados da escola.	1,4	0,5	5,3	13,8	7,1
A homossexualidade é uma doença.	13,6	11,8	23,4	23,2	28,2
Os professores que não são <i>gays</i> são mais respeitados pelos estudantes.	26,2	29,3	37,3	44,9	38,8

A análise das atitudes preconceituosas em relação a questões de idade, indica que alunos, pais / mães e funcionários apresentam novamente os maiores valores de concordância com os aspectos pesquisados, indicando maior grau de preconceito do que o verificado entre diretores e professores.

As frases para as quais são observados os maiores valores médios para o IPC indicam que os respondentes concordam um pouco mais com a hipótese de que depois de certa idade é mais difícil aprender, que o estudante que entra mais velho na escola tem mais dificuldade em aprender e que tem problemas de aprendizagem.

Por outro lado, estes respondentes apresentam o valor mais baixo para a concordância com a frase que afirma que os professores mais velhos têm menos capacidade para ensinar. Também não concordam com tanta intensidade quanto a verificada para outros itens que os professores mais velhos não compreendem a linguagem dos estudantes e que quanto mais jovem a diretora da escola, mais ela irá entendê-los.

Tabela 26 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito geracional

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Depois de certa idade é mais difícil aprender.	35,4	35,7	45,2	40,7	43,2
Os professores mais velhos têm menos capacidade para ensinar.	8,3	5,7	13,5	20,1	21,5
Os professores mais velhos não compreendem a linguagem dos estudantes.	20,7	16,2	24,0	35,4	26,6
O estudante que entra mais velho na escola tem mais dificuldade de aprender.	34,4	36,6	43,9	40,8	44,4
Quanto mais jovem a diretora da escola, mais ela irá entender os estudantes.	15,1	12,8	21,4	37,4	23,8
Estudante mais velho tem problemas de aprendizagem.	27,8	28,9	37,8	35,6	40,6
Os professores mais novos entendem melhor os alunos.	15,4	18,3	26,7	40,2	31,0

O mesmo padrão de atitudes se repete para o preconceito territorial, com alunos e pais / mães apresentando os maiores valores para o IPC, enquanto professores e diretores apresentam os valores mais baixos. As atitudes preconceituosas que apresentaram os maiores índices de concordância são aquelas que sugerem que os estudantes do campo são mais lentos para aprender e que os da cidade são mais inteligentes, mais rápidos para aprender que os do campo.

No entanto, os respondentes apresentam níveis bem mais baixos de concordância (especialmente no caso de professores e diretores) com a afirmação de que para a escola do campo, qualquer professor serve e que as escolas do campo não precisam ser tão bem construídas quanto às da cidade.

Tabela 27 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito territorial

Frases	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Para dar aulas nas escolas do campo os professores não precisam ser tão preparados quanto os da cidade.	3,7	2,7	7,7	19,2	14,6
Os estudantes do campo são mais lentos para aprender.	9,4	13,6	20,2	27,1	27,3
Os estudantes da cidade são mais inteligentes, mais rápidos para aprender que os estudantes do campo.	9,2	10,1	18,5	28,3	25,0
Os estudantes de escola de reforma agrária se envolvem mais com atos de violência.	10,8	11,9	19,2	22,5	21,3
Os estudantes que vêm do campo faltam às aulas por preguiça.	5,7	7,2	12,4	20,5	17,5
As escolas do campo não precisam ser tão bem construídas quanto às da cidade.	1,6	1,1	5,4	15,1	9,1
Para a escola do campo, qualquer professor serve.	1,6	0,9	4,9	15,3	10,6

Assim como as demais áreas temáticas, a de gênero apresenta atitudes menos preconceituosas entre os professores e diretores de escola. Os aspectos que revelam os maiores preconceitos se referem à hipótese de que a mulher é mais habilidosa para cuidar da casa, que existem trabalhos que devem ser realizados apenas por homens, e que a mulher é melhor do que o homem na cozinha.

Os aspectos que apresentam os menores níveis de preconceito são aqueles relacionados às funções e atividades da escola. Os respondentes não concordam com tanta intensidade que homens não devem trabalhar na cantina das escolas e que mulher como porteira deixaria os alunos entrando e saindo a toda hora.

Tabela 28 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito de gênero

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
A mulher é melhor do que o homem na cozinha.	25,5	28,8	33,8	52,6	39,5
Homens não devem trabalhar na cantina das escolas.	5,1	5,0	12,6	23,0	19,7
Mulher como porteira deixaria os alunos entrando e saindo a toda hora.	6,7	6,0	12,1	19,9	15,0
Existem trabalhos que devem ser realizados apenas por homens.	28,0	29,6	37,6	46,3	39,3
Apenas mulheres devem trabalhar nas cantinas das escolas.	7,2	5,8	14,9	26,9	20,7
A mulher é mais habilidosa para cuidar da casa.	39,8	39,3	53,3	60,6	59,7
Existem trabalhos que devem ser realizadas apenas por mulheres.	19,7	21,3	30,6	43,4	35,1

No tocante aos aspectos socioeconômicos os professores e, principalmente, os diretores se mostram novamente menos preconceituosos que os demais públicos. As atitudes preconceituosas que apresentam os maiores níveis de concordância são aquelas que afirmam que estudantes pobres são mais revoltados e se envolvem mais com atos de violência.

No entanto, os respondentes não concordam com tanta intensidade quanto a verificada para os demais itens (especialmente professores e diretores) que professor de escola de periferia não precisa se vestir bem e que não precisa ser bem preparado.

Tabela 29 – Percentual de Concordância com frases que expressam o preconceito de cunho socioeconômico

Frases	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Os estudantes pobres são mais revoltados.	27,3	30,9	39,6	38,8	38,0
Professor de escola de periferia não precisa se vestir bem.	4,2	5,7	12,7	19,9	16,8
Os estudantes de escola pobre se envolvem mais com atos de violência.	17,9	25,9	30,0	34,7	27,3
Os estudantes da periferia são mais lentos para aprender.	10,5	13,4	21,3	20,9	23,0
Os estudantes da periferia só se interessam pela merenda.	12,6	21,4	21,6	23,2	22,4
Os estudantes da periferia assaltam sua própria escola.	15,9	20,4	27,0	29,4	25,6
Professor de escola de periferia não precisa ser bem preparado.	1,2	1,2	6,6	15,8	11,5
Os estudantes pobres são mais indisciplinados.	5,4	8,2	13,7	20,9	18,5

9.2.2. Análise da Distância Social dos Respondentes em relação aos grupos pesquisados

A análise descritiva da distância social em relação a pessoas que pertencem aos grupos sociais pesquisados consiste da apresentação da frequência relativa das respostas para as frases que compuseram a escala de *Bogardus* para a mensuração da distância do respondente em relação a cada grupo social considerado neste estudo.

Em relação a pessoas pobres, observa-se que embora apresentem os maiores percentuais para a frase que indica que aceitariam que seus filhos se casassem com pessoas com estas características, a maior parte dos professores e, principalmente dos diretores aceitariam estas pessoas no máximo como colegas na sala de aula, compreendendo também a aceitação como aluno na escola (62% dos diretores e 57% dos professores), enquanto que 48 % dos funcionários, 49 % dos pais / mães e 44 % dos alunos aceitariam somente estas situações.

Um percentual maior de funcionários, pais e alunos do que de diretores e professores aceitariam uma pessoa pobre como colega de trabalho ou na sala de aula na escola ou que estudasse em sua casa. Em resumo, de maneira geral, alunos, pais / mães e funcionários aceitariam maiores níveis de aproximação com uma pessoa pobre do que diretores e professores.

Tabela 30 – Distância social em relação a uma pessoa pobre por público-alvo da pesquisa

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	12,9	11,7	9,2	4,7	11,1
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	2,9	4,3	3,2	5,2	4,0
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	13,1	15,6	15,9	21,4	26,0
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	7,9	11,3	24,4	24,3	9,1
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	12,0	42,6	23,8	40,0	22,8
Aceitaria como aluno(a) da escola.	49,9	14,4	23,5	4,4	26,5
Sem resposta	1,3	0,1	-	-	0,5

Observa-se distância social menos intensa em relação a pessoas negras, com percentuais mais altos de respondentes que aceitariam as situações de maior proximidade do que a verificada em relação a pessoas pobres.

Assim como verificado em relação a pessoas pobres, um percentual maior de diretores e professores do que de funcionários, pais / mães e alunos aceitariam que seus filhos se casassem com pessoas negras.

Nota-se, no entanto, que uma parte significativa dos diretores (48 %) e professores (46%) aceitariam, no máximo, que pessoas negras como colega na sala de aula, enquanto entre pais / mães (36%), funcionários (37%) e alunos (38%) observa-se um percentual menor de respondentes com aceitação apenas dos graus mais baixos de proximidade

pesquisados. Estes últimos públicos apresentam percentuais maiores de respondentes que aceitariam que seus filhos namorassem pessoas negras, como colega de trabalho na escola ou que estudasse sua minha casa, correspondendo a 45% dos funcionários, 51% dos alunos e 39% de pais / mães de alunos, enquanto apenas 31% dos diretores e 34% dos professores aceitariam estas situações.

Tabela 31 – Distância social em relação a uma pessoa negra por público-alvo da pesquisa (%)

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	21,0	19,6	17,5	8,6	15,7
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	5,8	5,7	6,1	10,3	12,0
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	16,7	14,3	23,5	22,4	10,4
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	8,5	14,0	15,5	20,3	25,6
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	8,5	34,8	19,3	35,2	19,0
Aceitaria como aluno(a) da escola.	39,5	11,4	18,1	3,2	16,9
Sem resposta	-	0,2	-	-	0,4

Nota-se que a distância social em relação a pessoas indígenas é maior do que a verificada em relação a negros. Um percentual maior de respondentes aceita situações de menor proximidade com pessoas com estas características, expressos nos 62% de diretores, 57% de professores 50% de funcionários, 45% de alunos e 44% de pais e mães que aceitariam um índio, no máximo como colega na sala de aula na escola.

A distribuição de respostas para este tipo de distância social é bem parecida com aquelas verificadas para a distância em relação a pobres e negros, onde diretores e professores apresentam os maiores percentuais, ainda que pouco superiores a 10% para a frase que indica que aceitariam que seus filhos se casassem com índios, entretanto apresentam percentuais menores de concordância do que os demais públicos com as frases

que indicam os demais níveis de proximidade como a aceitação de um índio como colega de trabalho na escola, que estudasse em sua casa ou que namorasse seus filhos.

Tabela 32 – Distância social em relação a uma pessoa indígena por público-alvo da pesquisa (%)

Descrição	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	13,3	13,5	9,8	4,3	10,1
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	5,4	2,9	3,5	5,7	6,9
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	8,1	13,9	14,7	20,0	22,6
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	10,8	12,3	21,7	24,7	15,8
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	10,5	44,1	23,0	39,1	18,8
Aceitaria como aluno(a) da escola.	51,9	13,2	27,3	6,2	25,3
Sem resposta	-	0,1	-	-	0,5

A distância social em relação a ciganos é maior do que as verificadas para pessoas com as características descritas anteriormente. Um percentual maior de respondentes aceita situações de menor proximidade com pessoas com estas características, evidenciados pelos 70% de diretores, 69% de professores 59% de funcionários, 59% de alunos e 56% de pais e mães que aceitariam um cigano, no máximo como colega na sala de aula na escola.

A distribuição de respostas para este tipo de distância social segue o mesmo padrão verificado para as pessoas pobres, negras e indígenas, retratando menor predisposição a manter contatos mais próximos entre diretores e professores.

Tabela 33 – Distância social em relação a uma pessoa cigana por público-alvo da pesquisa (%)

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	7,9	6,9	4,5	2,6	3,5
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	3,6	2,6	3,6	3,2	5,3
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	7,6	9,1	9,2	12,1	16,8
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	10,4	12,6	24,1	23,2	18,3
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	13,9	49,2	24,0	40,0	21,3
Aceitaria como aluno(a) da escola.	56,6	19,3	34,6	18,8	34,2
Sem resposta	-	0,3	-	0,1	0,6

A distância social em relação a pessoas homossexuais apresenta, de maneira geral, menores diferenças entre os públicos da pesquisa do que as verificadas para os demais grupos sociais pesquisados, com todos os grupos de respondentes apresentando níveis similares de predisposição à proximidade com pessoas homossexuais.

Assim como para a distância em relação aos demais grupos sociais, porém com incidência mais baixa, diretores e professores apresentam maior percentual de respondentes que aceitariam que seus filhos se casassem com homossexuais. No entanto, funcionários e pais aceitam em percentual maior do que os demais grupos proximidade maior em relação a homossexuais do que a aceitação apenas como colegas de sala de aula.

Tabela 34 – Distância social em relação a uma pessoa homossexual por público-alvo da pesquisa (%)

Descrição	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	4,0	5,7	2,0	1,4	2,5
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	1,1	2,4	1,3	1,2	2,0
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	12,6	9,6	11,9	14,1	20,1
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	23,4	22,4	38,1	23,4	25,2
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	9,0	45,5	21,1	38,9	21,8
Aceitaria como aluno(a) da escola.	49,9	14,3	25,6	20,9	27,9
Sem resposta	-	0,1	-	0,1	0,5

A distribuição de respostas para a distância social verificada em relação a moradores de periferia ou de favelas entre os diversos públicos segue o mesmo padrão verificado para as análises anteriores. Diretores e professores concentram suas respostas nos níveis mais baixos de proximidade com moradores da periferia ou de favelas quando comparados com os demais públicos.

Tabela 35 – Distância social em relação a um morador de periferia ou de favela por público alvo da pesquisa (%)

Descrição	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	8,6	9,7	7,1	5,2	11,5
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	3,0	4,3	4,4	7,5	5,9
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	16,4	15,3	14,9	18,6	23,6
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	11,6	13,0	23,0	22,3	13,9
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	13,4	44,2	22,2	37,2	19,9
Aceitaria como aluno(a) da escola.	47,0	13,4	28,4	9,1	24,7
Sem resposta	-	0,1	-	0,1	0,5

É possível se chegar à mesma conclusão através da análise da distância social em relação a pessoas da área rural. Diretores e professores também apresentam, com maior frequência, respostas que indicam grau de aceitação restrito aos níveis mais baixos de proximidade com os respondentes pobres da área rural.

Tabela 36 – Distância social em relação a um agricultor, trabalhador ou morador pobre de área rural ou de assentamento da reforma agrária (%)

Descrição	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	10,5	11,0	14,0	8,7	16,1
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	5,3	6,2	5,0	7,8	9,8
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	14,2	15,3	16,1	21,2	22,6
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	11,9	10,3	23,7	24,1	14,6
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	9,2	44,0	17,1	32,8	14,2
Aceitaria como aluno(a) da escola.	48,9	13,1	24,1	5,4	22,6
Sem resposta	-	0,1	-	-	0,1

O padrão de distribuição para as diversas situações que exprimem o grau de aceitação da proximidade com pessoas com as características analisadas anteriormente se repete também para a distância social em relação a pessoas deficientes físicas.

Tabela 37 – Distância social em relação a um deficiente físico (%)

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	9,5	10,8	8,7	3,6	7,6
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	2,8	3,9	4,1	3,6	8,0
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	10,6	13,8	14,6	24,5	23,5
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	16,6	15,0	22,5	23,7	14,4
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	7,5	37,6	19,9	39,0	19,4
Aceitaria como aluno(a) da escola.	53,0	18,8	30,1	5,6	26,6
Sem resposta	-	0,1	0,1	-	0,5

Os deficientes mentais são as pessoas que apresentam os menores níveis de aceitação de proximidade por parte dos respondentes da pesquisa, conforme verificado por meio das frases que exprimem a sua distância social. Para todos os públicos-alvo da pesquisa, ao menos 77% dos respondentes aceitam no máximo um deficiente mental com o colega de trabalho. Os percentuais de respondentes que aceitariam que seus filhos casassem ou namorassem com um deficiente mental, ou mesmo que estes estudassem em sua casa não ultrapassam os 23% verificados entre pais / mães de alunos.

Novamente, diretores e professores apresentam maior concentração de respostas entres os níveis mais baixos de proximidade, indicando, de maneira geral, maior distância em relação a este grupo social.

Tabela 38 – Distância social em relação a um deficiente mental (%)

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Aceitaria que meu(minha) filho(a) se casasse com ele(a). / Casaria com ele(a).	1,8	2,5	1,7	1,0	2,3
Aceitaria que meu(minha) filho(a) namorasse com ele(a). / Namoraria com ele(a).	1,2	1,0	1,9	1,0	0,8
Convidaria/aceitaria que estudasse em minha casa.	8,7	11,3	9,7	16,6	20,0
Aceitaria como colega de trabalho na escola. / Teria como colega para fazer trabalhos em grupo.	7,0	10,8	16,6	22,6	14,0
Aceitaria como aluno(a)/colega na sala de aula.	14,8	40,3	24,8	43,7	21,9
Aceitaria como aluno(a) da escola.	65,8	33,4	44,9	14,9	39,8
Sem resposta	0,7	0,7	0,4	0,2	1,2

9.2.3. Análise do conhecimento de situações de discriminação presenciadas na escola

A seguir são descritos os resultados que indicam a incidência de respondentes dos diversos públicos que viram ou souberam de situações de humilhação, agressão física, acusação injusta e outras situações presenciadas na escola em função de características associadas às áreas temáticas da pesquisa.

Entre os alunos, as maiores vítimas de humilhação na escola são os alunos pobres, negros e, principalmente, os homossexuais. Nota-se que até 40% dos diretores já presenciaram ou souberam de situações de alunos serem humilhados por serem homossexuais. Um percentual considerável de alunos e professores também tem conhecimento de tais situações.

Exceto em relação à humilhação de alunos homossexuais e deficientes mentais, o público de alunos é o que apresenta maior percentual de respondentes que tem conhecimento de humilhação de alunos que possuem as características pesquisadas, como negros e pobres.

**Tabela 39 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
aluno ter sido humilhado**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser HOMOSSEXUAL	39,9	29,4	24,1	35,6	19,3
Por ser NEGRO(A)	28,6	21,9	16,7	28,7	20,4
Por ser POBRE	21,2	18,5	18,7	31,1	17,5
Por ser DEFICIENTE MENTAL	16,6	11,7	9,7	15,7	10,6
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	15,6	12,3	12,7	18,3	10,3
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	14,5	18,1	9,7	22,3	12,3
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	13,3	12,9	10,1	18,7	11,5
Por ser MULHER	10,5	11,3	9,5	19,2	7,1
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	4,8	7,6	7,2	16,4	9,0
Por ser CIGANO(A)	2,2	0,8	4,0	7,3	4,3
Por ser ÍNDIO(A)	2,1	1,6	2,8	7,6	6,3

Um percentual menor de respondentes, ainda que bastante relevante, declara ter visto ou saber de situações em que professores foram vítimas de humilhação por preconceito. As maiores vítimas de humilhação são os professores idosos, homossexuais, negros e mulheres.

Assim como verificado em situações que alunos foram humilhados, os alunos são os que apresentam maior incidência de respondentes que já viram ou souberam de situações em que professores foram humilhados por questões de preconceito e discriminação, seguidos por diretores e pelos próprios professores.

**Tabela 40 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
professor ter sido humilhado**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	20,6	18,8	12,4	21,2	9,5
Por ser HOMOSSEXUAL	16,3	12,9	13,7	19,7	11,2
Por ser NEGRO(A)	11,3	8,3	10,4	14,1	8,7
Por ser MULHER	10,4	13,7	8,9	15,0	8,5
Por ser POBRE	9,4	7,0	7,8	13,2	8,1
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	4,6	4,0	5,3	8,1	5,7
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	3,7	4,7	5,1	8,7	5,6
Por ser DEFICIENTE MENTAL	2,1	1,8	3,8	6,8	5,1
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	2,0	2,3	4,6	8,4	3,9
Por ser ÍNDIO(A)	1,7	1,6	4,0	5,4	3,7
Por ser CIGANO(A)	0,7	1,5	3,2	5,1	3,2

Nota-se que um percentual também relevante de respondentes declara ter visto ou saber de situações em que funcionários foram vítimas de humilhação por preconceito. As maiores vítimas de humilhação são os funcionários idosos, pobres, negros e mulheres.

Da mesma forma como verificado em situações que alunos e professores foram humilhados, os alunos são os que apresentam maior incidência de respondentes que já viram ou souberam de situações em que funcionários foram humilhados por questões de preconceito e discriminação, seguidos por diretores, professores e funcionários.

**Tabela 41 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
funcionário ter sido humilhado**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	13,7	13,7	10,3	18,0	10,7
Por ser POBRE	11,9	6,1	10,3	16,5	9,3
Por ser NEGRO(A)	9,0	5,9	7,2	14,4	8,0
Por ser MULHER	8,9	9,6	8,6	13,4	6,3
Por ser HOMOSSEXUAL	5,6	5,4	7,5	11,0	7,2
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	5,2	3,4	4,8	8,9	5,5
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	2,1	2,1	3,1	7,2	4,4
Por ser ÍNDIO(A)	2,0	0,7	2,8	5,1	2,8
Por ser DEFICIENTE MENTAL	1,6	1,4	3,2	6,5	3,7
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	1,6	1,1	4,0	7,7	4,4
Por ser CIGANO(A)	0,9	0,6	2,5	4,7	2,4

Ainda que a incidência entre os respondentes de pessoas que declaram ter visto ou sabido de situações em que alunos foram agredidos fisicamente por preconceito e discriminação seja menor do que a verificada para situações de humilhação, nota-se que em alguns casos entre alunos e diretores chega a se aproximar de 20%. As maiores vítimas de agressão física, assim com de humilhação, são os alunos homossexuais, negros e pobres.

O público que declara ter maior conhecimento de tais situações é aquele composto pelos alunos seguido de diretores e funcionários.

**Tabela 42 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
aluno ter sido agredido fisicamente**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser HOMOSSEXUAL	16,0	10,3	10,0	18,7	7,9
Por ser NEGRO(A)	15,6	8,2	9,8	22,0	10,4
Por ser POBRE	10,2	8,6	9,7	18,8	10,3
Por ser DEFICIENTE MENTAL	8,7	3,4	6,0	9,2	4,7
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	8,3	6,2	8,5	11,7	6,7
Por ser MULHER	7,6	6,9	6,5	14,2	5,2
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	5,8	2,2	3,9	8,7	5,9
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	3,6	1,6	3,9	9,0	5,0
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	3,5	1,5	3,0	8,6	5,6
Por ser ÍNDIO(A)	1,8	0,8	3,0	5,9	3,4
Por ser CIGANO(A)	1,2	0,1	2,7	5,3	3,1

A incidência de conhecimento sobre situações de agressão a professores é um pouco menor do que as verificadas anteriormente, com percentuais inferiores a 10%, entretanto não é desprezível e preocupante. Os preconceitos e discriminações que resultam em agressão são o fato de o professor ser mulher, idoso e homossexual.

Mais uma vez é entre os alunos que se observa a maior incidência de respondentes que têm conhecimento de tais situações, seguidos de diretores e dos próprios professores.

**Tabela 43 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
professor ter sido agredido fisicamente**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser MULHER	6,8	8,1	7,3	9,5	5,5
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	5,6	4,3	4,0	8,3	4,6
Por ser HOMOSSEXUAL	4,7	2,2	3,4	7,7	6,2
Por ser POBRE	3,0	2,1	3,7	7,9	4,2
Por ser NEGRO(A)	2,1	1,8	4,2	8,1	6,9
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	2,0	0,8	2,0	5,1	2,8
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	1,7	1,4	1,4	5,6	3,1
Por ser DEFICIENTE MENTAL	1,4	0,9	1,9	4,6	2,6
Por ser ÍNDIO(A)	1,3	0,6	2,0	4,2	2,0
Por ser CIGANO(A)	1,3	0,6	2,2	4,0	2,5
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	1,3	0,6	2,0	5,3	3,0

De maneira geral, menos de 5% dos respondentes declaram ter conhecimento de situações em que funcionários foram agredidos fisicamente por preconceito e discriminação. A exceção são os alunos que apresentam incidência entre 5% e 10% de respondentes que têm conhecimento de situações como estas.

As maiores vítimas de agressão física entre os funcionários, que se tem conhecimento, são os idosos, mulheres e homossexuais.

**Tabela 44 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
funcionário ter sido agredido fisicamente**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	3,5	3,2	4,0	7,4	4,2
Por ser MULHER	3,3	5,0	4,4	7,4	4,7
Por ser HOMOSSEXUAL	1,6	1,1	3,3	6,7	3,8
Por ser POBRE	1,4	1,1	4,1	8,6	4,3
Por ser NEGRO(A)	1,3	1,1	4,1	8,1	3,6
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	1,0	1,3	2,2	5,7	2,8
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	0,5	1,7	2,4	5,1	3,0
Por ser DEFICIENTE MENTAL	0,5	0,8	3,0	4,6	2,8
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	0,3	0,9	1,8	5,3	2,4
Por ser ÍNDIO(A)	0,2	0,6	1,4	4,2	2,3
Por ser CIGANO(A)	0,2	0,6	2,0	3,9	1,7

Um percentual relativamente alto de respondentes, chegando a quase um quarto dos alunos para algumas situações, declararam ter conhecimento de situações em que alunos foram acusados injustamente, por preconceito ou discriminação. Novamente, entre os alunos observa-se a maior incidência de respondentes que têm conhecimento destas situações, seguidos de diretores e professores. As maiores vítimas de acusações injustas são os alunos pobres, negros e homossexuais.

**Tabela 45 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
aluno ter sido acusado injustamente**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser POBRE	19,2	12,5	12,3	24,4	12,0
Por ser NEGRO(A)	15,1	11,3	10,6	25,6	10,8
Por ser HOMOSSEXUAL	11,5	7,7	7,5	15,4	6,6
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	11,5	6,9	7,8	13,4	7,3
Por ser DEFICIENTE MENTAL	6,3	2,7	4,6	8,5	3,9
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	4,4	1,9	3,2	8,4	4,1
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	4,2	3,0	2,9	7,8	3,7
Por ser MULHER	3,9	2,9	4,4	11,1	3,4
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	2,9	2,4	3,8	9,1	3,8
Por ser CIGANO(A)	1,8	0,9	1,7	5,2	2,1
Por ser ÍNDIO(A)	1,7	1,0	2,1	6,0	2,5

Novamente observa-se que entre os alunos, seguidos de diretores e professores é maior a incidência de respondentes que declaram ter conhecimento de acusações injustas a professores, motivadas por preconceito ou discriminação.

Assim como para situações de humilhação e agressão física os preconceitos e discriminação em relação a idosos e mulheres estão entre as maiores motivações para acusações injustas a professores. Entre as vítimas destas situações também estão os professores negros.

**Tabela 46 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
professor ter sido acusado injustamente**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	6,9	4,8	4,3	8,1	4,5
Por ser NEGRO(A)	5,3	3,4	5,3	9,4	4,5
Por ser MULHER	5,3	7,7	5,2	8,2	4,7
Por ser HOMOSSEXUAL	5,0	3,1	3,4	8,2	4,2
Por ser POBRE	4,9	2,8	4,8	9,2	5,1
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	3,4	1,6	2,9	5,7	2,4
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	3,1	1,4	3,3	5,6	2,7
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	0,7	1,7	2,9	4,8	2,0
Por ser ÍNDIO(A)	0,6	0,7	1,8	4,4	2,1
Por ser CIGANO(A)	0,6	0,8	1,9	4,1	2,3
Por ser DEFICIENTE MENTAL	0,5	1,5	2,3	4,6	1,9

É maior entre os alunos, seguidos dos próprios funcionários e de pais e mães de alunos a incidência de respondentes que têm conhecimento de situações em que funcionários foram acusados injustamente, por preconceito ou discriminação. Entre os funcionários, as maiores vítimas de acusações injustas são os pobres, idosos e as mulheres.

**Tabela 47 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
funcionário ter sido acusado injustamente**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Por ser POBRE	5,8	2,8	7,9	10,8	6,7
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	5,7	3,1	6,2	7,6	5,0
Por ser MULHER	5,3	5,5	6,2	7,5	3,6
Por ser NEGRO(A)	3,4	2,7	6,0	10,3	6,7
Por ser HOMOSSEXUAL	3,3	1,2	3,7	6,8	3,8
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	2,3	1,1	5,3	6,3	4,1
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	1,0	0,3	2,6	5,1	2,5
Por ser DEFICIENTE MENTAL	1,0	0,4	2,8	4,6	2,5
Por ser ÍNDIO(A)	0,5	0,1	3,4	4,1	1,9
Por ser CIGANO(A)	0,5	0,0	2,2	3,8	2,0
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	0,5	0,3	3,3	5,6	2,8

Apesar de incidência menor do que outras situações analisadas existem professores e pais / mães que declaram ter conhecimento de situações em que foi negada a vaga a um aluno por preconceito ou discriminação, sendo que esta incidência maior entre pais e mães de alunos. Entre estes respondentes, as situações com maior incidência são aquelas relacionadas à negativa de vaga a alunos por serem deficientes mentais, pobres, negros e deficientes físicos.

**Tabela 48 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
vaga ter sido negada a aluno**

Descrição	Professores	Pais / Mães
	n= 1.005	n= 1.002
Por ser DEFICIENTE MENTAL	2,6	4,6
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	1,7	2,9
Por ser POBRE	1,4	4,3
Por ser MULHER	1,3	1,7
Por ser NEGRO(A)	1,0	3,8
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	1,0	1,8
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	0,8	2,9
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	0,8	2,9
Por ser CIGANO(A)	0,7	2,0
Por ser HOMOSSEXUAL	0,4	2,6
Por ser ÍNDIO(A)	0,2	2,2

Em alguns casos, entre um quarto e um terço dos alunos tem conhecimento de casos de alunos tratados com desprezo ou falta de consideração, por preconceito ou discriminação. Pais e mães chegam a apresentar 16% de respondentes que tem conhecimento de tais situações. Em relação às vítimas, a maior incidência de situações conhecidas está relacionada ao desprezo e à falta de consideração com alunos negros, pobres e homossexuais.

**Tabela 49 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
aluno ter sido tratado com desprezo ou falta de consideração**

Descrição	Alunos	Pais / Mães
	n= 15.087	n= 1.002
Por ser NEGRO(A)	31,3	15,5
Por ser POBRE	28,5	16,0
Por ser HOMOSSEXUAL	25,5	11,0
Por ser MORADOR(A) DE PERIFERIA OU FAVELA	14,8	8,4
Por ser DEFICIENTE FÍSICO	14,7	8,1
Por ser DEFICIENTE MENTAL	14,1	8,6
Por ser MAIS VELHO(A)/IDOSO(A)	12,8	8,8
Por ser MULHER	12,7	4,2
Por ser MORADOR(A) DO CAMPO OU DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA	11,8	6,2
Por ser ÍNDIO(A)	7,0	2,9
Por ser CIGANO(A)	6,2	2,6

Observa-se que um percentual muito grande de respondentes, oscilando entre 40% e 64% declara ter conhecimento da existência de apelidos preconceituosos em relação a alunos, professores e funcionários (até 64% de incidência entre os diretores) e de perseguição e maus tratos de alunos em relação a outros alunos, professores e funcionários (até 52% de incidência entre os professores). É muito preocupante o percentual de respondentes que têm conhecimento de situações em que alunos deixaram ou abandonaram a escola em função de perseguição de outros alunos, com percentual de cerca de 40% entre diretores, alunos e professores.

Ainda que apresente percentuais um pouco mais baixos, um número expressivo de respondentes (chegando a um quarto ou 25% entre os alunos) declara ter conhecimento de situações em que alunos foram excluídos de atividades na escola por preconceito ou discriminação.

**Tabela 50 – Percentual de Respondentes que viu ou soube que aconteceu na escola:
outras situações presenciadas na escola**

Descrição	Dire- tores	Profes- sores	Funcio- nários	Alunos	Pais / Mães
	n= 501	n= 1.005	n= 1.004	n= 15.087	n= 1.002
Pessoas (alunos, professores, funcionários) com apelidos preconceituosos.	63,9	55,3	40,7	55,1	31,6
Pessoas (alunos, professores, funcionários) serem perseguidas ou maltratadas por outros alunos.	49,6	52,1	42,7	37,1	35,0
Alunos deixarem ou abandonarem a escola por causa das perseguições de outros alunos.	40,8	37,5	32,8	40,0	27,7
Alunos serem excluídos de atividades na escola por preconceito ou discriminação.	17,3	10,4	15,1	24,9	11,1

Observou-se também a oportunidade de explorar em maior profundidade a questão relacionada ao conhecimento da ocorrência de situações que compreendem a humilhação, a agressão física e a acusação injusta de acordo com o tipo de vítima relacionando-o com os motivos para a ocorrência do *bullying*.

Para estas análises, calculou-se um índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* na escola (IPCSB) para cada respondente. O IPCSB para cada respondente é composto pela média do valor percentual de conhecimento para as situações de humilhação, agressão física e acusação injusta. O valor de 100% indica que o respondente viu ocorrer na escola situações como humilhação, agressão física e acusação injusta em relação a um determinado grupo social.

Os alunos são as maiores vítimas de *bullying* motivado por preconceito e discriminação nas escolas pesquisadas, com cerca de 10% para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* na escola enquanto que o IPCSB quando professores e funcionários são as vítimas fica em torno de 5%, que se por um lado é menor, não é desprezível..

Entre os alunos vitimados, o principal motivo de *bullying*, de acordo com o conhecimento dos respondentes é o fato de ser negro, com quase 20% para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying*, seguido do fato do aluno ser pobre e homossexual, ambos com quase 20% para o IPCSB.

Quando a vítima é um professor, os principais motivos de *bullying* conhecidos são o fato de ser idoso ou mais velho (9%), de ser homossexual (8%) ou de ser mulher (8%).

Entre os funcionários vitimados, verifica-se que a maior incidência se refere ao preconceito e à discriminação em relação ao fato de ser pobre, seguido do fato de ser mais idoso e do fato de ser negro.

Tabela 51 – Índice percentual de conhecimento de situações de *Bullying* por tipo da vítima e sua motivação discriminatória

Motivo	IPCSB (%) por Tipo de Vítima		
	Alunos	Professores	Funcionários
Por ser Negro	19,0	7,2	7,5
Por ser Pobre	18,2	6,6	7,9
Por ser Homossexual	17,4	8,1	5,2
Por ser Mulher	10,9	8,0	6,8
Por ser Morador de Periferia ou Favela	10,4	3,9	4,3
Por ser Idoso	9,0	8,9	7,6
Por ser Deficiente Físico	8,0	3,9	3,5
Por ser Deficiente Mental	7,8	3,1	3,1
Por ser Morador do Campo	7,4	3,7	3,6
Por ser Índio	3,9	2,6	2,5
Por ser Cigano	3,5	2,5	2,3
Média	10,5	5,3	4,9

9.3. Análise Multivariada Para Identificação das Dimensões que Expressam Atitudes, Crenças e Valores e Distância Social em Relação aos Grupos Sociais Pesquisados

Em seguida à análise descritiva dos resultados foram realizadas Análises Fatoriais, com o objetivo de condensar as informações contidas nos itens do questionário referentes a cada área temática de discriminação da pesquisa em um pequeno grupo de dimensões, denominados fatores. Com a análise fatorial desejou-se obter a natureza e as dimensões latentes das respostas, priorizando a redução da quantidade de variáveis de modo a melhorar a compreensão das análises subsequentes.

A análise fatorial foi aplicada em dois conjuntos distintos de frases do questionário da pesquisa: as frases que representam as atitudes, crenças e valores dos respondentes em relação a questões pertinentes às áreas temáticas de discriminação do estudo; e as frases que expressam a distância social dos respondentes em relação aos grupos sociais pesquisados.

9.3.1. Análise Fatorial de Atitudes, Crenças e Valores

O primeiro conjunto de frases ao qual se aplicou a análise fatorial compreende as 83 frases que expressam as atitudes dos respondentes relacionadas às 7 áreas temáticas de discriminação do estudo. As 83 frases do questionário foram classificadas de acordo com as áreas temáticas de discriminação do estudo e foram aplicadas, então, 7 análises fatoriais específicas, uma para cada área temática, utilizando a técnica de componentes principais e a rotação de máxima variância, para o conjunto total de frases de cada área, o que permitiu reduzir as 83 variáveis de atitudes originais em 21 dimensões latentes representadas pelos fatores.

Para a interpretação dos fatores extraídos, foi aplicado o critério de rotação de máxima variância, que se concentra na simplificação das colunas da matriz fatorial, tornando sua leitura mais clara para o pesquisador. Com base em tal interpretação, as variáveis foram ordenadas da maior para a menor carga em cada fator e os fatores, então, foram nomeados. Os nomes dos fatores, por terem origem nas frases do questionário também expressam idéias que refletem o universo cognitivo dos respondentes, conforme as frases verbalizadas na pesquisa qualitativa.

A viabilidade e adequação do emprego da técnica de análise fatorial foram verificadas através de dois tipos de teste. O primeiro é o teste de esfericidade de *Bartlett*, que fornece a probabilidade estatística da presença de correlações significativas na matriz fatorial. O segundo é a medida de adequação da amostragem (*Measure of Sampling Adequacy – MSA*) para cada item do questionário e a medida de adequação da amostragem de KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*) dos Macroconstrutos, que quantifica o grau de intercorrelações entre os itens, com o objetivo de verificar em que medida um item pode ser previsto sem erro pelo conjunto dos demais. De acordo com Hair *et al.* (1998), o KMO

pode ser interpretado como ótimo para valores superiores a 0,8, bom para valores entre 0,7 e 0,8, razoável para valores entre 0,6 e 0,7, aceitável para valores entre 0,5 e 0,6 e inaceitável para valores inferiores a 0,5.

Verifica-se, portanto, que os resultados da aplicação desta técnica para as 7 áreas temáticas se mostrou completamente adequada, em função dos valores altamente significativos (entre 0,754 e 0,965) para o índice de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) de adequação amostral e do fato que o valor do teste de esfericidade de *Bartlett* relativo à estrutura de correlações para efeito de aplicação da análise fatorial foi significativo a $p < .000$ para todas as sete análises realizadas. Observou-se também que o total da variância explicada, entre 50% e 66,6%, valores considerados satisfatórios para pesquisas sociais.

Em seguida, foram realizadas análises de confiabilidade, tanto para os macroconstrutos que representam cada área temática como para cada dimensão latente identificada na análise fatorial, através do cálculo de seu coeficiente *Alpha de Cronbach*. Este coeficiente é uma estimativa da correlação entre os valores obtidos por novas aplicações do teste, com o mesmo número de itens do questionário.

Todas as dimensões apresentaram valores iguais ou superiores a 0,5 para o *Alpha de Cronbach*, enquanto que todos os macroconstrutos de áreas temáticas de discriminação apresentaram valores iguais ou superiores a 0,727. Estes resultados indicam que as dimensões latentes e, principalmente, os macroconstrutos das áreas temáticas de discriminação apresentam confiabilidade adequada, ou seja, apresentam consistência interna dos itens do questionário que os compõem.

A tabela a seguir apresenta os resultados da aplicação das análises fatoriais, compreendendo os fatores extraídos e os indicadores de adequação, variância explicada e confiabilidade dos fatores e dos construtos.

Tabela 52 – Resultados da aplicação da análise fatorial nas sete áreas temáticas de discriminação do estudo

Área Temática	Bartlett Sig.	KMO	Fatores	Auto-valor	Var. Explic. (%)	Alpha de Cronbach
Étnico-Racial	0,000	0,965	Fator 1: Brancos têm mais direitos e melhor posição social	4,0	14,9	0,836
			Fator 2: Superioridade inata dos brancos em relação a negros	3,5	13,0	0,820
			Fator 3: Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	2,5	9,3	0,748
			Fator 4: Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	2,0	7,4	0,693
			Fator 5: Inferioridade inata dos índios	1,7	6,4	0,571
			Total	-	51,1	0,919
Necessidades Especiais	0,000	0,852	Fator 6: Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	2,5	19,3	0,739
			Fator 7: Os deficientes não preocupam em função de sua baixa incidência	1,9	14,9	0,726
			Fator 8: Separação dos alunos deficientes dos demais	1,6	12,4	0,630
			Fator 9: Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	1,6	12,1	0,615
			Total		58,8	0,809
Gênero	0,000	0,773	Fator 10: Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	1,7	24,8	0,645
			Fator 11: Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	1,7	23,7	0,665
			Fator 12: Trabalho doméstico é tarefa da mulher	1,3	18,1	0,500
			Total		66,6	0,731
Geracional	0,000	0,754	Fator 13: Profissionais de educação mais novos entendem melhor os alunos	1,8	30,6	0,671
			Fator 14: Pessoas mais velhas têm maior dificuldade de aprender	1,8	30,6	0,688
			Total		61,2	0,727
Socio-econômica	0,000	0,850	Fator 15: Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	2,1	25,7	0,632

Área Temática	Bartlett Sig.	KMO	Fatores	Auto-valor	Var. Explic. (%)	Alpha de Cronbach
			Fator 16: Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	1,9	24,2	0,651
			Total		49,9	0,753
Territorial	0,000	0,825	Fator 17: Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	1,6	22,5	0,521
			Fator 18: Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	1,5	22,0	0,679
			Fator 19: Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	1,5	21,8	0,621
			Total		66,3	0,763
Orientação Sexual	0,000	0,884	Fator 20: Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	3,0	32,9	0,836
			Fator 21: Não aceitação da homossexualidade	2,2	23,9	0,632
			Total		56,9	0,820

Os fatores extraídos representam as dimensões latentes subjacentes às frases de cada área temática e foram calculados a partir da matriz de correlações entre as variáveis que exprimem as atitudes dos respondentes em cada uma delas. As tabelas a seguir apresentam as variáveis que compõem cada fator, ordenadas decrescentemente em função de suas cargas fatoriais, juntamente com a média calculada a partir das respostas obtidas para o seu índice percentual de concordância (IPC % médio) e a comunalidade para cada variável na análise. A comunalidade expressa o quanto as cargas fatoriais rotacionadas dos fatores extraídos explicam da variância total de cada variável normalizada.

Tabela 53 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática Étnico-Racial

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 1: Brancos têm mais direitos e melhor posição social	Os negros têm conseguido mais do que merecem	0,643	0,510	19,0
	Atualmente os negros têm mais influência política do que merecem	0,610	0,515	19,9
	Os negros não devem se queixar, eles estão onde devem estar	0,595	0,446	17,5
	Lugar de índio é no mato	0,562	0,522	15,7
	Índio não precisa das coisas dos brancos	0,561	0,492	18,2
	Os negros deveriam tentar ser como os brancos	0,545	0,414	17,5
	Os brancos são superiores aos negros	0,536	0,475	15,0
	Os índios têm conseguido mais direitos do que merecem	0,514	0,397	25,6
	Os brancos merecem trabalhos mais valorizados do que os negros	0,424	0,450	11,2
Fator 2: Superioridade inata dos brancos em relação a negros	Os brancos em geral, são mais estudiosos que os negros	0,655	0,460	19,8
	Brancos gostam mais de estudar do que os negros	0,630	0,537	15,8
	Crianças brancas aprendem mais rápido que crianças negras	0,589	0,496	12,0
	Os negros são mais violentos que os brancos	0,584	0,484	24,7
	Os estudantes negros costumam fazer baderna na escola	0,570	0,468	21,8
	Os estudantes brancos são mais comportados em sala de aula	0,552	0,532	16,5
	Os brancos são mais evoluídos que os negros	0,500	0,511	16,1
	Os negros costumam se exhibir mais do que os brancos em ocasiões sociais	0,452	0,420	29,4
Fator 3: Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	Ciganos detestam responsabilidades	0,741	0,614	40,0
	Ciganos não gostam de trabalhar	0,728	0,558	44,1
	Ciganos não cumprem as obrigações	0,682	0,598	31,6
	Ciganos vivem roubando	0,679	0,550	35,3
Fator 4: Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	Os negros sabem cozinhar melhor	0,692	0,570	27,3
	Os negros têm mais habilidade em trabalhos manuais	0,692	0,622	30,1
	Negro tem corpo bom para trabalho braçal	0,537	0,563	35,2
	As negras têm mais jeito para domésticas do que as brancas	0,482	0,496	20,0

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 5: Inferioridade inata dos índios	Índio não tem cabeça para estudar coisas de branco	0,629	0,584	16,4
	Os índios pertencem a uma raça inferior	0,577	0,502	21,8

Tabela 54 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática de Necessidades Especiais

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 6: Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	Para cuidar de alunos deficientes, só se o funcionário ganhar mais	0,804	0,662	18,6
	Para dar aulas para deficientes, só se o professor ganhar mais	0,764	0,605	20,7
	O estudante com deficiência cria problemas na escola	0,629	0,471	18,8
	Pais de estudantes normais preferem que seus filhos convivam com estudantes normais	0,541	0,376	31,1
	Estudantes com deficiência vão à escola somente para socializar	0,451	0,367	20,5
	Tem que separar uma sala para alunos normais e outra sala para alunos com deficiência	0,429	0,427	27,7
Fator 7: Os deficientes não preocupam em função de sua baixa incidência	O número de deficientes físicos na escola é muito pequeno para se preocupar com eles	0,790	0,637	31,1
	O número de deficientes na escola é muito pequeno para se preocupar com eles	0,774	0,686	26,4
	O número de cegos na escola é muito pequeno para se preocupar com eles	0,739	0,641	25,5
Fator 8: Separação dos alunos deficientes dos demais	Os estudantes cegos deveriam estudar numa escola especial para portadores de deficiência visual	0,830	0,703	69,1
	Os estudantes surdos deveriam estudar numa escola especial para portadores de deficiências auditivas	0,813	0,696	58,1
Fator 9: Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	Um professor deficiente físico tem dificuldade de controlar a turma	0,811	0,705	40,7
	Todo professor deficiente tem dificuldade de dar aulas	0,774	0,673	32,7

Tabela 55 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática de Gênero

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 10: Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	Homens não devem trabalhar na cantina das escolas	0,787	0,663	22,5
	Apenas mulheres devem trabalhar nas cantinas da escola	0,735	0,642	26,2
	Mulher como porteira deixaria os alunos entrando e saindo a toda hora	0,696	0,518	19,4
Fator 11: Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	Existem trabalhos que devem ser realizados apenas por homens	0,832	0,722	45,6
	Existem trabalhos que devem ser realizados apenas por mulheres	0,804	0,701	42,5
Fator 12: Trabalho doméstico é tarefa da mulher	A mulher é melhor do que o homem na cozinha	0,882	0,810	51,5
	A mulher é mais habilidosa para cuidar da casa	0,597	0,607	60,0

Tabela 56 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática Geracional

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 13: Profissionais de educação mais novos entendem melhor os alunos	Os professores mais novos entendem melhor os alunos	0,798	0,667	39,3
	Quanto mais jovem a diretora da escola, mais ela irá entender os estudantes	0,783	0,625	36,4
	Os professores mais velhos não compreendem a linguagem dos estudantes	0,696	0,508	34,7
Fator 14: Pessoas mais velhas têm maior dificuldade de aprender	Estudante mais velho tem problema com aprendizagem	0,784	0,669	35,5
	O estudante que entra mais velho na escola tem mais dificuldade para aprender	0,766	0,636	40,8
	Depois de certa idade é mais difícil aprender	0,754	0,569	40,7

Tabela 57 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática Socioeconômica

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 15: Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	Os estudantes de escola pobre se envolvem mais com atos de violência	0,741	0,559	34,3
	Os estudantes pobres são mais revoltados	0,696	0,484	38,6
	Os estudantes da periferia assaltam sua própria escola	0,629	0,447	29,0
	Os estudantes da periferia só se interessam pela merenda	0,491	0,445	23,0
Fator 16: Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	Professor de escola de periferia não precisa ser bem preparado	0,789	0,624	15,2
	Professor de escola de periferia não precisa se vestir bem	0,724	0,531	19,4
	Os estudantes da periferia são mais lentos para aprender	0,544	0,473	20,7
	Os estudantes pobres são mais indisciplinados	0,477	0,429	20,4

Tabela 58 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática Territorial

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 17: Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	Os estudantes de escola de reforma agrária se envolvem mais com atos de violência	0,751	0,643	22,2
	Os estudantes que vêm do campo faltam às aulas por preguiça	0,712	0,585	20,0
Fator 18: Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	Os estudantes do campo são mais lentos para aprender	0,838	0,753	26,6
	Os estudantes da cidade são mais inteligentes, mais rápidos para aprender que os estudantes do campo	0,807	0,728	27,7
Fator 19: Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	Para dar aulas nas escolas do campo os professores não precisam ser tão preparados quando os da cidade	0,824	0,757	18,5
	Para a escola do campo, qualquer professor serve	0,619	0,601	14,8
	As escolas do campo não precisam ser tão bem construídas quanto as da cidade	0,600	0,576	14,6

Tabela 59 – Análise Fatorial das Atitudes – Cargas Fatoriais, Comunalidades e Médias para o Macroconstruto da Área Temática de Orientação Sexual

Dimensão Latente	Crenças, Atitudes e Valores	Carga no Fator	Comunal.	IPC (%) Médio da Variável
Fator 20: Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	Caso exista um homossexual na sala de aula, os pais devem transferir seu filho da escola	0,826	0,696	12,9
	Alunos homossexuais deveriam ser afastados da escola	0,825	0,702	13,3
	Os alunos homossexuais deveriam estudar em salas separadas dos demais alunos	0,781	0,665	17,0
	As escolas deveriam demitir os professores homossexuais	0,732	0,586	17,6
	Eu não aceito a homossexualidade	0,540	0,571	26,1
Fator 21: Não aceitação da homossexualidade	Acho muito difícil aceitar a homossexualidade masculina	0,712	0,571	35,7
	Uma lésbica é mais aceita na escola do que um gay	0,642	0,419	33,6
	Os professores que não são gays são mais respeitados pelos estudantes	0,638	0,412	44,3
	Não evito, mas também não procuro chegar perto de homossexuais	0,637	0,494	34,3

9.3.2. Análise Fatorial da Distância Social

A partir dos nove indicadores percentuais de distância social descritos na metodologia, foi aplicada uma análise fatorial utilizando a técnica de componentes principais com o objetivo de identificar dimensões latentes associadas à distância social em relação aos diversos grupos sociais pesquisados (negros, índios, ciganos, pobres, homossexuais, moradores da periferia/favela, moradores de áreas rurais, pessoas com necessidades especiais). A sua aplicação permitiu reduzir as nove variáveis de distância social em três fatores.

Assim como para as atitudes, os resultados da aplicação desta técnica se mostrou completamente adequada, em função do valor altamente significativo (entre 0,896) para o índice de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) de adequação amostral e do fato que o valor do teste

de esfericidade de *Bartlett* relativo à estrutura de correlações para efeito de aplicação da análise fatorial foi significativo a $p < .000$. O total da variância explicada, entre 61,2% também se mostrou satisfatório, por se tratar de uma pesquisa social.

Os fatores obtidos também apresentaram valores iguais ou superiores a 0,5 para o *alpha de Cronbach*, enquanto que o macroconstruto de *Guttman* apresentou valor igual a 0,827, indicam que as dimensões latentes e, principalmente, o macroconstruto de *Guttman* também apresentam confiabilidade adequada.

A tabela a seguir apresenta os resultados da aplicação das análises fatoriais, compreendendo os fatores extraídos e os indicadores de adequação, variância explicada e confiabilidade dos fatores e dos construtos.

Tabela 60 – Resultados da aplicação da análise fatorial para as variáveis de Distância Social

Bartlett Sig.	KMO	Fatores	Auto-valor	Var. Explic. (%)	Alpha de Cronbach
0,000	0,896	Fator 22: Distância Social Étnico Racial, Socioeconômica e Territorial.	2,6	29,0	0,784
		Fator 23: Distância Social em relação à Pessoas com Necessidades Especiais (Físico e Mental)	1,5	16,7	0,584
		Fator 24: Distância Social Cultural e de Orientação Sexual	1,4	15,6	0,500
		Total	-	61,2	0,827

A tabela a seguir apresenta as variáveis de distância social que compõem cada fator, ordenadas decrescentemente em função de suas cargas fatoriais, juntamente com a média calculada a partir das respostas obtidas para o seu índice percentual de distância social (IPCD % médio) e a comunalidade para cada variável na análise.

Tabela 61 – Análise Fatorial das Variáveis de Distância Social– Cargas Fatoriais, Comunalidades e IPCD Médio

Dimensão Latente	Variável de Distância Social	Carga no Fator	Comunal.	IPCD (%) Médio da Variável
Fator 22: Distância social étnico racial, socioeconômica e territorial	Distância social em relação a pessoas pobres	0,762	0,603	60,8
	Distância social em relação a pessoas negras	0,758	0,610	55,0
	Distância social em relação a índios(as)	0,679	0,559	61,6
	Distância social em relação a agricultores(as), trabalhadores(as) ou moradores(as) de área rural	0,629	0,515	56,4
	Distância social em relação a moradores(as) de favela e ou periferia	0,575	0,469	61,4
Fator 23: Distância social em relação à pessoas com necessidades especiais (deficiência física e mental)	Distância social em relação a pessoas com deficiência mental	0,828	0,761	70,9
	Distância social em relação a pessoas com deficiência física	0,712	0,669	61,8
Fator 24: Distância social cultural e em relação à orientação sexual	Distância social em relação a pessoas homossexuais	0,805	0,701	72,0
	Distância social em relação a ciganos(as)	0,722	0,625	70,4

9.4. Análises Descritivas das Dimensões Latentes e Macroconstrutos da Pesquisa

Assim como foi verificado nas análises descritivas para as variáveis de atitudes relacionadas às áreas temáticas de discriminação, os valores para o índice percentual de concordância com as suas dimensões e macroconstrutos indicam que o preconceito é uma realidade no ambiente escolar. É importante notar, ainda, que as atitudes em relação às áreas temáticas territorial, étnico-racial e Socioeconômica apresentaram valores ainda menores que as demais para os índices de discriminação.

Os construtos que apresentaram os maiores valores para o índice percentual de concordância (IPC entre 30% e 40%), por sua vez, indicam que os respondentes possuem atitudes que revelam um grau um pouco mais alto de discriminação em relação a gênero, idade e a pessoas com necessidades especiais (deficiência física e mental).

Quando se analisam as dimensões latentes que compõem estes macroconstrutos, obtidas através da análise fatorial, verifica-se que, de maneira geral, os respondentes apresentam menores níveis de concordância para os fatores que indicam que as escolas do campo requerem professores e instalações inferiores às da cidade, que os brancos devem possuir mais direitos e ocupar melhores posições sociais do que pessoas de outras origens étnicas e raciais, que homossexuais devem ser privados de participar do ambiente escolar de heterossexuais, que alunos pobres e da periferia são alunos de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de nível inferior, que pessoas de origem indígena são inferiores às demais (em especial, que aquelas de origem branca), que os brancos são naturalmente superiores aos negros.

Os maiores valores observados indicam maior concordância entre os respondentes que os alunos deficientes devem ser separados dos demais e que o trabalho doméstico é tarefa da mulher. Também estão entre os fatores que apresentam os maiores níveis de concordância aqueles que indicam a percepção de que há trabalhos que só podem ser realizados por homens e outros somente por mulheres, que pessoas mais velhas têm maior dificuldade de aprender, que o comportamento dos ciganos é socialmente inadequado, e que não aceitam a homossexualidade.

A tabela, a seguir, apresenta os valores médios para o índice percentual de concordância, calculados a partir da média observada para os itens do questionário de cada dimensão e de cada macroconstruto, ordenados dos maiores para os menores valores para o IPC dos macroconstrutos e dimensões obtidas na análise fatorial.

Tabela 62 – IPC Médio para as Dimensões Latentes de Atitude Preconceituosa para as Áreas Temáticas do Estudo

Macroconstruto Área Temática / Dimensão Latente (Fator)	IPC Médio (%)
Gênero	38,2
Fator 12: Trabalho doméstico é tarefa da mulher	55,7
Fator 11: Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	44,1
Fator 10: Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	22,7

Macroconstruto Área Temática / Dimensão Latente (Fator)	IPC Médio (%)
Geracional	37,9
Fator 14: Pessoas mais velhas têm maior dificuldade de aprender	39,0
Fator 13: Profissionais de educação mais novos entendem melhor os alunos	36,8
Necessidades Especiais (deficiência)	32,4
Fator 8: Separação dos alunos deficientes dos demais	63,5
Fator 9: Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	36,7
Fator 7: Os deficientes não preocupam em função de sua baixa incidência	27,7
Fator 6: Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	22,9
Orientação Sexual	26,1
Fator 21: Não aceitação da homossexualidade	37,0
Fator 20: Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	17,4
Socioeconômica	25,1
Fator 15: Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	31,2
Fator 16: Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	19,0
Étnico Racial	22,9
Fator 3: Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	37,8
Fator 4: Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	28,2
Fator 2: Superioridade inata dos brancos em relação a negros	19,5
Fator 5: Inferioridade inata dos índios	19,2
Fator 1: Brancos têm mais direitos e melhor posição social	17,8
Territorial	20,6
Fator 18: Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	27,2
Fator 17: Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	21,1
Fator 19: Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	16,0

Os valores para o índice percentual (IPCD %) das dimensões latentes e do macroconstruto de distância social indicam que os respondentes, de maneira geral, apresentam menor propensão a manter contatos de maior proximidade com grupos sociais específicos do que o preconceito que declararam nas frases relativas às atitudes. Todas as dimensões de distância social apresentam valores superiores a 50% para o IPCD %,

indicando que entre os respondentes nas escolas pesquisadas, na média, verifica-se propensão a manter certa distância dos grupos sociais pesquisados.

Embora os valores médios indiquem uma forte distância social para os grupos pesquisados entre os respondentes, cabe ressaltar que a distância é um pouco menor em relação a pessoas negras e agricultores, trabalhadores e moradores da área rural (IPCD entre 50% e 60%). Os maiores valores para o IPCD indicam que os respondentes, de maneira geral, estão menos dispostos a manter contatos mais próximos com pessoas homossexuais, deficientes mentais e ciganos, todos apresentando valores superiores a 70% para estas dimensões.

Tabela 63 – IPDC % Médio para as Dimensões Latentes de Distância Social

Macroconstruto / Dimensão Latente	IPCD Médio (%)
Macroconstruto de Distância Social	63,4
Fator 24: Distância Social Cultural e em relação à Orientação Sexual	71,2
Fator 23: Distância Social em relação à pessoas com necessidades especiais (deficiência física e mental)	66,3
Fator 22: Distância Social Étnico Racial, Socioeconômica e Territorial	59,1

Os resultados observados para as atitudes dos diversos públicos alvo da pesquisa, quando comparados, indicam que os alunos e seus pais, seguidos dos funcionários das escolas, apresentam valores para as dimensões latentes que exprimem maior grau de preconceito do que o verificado entre professores e diretores das escolas pesquisadas.

As maiores diferenças indicam que alunos, pais, funcionários e, em menor intensidade, os professores concordam em maior intensidade do que os diretores que os alunos com deficiência devam ser separados dos demais. Adicionalmente, funcionários, pais e, principalmente, os alunos não estão tão certos quanto professores e diretores de que professores deficientes não apresentam dificuldades para ministrar aulas e que o trabalho doméstico não seja tarefa das mulheres. Professores e diretores também concordam em menor intensidade que trabalhos menos nobres, como trabalhos braçais, por exemplo, sejam mais adequados para os negros.

Tabela 64 – Análise Comparativas de Atitudes Preconceituosas em Relação às Dimensões das Áreas Temáticas entre os Públicos-Alvo da Pesquisa

Macroconstruto Área Temática / Dimensões Latentes	IPC (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Étnico Racial	7,9	8,5	16,3	23,4	20,3
Fator 1: Brancos têm mais direitos e melhor posição social	5,1	4,0	10,4	18,3	14,4
Fator 2: Superioridade Inata dos Brancos em relação a negros	6,1	7,1	12,9	20,0	16,2
Fator 3: Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	21,3	23,4	36,2	38,2	39,7
Fator 4: Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	6,7	8,9	18,6	28,9	23,8
Fator 5: Inferioridade inata dos índios	4,3	4,0	11,8	19,7	17,3
Deficiência	15,6	19,9	26,1	32,9	28,3
Fator 6: Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	14,5	17,7	21,2	23,2	20,9
Fator 7: Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	6,7	9,6	17,2	28,4	22,7
Fator 8: Separação dos alunos deficientes dos demais	36,6	50,2	58,2	64,2	61,7
Fator 9: Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	11,4	11,9	21,9	37,7	24,1
Gênero	18,9	19,4	27,9	39,0	32,8
Fator 10: Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	6,3	5,6	13,2	23,3	18,9
Fator 11: Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	23,9	25,5	34,1	44,9	37,2
Fator 12: Trabalho doméstico é tarefa da mulher	32,7	34,0	43,4	56,6	49,3
Geracional	24,8	24,8	33,3	38,4	34,9
Fator 13: Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	17,1	15,7	24,1	37,7	27,1
Fator 14: Pessoas mais velhas tem maior dificuldade de aprender	32,5	33,9	42,5	39,1	42,6

Macroconstruto Área Temática / Dimensões Latentes	IPC (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Socioeconômica	11,9	15,9	21,6	25,5	23,0
Fator 15: Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	18,4	24,7	29,5	31,6	28,3
Fator 16: Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	5,4	7,1	13,6	19,4	17,5
Territorial	6,0	6,8	12,7	21,2	18,3
Fator 17: Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	8,2	9,5	15,8	21,5	19,3
Fator 18: Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	9,3	11,8	19,4	27,7	26,5
Fator 19: Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	2,3	1,6	6,1	16,6	11,6
Orientação Sexual	10,2	10,9	17,8	26,7	19,8
Fator 20: Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	3,6	3,2	9,5	18,0	11,5
Fator 21: Não aceitação da homossexualidade	18,5	20,6	28,4	37,7	29,8

No entanto, quando são analisados os resultados para os indicadores de distância social, construídos a partir da escala *Bogardus*, verifica-se que os diretores, seguidos de funcionários e dos professores, de maneira oposta ao que foi observado através das atitudes, se configuram como os públicos que, na média, apresentam predisposição a manter os menores níveis de proximidade com os grupos sociais estudados.

Nota-se que o fator que exprime a distância social cultural (discriminação de ciganos) e em relação à orientação sexual é o mais forte entre todos os públicos, apresentando, no entanto, a menor diferença entre os agrupamentos pesquisados (homogeneidade na distância social expressa pelos diversos públicos). Apesar de apresentarem valores relativamente mais baixos para o IPCD, os temas relacionados às necessidades especiais (deficiência), a questões étnico-raciais, socioeconômicas e territoriais, apresentam as maiores diferenças entre os públicos pesquisados.

Tabela 65 – Análise Comparativa das Dimensões de Distância Social entre os Públicos-Alvo da Pesquisa

Macroconstruto / Dimensão Latente	IPCD Médio (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Macrocontruto de Distância Social	73,2	65,0	66,6	63,2	62,7
Fator 22: Distância Social Étnico Racial, Socioeconômica e Territorial	69,0	60,9	62,2	58,9	57,3
Fator 23: Distância Social em relação a pessoas com necessidades especiais (deficiência física e mental)	79,9	70,9	72,8	66,0	68,5
Fator 24: Distância Social Cultural e em relação à Orientação Sexual	77,1	69,6	71,5	71,1	69,8

A análise concomitante dos resultados para o IPC (%) e o IPCD (%) indica que os diretores, seguidos pelos professores e pelos funcionários apresentam as maiores diferenças entre o preconceito percebido, verificado por meio das atitudes, e a distância social que apresentam em relação aos diversos grupos sociais pesquisados.

A ocorrência de situações de *bullying* de acordo com o conhecimento dos respondentes, por sua vez, é mais baixa do que a atitude preconceituosa e do que a distância social observada entre os respondentes. Este resultado está de acordo com as expectativas, pois a ocorrência de *bullying* representa a efetiva materialização do preconceito e da discriminação, que são comportamentos latentes que podem ou não resultar em ações discriminatórias através do *bullying*. Cabe ressaltar, no entanto, que apesar de apresentar um índice de ocorrência mais baixo nas escolas pesquisadas, o *bullying* é uma realidade nestas escolas.

Entre os públicos pesquisados, os alunos são os respondentes que afirmam ter maior conhecimento de situações que indicam a existência de *bullying* na escola para todas as áreas temáticas pesquisadas.

Os professores são os que apresentam os menores percentuais de conhecimento de tais situações, exceto para as relacionadas à discriminação de gênero, geracional e de orientação sexual. De maneira geral, os principais motivadores do *bullying* são o preconceito e a discriminação relacionada à orientação sexual, à situação socioeconômica, ao gênero e à geração.

Tabela 66 – Análise Comparativa de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* em Relação às Dimensões das Áreas Temáticas de Discriminação para os Públicos-alvo da pesquisa

Público-alvo	Indic. (%)	Dimensão							
		Étnico-racial	Necessidades especiais	Gênero	Geracional	Socio-econômica	Territorial	Orientação Sexual	Total
Diretores	IPC	7,9	15,6	18,9	24,8	11,9	6,0	10,2	12,0
	ICD	69,9	80,0	-	-	71,4	70,2	76,4	73,2
	IPCSB	2,7	2,6	4,8	6,0	5,3	1,4	7,7	5,1
Professores	IPC	8,5	19,9	19,4	24,8	15,9	6,8	10,9	13,6
	ICD	62,4	70,8	-	-	63,0	61,9	68,5	65,0
	IPCSB	1,8	1,9	5,0	4,8	3,4	1,2	5,2	3,9
Funcionários	IPC	16,3	26,1	27,9	33,3	21,6	12,7	17,8	20,7
	ICD	64,4	72,8	-	-	65,5	59,4	70,3	66,6
	IPCSB	3,0	2,8	4,8	4,4	5,1	2,6	5,9	4,7
Alunos	IPC	23,4	32,9	39,0	38,4	25,5	21,2	26,7	28,0
	ICD	62,2	66,0	-	-	60,9	56,2	72,0	63,2
	IPCSB	6,7	5,9	9,2	9,1	9,9	6,0	11,4	8,8
Pais e Mães	IPC	20,3	28,3	32,8	34,9	23,0	18,3	19,8	24,0
	ICD	60,7	68,5	-	-	60,8	53,8	69,2	62,7
	IPCSB	3,2	3,3	3,6	4,7	5,0	2,8	4,9	4,3
Total	IPC	22,9	32,4	38,2	37,9	25,1	20,6	26,1	27,5
	ICD	62,3	66,3	-	-	61,1	56,4	72,0	63,4
	IPCSB	6,5	5,7	9,0	8,9	9,6	5,8	11,1	8,5

9.5. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Características Demográficas dos Respondentes entre Alunos e Profissionais do Corpo Técnico da Escola (diretores e professores)

As seções a seguir apresentam as médias para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas (IPC%), para o índice percentual de distância social (IPCD%) e para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying*, de acordo com características demográficas dos respondentes (modalidade de

ensino, porte da escola, localização, região, e acesso aos meios de informação). À direita nas tabelas que serão apresentadas nas próximas seções são apresentados os resultados para a significância estatística da diferença entre as médias para cada aspecto pesquisado e as células indicadas com a cor verde indicam que a diferença das médias é estatisticamente significativa a $p < 0,05$.

9.5.1. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Modalidade de Ensino

As tabelas a seguir apresentam, para alunos e professores, as médias para os índices percentuais de atitude preconceituosa, de distância social e de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com a modalidade de ensino do respondente.

Entre os respondentes, os alunos do ensino fundamental (especialmente do EJA fundamental) apresentam as maiores médias para o índice de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas, enquanto que os do último ano do ensino médio regular apresentam as atitudes menos preconceituosas.

As maiores diferenças são observadas para as áreas temáticas territorial, compreendendo o preconceito em relação a moradores e trabalhadores das áreas rurais (média de 25% no EJA fundamental, 24% no último ano do ensino fundamental e 15% no último ano do ensino médio regular) e étnico-racial, que se refere ao preconceito em relação a cor da pele, origem étnica etc. (27% no EJA fundamental, 26% no último ano do ensino fundamental regular e 18% no último ano do ensino médio regular). As menores diferenças entre os agrupamentos, por sua vez, são observadas para as áreas temáticas geracional, que engloba questões de preconceito em relação à idade (41% no EJA fundamental e 35% no último ano do ensino médio) e de deficiência (35% no ensino fundamental – regular e EJA – e 29% no último ano do ensino médio regular).

Tabela 67 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por modalidade de ensino (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Étnico-Racial	26	18	27	22	0,000	0,000	0,015	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	35	29	35	30	0,000	0,000	0,755	0,000	0,000	0,992	0,000
Gênero	42	34	42	36	0,000	0,000	0,816	0,000	0,000	0,586	0,000
Geracional	40	35	41	37	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	0,361	0,000
Socio-econômica	27	22	29	24	0,000	0,000	0,014	0,000	0,000	0,004	0,000
Territorial	24	15	25	19	0,000	0,000	0,634	0,000	0,000	0,000	0,000
Orientação Sexual	30	23	28	24	0,000	0,000	0,073	0,000	0,000	1,000	0,000
Geral	30	23	31	26	0,000	0,000	0,667	0,000	0,000	0,002	0,000

Entre os professores, não se observam diferenças estatisticamente significantes para as atitudes preconceituosas em relação a nenhuma das áreas temáticas, de acordo com a sua modalidades de ensino.

Tabela 68 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por modalidade de ensino (Professores)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Étnico-Racial	9	8	8	7	0,431	0,969	0,942	0,435	0,999	0,685	0,784
Deficiência	20	19	21	19	0,444	0,733	0,837	0,550	1,000	0,958	0,943
Gênero	20	19	20	15	0,626	1,000	0,969	0,794	0,959	0,843	0,631
Geracional	25	23	27	23	0,285	0,745	0,816	0,967	0,318	0,991	0,690
Socioeconômica	17	15	16	15	0,186	0,509	0,523	0,339	1,000	0,938	0,963
Territorial	7	7	6	5	0,339	0,635	0,979	0,463	0,914	0,954	0,732
Orientação sexual	12	10	10	9	0,269	0,894	0,959	0,272	0,999	0,626	0,589
Geral	14	13	14	12	0,299	0,756	0,955	0,336	0,983	0,819	0,669

No tocante à distância social, os resultados indicam que há diferenças entre os alunos no nível de proximidade dos contatos que estão dispostos a manter em relação aos grupos sociais pesquisados, de acordo com a sua modalidade de ensino.

As principais diferenças entre os respondentes são observados para a distância social em relação a pessoas negras (65% entre alunos do último ano do ensino fundamental regular e 55% entre os alunos do EJA médio) e deficientes físicos (72% e 64%, respectivamente). Os grupos sociais para os quais foram observadas as menores diferenças para a distância social dos respondentes, de acordo com sua modalidade de ensino foram: deficientes mentais (80% entre alunos do ensino regular, fundamental e médio, e 78% entre alunos do EJA) e homossexuais (82% entre alunos do ensino fundamental regular e 78% entre alunos do EJA médio).

Tabela 69 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por modalidade de ensino (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Pobre	71	67	65	65	0,000	0,000	0,000	0,000	0,301	0,621	0,991
Negro	65	60	56	55	0,000	0,000	0,000	0,000	0,011	0,028	1,000
Índio	71	68	66	66	0,000	0,000	0,000	0,000	0,056	0,223	0,992
Cigano	80	80	76	75	0,000	0,080	0,000	0,000	0,001	0,000	0,929
Homossexual	82	80	79	78	0,000	0,000	0,000	0,000	0,353	0,172	0,949
Morador da periferia/favela	70	69	64	65	0,000	0,198	0,000	0,000	0,000	0,000	0,836
Morador de área rural	64	63	57	58	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,986
Deficiente físico	72	69	66	64	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,239
Deficiente mental	80	80	78	78	0,000	0,730	0,000	0,000	0,005	0,002	0,925
Geral	73	71	67	67	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,983

Entre os professores foram verificadas diferenças estatisticamente significativas de acordo com a modalidade de ensino apenas para as médias da distância social em relação a pessoas pobres (média de 73% para o ensino fundamental regular e 61% para o ensino médio regular), moradores/trabalhadores da área rural (73% e 59%, respectivamente) e deficientes físicos (75% e 62%).

Tabela 70 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por modalidade de ensino (Professores)

Grupo Social	Distância Social - IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Pobre	73	61	72	67	0,037	0,093	0,996	1,000	0,118	0,358	0,996
Negro	63	52	60	65	0,117	0,195	1,000	0,999	0,375	0,390	0,997
Índio	74	62	73	65	0,089	0,207	0,997	0,683	0,236	0,983	0,647
Cigano	84	76	80	71	0,081	0,262	0,778	0,178	0,905	0,935	0,679
Homossexual	82	71	79	74	0,053	0,135	0,999	0,596	0,189	0,981	0,598
Morador da periferia/favela	74	66	73	69	0,056	0,125	0,999	0,479	0,281	0,995	0,616
Morador de área rural	73	59	71	68	0,013	0,027	1,000	0,848	0,080	0,595	0,887
Deficiente físico	75	62	72	71	0,003	0,008	1,000	0,830	0,039	0,438	0,895
Deficiente mental	87	81	87	84	0,084	0,138	0,999	0,676	0,314	0,960	0,799
Geral	76	65	74	71	0,010	0,022	1,000	0,670	0,084	0,752	0,778

Entre os alunos pesquisados há também diferenças no conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* (humilhação, agressão física, acusações injustas) em relação a todos os grupos sociais pesquisados, de acordo com a modalidade de ensino do respondente.

Nota-se que os respondentes do ensino fundamental regular apresentam maior conhecimento de tais situações para todos os grupos sociais pesquisados. As principais diferenças foram observadas para o *bullying* em relação a: pessoas negras (16% no ensino fundamental regular e entre 9% e 10% nas demais modalidades) e pobres (15% no ensino fundamental regular e entre 9% e 10% nas demais modalidades). As menores diferenças

foram observadas para situações em que as vítimas do *bullying* são ciganos (2 pontos percentuais de diferença), índios, deficientes físicos, moradores de periferia/ favela e moradores de áreas rurais (3 pontos percentuais de diferença entre a modalidade de maior valor e a de menor valor).

Tabela 71 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por modalidade de ensino (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Negro	16	10	10	9	0,000	0,000	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000
Índio	5	2	4	3	0,000	0,000	0,019	0,000	0,000	0,386	0,002
Cigano	4	2	4	3	0,000	0,000	0,418	0,000	0,000	0,238	0,001
Homossexual	12	11	9	8	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiente físico	7	4	6	5	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,999	0,001
Deficiente mental	7	3	5	4	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,990	0,000
Pobre	15	10	10	9	0,000	0,000	0,000	0,000	0,446	0,000	0,002
Morador de periferia/favela	8	6	7	5	0,000	0,000	0,000	0,000	0,093	0,031	0,000
Morador de área rural	7	4	6	5	0,000	0,000	0,000	0,000	0,018	0,343	0,000
Idoso	11	7	9	7	0,000	0,000	0,000	0,000	0,080	0,057	0,000
Mulher	12	7	9	8	0,000	0,000	0,000	0,000	0,023	0,622	0,003
Geral	11	8	8	7	0,000	0,000	0,000	0,000	0,977	0,000	0,000

Assim como para as atitudes não se observam diferenças estatisticamente significantes para o conhecimento entre os professores de ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com a sua modalidades de ensino.

Tabela 72 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por modalidade de ensino (Professores)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Pen. ano do Ens. Fund. (F)	Últ. ano do Ens. Médio (M)	EJA Fund. (EF)	EJA Médio (EM)	Total	F / M	F / EF	F / EM	M / EF	M / EM	EF / EM
Negro	5	6	5	4	0,261	0,941	0,947	0,522	0,740	0,305	0,844
Índio	0	1	0	0	0,835	0,995	0,889	0,998	0,966	0,984	0,887
Cigano	0	0	0	0	0,402	0,769	0,438	0,916	0,940	1,000	0,947
Homossexual	5	8	5	6	0,203	0,554	0,873	0,998	0,243	0,660	0,977
Deficiente Físico	2	2	1	2	0,604	0,998	0,836	0,951	0,776	0,982	0,671
Deficiente Mental	2	2	2	2	0,715	0,931	0,999	0,760	0,982	0,960	0,865
Pobre	5	5	5	4	0,252	0,999	0,786	0,336	0,872	0,434	0,849
Morador de periferia/favela	2	4	3	3	0,124	0,873	0,596	0,666	0,252	0,346	1,000
Morador de área rural	1	2	1	1	0,095	0,996	0,366	0,432	0,309	0,370	0,999
Idoso	5	7	5	6	0,428	0,613	0,988	0,982	0,518	0,950	0,934
Mulher	5	7	5	7	0,101	0,262	0,952	0,997	0,157	0,664	0,934
Geral	4	5	4	4	0,169	0,787	0,698	0,850	0,252	0,455	1,000

9.5.2. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Porte da Escola

As tabelas a seguir apresentam (para alunos e para o corpo técnico e administrativo da escola – diretores e professores) as médias para os índices percentuais de atitude preconceituosa, de distância social e de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com o porte da escola do respondente, em função do número de alunos matriculados (dados do Censo Escolar 2007).

Entre os alunos, observam-se diferenças estatisticamente significantes para o nível de preconceito expresso pelas atitudes, de acordo com o porte da escola, para todas as áreas temáticas da pesquisa.

As principais diferenças entre os grupos estão relacionadas ao preconceito de gênero (42% em escolas menores e 36% em maiores) e étnico-racial (26% em escolas com até 600 alunos e 21% em escolas com mais de 1.000 alunos). As menores diferenças são verificadas para o preconceito de ordem socioeconômica, geracional, territorial e em relação à orientação sexual (todos com diferenças em torno de 3 pontos percentuais entre as escolas com até 600 alunos e as escolas com mais de 1.000 alunos).

Tabela 73 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por porte da escola (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1000 alunos (M)	Mais de 1000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Étnico-Racial	26	23	21	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	35	33	31	0,000	0,000	0,000	0,000
Gênero	42	39	36	0,000	0,000	0,000	0,000
Geracional	40	38	37	0,000	0,075	0,000	0,001
Socioeconômica	27	25	24	0,003	0,660	0,005	0,057
Territorial	23	21	20	0,000	0,436	0,000	0,007
Orientação Sexual	28	27	25	0,000	0,066	0,000	0,000
Geral	30	28	26	0,000	0,000	0,000	0,000

Diferentemente dos alunos, professores e diretores das escolas pesquisadas apresentam diferenças estatisticamente significantes apenas para a média dos valores para o preconceito étnico-racial, territorial e em relação à orientação sexual, em função do porte das escolas em que trabalham. Para essas áreas temáticas, respondentes de escolas com até 600 alunos apresentam médias um pouco maiores, especialmente do que as de escolas com mais de 1.000 alunos, para o índice percentual de concordância com as frases que exprimem atitudes preconceituosas.

A maior diferença é com o preconceito em relação à orientação sexual (4 pontos percentuais), enquanto para as demais áreas temáticas (étnico-racial e territorial) ela é de 2 pontos percentuais.

Tabela 74 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por porte da escola (Corpo técnico e administrativo – Professores e Diretores)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Étnico-Racial	9	7	7	0,000	0,028	0,001	0,587
Deficiência	19	17	16	0,062	0,721	0,069	0,343
Gênero	20	17	18	0,096	0,129	0,235	0,921
Geracional	26	24	23	0,113	0,327	0,129	0,898
Socioeconômica	14	13	14	0,238	0,265	0,905	0,459
Territorial	7	6	5	0,036	0,137	0,051	0,939
Orientação Sexual	12	9	8	0,000	0,054	0,000	0,329
Geral	14	12	12	0,004	0,061	0,005	0,745

Os resultados indicam diferenças apenas para a distância social em relação a pessoas negras, ciganos e moradores de áreas rurais, entre os alunos, de acordo com o porte da escola. O grupo social de moradores de áreas foi o que apresentou maior diferença entre os alunos de escolas de diversos portes (64% entre os alunos de escolas com mais de 1.000 alunos, 60% entre escolas com até 600 alunos e 61% em escolas com até 1.000 alunos).

A distância social em relação a negros é um pouco maior (62%) em escolas menores do que nas escolas com mais de 600 alunos (59%), enquanto que para o grupo social referente aos ciganos, a distância social é um pouco maior em escolas de maior porte (80% em escolas com mais de 1.000 alunos e 77% em escolas com até 600 alunos).

Tabela 75 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por porte da escola (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Pobre	67	68	68	0,051	0,166	0,065	0,938
Negro	62	59	59	0,001	0,002	0,004	0,943
Índio	69	68	68	0,105	0,299	0,117	0,902
Cigano	77	78	80	0,045	0,833	0,065	0,208
Homossexual	80	79	81	0,067	0,108	0,932	0,158
Morador da periferia/favela	68	68	67	0,160	0,996	0,311	0,238
Morador de área rural	60	61	64	0,000	0,249	0,000	0,001
Deficiente físico	69	68	68	0,411	0,411	0,786	0,762
Deficiente mental	79	79	80	0,321	0,789	0,327	0,725
Geral	70	70	71	0,466	0,823	0,869	0,466

Para o corpo técnico e administrativo da escola notam-se diferenças entre respondentes de escolas de diversos portes em relação a número maior de grupos sociais pesquisados. Os resultados indicam que não há diferenças estatisticamente significantes apenas para a distância social em relação a moradores de favela/periferia, moradores de áreas rurais e deficientes físicos.

Em escolas de menor porte (até 600 alunos) apresentam médias maiores do que as escolas com mais de 1.000 alunos para a distância social do seu corpo técnico e administrativo em relação a todos os grupos sociais para os quais foram verificadas diferenças. As principais diferenças se referem à distância social em relação a negros (66% em escolas menores e 55% em escolas maiores) e índios (76% em escolas menores e 65% em escolas maiores). A menor diferença é observada em relação a deficientes mentais (89% em escolas menores e 83% em escolas maiores).

Tabela 76 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por porte da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Pobre	74	69	65	0,002	0,315	0,002	0,164
Negro	66	56	55	0,004	0,264	0,004	0,269
Índio	76	66	65	0,001	0,324	0,001	0,124
Cigano	83	79	75	0,002	0,447	0,002	0,086
Homossexual	82	74	75	0,008	0,101	0,010	0,732
Morador da periferia/favela	74	71	70	0,182	0,647	0,182	0,685
Morador de área rural	71	68	68	0,701	0,951	0,880	0,708
Deficiente físico	76	71	69	0,108	0,474	0,109	0,710
Deficiente mental	89	86	83	0,021	0,804	0,030	0,147
Geral	77	71	70	0,004	0,352	0,005	0,206

Nas tabelas a seguir são apresentados os resultados referentes ao conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola, de acordo com o seu porte.

De acordo com os resultados obtidos, os alunos apresentam diferenças estatisticamente significantes para o conhecimento de situações de *bullying* em relação a praticamente todos os grupos sociais pesquisados, exceto em relação a deficientes físicos, idosos e mulheres, que apresentam valores muito próximos para as médias nos três agrupamentos de escolas classificadas de acordo com o seu porte. Cabe ressaltar, no entanto, que estas diferenças são pequenas em amplitude, com cerca de 1 ponto percentual entre escolas de diferentes portes para o conhecimento de tais situações em relação a quase todos os grupos sociais.

A maior diferença observada entre os agrupamentos foi para o *bullying* em que as vítimas são homossexuais, com 9% em escolas de menor porte, 12% em escolas de porte médio e 11% em escolas de maior porte. O *bullying* praticado contra moradores de áreas rurais, por sua vez, é um pouco maior entre escolas menores (7% em escolas com até 600 alunos, 6% em escolas com até 1000 alunos e 5% em escolas com mais de 1000 alunos).

Tabela 77 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por porte da escola (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Negro	12	13	12	0,031	0,032	0,234	0,545
Índio	4	3	3	0,006	0,383	0,007	0,203
Cigano	4	3	3	0,032	0,703	0,041	0,229
Homossexual	9	12	11	0,000	0,000	0,000	0,274
Deficiente físico	6	6	5	0,152	0,689	0,158	0,572
Deficiente mental	6	5	5	0,001	0,109	0,001	0,267
Pobre	12	12	11	0,025	0,671	0,270	0,029
Morador de periferia/favela	6	7	7	0,000	0,005	0,000	0,652
Morador de área rural	7	6	5	0,000	0,021	0,000	0,000
Idoso	9	9	9	0,794	0,811	0,868	0,988
Mulher	9	9	9	0,753	0,959	0,762	0,903
Geral	9	9	9	0,055	0,057	0,527	0,351

Para os respondentes que fazem parte do corpo técnico e administrativo das escolas, notam-se diferenças estatisticamente significantes para o conhecimento de situações de *bullying* apenas para os casos em que as vítimas são pessoas negras, homossexuais, moradores de periferia/favela, idosos e mulheres. Em todos os casos, há maior conhecimento da ocorrência deste tipo de situação em escolas de maior porte, especialmente quando as vítimas são homossexuais (10% em escolas com mais de 1.000 alunos e 5% em escolas com até 600 alunos).

Os casos que apresentam as menores diferenças (2 pontos percentuais) são aqueles em que as vítimas são moradores da periferia/favela (5% em escolas com mais de 1.000 alunos e 3% em escolas com até 600 alunos).

Tabela 78 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por porte da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	600 alunos ou menos (P)	601 a 1.000 alunos (M)	Mais de 1.000 alunos (G)	Total	P / M	P / G	M / G
Negro	5	6	8	0,003	0,677	0,005	0,062
Índio	1	0	0	0,474	0,822	0,848	0,474
Cigano	1	0	0	0,764	0,999	0,831	0,813
Homossexual	5	8	10	0,000	0,012	0,000	0,045
Deficiente Físico	2	2	2	0,323	0,972	0,379	0,523
Deficiente Mental	2	2	2	0,769	0,868	0,989	0,783
Pobre	5	6	6	0,583	0,990	0,634	0,726
Morador de periferia/favela	3	4	5	0,006	0,408	0,007	0,209
Morador de área rural	1	1	1	0,723	0,999	0,799	0,779
Idoso	5	6	8	0,002	0,368	0,002	0,136
Mulher	4	6	7	0,030	0,226	0,032	0,715
Geral	4	5	6	0,001	0,214	0,001	0,170

9.5.3. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Localização da Escola (Urbana na capital, Urbana no interior e Rural)

As tabelas, a seguir, apresentam as médias para os índices percentuais de atitude preconceituosa, de distância social e de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying*, de acordo com a localização da escola do respondente (se em área urbana da capital, em área urbana do interior ou em área rural).

Entre os alunos, assim como para a totalidade dos respondentes, são observados níveis de preconceito um pouco maiores em escolas rurais. As principais diferenças dizem respeito ao preconceito de natureza étnico-racial (29% em escolas rurais, 23% em escolas urbanas do interior e 22% em escolas urbanas da capital), de gênero (43% em escolas

rurais e 36% em escolas urbanas da capital) e territorial (26% em escolas rurais e 20% em escolas urbanas do interior).

Para alunos de escolas com diferentes localizações são menores as diferenças no preconceito de ordem socioeconômica, com atitudes um pouco mais preconceituosas em escolas das capitais (27% em escolas urbanas da capital e 25% em escolas urbanas do interior).

Tabela 79 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por localização (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Étnico-Racial	22	23	29	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	32	33	37	0,000	0,273	0,000	0,000
Gênero	36	39	43	0,000	0,000	0,000	0,462
Geracional	38	38	42	0,082	0,395	0,109	0,284
Socio- econômica	27	25	28	0,000	0,000	0,753	0,503
Territorial	22	20	26	0,000	0,000	0,671	0,007
Orientação Sexual	26	27	30	0,000	0,053	0,000	0,008
Geral	27	28	32	0,000	0,024	0,000	0,000

Praticamente não há diferenças estatisticamente significantes para as atitudes preconceituosas entre respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas, de acordo com sua localização, exceto para as étnico-raciais (3 pontos percentuais) e, principalmente, de gênero (6 pontos percentuais), que apresentam maiores níveis de preconceito para as atitudes em escolas rurais e menores níveis em escolas urbanas da capital.

As tabelas, a seguir, apresentam os resultados referentes à distância social em relação aos grupos pesquisados, por localização da escola.

Tabela 80 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por localização (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Étnico-Racial	7	8	10	0,005	0,038	0,019	0,264
Deficiência	17	17	21	0,357	0,774	0,364	0,528
Gênero	17	18	23	0,036	0,325	0,043	0,174
Geracional	23	25	25	0,260	0,262	0,881	0,941
Socioeconômica	14	14	15	0,711	0,897	0,722	0,830
Territorial	6	6	9	0,386	0,945	0,392	0,442
Orientação Sexual	8	10	14	0,087	0,248	0,145	0,490
Geral	11	12	15	0,081	0,244	0,133	0,467

Entre os alunos, verifica-se que há diferenças em função da localização da escola para a distância social em relação a pessoas pobres, ciganos, moradores de áreas rurais e deficientes físicos e mentais, que apresentam maiores valores para o índice percentual de distância social entre os respondentes de escolas urbanas das capitais e os menores valores entre os respondentes de escolas rurais.

A principal diferença verificada (9 pontos percentuais) se refere à distância social em relação a moradores da área rural (66% em escolas urbanas das capitais, 60% em escolas urbanas do interior e 57% em escolas rurais). Novamente, as menores diferenças são observadas para a distância social em relação a deficientes físicos (2 pontos percentuais) e deficientes mentais (3 pontos percentuais).

Tabela 81 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por localização da escola (Alunos)

Grupo Social	Distância Social - IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Pobre	70	67	65	0,000	0,000	0,001	0,241
Negro	60	60	62	0,328	0,993	0,348	0,344
Índio	69	69	65	0,103	0,351	0,153	0,390
Cigano	79	79	73	0,001	0,859	0,002	0,002
Homossexual	80	80	79	0,455	0,480	0,793	0,986
Morador da periferia/favela	67	68	66	0,840	0,940	0,943	0,876
Morador de área rural	66	60	57	0,000	0,000	0,000	0,018
Deficiente físico	70	68	70	0,000	0,000	0,982	0,155
Deficiente mental	81	79	78	0,000	0,000	0,058	0,953
Geral	71	70	68	0,000	0,000	0,009	0,516

Nota-se que entre os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas pesquisadas, não há diferenças estatisticamente significantes em função da localização da escola apenas para a distância social em relação a moradores da periferia / favela e moradores da área rural.

Para o corpo técnico e administrativo observa-se que as diferenças para a distância social entre os grupos apresentam amplitudes maiores do que as verificadas nas análises anteriores (porte da escola e modalidade de ensino), com respondentes de escolas da área rural apresentando valores mais altos para a distância social em relação aos grupos sociais pesquisados, enquanto respondentes de escolas urbanas da capital apresentam as menores distâncias. As maiores diferenças dizem respeito à distância social em relação a negros (22 pontos percentuais, com 71% nas escolas rurais e 49% nas urbanas das capitais), índios (22 pontos percentuais, com 83% e 61% respectivamente) e pobres (20 pontos percentuais, com 80% e 60%).

A menor diferença entre as escolas de acordo com a sua localização foi verificada para a distância social em relação a deficientes mentais (8 pontos percentuais, com 91% em escolas rurais e 83% em escolas urbanas das capitais).

Tabela 82 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por localização da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Pobre	60	71	80	0,013	0,084	0,034	0,286
Negro	49	61	71	0,001	0,009	0,012	0,321
Índio	61	70	83	0,000	0,011	0,001	0,052
Cigano	73	80	85	0,000	0,002	0,010	0,410
Homossexual	68	78	86	0,000	0,000	0,001	0,241
Morador da periferia/favela	68	73	74	0,585	0,628	0,779	0,973
Morador de área rural	65	68	80	0,222	0,932	0,358	0,224
Deficiente físico	67	72	82	0,002	0,178	0,002	0,025
Deficiente mental	83	87	91	0,031	0,100	0,083	0,476
Geral	66	73	81	0,001	0,022	0,005	0,136

As tabelas, a seguir, apresentam os resultados referentes ao conhecimento de situações de *bullying*, por localização da escola.

A maior diferença observada indica que alunos de escolas urbanas nas capitais demonstram maior conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* em que as vítimas são homossexuais (12%) do que alunos de escolas urbanas do interior (10%) e de escolas rurais (8%).

As menores diferenças (com no máximo 1 ponto percentual) indicam que é praticamente igual entre escolas rurais, escolas das capitais e do interior o grau de conhecimento de situações de *bullying* em que as vítimas são pessoas negras, deficientes, idosos e mulheres.

Tabela 83 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por localização da escola (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Negro	13	12	12	0,000	0,000	0,000	0,093
Índio	3	3	4	0,558	0,582	0,999	0,916
Cigano	3	3	4	0,953	0,979	0,988	0,968
Homossexual	13	10	8	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiente físico	6	5	6	0,005	0,009	0,150	0,809
Deficiente mental	5	5	5	0,072	0,159	0,203	0,604
Pobre	11	12	13	0,562	0,915	0,565	0,652
Morador de periferia/favela	8	6	5	0,000	0,000	0,000	0,001
Morador de área rural	4	6	7	0,000	0,000	0,050	0,861
Idoso	10	9	9	0,003	0,006	0,095	0,713
Mulher	10	9	10	0,027	0,058	0,165	0,661
Geral	9	9	8	0,000	0,001	0,000	0,046

Entre os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas nota-se que a maior diferença entre escolas rurais, urbanas das capitais e urbanas do interior também se refere ao *bullying* no qual as vítimas são homossexuais, com 10% para a média do índice de conhecimento de tais situações nas escolas urbanas das capitais, 7% em escolas urbanas do interior e 3% nas escolas rurais. Em seguida, verifica-se que também há conhecimento um pouco maior de *bullying* onde as vítimas são mulheres em escolas urbanas das capitais (7%) e menor em escolas rurais (3%).

As diferenças relacionadas ao *bullying* que vitima pessoas dos demais grupos sociais se mostram bastante reduzidas em amplitude, indicando que o nível de conhecimento sobre a ocorrência de tais situações é muito próximo nas escolas urbanas das capitais, do interior e nas escolas rurais.

Tabela 84 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por localização da escola (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)			Significância estatística da diferença			
	Urbana Capital (C)	Urbana Interior (I)	Rural (R)	Total	C / I	C / R	I / R
Negro	7	6	5	0,107	0,191	0,246	0,723
Índio	0	0	1	0,037	0,200	0,584	0,116
Cigano	0	0	1	0,440	0,995	0,473	0,459
Homossexual	10	7	3	0,000	0,001	0,000	0,005
Deficiente físico	2	2	3	0,054	0,059	0,439	0,996
Deficiente mental	3	2	2	0,035	0,052	0,218	0,861
Pobre	5	6	5	0,812	1,000	0,839	0,814
Morador de periferia/favela	4	4	2	0,023	0,150	0,041	0,258
Morador de área rural	1	1	2	0,156	0,156	0,768	0,965
Idoso	7	6	5	0,009	0,026	0,057	0,547
Mulher	7	5	3	0,000	0,003	0,005	0,265
Geral	5	5	4	0,001	0,008	0,005	0,190

9.5.4. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Região do País

A seguir são apresentados para cada agrupamento de respondentes de acordo com a região do país em que sua escola se situa, as médias para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas.

Os resultados indicam que, na média, há diferenças nas atitudes preconceituosas dos respondentes de acordo com a região do país, especialmente entre as regiões Nordeste (maiores valores para a atitude preconceituosa) e Sudeste (menores valores) que apresentam as maiores diferenças.

A principal diferença observada indica que os respondentes da região Nordeste apresentam maior preconceito de gênero (44%) do que os respondentes das demais regiões, enquanto respondentes da região Sudeste (36%) apresentam a menor média para o índice percentual de concordância com as frases que indicam atitudes preconceituosas em relação

a gênero. A área temática que apresentou a menor diferença (4 pontos percentuais) entre os respondentes nas diversas regiões foi aquela relativa ao preconceito em relação à orientação sexual, com 29% para o índice percentual de atitude preconceituosa na região Nordeste e cerca de 25% na região Sudeste.

Tabela 85 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por região do país (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa - IPC (%)					Significância estatística da diferença										
	C	N	NE	S	SE	Total	C / N	C / NE	C / S	C / SE	N / NE	N / S	N / SE	NE / S	NE / SE	S / SE
Étnico-Racial	23	25	27	23	20	0,000	0,060	0,000	0,465	0,000	0,397	0,000	0,000	0,000	0,000	0,049
Deficiência	33	34	37	33	30	0,000	0,260	0,000	1,000	0,018	0,013	0,222	0,000	0,000	0,000	0,002
Gênero	38	39	44	37	36	0,000	0,948	0,000	0,536	0,085	0,000	0,112	0,003	0,000	0,000	0,927
Geracional	39	38	42	38	36	0,000	0,769	0,396	0,714	0,005	0,008	1,000	0,293	0,002	0,000	0,182
Socioeconômica	26	26	28	25	23	0,000	0,998	0,123	0,980	0,001	0,238	0,896	0,000	0,004	0,000	0,002
Territorial	20	24	25	19	19	0,000	0,000	0,000	0,329	0,183	0,997	0,000	0,000	0,000	0,000	1,000
Orientação sexual	27	27	29	29	25	0,000	1,000	0,829	0,657	0,004	0,882	0,722	0,002	0,988	0,000	0,000
Geral	28	29	32	27	25	0,000	0,341	0,000	0,859	0,000	0,028	0,016	0,000	0,000	0,000	0,005

Entre os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas verificou-se que também há diferenças para a atitude preconceituosa para praticamente todas as áreas temáticas de preconceito, à exceção do preconceito de natureza socioeconômica, que não apresentou significância estatística para as diferenças de médias entre as regiões.

Assim como foi verificado entre os alunos, as principais diferenças foram observadas para os valores médios dos índices de atitudes entre as regiões Nordeste e Sudeste. As maiores diferenças (8 pontos percentuais) indicam que, na média, os respondentes do corpo técnico e administrativo de escolas nas regiões Sul e Sudeste apresentam atitudes menos preconceituosas do que os respondentes da região Nordeste para questões de gênero (24% para respondentes da região Nordeste e 16% para respondentes das regiões Sudeste e Sul) e de idade (29%, 23% e 22%, respectivamente).

Tabela 86 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por região do país (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa – IPC (%)					Significância estatística da diferença										
	C	N	NE	S	SE	Total	C / N	C / NE	C / S	C / SE	N / NE	N / S	N / SE	NE / S	NE / SE	S / SE
Étnico-Racial	10	8	11	8	6	0,000	0,818	0,773	0,780	0,040	0,082	1,000	0,607	0,033	0,000	0,446
Deficiência	20	15	21	18	15	0,003	0,446	0,993	0,910	0,459	0,088	0,873	0,992	0,495	0,018	0,941
Gênero	21	18	24	16	16	0,000	0,948	0,620	0,116	0,215	0,124	0,503	0,758	0,000	0,000	0,945
Geracional	26	21	29	22	23	0,001	0,780	0,999	0,301	0,299	0,445	0,962	0,989	0,040	0,011	0,997
Socioeconômica	15	13	16	14	12	0,129	1,000	1,000	1,000	0,711	1,000	1,000	0,720	1,000	0,261	0,581
Territorial	5	7	9	5	4	0,000	0,948	0,220	0,893	0,520	0,741	0,401	0,073	0,002	0,000	0,976
Orientação sexual	11	11	13	11	8	0,000	0,999	0,968	0,917	0,143	0,873	0,978	0,254	0,353	0,000	0,540
Geral	14	12	16	12	10	0,000	0,829	0,845	0,588	0,065	0,125	0,998	0,700	0,016	0,000	0,829

As tabelas, a seguir, apresentam os valores médios obtidos para o índice percentual de distância social em relação aos diversos grupos sociais pesquisados para cada agrupamento de respondentes de acordo com a região do país em que sua escola está localizada.

Em relação à distância social dos respondentes em relação aos grupos sociais pesquisados, nota-se que há diferenças para a distância social em relação a todos os grupos sociais pesquisados entre os alunos de diferentes regiões. As principais diferenças verificadas referem-se à distância social em relação a moradores de periferia/ favelas entre respondentes da região Sul (72%) e respondentes das regiões Norte (64%), Nordeste (66%) e Sudeste (68%), e em relação a moradores da área rural entre respondentes das regiões Sul (63%) e Sudeste (64%) e respondentes da região Nordeste (57%).

A menor diferença (2 pontos percentuais entre as regiões de maior e menor média) é observada para a distância social dos alunos em relação aos deficientes mentais.

Tabela 87 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por região do país (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)					Significância estatística da diferença										
	C	N	NE	S	SE	Total	C / N	C / NE	C / S	C / SE	N / NE	N / S	N / SE	NE / S	NE / SE	S / SE
Pobre	70	65	66	69	69	0,000	0,025	0,010	1,000	0,994	0,999	0,011	0,007	0,002	0,000	0,993
Negro	62	58	59	64	60	0,001	0,529	0,202	0,980	0,433	0,998	0,142	0,999	0,011	0,944	0,042
Índio	70	68	67	72	68	0,000	0,984	0,569	0,485	0,717	0,907	0,157	0,974	0,001	0,993	0,002
Cigano	80	76	76	80	80	0,000	0,012	0,023	1,000	0,968	0,937	0,007	0,005	0,011	0,004	0,984
Homossexual	82	79	79	83	80	0,000	0,272	0,468	0,810	0,738	0,957	0,007	0,715	0,007	0,956	0,025
Morador da periferia/favela	70	64	66	72	68	0,000	0,006	0,114	0,565	0,809	0,499	0,000	0,012	0,000	0,277	0,006
Morador de área rural	63	59	57	63	64	0,000	0,445	0,000	0,914	0,917	0,258	0,045	0,017	0,000	0,000	1,000
Deficiente físico	70	69	67	71	69	0,000	0,922	0,145	0,833	0,558	0,678	0,265	0,989	0,000	0,724	0,010
Deficiente mental	80	79	79	81	79	0,002	0,776	0,768	0,567	0,919	1,000	0,035	0,973	0,008	0,982	0,019
Geral	72	68	69	73	71	0,000	0,027	0,002	0,656	0,693	0,999	0,000	0,120	0,000	0,002	0,005

Assim como verificado entre os alunos, os respondentes do corpo técnico e administrativo também apresentam diferenças para as médias da distância social em relação a todos os grupos sociais pesquisados, em função da região do respondente. Nota-se, no entanto, que a amplitude das diferenças é bem maior entre os respondentes do corpo técnico e administrativo.

As maiores diferenças são observadas para a distância social em relação a moradores da favela/periferia (86% na região Norte e 62% na região Centro-Oeste) e moradores de áreas rurais (82% na região Norte e 65% na região Sudeste).

Tabela 88 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por região do país (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)					Significância estatística da diferença										
	C	N	NE	S	SE	Total	C / N	C / NE	C / S	C / SE	N / NE	N / S	N / SE	NE / S	NE / SE	S / SE
Pobre	69	82	74	71	66	0,000	0,288	0,884	1,000	0,699	0,625	0,198	0,001	0,822	0,008	0,543
Negro	53	74	62	63	58	0,003	0,086	0,635	0,913	1,000	0,495	0,330	0,012	0,986	0,257	0,806
Índio	67	84	73	71	67	0,000	0,117	0,480	0,923	0,995	0,743	0,391	0,004	0,924	0,019	0,502
Cigano	73	87	85	79	75	0,001	0,885	0,571	0,999	0,909	0,996	0,939	0,215	0,631	0,003	0,646
Homossexual	75	88	82	79	72	0,000	0,600	0,374	0,999	0,752	1,000	0,343	0,014	0,111	0,000	0,820
Morador da periferia/favela	64	86	72	74	70	0,006	0,037	0,266	0,603	0,894	0,658	0,493	0,058	0,990	0,446	0,905
Morador de área rural	62	82	72	71	65	0,002	0,067	0,766	0,835	1,000	0,293	0,383	0,006	1,000	0,369	0,591
Deficiente físico	70	86	73	74	70	0,001	0,224	0,979	0,994	0,909	0,293	0,333	0,002	1,000	0,211	0,500
Deficiente mental	84	94	90	84	84	0,000	0,403	0,294	0,992	0,961	1,000	0,114	0,022	0,035	0,001	1,000
Geral	69	85	76	74	70	0,000	0,076	0,414	0,972	0,980	0,683	0,189	0,001	0,752	0,004	0,549

As tabelas, a seguir, apresentam os valores médios obtidos para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* em relação aos diversos grupos sociais pesquisados para cada agrupamento de respondentes de acordo com a região do país de sua escola.

Os resultados indicam que este fenômeno, como os demais, é percebido em todas as regiões do país; entretanto, na média, há diferenças estatisticamente significantes no conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* nas escolas, de acordo com a região do país do respondente, especialmente entre as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, com valores um pouco maiores para o índice percentual de conhecimento, e as regiões Sul e Sudeste, com valores um pouco menores. Cabe ressaltar, no entanto, que essas diferenças são pequenas em termos de pontos percentuais.

A principal diferença observada indica que há um maior conhecimento da ocorrência de *bullying* em que as vítimas são pessoas negras na região Centro-Oeste (15%) do que nas regiões Sul (10%) e Sudeste (11%). A menor diferença (2 pontos percentuais)

indica que as médias observada para o *bullying* em que as vítimas são ciganos são mais próximas entre as diversas regiões.

Tabela 89 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por região do país (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)					Significância estatística da diferença										
	C	N	NE	S	SE	Total	C / N	C / NE	C / S	C / SE	N / NE	N / S	N / SE	NE / S	NE / SE	S / SE
Negro	15	13	13	10	11	0,000	0,049	0,001	0,000	0,000	0,959	0,002	0,184	0,002	0,282	0,165
Índio	4	5	4	2	3	0,000	0,170	0,997	0,000	0,000	0,016	0,000	0,000	0,000	0,000	0,906
Cigano	3	4	4	2	3	0,000	0,147	0,063	0,128	0,344	1,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,861
Homossexual	11	12	12	8	10	0,000	0,863	0,625	0,000	0,003	0,999	0,000	0,000	0,000	0,000	0,161
Deficiente físico	6	8	7	4	5	0,000	0,169	1,000	0,009	0,006	0,057	0,000	0,000	0,000	0,000	0,993
Deficiente mental	5	7	6	4	4	0,000	0,246	0,938	0,176	0,062	0,461	0,000	0,000	0,002	0,000	1,000
Pobre	14	13	13	11	10	0,000	0,894	0,154	0,002	0,000	0,754	0,047	0,000	0,268	0,000	0,707
Morador de periferia/favela	6	8	7	5	6	0,000	0,207	0,247	0,738	0,998	0,989	0,002	0,115	0,001	0,074	0,247
Morador de área rural	7	8	7	5	4	0,000	0,749	1,000	0,001	0,000	0,541	0,000	0,000	0,000	0,000	0,986
Idoso	10	11	10	8	8	0,000	0,233	0,964	0,034	0,012	0,010	0,000	0,000	0,039	0,004	1,000
Mulher	10	11	10	7	8	0,000	0,536	0,932	0,004	0,010	0,049	0,000	0,000	0,004	0,007	0,881
Geral	10	10	9	8	8	0,000	0,992	0,723	0,000	0,000	0,352	0,000	0,000	0,001	0,000	0,999

Os resultados da pesquisa indicam que praticamente não existem diferenças estatisticamente significantes para as médias do índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* para os respondentes do corpo técnico e administrativo e administrativo das escolas, em função de sua região.

Tabela 90 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por região do país (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)					Significância estatística da diferença										
	C	N	NE	S	SE	Total	C / N	C / NE	C / S	C / SE	N / NE	N / S	N / SE	NE / S	NE / SE	S / SE
Negro	7	8	5	5	7	0,012	0,608	0,174	0,490	0,989	0,988	1,000	0,666	0,988	0,062	0,481
Índio	1	2	1	1	0	0,734	0,995	0,998	1,000	0,986	0,925	0,998	0,836	0,983	0,999	0,935
Cigano	0	0	1	1	0	0,914	1,000	0,997	0,949	0,998	0,998	0,959	0,999	0,984	1,000	0,974
Homossexual	9	6	6	5	7	0,109	0,668	0,883	0,275	0,976	0,964	0,985	0,808	0,619	0,982	0,275
Deficiente físico	2	3	2	2	2	0,798	1,000	0,969	1,000	0,983	0,927	1,000	0,951	0,953	1,000	0,973
Deficiente mental	4	3	3	1	2	0,663	0,944	0,927	0,727	0,774	1,000	0,993	0,999	0,970	0,993	0,998
Pobre	8	8	5	5	5	0,465	0,730	0,498	0,879	0,718	1,000	0,995	0,998	0,969	0,977	1,000
Morador de periferia/favela	3	4	3	3	4	0,130	0,548	0,689	0,988	1,000	0,986	0,770	0,398	0,907	0,443	0,992
Morador de área rural	2	1	2	1	1	0,593	0,931	0,986	1,000	0,850	0,992	0,918	1,000	0,983	0,962	0,786
Idoso	8	7	5	4	6	0,011	0,307	0,242	0,078	0,844	0,999	0,991	0,635	0,916	0,508	0,166
Mulher	7	6	4	4	6	0,231	0,999	0,669	0,627	0,991	0,810	0,762	1,000	0,999	0,666	0,654
Geral	5	5	4	4	5	0,252	0,755	0,503	0,624	0,953	1,000	1,000	0,933	1,000	0,659	0,828

9.5.5. Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar por Acesso a Meios de Informação

Nesta seção são apresentados os resultados de acordo com o grau de acesso à mídia por parte dos respondentes da pesquisa (TV, rádio, jornais, revistas, internet). As tabelas a seguir apresentam, para cada agrupamento de respondentes de acordo com o seu nível de acesso aos meios de informação, as médias para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas.

Para todas as áreas temáticas, quanto maior o nível de acesso a meios de informação dos respondentes, menor a média para os valores do índice de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas entre os alunos pesquisados. As maiores diferenças são observadas para as áreas temáticas de gênero (8 pontos percentuais entre os níveis mais alto e mais baixo de acesso aos meios de informação), deficiência,

étnico-racial e geracional (6 pontos percentuais de diferença entre os extremos para o nível de acesso aos meios de informação).

A menor diferença entre as categorias extremas em termos de nível de acesso aos meios de informação foi observada para a área temática referente ao preconceito em relação à orientação sexual.

Tabela 91 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por grau de acesso aos meios de informação (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa - IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Étnico-Racial	26	24	22	20	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Deficiência	36	34	32	30	0,000	0,038	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Gênero	43	41	38	35	0,000	0,039	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Geracional	41	40	37	35	0,000	0,984	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Socioeconômica	28	26	25	23	0,000	0,317	0,002	0,000	0,107	0,000	0,002
Territorial	24	22	20	19	0,000	0,269	0,000	0,000	0,047	0,000	0,001
Orientação sexual	28	28	26	24	0,000	0,823	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002
Geral	31	29	27	25	0,000	0,018	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000

Para os respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas, nota-se que a amplitude das diferenças é ainda maior em função do grau de acesso aos meios de informação. A maior diferença (14 pontos percentuais) também é observada para o preconceito de gênero, com 31% para o índice percentual de atitudes preconceituosas entre os respondentes com mais baixo acesso aos meios de informação e 17% entre os respondentes com acesso total a os meios de informação.

Em seguida, com 8 pontos percentuais de diferença, estão as áreas temáticas relativas ao preconceito em relação à orientação sexual (17% entre os de mais baixo acesso e 9% entre os de acesso total aos meios de informação).

As menores diferenças foram observadas no nível de preconceito de ordem étnico-racial (7% para os respondentes com acesso total aos meios de informação e 10% e 12%,

respectivamente, para respondentes com níveis mais baixos de acesso) e territorial (5% para respondentes com acesso total e 10% para respondentes com baixo grau de acesso aos meios de informação).

Tabela 92 – Médias para o índice percentual de concordância com frases que expressam atitudes preconceituosas por grau de acesso aos meios de informação (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Atitude Preconceituosa - IPC (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Étnico-Racial	10	12	10	7	0,000	0,988	0,601	0,046	0,474	0,000	0,002
Deficiência	19	21	22	16	0,000	0,669	0,517	0,022	0,996	0,033	0,001
Gênero	31	25	22	17	0,000	0,992	0,731	0,053	0,637	0,000	0,000
Geracional	21	26	29	23	0,000	0,998	1,000	0,652	0,994	0,082	0,005
Socioeconômica	13	16	18	12	0,000	0,998	0,823	0,245	0,699	0,019	0,041
Territorial	7	10	9	5	0,000	0,782	0,570	0,046	0,974	0,040	0,003
Orientação sexual	17	16	13	9	0,000	0,470	0,139	0,002	0,799	0,006	0,002
Geral	15	17	16	11	0,000	0,889	0,470	0,009	0,706	0,000	0,000

As tabelas, a seguir, apresentam os valores médios obtidos para o índice percentual de distância social em relação para cada agrupamento de respondentes de acordo com o seu grau de acesso aos meios de informação.

Nota-se que embora haja diferenças para a distância social que os alunos estão predispostos a estabelecer com os grupos sociais pesquisados em função do seu grau de acesso aos meios de informação, essa diferença é, em geral, menor do que a verificada para as atitudes preconceituosas, não ultrapassando os 3 pontos percentuais. A exceção é a distância social em relação a moradores de áreas rurais que apresenta valores mais baixos para o índice percentual de distância social entre os respondentes de mais baixo acesso aos meios de informação (56%), enquanto respondentes com maior acesso apresentam maiores valores para as médias do índice percentual de distância social (62%, 62% e 64%, respectivamente).

Tabela 93 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por grau de acesso aos meios de informação (Alunos)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Pobre	67	69	68	66	0,000	0,025	0,684	0,981	0,169	0,002	0,327
Negro	60	61	60	58	0,005	0,956	0,975	0,117	0,658	0,006	0,132
Índio	68	69	69	68	0,074	0,490	0,873	0,938	0,856	0,102	0,413
Cigano	77	80	78	78	0,000	0,000	0,135	0,900	0,154	0,003	0,404
Homossexual	80	81	80	79	0,001	0,063	0,912	0,968	0,118	0,005	0,574
Morador da periferia/favela	65	68	68	68	0,005	0,011	0,018	0,086	0,999	0,941	0,974
Morador de área rural	56	62	62	64	0,000	0,000	0,000	0,000	1,000	0,611	0,565
Deficiente físico	68	69	69	68	0,009	0,056	0,337	0,997	0,743	0,053	0,377
Deficiente mental	80	80	79	78	0,000	0,280	0,997	0,323	0,212	0,000	0,106
Geral	69	71	70	70	0,000	0,000	0,028	0,737	0,251	0,002	0,259

Percebe-se que um número menor de grupos sociais que apresentam diferenças estatisticamente significantes para a distância social dos respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas, em função do grau de acesso aos meios de informação. As principais diferenças observadas indicam que respondentes do corpo técnico e administrativo com baixo acesso aos meios de informação apresentam maiores valores médios do que aqueles que têm acesso total à mídia para a distância social em relação a negros (78% entre os que têm baixo acesso e 69% entre os de total acesso), índios (83% e 69%, respectivamente) e pobres (81% e 69%).

Tabela 94 – Médias para o índice percentual de distância social em relação aos grupos sociais pesquisados por grau de acesso aos meios de informação (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Distância Social – IPCD (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Pobre	82	81	73	69	0,008	0,887	1,000	0,907	0,601	0,040	0,208
Negro	63	78	65	58	0,002	0,312	0,933	1,000	0,161	0,004	0,365
Índio	82	83	74	69	0,008	0,863	0,973	0,975	0,903	0,096	0,076
Cigano	94	84	81	78	0,115	0,968	0,880	0,559	0,979	0,517	0,460
Homossexual	79	87	82	76	0,034	0,876	0,987	0,986	0,861	0,149	0,218
Morador da periferia/favela	75	83	69	72	0,152	0,935	0,962	0,963	0,248	0,175	1,000
Morador de área rural	79	79	73	68	0,153	0,871	0,996	0,997	0,756	0,243	0,640
Deficiente físico	82	82	74	72	0,033	0,992	0,929	0,723	0,427	0,072	0,676
Deficiente mental	95	89	87	86	0,803	0,999	0,942	0,941	0,912	0,896	1,000
Geral	81	83	75	72	0,120	0,990	0,992	0,887	0,741	0,228	0,634

A tabela, a seguir, apresenta os valores médios obtidos para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* em relação aos diversos grupos sociais pesquisados para cada agrupamento de respondentes de acordo com o seu grau de acesso aos meios de informação.

Os resultados revelam que há diferenças de médias estatisticamente significantes para o conhecimento de situações de *bullying* entre os agrupamentos de alunos classificados de acordo com o acesso aos meios de informação, apenas para o bullying em que as vítimas são pessoas negras, homossexuais, pobres e moradores de periferia/ favela.

As diferenças observadas indicam que respondentes com o nível mais baixo de acesso aos meios de informação demonstram conhecer menos a ocorrência deste tipo de situação. É importante ressaltar, no entanto, que essas diferenças apresentam pequena amplitude, variando em torno de 2 e 3 pontos percentuais.

Tabela 95 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por grau de acesso aos meios de informação (Alunos)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Negro	10	12	13	12	0,000	0,000	0,000	0,000	0,138	0,952	0,506
Índio	4	4	3	3	0,646	1,000	0,945	0,781	0,943	0,741	0,958
Cigano	3	4	3	3	0,390	0,956	0,988	0,860	0,726	0,428	0,941
Homossexual	8	11	11	11	0,000	0,000	0,000	0,000	0,075	0,501	0,876
Deficiente físico	5	6	6	5	0,083	0,497	0,148	0,950	0,823	0,800	0,328
Deficiente mental	5	5	5	5	0,418	0,797	0,498	0,976	0,932	0,955	0,715
Pobre	10	12	12	12	0,000	0,001	0,000	0,008	0,438	0,976	0,290
Morador de periferia/favela	5	7	7	7	0,000	0,003	0,000	0,001	0,477	0,930	0,905
Morador de área rural	6	6	6	5	0,294	0,816	0,852	0,312	1,000	0,709	0,662
Idoso	8	9	9	9	0,028	0,170	0,034	0,147	0,857	0,994	0,967
Mulher	9	9	9	9	0,071	0,307	0,072	0,387	0,837	1,000	0,864
Geral	8	9	9	9	0,000	0,000	0,000	0,000	0,445	0,977	0,792

Entre os respondentes do corpo técnico e administrativo, no entanto, não foram verificadas diferenças estatisticamente significantes para as diferenças de média para o conhecimento de situações de *bullying* em relação aos grupos sociais pesquisados de acordo com o grau de acesso aos meios de informação.

Tabela 96 – Médias para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* por grau de acesso aos meios de informação (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i> – IPCSB (%)				Significância estatística da diferença						
	Muito Baixo (m1)	Baixo (m2)	Alto (m3)	Total (m4)	Total	m1 / m2	m1 / m3	m1 / m4	m2 / m3	m2 / m4	m3 / m4
Negro	4	5	6	6	0,575	0,976	0,932	0,809	0,995	0,881	0,882
Índio	2	0	1	1	0,760	0,837	0,874	0,792	0,995	1,000	0,982
Cigano	2	0	1	0	0,242	0,387	0,793	0,560	0,565	0,834	0,783
Homossexual	4	5	7	7	0,472	0,995	0,994	0,900	1,000	0,879	0,645
Deficiente físico	4	2	2	2	0,547	0,992	0,775	0,866	0,718	0,858	0,933
Deficiente mental	2	1	3	2	0,799	0,874	0,872	0,930	1,000	0,973	0,958
Pobre	6	5	7	5	0,787	1,000	0,978	1,000	0,960	1,000	0,795
Morador de periferia/favela	9	2	4	3	0,569	0,813	0,996	0,972	0,619	0,760	0,938
Morador de área rural	5	1	2	1	0,146	0,464	0,928	0,641	0,390	0,849	0,448
Idoso	6	4	6	6	0,748	0,983	1,000	0,999	0,871	0,753	0,996
Mulher	3	5	6	5	0,620	0,944	0,891	0,985	0,998	0,963	0,709
Geral	5	3	5	4	0,939	0,997	1,000	1,000	0,966	0,940	1,000

9.6 Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar de Acordo com a Participação em Cursos de Formação Continuada (diretores e professores)

As tabelas a seguir apresentam as médias para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas (IPC%), para o índice percentual de distância social (IPCD%) e para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* (IPCSB), de acordo com a participação de professores e diretores respondentes nas escolas em cursos de formação continuada.

De maneira geral, as atitudes preconceituosas dos diretores que participaram da pesquisa diferem muito pouco de acordo com a realização ou não de cursos de formação continuada, conforme indicado pela diferença de cerca de 1 ponto percentual para o IPC geral entre quem fez pelo menos um curso e quem não fez nenhum.

As maiores diferenças verificadas por meio dos resultados obtidos indicam também que diretores que realizaram cursos de educação para as relações étnico-raciais e de história e cultura da África e seus afro-descendentes apresentam valores mais baixos para o IPC geral do que aqueles que não participaram destes cursos..

Verifica-se também que cursos de maior carga horária parecem não resultar em atitudes necessariamente menos preconceituosas. Nota-se, que, por exemplo respondentes que realizaram cursos com menos de 40 horas nas áreas de direitos humanos, educação ambiental, gênero e identidade de gênero, história e cultura da África e seus afro-descendentes, história e cultura indígena, e identificação de exploração do trabalho infantil apresentam IPC um pouco mais baixo que aqueles que participaram de cursos com 40 ou mais horas de duração.

Entre as áreas temáticas, verifica-se que a diferença entre o IPC médio geral para quem fez algum dos cursos pesquisados e o observado entre aqueles que não fizeram nenhum dos cursos é maior para as áreas temáticas geracional e territorial. É importante notar também que, apesar da pequena diferença observada, o valor para o IPC médio geral para a área temática de identidade de gênero é menor entre os respondentes que não fizeram cursos de formação continuada.

Tabela 97 – Análise de Atitudes (IPC médio) de acordo com a participação em cursos de formação continuada (Diretores)

Curso de formação continuada	Fez/está fazendo	%	Média para o IPC (%)							
			Étnico-Racial	Neces. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econôm.	Territ.	Orient. Sexual	Total
Educação para relações étnico-raciais	Não fez	82,5	8,34	16,34	19,08	25,52	12,31	6,48	10,60	12,52
	< 40 hs	10,3	5,67	12,59	17,49	20,91	11,15	3,10	8,65	9,79
	> = 40 hs	7,3	5,48	10,28	17,74	22,32	7,53	3,14	6,06	8,78
Direitos Humanos	Não fez	79,9	8,04	15,92	17,98	25,37	12,00	6,33	9,78	12,09
	< 40 hs	8,3	7,15	12,78	17,41	18,61	14,88	4,05	8,49	10,61
	> = 40 hs	11,8	7,72	15,48	25,65	25,81	9,52	4,85	12,91	12,59
Educação ambiental	Não fez	65,5	7,87	15,96	20,28	26,80	12,12	6,72	10,43	12,48
	< 40 hs	20,1	6,86	13,85	13,09	20,35	10,93	2,72	8,14	9,86
	> = 40 hs	14,4	8,83	15,18	20,04	22,04	12,29	6,81	11,37	12,43
Gênero e identidade de gênero	Não fez	91,3	8,33	16,03	19,50	25,60	12,48	6,34	10,44	12,49
	< 40 hs	5,1	4,86	9,80	14,81	21,73	7,05	1,97	5,37	7,95
	> = 40 hs	3,6	5,76	14,35	10,62	17,48	9,22	4,02	9,08	9,16

Curso de formação continuada	Fez/está fazendo	%	Média para o IPC (%)							
			Étnico-Racial	Neces. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econôm.	Territ.	Orient. Sexual	Total
Educação no campo	Não fez	89,2	7,72	15,27	18,11	24,97	11,47	5,87	9,96	11,77
	< 40 hs	3,7	10,09	19,52	25,69	34,94	20,45	6,80	10,46	15,86
	> = 40 hs	7,1	6,68	15,10	23,35	17,53	10,65	3,04	8,67	10,78
História e cultura da África e seus afro-descendentes	Não fez	80,8	8,65	16,50	19,51	26,07	12,65	6,85	10,87	12,83
	< 40 hs	7,2	4,46	9,22	15,78	18,64	9,39	2,56	5,43	7,86
	> = 40 hs	11,9	5,62	13,47	17,18	21,70	9,43	2,43	8,86	9,73
História e cultura indígena	Não fez	92,2	8,14	16,19	19,39	25,31	12,09	6,08	10,43	12,35
	< 40 hs	3,1	5,24	7,25	17,06	16,24	5,82	2,37	4,66	7,25
	> = 40 hs	4,7	5,65	10,08	11,06	23,71	12,90	6,52	9,10	9,54
Identificação de exploração do trabalho infantil	Não fez	73,9	8,39	16,46	19,53	25,41	12,62	6,86	10,65	12,66
	< 40 hs	15,6	4,71	10,84	16,79	18,86	8,33	2,50	7,91	8,50
	> = 40 hs	10,5	9,64	16,70	17,37	30,02	12,97	5,13	10,38	13,13
Total	Não fez cursos	44,1	8,28	16,41	19,82	27,02	12,43	7,42	9,76	12,69
	Fez curso	55,9	7,66	15,08	18,29	23,35	11,56	4,84	10,65	11,60

Entre os professores, a diferença geral para o IPC entre aqueles que fizeram e os que não fizeram cursos de formação continuada também se mostra pequena, com cerca de 1 ponto percentual, na média. De maneira geral, quem fez cursos apresenta valores ligeiramente mais baixos para o IPC. Entretanto, conforme verificado entre os diretores, a participação em cursos de maior duração não necessariamente resulta em IPCs mais baixos, conforme é possível verificar para os cursos de direitos humanos, de educação ambiental, de educação no campo e de história e cultura indígena.

Nota-se também que professores que realizaram cursos de educação para as relações étnico-raciais e de história e cultura da África e seus afro-descendentes apresentam valores mais baixos para o IPC, especialmente aqueles que participaram de cursos com 40 ou mais horas de duração.

Tabela 98 – Análise de Atitudes (IPC médio) de acordo com a participação em cursos de formação continuada (Professores)

Curso de formação continuada	Fez/está fazendo	%	Média para o IPC (%)							
			Étnico-Racial	Neces. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econôm.	Territ.	Orient. Sexual	Total
Educação para relações étnico-raciais	Não fez	88,7	8,89	20,71	20,36	25,63	16,47	7,25	11,30	14,15
	< 40 hs	6,2	6,34	16,93	15,08	18,51	12,67	2,97	10,09	10,66
	> = 40 hs	5,1	6,57	13,09	11,24	21,91	13,01	4,04	7,54	9,84
Direitos Humanos	Não fez	88,9	8,46	20,00	19,70	24,50	15,82	7,06	10,79	13,59
	< 40 hs	6,3	9,12	18,21	17,15	27,43	15,04	4,18	10,28	13,12
	> = 40 hs	4,8	10,15	23,78	18,59	28,43	19,62	5,43	14,79	15,75
Educação ambiental	Não fez	71,8	8,57	19,66	19,73	24,08	16,32	6,82	11,16	13,61
	< 40 hs	14,0	8,06	20,91	16,73	26,09	14,91	7,63	8,46	13,14
	> = 40 hs	14,2	8,09	19,28	19,77	26,34	13,93	4,93	12,21	13,27
Gênero e identidade de gênero	Não fez	94,0	8,81	20,32	19,86	25,23	16,13	7,03	11,19	13,91
	< 40 hs	2,1	6,56	20,11	16,88	22,29	18,76	1,93	12,09	12,51
	> = 40 hs	3,9	5,11	16,62	15,20	21,74	13,19	5,25	6,98	10,34
Educação no campo	Não fez	93,6	8,60	19,97	19,44	24,90	16,25	6,86	11,03	13,69
	< 40 hs	3,6	4,70	19,61	11,91	20,81	8,33	7,01	8,75	10,19
	> = 40 hs	2,8	8,55	18,54	24,74	21,10	12,58	4,36	11,50	13,07
História e cultura da África e seus afro-descendentes	Não fez	83,3	9,04	20,66	20,22	25,34	16,55	7,26	11,49	14,20
	< 40 hs	8,7	6,95	21,19	20,79	25,07	16,36	6,01	8,32	13,06
	> = 40 hs	8,0	5,55	12,09	10,98	19,83	9,62	2,96	8,65	8,81
História e cultura indígena	Não fez	94,0	8,50	20,07	19,48	24,69	15,99	6,94	10,87	13,62
	< 40 hs	4,0	8,79	15,56	16,67	28,68	15,14	4,00	10,75	12,66
	> = 40 hs	2,0	11,07	26,99	25,02	25,97	17,19	6,14	16,18	16,97
Identificação de exploração do trabalho infantil	Não fez	85,1	8,74	19,65	19,41	24,35	16,26	6,80	11,20	13,66
	< 40 hs	8,0	8,32	20,78	18,36	27,09	16,50	5,38	12,89	13,92
	> = 40 hs	6,9	6,90	24,47	22,03	29,85	12,65	8,87	6,61	13,77
Total	Não fez cursos	52,8	8,99	20,28	20,00	24,07	16,45	7,44	11,80	14,03
	Fez curso	47,2	7,77	19,26	18,43	25,34	15,20	6,10	10,08	12,93

Os resultados obtidos indicam que a diferença para o IPCD, que exprime a distância social em relação aos grupos sociais pesquisados, entre os diretores que participaram de cursos de formação continuada e aqueles que não participaram destes cursos é um pouco maior do que a verificada para as atitudes.

Nota-se que para um número maior de cursos, diretores com participação com carga horária maior ou igual a 40 horas semanais apresentam os menores valores para o IPCD, como é o caso dos cursos de direitos humanos, de educação ambiental, de gênero e

identidade de gênero, da história e cultura da África e seus afro-descendentes e identificação de exploração do trabalho infantil.

É interessante notar, no entanto, que de maneira geral, diretores que participaram de cursos de educação no campo com 40 ou mais horas de duração apresentam valores bem mais altos que os demais para o IPCD.

Entre os tipos de distância social, nota-se que diretores que participaram de cursos apresentam média para o IPCD significativamente menor do que os que não participaram para a distância social em relação a negros, moradores da periferia / favelas e deficientes físicos. Entretanto, apresentam valor um pouco maior para a distância social em relação aos ciganos.

Tabela 99 – Análise de Distância Social (IPCD médio) de acordo com a participação em cursos de formação continuada (Diretores)

Curso de formação continuada	Fez/está fazendo	%	Média para o IPCD (%)									
			Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos-sexual	Perif.	Área Rural	Def. Fís.	Def. Men.	Total
Educação para relações étnico-raciais	Não fez	82,5	70,76	61,86	71,03	78,50	76,28	72,10	70,39	74,29	86,65	73,54
	< 40 hs	10,3	71,37	58,63	72,31	75,12	78,66	71,98	69,96	72,62	85,11	72,86
	> = 40 hs	7,3	75,52	57,15	73,42	74,93	76,99	71,20	70,90	73,00	83,11	72,91
Direitos Humanos	Não fez	79,9	70,40	62,39	70,97	78,56	77,64	73,14	70,72	75,84	86,03	73,96
	< 40 hs	8,3	73,74	54,55	73,38	76,70	72,98	71,78	69,97	70,59	83,97	71,96
	> = 40 hs	11,8	73,27	58,53	70,95	72,68	70,03	64,80	67,71	62,01	87,53	69,72
Educação ambiental	Não fez	65,5	73,56	64,52	72,19	77,74	76,32	73,02	70,71	75,15	87,21	74,49
	< 40 hs	20,1	69,48	56,64	71,43	78,79	76,60	71,96	70,93	70,26	83,81	72,22
	> = 40 hs	14,4	58,82	48,61	63,19	73,84	74,22	64,55	65,40	71,29	83,37	67,03
Gênero e identidade de gênero	Não fez	91,3	70,77	62,12	71,58	77,52	76,00	72,07	70,51	73,94	86,47	73,44
	< 40 hs	5,1	83,23	48,15	68,21	85,61	82,68	77,13	74,05	81,46	84,09	76,07
	> = 40 hs	3,6	48,60	44,29	58,89	67,23	68,90	56,12	49,35	51,28	78,61	58,14
Educação no campo	Não fez	89,2	70,10	60,86	70,20	76,94	75,97	71,33	68,73	73,02	86,42	72,62
	< 40 hs	3,7	59,56	43,11	57,83	71,19	65,49	66,21	72,77	62,32	79,27	64,20
	> = 40 hs	7,1	87,91	76,39	90,38	93,30	84,74	83,16	88,51	92,59	92,01	87,67
História e cultura da África e seus afro-descendentes	Não fez	80,8	70,48	61,67	71,03	78,40	76,40	72,08	70,80	74,14	86,87	73,54
	< 40 hs	7,2	82,55	64,19	79,36	83,03	79,48	82,47	73,22	77,97	87,12	78,82
	> = 40 hs	11,9	70,98	57,22	69,36	71,59	76,19	66,87	65,47	70,42	80,98	69,90

Curso de formação continuada	Fez/está fazendo	%	Média para o IPCD (%)									
			Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Perif.	Área Rural	Def. Fís.	Def. Men.	Total
História e cultura indígena	Não fez	92,2	70,86	61,34	70,99	77,43	76,43	71,61	70,16	73,66	86,04	73,17
	< 40 hs	3,1	73,69	50,60	75,32	83,12	79,46	77,78	68,10	77,22	91,67	75,22
	> = 40 hs	4,7	73,40	64,00	73,06	81,06	73,94	74,46	72,17	75,66	86,36	74,90
Identificação de exploração do trabalho infantil	Não fez	73,9	70,81	62,49	70,54	77,30	76,78	72,52	69,80	73,86	85,27	73,26
	< 40 hs	15,6	75,20	61,67	75,50	81,15	80,25	75,53	78,22	76,78	89,15	77,05
	> = 40 hs	10,5	65,09	49,51	67,62	74,61	67,09	60,50	59,76	67,30	86,99	66,50
Total	Não fez cursos	44,1	72,66	66,26	71,33	76,64	77,69	75,94	71,01	77,55	86,98	75,12
	Fez curso	55,9	69,58	56,48	70,94	78,46	75,29	68,50	69,25	70,79	85,52	71,65

Também para professores a diferença para o IPCD, que exprime a distância social, entre aqueles que participaram de cursos de formação continuada e aqueles que não participaram destes cursos é um pouco maior do que a verificada para as atitudes (cerca de 4 pontos percentuais).

De acordo com as respostas dos professores participantes da pesquisa, nota-se que nem todos os cursos com carga horária maior que 40 horas apresentam os menores valores para o IPCD, como é o caso dos cursos de educação para relações étnico-raciais, educação no campo, história e cultura da África e seus afro-descendentes e de identificação de exploração do trabalho infantil, que apresentaram menor IPC para os cursos de curta duração (menos de 40 horas semanais).

Entre os tipos de distância social, aquelas relacionadas aos moradores de periferia / favelas e de áreas rurais são as que apresentam maior diferença entre o IPCD de quem fez e quem não fez cursos de formação continuada.

Tabela 100 – Análise de Distância Social (IPCD médio) de acordo com a participação em cursos de formação continuada (Professores)

Curso de formação continuada	Fez/está fazendo	%	Média para o IPCD (%)									
			Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Perif.	Área Rural	Def. Fís.	Def. Men.	Total
Educação para relações étnico-raciais	Não fez	88,7	62,64	54,75	62,31	70,85	69,48	64,06	62,34	64,45	77,67	65,39
	< 40 hs	6,2	60,30	49,23	58,73	68,51	60,52	56,40	54,79	57,14	76,52	60,25
	> = 40 hs	5,1	67,53	65,32	67,31	75,31	66,28	70,19	67,98	71,18	74,42	69,51
Direitos Humanos	Não fez	88,9	62,43	54,23	62,31	71,35	69,12	63,82	62,16	64,68	77,55	65,30
	< 40 hs	6,3	65,18	61,73	61,30	66,88	65,44	62,18	63,39	65,72	80,50	65,84
	> = 40 hs	4,8	61,10	56,28	59,47	63,37	64,31	61,39	54,89	56,90	71,21	60,99
Educação ambiental	Não fez	71,8	63,66	56,33	63,65	71,99	70,06	65,54	64,67	66,07	78,05	66,67
	< 40 hs	14,0	61,19	51,28	60,03	69,19	66,42	58,00	54,37	59,91	74,68	61,69
	> = 40 hs	14,2	58,42	48,22	55,84	65,07	62,69	59,40	54,63	59,80	76,53	60,07
Gênero e identidade de gênero	Não fez	94,0	63,14	55,42	62,89	71,56	69,22	64,33	62,77	64,98	77,58	65,77
	< 40 hs	2,1	50,99	42,25	50,34	62,07	57,15	54,02	46,98	49,08	68,71	53,52
	> = 40 hs	3,9	52,42	41,23	47,21	52,75	58,46	50,37	47,08	56,20	79,23	53,96
Educação no campo	Não fez	93,6	62,94	54,96	62,42	70,94	69,08	64,27	62,02	64,47	77,72	65,43
	< 40 hs	3,6	52,17	47,80	51,42	61,01	55,62	52,76	50,91	58,80	67,15	55,29
	> = 40 hs	2,8	59,64	48,05	56,19	74,56	64,47	62,23	63,41	61,63	77,66	63,09
História e cultura da África e seus afro-descendentes	Não fez	83,3	63,24	54,83	62,66	71,19	69,55	64,21	62,25	65,41	78,60	65,77
	< 40 hs	8,7	55,04	49,01	57,41	68,69	62,21	58,20	59,44	56,12	73,27	59,93
	> = 40 hs	8,0	61,23	57,05	59,58	65,57	64,72	61,51	59,54	60,64	67,60	61,96
História e cultura indígena	Não fez	94,0	62,31	54,29	62,21	70,74	68,79	63,48	61,88	64,36	77,64	65,08
	< 40 hs	4,0	68,21	65,86	62,20	70,42	65,40	65,35	62,60	64,77	72,16	66,34
	> = 40 hs	2,0	54,31	47,44	50,79	58,19	60,12	59,25	52,49	55,65	70,95	56,58
Identificação de exploração do trabalho infantil	Não fez	85,1	62,45	55,60	63,22	71,36	68,91	64,77	63,13	64,49	77,55	65,72
	< 40 hs	8,0	56,24	48,87	52,96	64,28	63,60	56,69	53,92	63,73	75,83	59,58
	> = 40 hs	6,9	70,46	51,42	58,62	70,24	70,44	57,34	54,99	62,94	77,51	63,78
Total	Não fez cursos	52,8	63,13	56,07	63,26	72,63	70,45	66,66	64,49	66,42	77,88	66,78
	Fez curso	47,2	61,78	52,60	60,13	68,73	65,87	60,40	58,67	61,73	76,79	62,97

Diretores que fizeram cursos de formação continuada em 2007 apresentam menores valores para o índice percentual de distância social do que aqueles que os fizeram em 2006 e 2008. Esse resultado pode ser verificado para todas as modalidades de cursos estudadas.

Os respondentes que fizeram em 2006 os cursos de educação para relações étnico-raciais, direitos humanos, educação no campo e história e cultura da África e seus afro-descendentes apresentam maiores valores para o IPCD do que aqueles que os fizeram em

2007 e 2008. Por outro lado, os diretores que fizeram em 2008 os cursos de educação ambiental, gênero e identidade de gênero, história e cultura indígena e identificação de exploração do trabalho infantil apresentaram maiores valores para o IPCD do que os que realizaram estes cursos nos dois anos anteriores.

Se por um lado os diretores que realizaram cursos de formação continuada em 2007 apresentam menores valores para a distância social para todos os cursos, apresentam também os menores valores para as atitudes preconceituosas apenas para três dos oito cursos pesquisados (direitos humanos, educação ambiental e identificação de exploração do trabalho infantil). Os diretores que participaram dos cursos de educação para relações étnico-raciais, gênero e identidade de gênero, educação no campo e história e cultura da África e seus afro-descendentes em 2007, apesar de apresentarem os valores mais baixos para o IPCD apresentaram os valores mais altos para o IPC (atitudes preconceituosas), quando comparados com os diretores que participaram destes cursos em 2006 e 2008.

Tabela 101 – Análise de Atitudes (IPC médio) e Distância Social (IPCD médio) por ano de participação em cursos de formação continuada com mais de 40 horas (Diretores)

Curso de formação continuada	Indicador	Ano		
		2006	2007	2008
Educação para relações étnico-raciais	IPCD % (Dist. Soc.)	75,4	60,3	67,6
	IPC % (Atitudes)	8,4	12,2	7,7
Direitos Humanos	IPCD % (Dist. Soc.)	78,8	69,9	71,6
	IPC % (Atitudes)	11,1	9,1	13,9
Educação ambiental	IPCD % (Dist. Soc.)	65,1	61,7	69,1
	IPC % (Atitudes)	12,3	10,9	14,1
Gênero e identidade de gênero	IPCD % (Dist. Soc.)	68,3	35,7	91,2
	IPC % (Atitudes)	7,0	15,3	8,2
Educação no campo	IPCD % (Dist. Soc.)	100,0	79,9	90,2
	IPC % (Atitudes)	0,0	19,9	8,2
História e cultura da África e seus afro-descendentes	IPCD % (Dist. Soc.)	88,9	62,1	67,5
	IPC % (Atitudes)	4,9	14,5	11,3
História e cultura indígena	IPCD % (Dist. Soc.)	66,7	65,5	81,2
	IPC % (Atitudes)	6,1	6,2	20,7
Identificação de exploração do trabalho infantil	IPCD % (Dist. Soc.)	65,5	67,4	71,0
	IPC % (Atitudes)	18,8	7,8	17,3

Tabela 102 – Análise de Atitudes (IPC médio) e Distância Social (IPCD médio) por ano de participação em cursos de formação continuada com mais de 40 horas (Professores)

Curso de formação continuada	Indicador	Ano		
		2006	2007	2008
Educação para relações étnico-raciais	IPCD % (Dist. Soc.)	72,7	72,2	69,9
	IPC % (Atitudes)	8,8	7,6	11,5
Direitos Humanos	IPCD % (Dist. Soc.)	69,4	57,7	61,3
	IPC % (Atitudes)	15,1	17,1	23,2
Educação ambiental	IPCD % (Dist. Soc.)	63,5	61,1	65,8
	IPC % (Atitudes)	11,6	10,5	18,5
Gênero e identidade de gênero	IPCD % (Dist. Soc.)	52,2	66,4	68,9
	IPC % (Atitudes)	13,6	15,5	7,9
Educação no campo	IPCD % (Dist. Soc.)	33,8	57,7	74,3
	IPC % (Atitudes)	11,6	14,5	9,5
História e cultura da África e seus afro-descendentes	IPCD % (Dist. Soc.)	62,0	71,0	49,7
	IPC % (Atitudes)	5,3	7,5	11,0
História e cultura indígena	IPCD % (Dist. Soc.)	50,1	82,4	34,6
	IPC % (Atitudes)	10,5	25,5	2,8
Identificação de exploração do trabalho infantil	IPCD % (Dist. Soc.)	59,7	67,5	70,7
	IPC % (Atitudes)	16,2	18,3	14,2

9.7 Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no Ambiente Escolar de Acordo com Características Específicas das Escolas Pesquisadas

Essa análise consistiu na comparação descritiva para as escolas pesquisadas para o índice percentual de concordância com as frases que expressam atitudes preconceituosas (IPC), para o índice percentual de distância social (IPCD) e para o índice de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* (IPCSB), de acordo com características específicas das escolas, obtidas a partir de informações do Censo Escolar de 2007.

Foram analisados os valores obtidos para o IPC e IPCD geral para escola, mas também o valores do IPC e do IPCD para cada público alvo da pesquisa nestas mesmas escolas. Para a análise de conhecimento de situações de *bullying*, foi analisado o conhecimento geral da ocorrência destas situações nas escolas e também o conhecimento da ocorrência de tais situações quando a vítima é aluno, quando é professor e quando é funcionário.

As diferenças para os indicadores de preconceito e discriminação para escolas estaduais e municipais se mostram reduzidas, com estas últimas apresentando valores ligeiramente maiores que os verificados entre as escolas estaduais.

As principais diferenças indicam que Diretores e Professores das escolas municipais apresentam distância social um pouco mais intensa do que a verificada entre respondentes de escolas estaduais.

Tabela 103 – Indicadores de Preconceito e Discriminação por Dependência Administrativa das Escolas

Indicador		Estadual (60,1%)	Municipal (39,9%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	8,3	8,7	0,38
<i>Bullying – Vítima Alunos</i>	IPCSB (%)	10,7	10,8	0,15
<i>Bullying – Vítima Funcionários</i>	IPCSB (%)	4,8	6,0	1,25
<i>Bullying – Vítima Professores</i>	IPCSB (%)	5,3	6,3	0,92
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,8	64,0	0,16
Distância Social Diretores	IPCD (%)	70,7	77,0	6,26
Distância Social Professores	IPCD (%)	63,0	68,3	5,30
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	65,8	67,7	1,92
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,7	63,2	-0,50
Distância Social Pais	IPCD (%)	63,2	61,9	-1,32
Atitudes Geral	IPC (%)	26,4	29,8	3,36
Atitudes Diretores	IPC (%)	11,9	12,2	0,25
Atitudes Professores	IPC (%)	13,3	14,1	0,77
Atitudes Funcionários	IPC (%)	20,2	21,5	1,25
Atitudes Alunos	IPC (%)	27,1	31,1	3,97
Atitudes Pais	IPC (%)	23,2	25,2	1,99

A diferença para os valores dos indicadores de discriminação e preconceito também se mostra pequena entre escolas que possuem diferenças no tamanho médio de suas turmas. Escolas com turmas maiores apresentam valores um pouco maiores que as demais para o conhecimento de situações de *bullying*, especialmente quando a vítima é um aluno. No entanto, esta diferença é menor do que 3 pontos percentuais (2 pontos percentuais para o conhecimento de *bullying*, de maneira geral nas escolas).

Em termos de distância social, é bastante pequena a diferença entre as escolas, de acordo com o tamanho médio de suas turmas. A maior diferença verificada indica que escolas com turmas menores apresentam valores um pouco maiores para o IPCD verificado entre os professores.

As diferenças em termos de atitudes também não se mostram relevantes, exceto para a atitude preconceituosa de diretores que se mostrou um pouco menor em escolas com turmas maiores.

Tabela 104 – Indicadores de Preconceito e Discriminação por Tamanho Médio das Turmas das Escolas (número médio de alunos por turma)

Indicador		Até 27 alunos (50%)	27 a 33 alunos (29,7%)	34 ou mais alunos (20,3%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	7,8	8,6	9,8	2,0
Bullying – Vítima Alunos	IPCSB (%)	9,7	11,0	12,7	2,9
Bullying – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	5,1	5,3	5,8	0,7
Bullying – Vítima Professores	IPCSB (%)	5,4	5,7	6,5	1,2
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,7	64,0	64,1	0,3
Distância Social Diretores	IPCD (%)	74,5	71,6	72,6	2,8
Distância Social Professores	IPCD (%)	67,1	62,9	63,1	4,1
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	65,5	67,7	67,8	2,3
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,2	63,9	63,9	0,7
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,2	63,5	62,7	1,3
Atitudes Geral	IPC (%)	28,0	28,2	26,3	1,9
Atitudes Diretores	IPC (%)	12,6	13,2	9,0	4,1
Atitudes Professores	IPC (%)	13,1	14,1	14,0	1,0
Atitudes Funcionários	IPC (%)	21,0	21,0	19,7	1,3
Atitudes Alunos	IPC (%)	29,3	29,0	26,9	2,4
Atitudes Pais	IPC (%)	25,2	21,6	24,6	3,6

Novamente, as diferenças são bastante pequenas para o conhecimento de situações *bullying* entre escolas com diferentes médias para a duração de suas turmas, com conhecimento ligeiramente maior de tais situações em escolas com turmas de menor duração.

É menor ainda a diferença geral para a distância social entre as escolas, de acordo com a duração média de suas turmas, especialmente entre os alunos. No entanto, nota-se que para o público de professores essa diferença é consideravelmente menor. Professores de escolas com maior tempo médio de duração para as turmas apresentam menor distância social em relação aos grupos sociais pesquisados do que os de escolas com tempo médio menor.

As diferenças são um pouco maiores para as atitudes verificadas entre os públicos alvo da pesquisa nas escolas para as atitudes preconceituosas que declararam. Escolas com turmas de menor duração apresentam respondentes com atitudes mais preconceituosas que as demais, sendo que os alunos apresentam as maiores diferenças em suas atitudes de acordo com o tempo médio de duração das turmas.

Tabela 105 – Indicadores de Preconceito e Discriminação por Duração Média das Turmas das Escolas em Minutos

Indicador		Até 244 minutos (36,9%)	245 a 262 minutos (31,6%)	263 ou mais minutos (31,5%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	8,9	8,8	7,4	1,5
Bullying – Vítima Alunos	IPCSB (%)	11,1	11,3	9,6	1,8
Bullying – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	6,0	5,6	4,1	1,9
Bullying – Vítima Professores	IPCSB (%)	6,5	5,9	4,6	1,9
Distância Social Geral	IPCD (%)	64,1	63,5	64,1	0,6
Distância Social Diretores	IPCD (%)	74,0	74,2	71,4	2,8
Distância Social Professores	IPCD (%)	68,9	64,8	60,8	8,2
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	67,2	65,7	66,8	1,4
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,6	63,1	63,8	0,8
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,9	64,1	61,0	3,1
Atitudes Geral	IPC (%)	30,8	26,8	25,2	5,6
Atitudes Diretores	IPC (%)	13,9	11,2	10,6	3,3
Atitudes Professores	IPC (%)	15,4	12,0	13,1	3,4
Atitudes Funcionários	IPC (%)	23,1	19,2	19,4	3,9
Atitudes Alunos	IPC (%)	31,9	27,7	25,9	6,1
Atitudes Pais	IPC (%)	24,3	23,6	24,2	0,7

É muito pequena a diferença na ocorrência de situações de *bullying* nas escolas de acordo com o número de computadores que possuem. No entanto, observam-se diferenças, algumas relevantes em termos de distância social e de atitudes preconceituosas em função do número de computadores existentes nas escolas.

Entre os respondentes do público alvo de alunos nas escolas pesquisadas, nota-se que a diferença na distância social é pequena em função da quantidade de computadores existentes na escola. Entretanto, quanto maior o número de computadores, menor a distância social verificada entre diretores e, principalmente, entre professores.

Não somente a distância social é menor nas escolas com mais computadores, como também a atitude preconceituosa apresenta níveis mais baixos para todos os públicos nestas escolas, especialmente entre os pais de alunos e entre os diretores.

Tabela 106 – Indicadores de Preconceito e Discriminação por Número de Computadores nas Escolas

Indicador		Não tem comps. (14,7%)	Até 6 comps. (39,1%)	7 a 15 comps. (24,1%)	16 ou mais comps. (22%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,3	8,3	8,3	8,9	0,6
Bullying – Vítima Alunos	IPCSB(%)	9,9	10,4	10,9	11,5	1,5
Bullying – Vítima Funcionários	IPCSB(%)	6,2	5,3	4,8	5,2	1,4
Bullying – Vítima Professores	IPCSB(%)	6,6	5,7	5,2	5,7	1,4
Distância Social Geral	IPCD (%)	64,2	63,6	64,3	63,7	0,8
Distância Social Diretores	IPCD (%)	78,7	74,7	71,3	69,2	9,5
Distância Social Professores	IPCD (%)	74,7	66,6	62,0	59,2	15,5
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	70,1	64,6	67,2	67,2	5,5
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,7	63,3	64,4	63,5	1,6
Distância Social Pais	IPCD (%)	64,5	62,7	60,0	64,3	4,5
Atitudes Geral	IPC (%)	29,8	28,7	26,5	25,9	3,9
Atitudes Diretores	IPC (%)	14,5	13,6	10,1	9,7	4,8
Atitudes Professores	IPC (%)	14,2	14,5	13,7	11,5	3,0
Atitudes Funcionários	IPC (%)	22,9	21,9	19,7	18,3	4,6
Atitudes Alunos	IPC (%)	31,2	29,8	27,3	26,6	4,6
Atitudes Pais	IPC (%)	28,2	25,1	22,2	21,2	7,0

Assim como verificado para o número de computadores existentes na escola, praticamente não há diferenças na ocorrência de situações de *bullying* de acordo com o acesso ou não à Internet.

Escolas com acesso, no entanto, apresentam menor distância social para todos os públicos, exceto para o público de alunos, para o qual a diferença é muito pequena e ligeiramente maior nas escolas que possuem acesso à Internet. A maior diferença verificada foi entre os professores, que apresentam distância social maior nas escolas que não possuem este acesso.

É importante notar, todavia, que estes mesmos professores são os que apresentam as menores diferenças (praticamente inexistente) para as atitudes preconceituosas de acordo com o acesso ou não à Internet na escola. Os demais públicos apresentam atitudes menos preconceituosas em escolas que possuem acesso à Internet, especialmente os pais de alunos, os funcionários e diretores de escola.

Tabela 107 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com o Acesso à Internet

Indicador		Não tem acesso à Internet (46,1%)	Tem acesso à Internet (53,9%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,2	8,6	0,45
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB(%)	10,1	11,2	1,17
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB(%)	5,6	5,0	0,60
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB(%)	6,0	5,4	0,59
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,7	64,1	0,39
Distância Social Diretores	IPCD (%)	74,4	72,2	2,19
Distância Social Professores	IPCD (%)	69,0	61,7	7,27
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	67,8	65,5	2,29
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,0	64,0	1,00
Distância Social Pais	IPCD (%)	64,0	61,5	2,52
Atitudes Geral	IPC (%)	29,3	26,5	2,81
Atitudes Diretores	IPC (%)	14,8	9,7	5,17
Atitudes Professores	IPC (%)	13,5	13,7	0,15
Atitudes Funcionários	IPC (%)	23,5	18,3	5,26
Atitudes Alunos	IPC (%)	30,3	27,3	3,06
Atitudes Pais	IPC (%)	27,0	21,4	5,61

Os resultados indicam que em escolas com formas alternativas à rede pública para o abastecimento de água, como poços artesianos, cacimbas etc., o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* é ligeiramente menor do que naquelas que são abastecidas por meio da rede pública de água.

É importante observar, no entanto, que nas escolas que não são abastecidas pela rede pública a distância social de diretores e professores é maior do que nas demais. O mesmo é verificado para as atitudes preconceituosas de diretores e, principalmente, de funcionários, que é maior nas escolas que não são abastecidas pela rede pública de água.

Tabela 108 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com o Tipo de Abastecimento de Água nas Escolas

Indicador		Inexistente ou outras formas (14%)	Rede Pública (86%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	6,2	8,8	2,6
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	7,6	11,2	3,6
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	4,2	5,5	1,3
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	4,4	5,9	1,5
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,1	64,0	0,9
Distância Social Diretores	IPCD (%)	84,5	71,4	13,2
Distância Social Professores	IPCD (%)	69,3	64,3	5,0
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,9	66,5	0,4
Distância Social Alunos	IPCD (%)	61,9	63,8	1,9
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,2	62,8	0,5
Atitudes Geral	IPC (%)	27,0	27,9	0,9
Atitudes Diretores	IPC (%)	15,0	11,6	3,5
Atitudes Professores	IPC (%)	12,1	13,8	1,8
Atitudes Funcionários	IPC (%)	26,8	19,7	7,0
Atitudes Alunos	IPC (%)	28,1	28,8	0,7
Atitudes Pais	IPC (%)	25,7	23,8	1,9

A ocorrência de *bullying* difere ainda menos entre as escolas de acordo com a forma de tratamento de esgoto que apresentam, sendo ligeiramente mais freqüente em escolas que não possuem o esgoto tratado por meio da rede pública.

Nessas escolas, observa-se também maior distância social entre praticamente todos os públicos alvo pesquisados, exceto entre os alunos, que apresentam distância social ligeiramente maior nas escolas que possuem tratamento de esgoto por meio da rede pública. Assim como para o abastecimento de água, escolas que não contam com a rede pública apresentam maior distância social para seus professores e, principalmente, para os diretores.

Os respondentes nestas escolas apresentam também atitudes mais preconceituosas do que naquelas atendidas pela rede pública. Entre os públicos alvo pesquisados, os funcionários são os que apresentam as maiores diferenças nas atitudes preconceituosas de acordo com o tipo de tratamento de esgoto na escola. Nota-se, que assim como verificado para as distâncias sociais, os alunos apresentam resultados diferentes dos demais públicos. Este grupo praticamente não apresenta diferença para as atitudes preconceituosas, com valores ligeiramente mais altos nas escolas atendidas pela rede pública de esgoto.

Tabela 109 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com o Tipo de Tratamento de Esgoto

Indicador		Inexistente ou fossa (49,6%)	Rede Pública (50,4%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	8,6	8,3	0,3
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	10,7	10,7	0,1
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	5,9	4,7	1,2
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	6,2	5,3	0,9
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,5	64,3	0,8
Distância Social Diretores	IPCD (%)	77,2	69,4	7,8
Distância Social Professores	IPCD (%)	67,9	62,3	5,6
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,9	66,3	0,5
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,7	64,3	1,6
Distância Social Pais	IPCD (%)	64,4	60,9	3,5
Atitudes Geral	IPC (%)	29,2	26,3	2,9
Atitudes Diretores	IPC (%)	13,4	10,7	2,7
Atitudes Professores	IPC (%)	13,6	13,6	0,1
Atitudes Funcionários	IPC (%)	22,8	18,7	4,1
Atitudes Alunos	IPC (%)	30,3	27,1	3,2
Atitudes Pais	IPC (%)	26,0	22,1	3,9

Assim como para as questões relacionadas à infra-estrutura básica das escolas, a diferença no conhecimento de situações de *bullying* entre as escolas que não fornecem alimentação escolar para os alunos e aquelas que a fornecem é reduzida. As escolas que fornecem alimentação apresentam incidência ligeiramente maior destas situações do que as que não fornecem alimentação.

Os resultados indicam que os diretores de escolas que fornecem alimentação escolar para os alunos apresentam maior distância social. No entanto, nestas escolas a distância social verificada entre os professores e, principalmente, entre os funcionários e pais é menor do que aquela observada em escolas que não fornecem alimentação.

Nota-se ainda que praticamente não há diferenças em termos das atitudes preconceituosas nas escolas de acordo com o fornecimento de alimentação escolar.

Tabela 110 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com fornecimento de alimentação escolar para os alunos

Indicador		Não fornece alimentação (8,2%)	Fornece alimentação (91,8%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	6,6	8,6	1,9
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	8,3	10,9	2,6
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	4,3	5,4	1,1
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	4,7	5,8	1,1
Distância Social Geral	IPCD (%)	62,7	64,0	1,3
Distância Social Diretores	IPCD (%)	64,1	74,0	9,9
Distância Social Professores	IPCD (%)	67,7	64,8	2,9
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	74,4	65,9	8,6
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,2	63,6	1,5
Distância Social Pais	IPCD (%)	69,3	62,1	7,3
Atitudes Geral	IPC (%)	26,5	27,9	1,3
Atitudes Diretores	IPC (%)	13,5	11,9	1,6
Atitudes Professores	IPC (%)	13,2	13,6	0,4
Atitudes Funcionários	IPC (%)	23,4	20,5	2,9
Atitudes Alunos	IPC (%)	26,9	28,8	1,9
Atitudes Pais	IPC (%)	22,7	24,1	1,5

Em termos dos espaços existentes, nota-se também que a diferença no conhecimento de situações de *bullying* é bem pequena em função da existência ou não de cozinha nas escolas, com incidência ligeiramente maior em escolas que contam com este espaço.

A distância social nas escolas que não possuem cozinha é bem maior entre diretores, professores, funcionários e pais do que nas que contam com este espaço. É importante ressaltar que entre os alunos praticamente não existe diferença.

De maneira geral, as escolas que possuem cozinha apresentam atitudes preconceituosas maiores do que nas escolas que não contam com estas instalações, sendo que a maior diferença é verificada entre os pais de alunos. Nota-se, no entanto, que os funcionários das escolas que não possuem cozinha mostram-se mais preconceituosos do que os das escolas que apresentam este espaço.

Tabela 111 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Cozinha na Escola

Indicador		Não possui cozinha (6,1%)	Possui cozinha (93,9%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	7,5	8,5	1,0
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	9,0	10,8	1,8
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	5,4	5,3	0,1
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	6,0	5,7	0,3
Distância Social Geral	IPCD (%)	64,7	63,8	0,9
Distância Social Diretores	IPCD (%)	85,7	72,4	13,2
Distância Social Professores	IPCD (%)	75,0	64,4	10,7
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	78,3	65,8	12,5
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,8	63,6	0,8
Distância Social Pais	IPCD (%)	75,7	61,8	13,9
Atitudes Geral	IPC (%)	24,6	28,0	3,4
Atitudes Diretores	IPC (%)	11,4	12,1	0,7
Atitudes Professores	IPC (%)	11,0	13,8	2,8
Atitudes Funcionários	IPC (%)	24,0	20,5	3,5
Atitudes Alunos	IPC (%)	25,4	28,9	3,5
Atitudes Pais	IPC (%)	17,8	24,4	6,6

Novamente, a diferença no conhecimento de situações de *bullying* é pequena em função da existência ou não de diretoria nas escolas, com incidência um pouco maior, especialmente quando as vítimas são alunos, em escolas que contam com estas instalações.

No entanto, verifica-se que escolas que possuem diretoria apresentam, na média, menor distância social entre todos os públicos, exceto entre os alunos. As maiores diferenças observadas indicam que diretores e funcionários de escolas que não possuem diretorias apresentam maior distância social.

De maneira geral, as escolas que possuem cozinha apresentam atitudes preconceituosas maiores do que nas escolas que não contam com estas instalações, sendo que a maior diferença é verificada entre os pais de alunos. Nota-se, no entanto, que os funcionários das escolas que não possuem cozinha mostram-se mais preconceituosos do que os das escolas que apresentam este espaço.

Nota-se ainda que alunos e, principalmente os pais e professores de escolas que possuem diretoria apresentam atitudes mais preconceituosas.

Tabela 112 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Diretoria nas escolas

Indicador		Não possui diretoria (10,2%)	Possui Diretoria (89,8%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	5,8	8,7	2,9
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	7,4	11,1	3,7
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	3,7	5,5	1,8
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	4,0	5,9	1,9
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,2	64,0	0,8
Distância Social Diretores	IPCD (%)	80,9	72,4	8,6
Distância Social Professores	IPCD (%)	69,4	64,5	4,9
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	74,4	65,7	8,7
Distância Social Alunos	IPCD (%)	61,6	63,7	2,1
Distância Social Pais	IPCD (%)	67,9	62,1	5,8

Indicador		Não possui diretoria (10,2%)	Possui Diretoria (89,8%)	Diferença
Atitudes Geral	IPC (%)	24,9	28,1	3,1
Atitudes Diretores	IPC (%)	12,6	12,0	0,7
Atitudes Professores	IPC (%)	9,2	14,1	4,9
Atitudes Funcionários	IPC (%)	22,4	20,5	1,9
Atitudes Alunos	IPC (%)	26,1	29,0	2,9
Atitudes Pais	IPC (%)	20,1	24,5	4,4

A diferença para o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* entre escolas que possuem e aquelas que não possuem sala de professores é bem pequena. Nota-se ocorrência ligeiramente maior de situações de *bullying* nas quais as vítimas são alunos em escolas que possuem estas instalações.

Nota-se, no entanto, que escolas que possuem sala de professores apresentam distâncias sociais mais baixas que aquelas que não possuem este espaço, exceto entre os alunos, que praticamente não apresentam diferenças. Os públicos que apresentam as maiores diferenças são os de funcionários e, principalmente, os de diretores e professores.

A mesma situação é observada para as atitudes preconceituosas, que se mostra ligeiramente mais forte em escolas que não possuem sala de professores. Entretanto, esta diferença se mostra pequena entre todos os públicos pesquisados.

Tabela 113 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Sala de Professores nas escolas

Indicador		Possui sala de professores (16%)	Não possui sala de professores (84%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	7,5	8,6	1,1
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	9,1	11,0	2,0
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	5,5	5,3	0,2
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	5,8	5,7	0,1

Indicador		Possui sala de professores (16%)	Não possui sala de professores (84%)	Diferença
Distância Social Geral	IPCD (%)	64,5	63,8	0,7
Distância Social Diretores	IPCD (%)	82,9	71,4	11,5
Distância Social Professores	IPCD (%)	75,8	63,0	12,8
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	72,3	65,5	6,8
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,8	63,7	0,9
Distância Social Pais	IPCD (%)	66,0	62,0	4,0
Atitudes Geral	IPC (%)	28,6	27,6	1,0
Atitudes Diretores	IPC (%)	14,0	11,7	2,3
Atitudes Professores	IPC (%)	13,9	13,5	0,4
Atitudes Funcionários	IPC (%)	21,6	20,5	1,1
Atitudes Alunos	IPC (%)	30,2	28,4	1,8
Atitudes Pais	IPC (%)	23,3	24,2	0,8

De maneira geral, são pequenas as diferenças de preconceito e discriminação entre as escolas de acordo com a existência de quadra de esportes.

A ocorrência de situações de *bullying* em que alunos são as vítimas é ligeiramente maior em escolas que possuem quadra de esportes, apesar de esta diferença ser pequena.

Em escolas que não possuem quadras de esportes, verifica-se atitude um pouco mais preconceituosa entre todos os públicos da pesquisa.

Em relação à distância social, observa-se a mesma situação: praticamente todos os públicos apresentam maior distância social em escolas que não possuem quadras de esporte, especialmente os diretores e professores. No entanto, os alunos são uma exceção, uma vez que apresentam diferença muito pequena e distância social ligeiramente maior em escolas que possuem quadras de esportes.

Tabela 114 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Quadra de Esportes nas escolas

Indicador		Não possui quadra de esportes (41,6%)	Possui quadra de esportes (58,4%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB (%)	7,6	9,0	1,3
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB (%)	9,5	11,6	2,1
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB (%)	5,0	5,5	0,5
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB (%)	5,5	5,9	0,4
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,7	64,0	0,2
Distância Social Diretores	IPCD (%)	76,4	70,9	5,5
Distância Social Professores	IPCD (%)	70,3	61,3	9,0
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	68,2	65,4	2,8
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,9	63,9	1,0
Distância Social Pais	IPCD (%)	63,2	62,3	1,0
Atitudes Geral	IPC (%)	29,0	26,9	2,1
Atitudes Diretores	IPC (%)	14,0	10,6	3,4
Atitudes Professores	IPC (%)	14,9	12,7	2,2
Atitudes Funcionários	IPC (%)	22,9	19,2	3,7
Atitudes Alunos	IPC (%)	30,0	27,7	2,3
Atitudes Pais	IPC (%)	25,7	22,8	2,9

Assim como verificado para as quadras de esportes, é pequena a diferença para o conhecimento de situações de *bullying* de acordo com a existência ou não de parque infantil nas escolas. Entretanto, a pequena diferença indica que escolas que não possuem parque infantil apresentam conhecimento ligeiramente maior da ocorrência de tais situações.

Com relação à distância social, nota-se que existe diferença principalmente para o público de diretores, que apresentam maiores valores para o IPCD em escolas que possuem parque infantil.

Também é muito pequena a diferença em termos de atitudes preconceituosas, com destaque apenas para as atitudes um pouco mais preconceituosas de pais / mães de alunos de escolas que não possuem parque infantil.

Tabela 115 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Parque Infantil nas escolas

Indicador		Não possui parque infantil (90,4%)	Possui parque infantil (9,6%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,5	7,4	1,2
<i>Bullying – Vítima Alunos</i>	IPCSB(%)	10,8	9,8	1,0
<i>Bullying – Vítima Funcionários</i>	IPCSB(%)	5,4	4,1	1,3
<i>Bullying – Vítima Professores</i>	IPCSB(%)	5,8	4,4	1,4
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,7	65,6	1,9
Distância Social Diretores	IPCD (%)	72,6	79,5	7,0
Distância Social Professores	IPCD (%)	65,1	64,4	0,7
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,8	64,7	2,1
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,3	65,5	2,2
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,7	62,9	0,3
Atitudes Geral	IPC (%)	27,7	28,4	0,7
Atitudes Diretores	IPC (%)	12,0	12,4	0,4
Atitudes Professores	IPC (%)	13,6	13,3	0,3
Atitudes Funcionários	IPC (%)	20,8	19,7	1,2
Atitudes Alunos	IPC (%)	28,6	29,6	1,0
Atitudes Pais	IPC (%)	24,5	19,3	5,2

Os resultados indicam que é pequena a diferença para o conhecimento de situações de *bullying* e para as atitudes preconceituosas de acordo com a existência ou não de biblioteca / sala de leitura.

As principais diferenças entre escolas que possuem biblioteca / sala de leitura e aquelas que não possuem este espaço é observada para a distância social entre os professores e diretores. Respondentes destes públicos em escolas que não possuem biblioteca / sala de leitura apresentam maior distância social.

Tabela 116 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Biblioteca / Sala de Leitura nas escolas

Indicador		Não possui biblioteca / sala de leitura (27,7%)	Possui biblioteca / sala de leitura (72,3%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	7,9	8,6	0,7
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB(%)	9,7	11,1	1,3
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB(%)	5,7	5,2	0,5
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB(%)	5,9	5,6	0,3
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,7	64,0	0,2
Distância Social Diretores	IPCD (%)	79,7	70,7	9,0
Distância Social Professores	IPCD (%)	70,0	63,1	6,9
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	69,9	65,3	4,5
Distância Social Alunos	IPCD (%)	62,5	63,9	1,4
Distância Social Pais	IPCD (%)	64,8	61,8	3,0
Atitudes Geral	IPC (%)	28,2	27,6	0,7
Atitudes Diretores	IPC (%)	13,5	11,5	2,0
Atitudes Professores	IPC (%)	12,6	14,0	1,4
Atitudes Funcionários	IPC (%)	21,2	20,5	0,7
Atitudes Alunos	IPC (%)	29,5	28,4	1,1
Atitudes Pais	IPC (%)	24,1	24,0	0,2

Assim como verificado para a existência ou não de biblioteca / sala de leitura nas escolas, é relativamente pequena a diferença para o conhecimento de situações de *bullying* e para as atitudes preconceituosas de acordo com a existência ou não de laboratório de ciências nas escolas. Em termos de atitudes, ainda que as diferenças sejam pequenas, nota-se que todos os públicos apresentam atitudes ligeiramente mais preconceituosas em escolas que não possuem laboratório.

A principais diferenças entre escolas que possuem laboratório de ciências e aquelas que não possuem este espaço é observada para a distância social entre os pais de alunos e, principalmente entre os diretores. Enquanto pais de alunos em escolas que possuem laboratório de ciências apresentam maior distância social em relação aos grupos sociais pesquisados do que nas demais escolas, entre os diretores, a distância social é maior nas escolas que não possuem laboratório.

Tabela 117 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Laboratório de Ciências nas escolas

Indicador		Não possui laboratório de ciências (80%)	Possui laboratório de ciências (20%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,2	9,1	0,9
<i>Bullying – Vítima Alunos</i>	IPCSB(%)	10,4	11,8	1,4
<i>Bullying – Vítima Funcionários</i>	IPCSB(%)	5,3	5,2	0,1
<i>Bullying – Vítima Professores</i>	IPCSB(%)	5,7	5,8	0,2
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,9	64,0	0,1
Distância Social Diretores	IPCD (%)	74,4	68,7	5,6
Distância Social Professores	IPCD (%)	65,5	63,2	2,3
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,9	65,4	1,5
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,4	63,8	0,3
Distância Social Pais	IPCD (%)	61,9	65,8	3,9
Atitudes Geral	IPC (%)	28,1	26,2	2,0
Atitudes Diretores	IPC (%)	12,2	11,3	1,0
Atitudes Professores	IPC (%)	14,1	11,6	2,5
Atitudes Funcionários	IPC (%)	21,1	19,0	2,1
Atitudes Alunos	IPC (%)	29,1	27,0	2,1
Atitudes Pais	IPC (%)	24,1	23,8	0,3

Da mesma forma como verificado para bibliotecas e laboratórios de ciências, a diferença no conhecimento de situações de *bullying* pouco difere entre escolas que possuem laboratório de informática e aquelas escolas que não possuem este espaço.

Nota-se que os pais / mães de alunos, mas principalmente diretores e professores de escolas que não possuem laboratório de informática apresentam maior distância social do que os respondentes de escolas que possuem estas instalações.

De maneira geral, as atitudes dos respondentes de todos os públicos pesquisados se mostra um pouco mais preconceituosa em escolas que não possuem laboratório de informática, sendo esta diferenças um pouco maior entre diretores e funcionários.

Tabela 118 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de Laboratório de Informática nas escolas

Indicador		Não possui laboratório de informática (52,8%)	Possui laboratório de informática (47,2%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,0	8,8	0,8
<i>Bullying</i> – Vítima Alunos	IPCSB(%)	10,0	11,5	1,5
<i>Bullying</i> – Vítima Funcionários	IPCSB(%)	5,5	5,1	0,4
<i>Bullying</i> – Vítima Professores	IPCSB(%)	5,8	5,6	0,1
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,8	64,0	0,2
Distância Social Diretores	IPCD (%)	76,7	69,4	7,3
Distância Social Professores	IPCD (%)	69,1	60,5	8,6
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,5	66,7	0,3
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,2	63,9	0,7
Distância Social Pais	IPCD (%)	63,4	61,9	1,4
Atitudes Geral	IPC (%)	29,1	26,2	2,8
Atitudes Diretores	IPC (%)	14,1	9,7	4,5
Atitudes Professores	IPC (%)	14,7	12,3	2,4
Atitudes Funcionários	IPC (%)	22,7	18,5	4,2
Atitudes Alunos	IPC (%)	30,2	27,0	3,1
Atitudes Pais	IPC (%)	25,7	22,2	3,5

Também se mostram reduzidas as diferenças para o conhecimento de situações de *bullying* nas escolas de acordo com a existência ou não de salas de recursos para atendimento educacional especializado. Apesar da reduzida diferença, escolas que possuem salas de recursos apresentam incidência ligeiramente maior de tais situações.

Para a distância social, enquanto diretores, especialmente professores de escolas que não contam com salas de recurso apresentam maiores valores para o IPCD, pais / mães, funcionários e alunos de escolas que contam com estas instalações apresentam distância social um pouco maior do que em escolas que não contam com estes espaços.

Tabela 119 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de sala de recursos para atendimento educacional especializado nas escolas

Indicador		Não possui sala de recursos (88,3%)	Possui sala de recursos (11,7%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,3	9,4	1,1
Bullying – Vítima Alunos	IPCSB(%)	10,5	12,0	1,5
Bullying – Vítima Funcionários	IPCSB(%)	5,2	6,1	0,9
Bullying – Vítima Professores	IPCSB(%)	5,6	6,2	0,5
Distância Social Geral	IPCD (%)	63,7	65,1	1,3
Distância Social Diretores	IPCD (%)	73,5	71,0	2,6
Distância Social Professores	IPCD (%)	65,6	60,6	5,1
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,3	68,8	2,5
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,3	65,0	1,7
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,5	64,0	1,5
Atitudes Geral	IPC (%)	27,7	27,8	0,0
Atitudes Diretores	IPC (%)	11,9	12,9	1,0
Atitudes Professores	IPC (%)	13,6	13,6	0,0
Atitudes Funcionários	IPC (%)	20,9	19,7	1,2
Atitudes Alunos	IPC (%)	28,7	28,4	0,3
Atitudes Pais	IPC (%)	24,3	21,7	2,6

O conhecimento de situações de *bullying* praticamente não apresenta diferenças entre escolas que contam com sanitário adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e aquelas escolas que não possuem estas instalações, ainda que estas últimas apresentem conhecimento ligeiramente menor da ocorrência destas situações.

Professores e, principalmente, diretores apresentam as maiores diferenças para a distância social. Respondentes destes públicos em escolas que não possuem sanitários adequados a portadores de deficiência apresentam maior distância social do que os de escolas que não contam com estas instalações.

Nota-se também que todos os públicos apresentam atitudes ligeiramente mais preconceituosa em escolas que não contam com sanitários adequados a portadores de deficiência.

Tabela 120 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de sanitário adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida nas escolas

Indicador		Não possui sanitário adequado (82,6%)	Possui sanitário adequado (17,4%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,3	9,2	1,0
<i>Bullying – Vítima Alunos</i>	IPCSB(%)	10,5	11,7	1,3
<i>Bullying – Vítima Funcionários</i>	IPCSB(%)	5,2	5,7	0,5
<i>Bullying – Vítima Professores</i>	IPCSB(%)	5,6	6,2	0,6
Distância Social Geral	IPCD (%)	64,0	63,4	0,6
Distância Social Diretores	IPCD (%)	74,2	68,7	5,5
Distância Social Professores	IPCD (%)	65,5	62,7	2,8
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	66,4	67,7	1,4
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,6	63,2	0,4
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,8	62,3	0,5
Atitudes Geral	IPC (%)	27,9	27,0	1,0
Atitudes Diretores	IPC (%)	12,3	11,0	1,2
Atitudes Professores	IPC (%)	13,9	12,2	1,7
Atitudes Funcionários	IPC (%)	21,2	18,3	2,9
Atitudes Alunos	IPC (%)	28,9	27,7	1,2
Atitudes Pais	IPC (%)	24,4	22,2	2,3

Da mesma forma como verificado para existência de sanitários adequados, o conhecimento de situações de *bullying* praticamente não apresenta diferenças entre escolas que contam com dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e aquelas escolas que não possuem estas instalações, ainda que estas últimas apresentem conhecimento ligeiramente menor da ocorrência destas situações.

Professores, funcionários e, principalmente, diretores apresentam as maiores diferenças para a distância social. Respondentes destes públicos em escolas que não possuem dependências e vias adequadas a portadores de deficiência apresentam distância social um pouco maior do que os de escolas que não possuem estas instalações adequadas.

Nota-se também que a diferença de atitudes preconceituosas também é bastante reduzida para praticamente todos os públicos da pesquisa. A maior diferenças verificada

indica que funcionários de escolas que não possuem vias e dependências adequadas a portadores de deficiência apresentam atitude um pouco mais preconceituosa.

Tabela 121 – Indicadores de Preconceito e Discriminação de acordo com a existência de dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida nas escolas

Indicador		Não possui dependências e vias adequadas (83,6%)	Possui dependências e vias adequadas (16,4%)	Diferença
Bullying Geral	IPCSB(%)	8,3	9,3	1,0
Bullying – Vítima Alunos	IPCSB(%)	10,5	11,9	1,4
Bullying – Vítima Funcionários	IPCSB(%)	5,2	5,9	0,7
Bullying – Vítima Professores	IPCSB(%)	5,6	6,4	0,8
Distância Social Geral	IPCD (%)	64,1	62,9	1,2
Distância Social Diretores	IPCD (%)	74,2	68,5	5,6
Distância Social Professores	IPCD (%)	65,5	62,9	2,6
Distância Social Funcionários	IPCD (%)	67,1	63,9	3,2
Distância Social Alunos	IPCD (%)	63,7	62,5	1,2
Distância Social Pais	IPCD (%)	62,2	64,9	2,7
Atitudes Geral	IPC (%)	27,7	27,9	0,2
Atitudes Diretores	IPC (%)	12,4	10,3	2,1
Atitudes Professores	IPC (%)	13,6	13,6	0,0
Atitudes Funcionários	IPC (%)	21,3	18,0	3,3
Atitudes Alunos	IPC (%)	28,7	28,9	0,2
Atitudes Pais	IPC (%)	23,9	24,7	0,8

9.8 Mapeamentos Perceptuais da Discriminação em Função de Características Demográficas

A partir dos macroconstrutos de atitudes preconceituosas para as áreas temáticas da pesquisa, dos indicadores de distância social e de conhecimento de situações de *bullying*, foram realizados mapeamentos perceptuais para diversos agrupamentos de respondentes, classificados de acordo com suas características demográficas, com o objetivo de traçar o perfil dos grupos de respondentes analisados em função de suas atitudes, crenças, valores,

sua distância social em relação aos grupos sociais pesquisados e o seu conhecimento sobre situações de *bullying* ocorridas na escola.

A técnica utilizada para realizar o mapeamento perceptual dos respondentes de acordo com suas características demográficas foi a Análise de Correspondência. Esta análise consiste em uma técnica de interdependência para a redução dimensional através de uma abordagem composicional para o mapeamento perceptual, relacionando categorias de uma tabela de contingência, que consiste da tabulação cruzada de variáveis de atitudes e comportamento com os objetos ou grupos demográficos, onde as linhas da matriz resultante correspondem às variáveis analisadas enquanto as colunas correspondem aos agrupamentos, no caso as características demográficas dos respondentes. A análise de correspondência apresenta habilidades únicas na representação de linhas e colunas (no caso, atitudes/comportamentos e características demográficas) em um espaço conjunto. Os métodos composicionais fornecem uma avaliação da similaridade ou preferência dos respondentes a partir das avaliações de diferentes variáveis feitas por cada respondente.

Neste sentido a técnica foi aplicada para verificar os construtos de atitudes e comportamentos mais correlacionados com cada um dos agrupamentos analisados, em termos de público, sexo, faixa etária, região do país, acesso à mídia, cor e etnia, e religião dos respondentes.

9.8.1. Análise por público alvo

A partir dos valores observados para o IPC % médio para as atitudes para cada um dos públicos alvo da pesquisa, verifica-se que os diretores de escola, seguidos pelos professores, são os que apresentam, na média, os valores mais baixos para as atitudes preconceituosas pesquisadas, com boa parte destas apresentando índice percentual de concordância abaixo de 10%.

Os alunos, embora apresentem valores relativamente baixos para boa parte dos índices, compõem o grupo que apresenta maior nível de preconceito, seguidos por pais e mães, funcionários, professores e diretores, respectivamente. Os alunos chegam mesmo a

concordar que o trabalho doméstico é tarefa da mulher e que estudantes com necessidades especiais devem ser separados dos demais.

Ao se analisar o perfil médio de respostas entre estes respondentes, nota-se também que dentre as atitudes pesquisadas, os diretores, os professores, os funcionários e os pais e mães de alunos apresentam-se mais inclinados a concordar que pessoas mais velhas têm um pouco mais de dificuldades para aprender, que os deficientes dão mais trabalho, deveriam ser separados dos demais e, para lidar com eles, os profissionais de ensino deveriam ser mais bem remunerados. Estes grupos também tendem a acreditar com mais intensidade que alunos pobres e da periferia são mais revoltados e violentos. Entretanto, eles rechaçam fortemente a idéia de que as escolas do campo exigem menor estrutura e capacitação dos profissionais de ensino do que as escolas da cidade, que os alunos homossexuais devem ser excluídos do ambiente escolar de heterossexuais.

Os diretores também percebem com maior intensidade que profissionais de ensino mais novos entendem melhor os alunos, que existem trabalhos que são mais adequados a um determinado gênero, que trabalhos domésticos são tarefa das mulheres e concordam com menor intensidade que aceitam a homossexualidade. Os diretores, ainda discordam fortemente que os índios pertencem a uma raça inferior, que alunos pobres e da periferia são de mais baixa qualidade e, portanto, exigem menos dos profissionais de ensino.

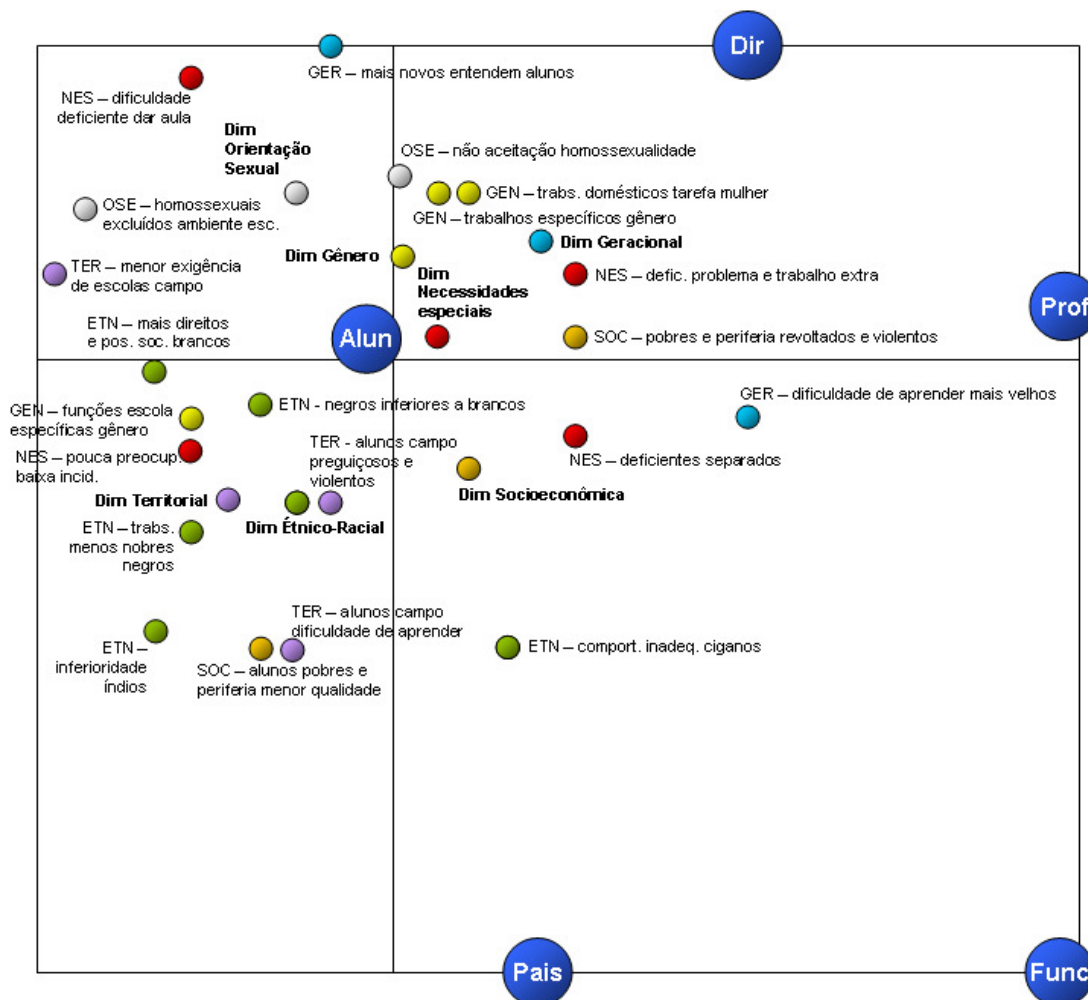
Tanto pais e mães quanto funcionários, por sua vez, se mostram um pouco mais preconceituosos em relação aos ciganos, que julgam de comportamento inadequado.

Como resultado da análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de professores e diretores, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta fortíssima contribuição de pais e mães, seguido dos diretores. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo (no caso de pais e mães), 95% da variância de cada público.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à dificuldade de aprender entre os mais velhos, à opinião de que os deficientes deveriam ser separados dos demais, que as escolas do campos exigem menos estrutura e capacitação dos profissionais e que os homossexuais deveriam ser excluídos do

ambiente escolar de heterossexuais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição das dimensões que sugerem que profissionais de ensino mais novos entendem melhor os alunos e os ciganos apresentam comportamento inadequado. Assim como para os públicos, os eixos 1 e 2 são capazes de explicar com mais de 85% praticamente todas as dimensões, com exceção da dimensão de discriminação de gênero (57%) e de deficiência (79%).

Figura 1 – Mapeamento Perceptual das Dimensões Latentes e Macroconstrutos de Atitudes por Público Alvo da Pesquisa



**Tabela 122 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Público Alvo da Pesquisa**

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Diretores	33,10	23,60	42,30	0,50	0,00	0,00	0,94	0,03	0,03	0,00	0,00	0,00
Professores	44,30	0,20	44,50	10,30	0,00	0,00	0,97	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
Funcionários	16,20	12,60	0,00	70,10	0,00	0,00	0,94	0,04	0,00	0,02	0,00	0,00
Alunos	2,60	0,60	0,10	0,00	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Pais e mães	3,80	63,00	13,10	19,10	0,00	0,00	0,52	0,43	0,04	0,01	0,00	0,00

**Tabela 123 – Contribuições das Linhas (Atitudes) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Público Alvo da Pesquisa**

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Étnico-Racial	1,10	1,90	0,70	1,20	0,00	0,00	0,90	0,08	0,01	0,01	0,00	0,00
ETN – mais direitos e pos. soc. brancos	3,60	0,00	3,40	0,10	0,00	0,00	0,98	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
ETN – negros inferiores a brancos	1,60	0,30	0,20	0,10	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – comport. inadeq. ciganos	2,90	13,20	6,10	11,60	0,00	0,00	0,77	0,17	0,04	0,02	0,00	0,00
ETN – trabs. menos nobres negros	3,90	4,00	1,20	2,60	0,00	0,00	0,94	0,05	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – inferioridade índios	4,40	5,90	2,90	0,20	0,00	0,00	0,92	0,06	0,01	0,00	0,00	0,00
Dim. Necessidades Especiais	0,40	0,00	4,50	0,10	0,00	0,00	0,79	0,00	0,20	0,00	0,00	0,00
NES – defic. problema e trabalho extra	3,90	0,50	2,00	0,20	0,00	0,00	0,98	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00
NES – pouca preocup. baixa incid.	3,80	1,30	3,90	0,50	0,00	0,00	0,96	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00
NES – deficientes separados	9,80	2,10	20,10	9,00	0,00	0,00	0,94	0,01	0,05	0,00	0,00	0,00
NES – dificuldade deficiente dar aula	5,20	11,00	2,60	9,20	0,00	0,00	0,89	0,09	0,01	0,01	0,00	0,00

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Gênero	0,00	1,50	1,70	2,80	0,00	0,00	0,00	0,57	0,32	0,12	0,00	0,00
GEN – funções escola gênero	4,30	0,40	2,90	0,90	0,00	0,00	0,98	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
GEN – trabalhos específicos gênero	0,50	4,80	0,20	0,50	0,00	0,00	0,68	0,31	0,01	0,00	0,00	0,00
GEN – trabs. domésticos tarefa mulher	1,80	5,50	3,10	14,60	0,00	0,00	0,81	0,12	0,03	0,04	0,00	0,00
Dim. Geracional	3,80	2,00	7,50	0,40	0,00	0,00	0,93	0,02	0,05	0,00	0,00	0,00
GER – mais novos entendem alunos	0,70	14,60	1,50	0,00	0,00	0,00	0,48	0,49	0,02	0,00	0,00	0,00
GER – dificuldade de aprender mais velhos	21,60	0,80	17,00	1,40	0,00	0,00	0,98	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
Dim. Socioeconômica	0,60	1,20	4,40	1,30	0,00	0,00	0,77	0,08	0,14	0,01	0,00	0,00
SOC – pobres e periferia revoltados e violentos	5,00	0,00	12,10	2,60	0,00	0,00	0,94	0,00	0,06	0,00	0,00	0,00
SOC – alunos pobres e periferia menor qualidade	1,20	6,80	0,20	0,60	0,00	0,00	0,78	0,22	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Territorial	2,40	1,80	0,20	6,00	0,00	0,00	0,95	0,04	0,00	0,01	0,00	0,00
TER – alunos campo preguiçosos e violentos	0,20	2,00	0,10	0,00	0,00	0,00	0,69	0,30	0,00	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo dificuldade de aprender	0,60	9,70	0,00	7,90	0,00	0,00	0,55	0,41	0,00	0,04	0,00	0,00
TER – menor exigência de escolas campo	9,30	0,40	0,50	12,90	0,00	0,00	0,99	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00
Dim. Orientação Sexual	0,90	2,50	0,30	2,80	0,00	0,00	0,86	0,12	0,01	0,01	0,00	0,00
IDG – homossexuais excluídos ambiente esc.	6,10	1,40	0,10	9,50	0,00	0,00	0,98	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00
IDG – não aceitação homossexualidade	0,10	4,40	0,60	1,00	0,00	0,00	0,29	0,65	0,05	0,02	0,00	0,00

Tabela 124 – Média para o IPC % por Público

Atitudes	IPC (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Dimensão Étnico-Racial	7,9	8,5	16,3	23,4	20,3
Branços têm mais direitos e devem ocupar melhor posição social	5,1	4,0	10,4	18,3	14,4
Superioridade Inata dos Brancos em relação a negros	6,1	7,1	12,9	20,0	16,2
Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	21,3	23,4	36,2	38,2	39,7
Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	6,7	8,9	18,6	28,9	23,8
Inferioridade inata dos índios	4,3	4,0	11,8	19,7	17,3
Dimensão Necessidades Especiais	15,6	19,9	26,1	32,9	28,3
Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	14,5	17,7	21,2	23,2	20,9
Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	6,7	9,6	17,2	28,4	22,7
Separação dos alunos deficientes dos demais	36,6	50,2	58,2	64,2	61,7
Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	11,4	11,9	21,9	37,7	24,1
Dimensão Gênero	18,9	19,4	27,9	39,0	32,8
Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	6,3	5,6	13,2	23,3	18,9
Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	23,9	25,5	34,1	44,9	37,2
Trabalho doméstico é tarefa da mulher	32,7	34,0	43,4	56,6	49,3
Dimensão Geracional	24,8	24,8	33,3	38,4	34,9
Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	17,1	15,7	24,1	37,7	27,1
Pessoas mais velhas tem maior dificuldade de aprender	32,5	33,9	42,5	39,1	42,6
Dimensão Socioeconômica	11,9	15,9	21,6	25,5	23,0
Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	18,4	24,7	29,5	31,6	28,3
Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	5,4	7,1	13,6	19,4	17,5

Atitudes	IPC (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Dimensão Territorial	6,0	6,8	12,7	21,2	18,3
Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	8,2	9,5	15,8	21,5	19,3
Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	9,3	11,8	19,4	27,7	26,5
Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	2,3	1,6	6,1	16,6	11,6
Dimensão Orientação Sexual	10,2	10,9	17,8	26,7	19,8
Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	3,6	3,2	9,5	18,0	11,5
Não aceitação da homossexualidade	18,5	20,6	28,4	37,7	29,8
Geral	12,0	13,6	20,7	28,0	24,0

Conforme já ressaltado em análises anteriores, os valores para o índice percentual médio de distância social indicam que os respondentes apresentam maior intensidade na distância social em relação aos grupos sociais pesquisados do que sua percepção expressa em atitudes, crenças e valores, com valores superiores a 60%, na média para o IPCD %. Não somente as médias gerais são maiores, como também os comportamentos entre os públicos apresentam padrões diferentes aos verificados nas atitudes. Se os alunos, pais e mães demonstravam atitudes mais preconceituosas do que os demais públicos, os diretores, seguidos de funcionários e professores apresentam, na média, menor predisposição a manter contatos mais próximos com os diversos grupos sociais pesquisados, enquanto que os pais, seguidos dos alunos apresentam menores valores para os índices de distância social.

Entre diretores, professores e funcionários, verifica-se que as menores distâncias sociais são observadas estão relacionadas ao contato com homossexuais e com negros. Estes grupos de respondentes demonstram maior distância social, aceitando menor grau de proximidade, em relação a pessoas que moram e/ou trabalham na área rural e a pessoas com deficiência mental.

Pais e mães apresentam menor distância social em relação a moradores e/ou trabalhadores das áreas rurais e a negros, entretanto apresentam forte discriminação em relação a deficientes mentais.

Ao se observar as contribuições dos públicos na análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de diretores, professores e funcionários, respectivamente, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta fortíssima contribuição de pais e mães, seguido dos diretores. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo (no caso de funcionários), 92% da variância de cada público.

Em relação aos comportamentos discriminatórios, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à discriminação de homossexuais, seguido de deficientes mentais, de negros e moradores/trabalhadores de áreas rurais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição fortíssima dos comportamentos discriminatórios relacionados a moradores/trabalhadores de áreas rurais, a deficientes mentais e a negros. Dos nove indicadores de *Guttman* sete apresentaram percentuais iguais ou superiores a 7% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o comportamento discriminatório em relação a moradores de favela e periferia apresentou 45% e em relação a índios, apenas 12% de sua variância explicada pelos eixos.

Figura 2 – Mapeamento Perceptual de Distância Social por Público Alvo da Pesquisa



Tabela 125 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual das Distâncias Sociais por Público Alvo da Pesquisa

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Diretores	37,80	16,30	0,80	43,60	0,00	0,00	0,92	0,07	0,00	0,01	0,00	0,00
Professores	27,30	6,30	14,10	50,90	0,00	0,00	0,93	0,04	0,01	0,02	0,00	0,00
Funcionários	22,20	9,20	64,50	2,70	0,00	0,00	0,86	0,06	0,08	0,00	0,00	0,00
Alunos	5,20	0,30	0,00	0,00	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Pais e mães	7,50	67,90	20,60	2,80	0,00	0,00	0,38	0,59	0,03	0,00	0,00	0,00

Tabela 126 – Contribuições das Linhas (Distância Social) no Mapeamento Perceptual de Distâncias Sociais por Público Alvo da Pesquisa

Distância Social	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Pobre	0,50	3,50	5,50	15,90	0,00	0,00	0,34	0,41	0,12	0,13	0,00	0,00
Negro	12,10	12,80	0,90	8,60	0,00	0,00	0,84	0,15	0,00	0,01	0,00	0,00
Índio	0,10	0,10	17,80	14,20	0,00	0,00	0,11	0,01	0,67	0,20	0,00	0,00
Cigano	4,70	9,50	3,00	15,70	0,00	0,00	0,71	0,25	0,01	0,03	0,00	0,00
Homossexual	38,20	0,80	6,20	0,80	0,00	0,00	0,99	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Morador de Periferia / Favela	1,20	0,50	51,10	5,40	0,00	0,00	0,42	0,03	0,53	0,02	0,00	0,00
Morador de Área Rural	9,90	56,00	12,40	0,30	0,00	0,00	0,50	0,48	0,02	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	3,50	0,10	0,00	25,60	0,00	0,00	0,92	0,01	0,00	0,08	0,00	0,00
Deficiente Mental	29,80	16,70	3,10	13,50	0,00	0,00	0,91	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00
Geral	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,08	0,68	0,22	0,02	0,00	0,00

Tabela 127 – Média para o IPCD % por Público

Distância Social	IPCD (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Pobre	71,0	62,4	64,1	60,6	61,7
Negro	60,9	54,6	55,1	55,0	51,1
Índio	71,1	62,1	65,4	61,4	60,5
Cigano	77,7	70,6	72,7	70,3	70,4
Homossexual	76,4	68,5	70,3	72,0	69,2
Morador de Periferia / Favela	71,8	63,6	66,8	61,2	59,9
Morador de Área Rural	70,2	61,9	59,4	56,2	53,8
Deficiente Físico	73,8	64,3	66,3	61,6	62,2
Deficiente Mental	86,1	77,4	79,3	70,4	74,8
Geral	73,2	65,0	66,6	63,2	62,7

Os valores para o índice percentual médio de conhecimento de situações discriminatórias (*bullying*) indicam que os alunos são os que apresentam maior conhecimento da ocorrência de situações deste tipo nas escolas, enquanto que os professores, na média, apresentam os menores valores para estes índices.

Entre diretores, professores e funcionários, verifica-se maior conhecimento de situações de *bullying* em que as vítimas são pessoas homossexuais. Os professores também apresentam maior conhecimento de situações de *bullying* envolvendo mulheres e idosos como vítimas. Tanto diretores quanto professores demonstram pouquíssimo conhecimento de situações nas quais as vítimas são índios, ciganos ou moradores de áreas rurais, ainda que os demais públicos também apresentem valores relativamente baixos para o IPCSB relativos a este tipo de *bullying*.

No tocante às contribuições dos públicos na análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta fortíssima contribuição de professores e diretores, respectivamente, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de diretores, professores e pais e mães. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo 91% da variância para três dos cinco públicos alvo da pesquisa (diretores, professores e alunos). No entanto, é capaz de explicar apenas 52% da variância para o grupo de pais / mães e 40% para os funcionários pesquisados nas escolas.

Em relação aos comportamentos discriminatórios, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas ao *bullying* em relação a índios, ciganos, moradores de áreas rurais, homossexuais e idosos. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição fortíssima do *bullying* sofrido por mulheres. Dos onze indicadores de *bullying*, dez apresentaram percentuais iguais ou superiores a 76% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o *bullying* sofrido por negros apresentou apenas 17% de sua variância explicada pelos eixos.

Figura 3 – Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Público Alvo da Pesquisa



Tabela 128 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Público Alvo da Pesquisa

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Diretores	48,70	38,50	0,60	11,50	0,00	0,00	0,91	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Professores	48,90	38,50	4,50	7,60	0,00	0,00	0,91	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Funcionários	0,60	6,60	30,80	61,20	0,00	0,00	0,18	0,22	0,25	0,35	0,00	0,00
Alunos	1,30	0,40	0,10	0,90	0,00	0,00	0,95	0,03	0,00	0,01	0,00	0,00
Pais e mães	0,40	16,00	64,00	18,80	0,00	0,00	0,10	0,42	0,40	0,08	0,00	0,00

Tabela 129 – Contribuições das Linhas (Conhecimento de *Bullying*) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Público Alvo da Pesquisa

Motivo	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Por ser Negro	0,10	0,40	0,10	47,30	0,00	0,00	0,13	0,04	0,00	0,82	0,00	0,00
Por ser Índio	20,10	0,10	0,10	4,20	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Cigano	22,40	0,40	8,30	0,70	0,00	0,00	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Por ser Homossexual	16,20	2,70	12,90	1,10	0,00	0,00	0,96	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Físico	3,10	0,70	28,20	10,30	0,00	0,00	0,74	0,02	0,19	0,05	0,00	0,00
Por ser Deficiente Mental	0,30	16,60	1,20	0,50	0,00	0,00	0,13	0,85	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Pobre	0,00	5,10	2,00	0,40	0,00	0,00	0,00	0,90	0,09	0,01	0,00	0,00
Por ser Morador de Periferia / Favela	0,70	13,90	2,40	23,30	0,00	0,00	0,24	0,57	0,02	0,16	0,00	0,00
Por ser Morador de Área Rural	21,30	4,50	0,20	4,60	0,00	0,00	0,97	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Idoso	11,10	2,00	35,10	0,30	0,00	0,00	0,90	0,02	0,08	0,00	0,00	0,00
Por ser Mulher	4,80	53,60	9,40	7,30	0,00	0,00	0,42	0,55	0,02	0,01	0,00	0,00

Tabela 130 – Média para o IPCSB % por Público

Motivo	IPCSB (%)				
	Diretores	Professores	Funcionários	Alunos	Pais e Mães
Por ser Negro	6,9	5,1	5,7	12,0	6,0
Por ser Índio	0,7	0,5	1,7	3,4	1,9
Por ser Cigano	0,6	0,4	1,6	3,3	1,6
Por ser Homossexual	7,7	5,8	5,9	10,5	5,1
Por ser Deficiente Físico	2,3	2,1	2,8	5,7	3,3
Por ser Deficiente Mental	2,9	1,7	2,8	5,1	3,0
Por ser Pobre	6,6	4,7	6,3	11,7	6,1
Por ser Morador de Periferia / Favela	4,1	2,8	3,9	6,6	3,7
Por ser Morador de Área Rural	1,4	1,3	2,6	5,7	2,9
Por ser Idoso	6,0	5,3	4,4	9,0	4,9
Por ser Mulher	4,8	5,5	4,8	9,1	4,0
Geral	5,1	3,9	4,7	8,8	4,3

A análise de correspondência compreendendo todos os três conjuntos de indicadores que expressam os conceitos da pesquisa confirmam os resultados dos mapas individuais dos construtos (atitudes, distância social e *bullying*) e outras análises apresentadas em seções anteriores. Nota-se que diretores, professores e diretores apresentam, de maneira geral, maior distância social em relação aos grupos pesquisados, entretanto, atitudes menos preconceituosas que os demais públicos, especialmente que os alunos. Os resultados indicam ainda que funcionários e, principalmente, pais e mães de alunos apresentam menor conhecimento de situações de *bullying* ocorridas na escola, especialmente menos que os alunos.

Entre os públicos pesquisados diretores, professores e funcionários apresentam as maiores contribuições para o eixo 1 (horizontal), enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de pais e mães, diretores e funcionários. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 99% da variância para todos os públicos alvo da pesquisa.

Em relação às variáveis e dimensões da pesquisa, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões de atitudes relacionadas ao preconceito de natureza territorial, em relação à orientação sexual, étnico-racial,d e gênero e da distância social em relação a pessoas com deficiência mental. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição mais forte do conhecimento de *bullying* em relação a homossexuais, negros, mulheres e idosos. Todos os indicadores apresentaram ao menos 95% de sua variância explicada pelos eixos do mapa.

Figura 4 – Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Público Alvo da Pesquisa

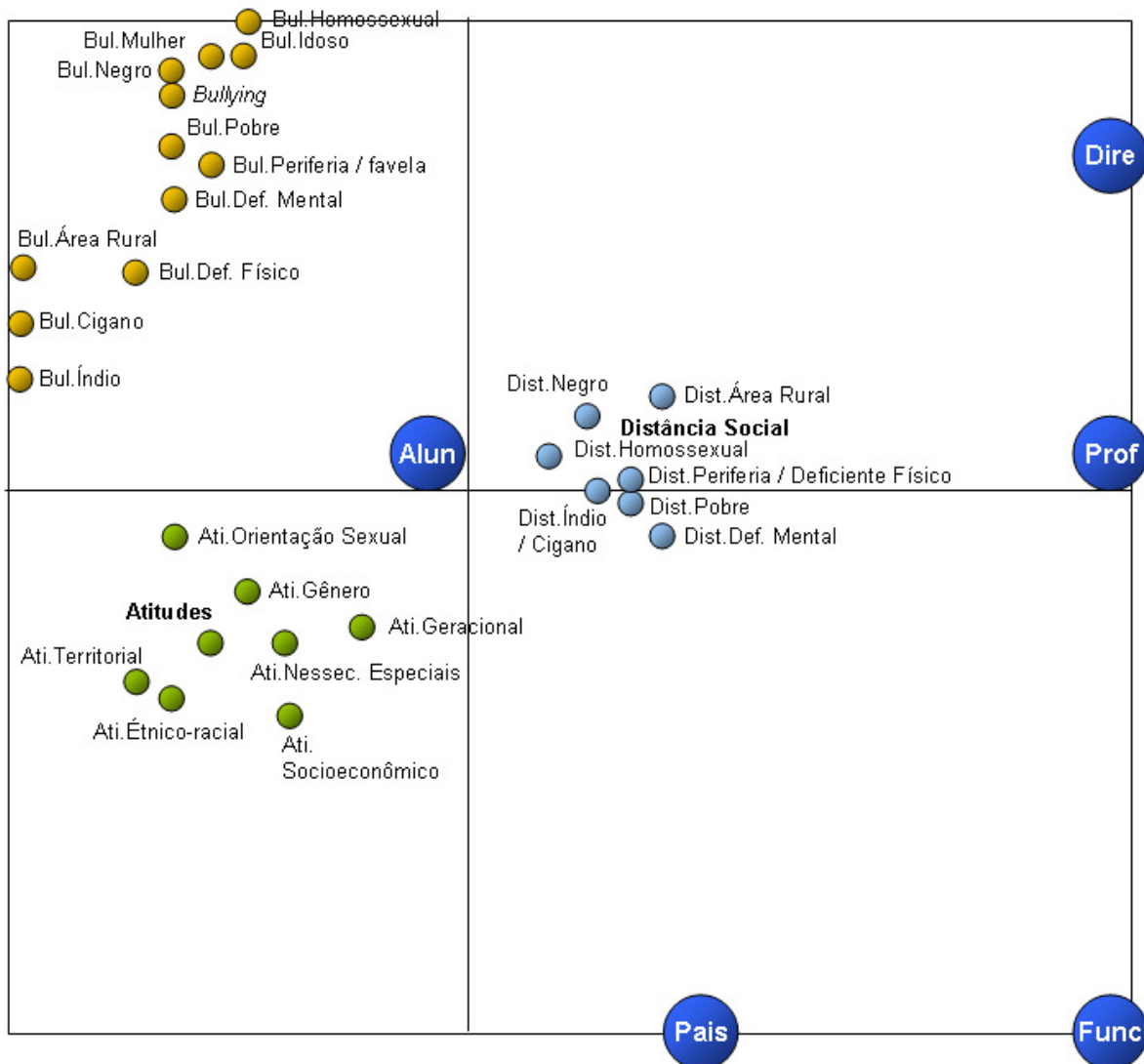


Tabela 131 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Público Alvo da Pesquisa

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Diretores	44,7	22,8	31,3	0,0	0,0	0,0	0,97	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00
Professores	32,5	0,2	54,3	11,9	0,0	0,0	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Funcionários	13,6	18,5	1,1	65,6	0,0	0,0	0,92	0,07	0,00	0,01	0,00	0,00
Alunos	4,1	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Pais e mães	5,1	57,9	13,3	22,5	0,0	0,0	0,60	0,39	0,01	0,01	0,00	0,00

**Tabela 132 – Contribuições das Linhas (Indicadores) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Público Alvo da Pesquisa**

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Atitudes	5.2	4.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.96	0.04	0.00	0.00	0.00	0.00
Étnico-racial	6.6	5.5	5.8	0.0	0.0	0.0	0.95	0.04	0.00	0.00	0.00	0.00
Necessidades Especiais	4.0	4.4	18.7	0.0	0.0	0.0	0.92	0.06	0.02	0.00	0.00	0.00
Gênero	6.5	2.3	1.1	2.4	0.0	0.0	0.98	0.02	0.00	0.00	0.00	0.00
Geracional	1.9	4.2	0.0	4.5	0.0	0.0	0.89	0.11	0.00	0.00	0.00	0.00
Socioeconômica	2.6	7.3	17.7	1.3	0.0	0.0	0.84	0.13	0.03	0.00	0.00	0.00
Territorial	7.7	4.2	7.9	17.1	0.0	0.0	0.96	0.03	0.00	0.00	0.00	0.00
Orientação Sexual	7.3	0.3	0.1	3.6	0.0	0.0	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Distância Social	3.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Pobre	3.3	0.1	1.9	1.4	0.0	0.0	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Negro	1.4	1.1	1.4	0.0	0.0	0.0	0.96	0.04	0.00	0.00	0.00	0.00
Índio	2.8	0.0	1.0	4.3	0.0	0.0	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Cigano	2.4	0.2	0.0	2.8	0.0	0.0	0.99	0.01	0.00	0.00	0.00	0.00
Homossexual	1.1	0.1	0.2	7.6	0.0	0.0	0.98	0.00	0.00	0.01	0.00	0.00
Periferia / favela	3.5	0.0	0.2	14.9	0.0	0.0	0.99	0.00	0.00	0.01	0.00	0.00
Área Rural	4.6	2.7	1.4	0.6	0.0	0.0	0.97	0.03	0.00	0.00	0.00	0.00
Deficiente Físico	4.0	0.0	1.8	0.1	0.0	0.0	1.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Deficiente Mental	6.6	1.2	0.1	0.0	0.0	0.0	0.99	0.01	0.00	0.00	0.00	0.00
Bullying	2.1	6.9	0.0	0.9	0.0	0.0	0.84	0.16	0.00	0.00	0.00	0.00
Negro	3.2	10.3	0.9	0.9	0.0	0.0	0.84	0.15	0.00	0.00	0.00	0.00
Índio	2.1	0.2	1.1	4.5	0.0	0.0	0.99	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Cigano	2.2	0.4	0.5	7.8	0.0	0.0	0.98	0.01	0.00	0.01	0.00	0.00
Homossexual	1.4	12.4	0.0	0.2	0.0	0.0	0.67	0.33	0.00	0.00	0.00	0.00
Deficiente Físico	2.0	1.3	0.0	1.7	0.0	0.0	0.96	0.04	0.00	0.00	0.00	0.00
Deficiente Mental	1.4	2.2	6.5	0.6	0.0	0.0	0.90	0.08	0.02	0.00	0.00	0.00
Pobre	3.0	7.0	1.6	1.8	0.0	0.0	0.88	0.12	0.00	0.00	0.00	0.00
Periferia / favela	1.3	3.4	2.5	3.7	0.0	0.0	0.86	0.12	0.01	0.00	0.00	0.00
Área Rural	3.2	1.2	0.0	0.7	0.0	0.0	0.98	0.02	0.00	0.00	0.00	0.00
Idoso	1.4	8.4	1.5	16.1	0.0	0.0	0.73	0.25	0.00	0.02	0.00	0.00
Mulher	1.9	8.8	26.2	0.4	0.0	0.0	0.76	0.19	0.05	0.00	0.00	0.00

9.8.2. Análise por sexo e faixa etária

A partir dos valores observados para o IPC % médio para as atitudes dos grupos classificados de acordo com o sexo e com a faixa etária dos respondentes, verifica-se que as respondentes do sexo feminino apresentam, na média, valores menores para as variáveis de atitudes preconceituosas do que os respondentes do sexo masculino. Quando se analisam as diferenças em relação à faixa etária, quanto mais velhos os respondentes, menores os valores para as atitudes.

Os respondentes do sexo masculino apresentam atitudes mais preconceituosas que as do sexo feminino em relação à identidade de gênero, compreendendo a não aceitação da homossexualidade e a percepção de que os homossexuais não devem fazer parte do ambiente escolar de heterossexuais. Também apresentam maior preconceito através da percepção mais forte de que os negros são inferiores aos brancos, que os brancos possuem mais direitos e devem obter maior destaque social, de que moradores pobres e da periferia são mais revoltados e violentos, que as escolas do campo exigem menos do que as da cidade em termos de infra-estrutura e capacitação dos profissionais e que há funções e tarefas na escola que devem ser realizadas exclusivamente por gêneros específicos.

Respondentes com 30 anos ou mais, de ambos os sexos, percebem mais fortemente que os demais que pessoas mais velhas têm maior dificuldade para aprender, entretanto discordam mais fortemente que os demais, que profissionais de ensino mais novos entendem melhor os alunos, percepção que é mais forte entre os respondentes mais novos, especialmente entre aqueles com até 14 anos de idade. Respondentes mais novos também percebem com mais intensidade que os demais, que professores que possuem necessidades especiais (deficiências) têm maior dificuldade para dar aulas, entretanto discordam mais fortemente que pessoas mais velhas têm maior dificuldade para aprender.

Como resultado da aplicação da técnica de análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes do sexo masculino, do sexo feminino e com 30 anos de idade ou mais, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de respondentes com 30 anos ou mais, do sexo masculino, do sexo feminino e com até 14 anos. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no

mínimo (no caso de respondentes com idades entre 20 e 29 anos), 73% da variância de cada grupo de respondentes.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à percepção de que os homossexuais deve ser excluídos do ambiente escolar de heterossexuais, de que pessoas mais velhas tem mais dificuldade para aprender e de discriminação geral relacionada à identidade de gênero. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição das dimensões que sugerem que professores deficientes tem mais dificuldade para dar aulas, que profissionais de ensino mais novos entendem melhor os alunos e que pessoas mais velhas tem maior dificuldade para aprender. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 71% da variância da maior parte das atitudes. As exceções são observadas para as atitudes que expressam a percepção de que alunos do campo são preguiçosos e violentos (32% da variância), que têm dificuldade de aprender (45%) e de que os deficientes não preocupam, pois são em pequeno número.

Figura 5 – Mapeamento Perceptual das Dimensões Latentes e Macroconstrutos de Atitudes por Sexo e Faixa Etária dos Respondentes

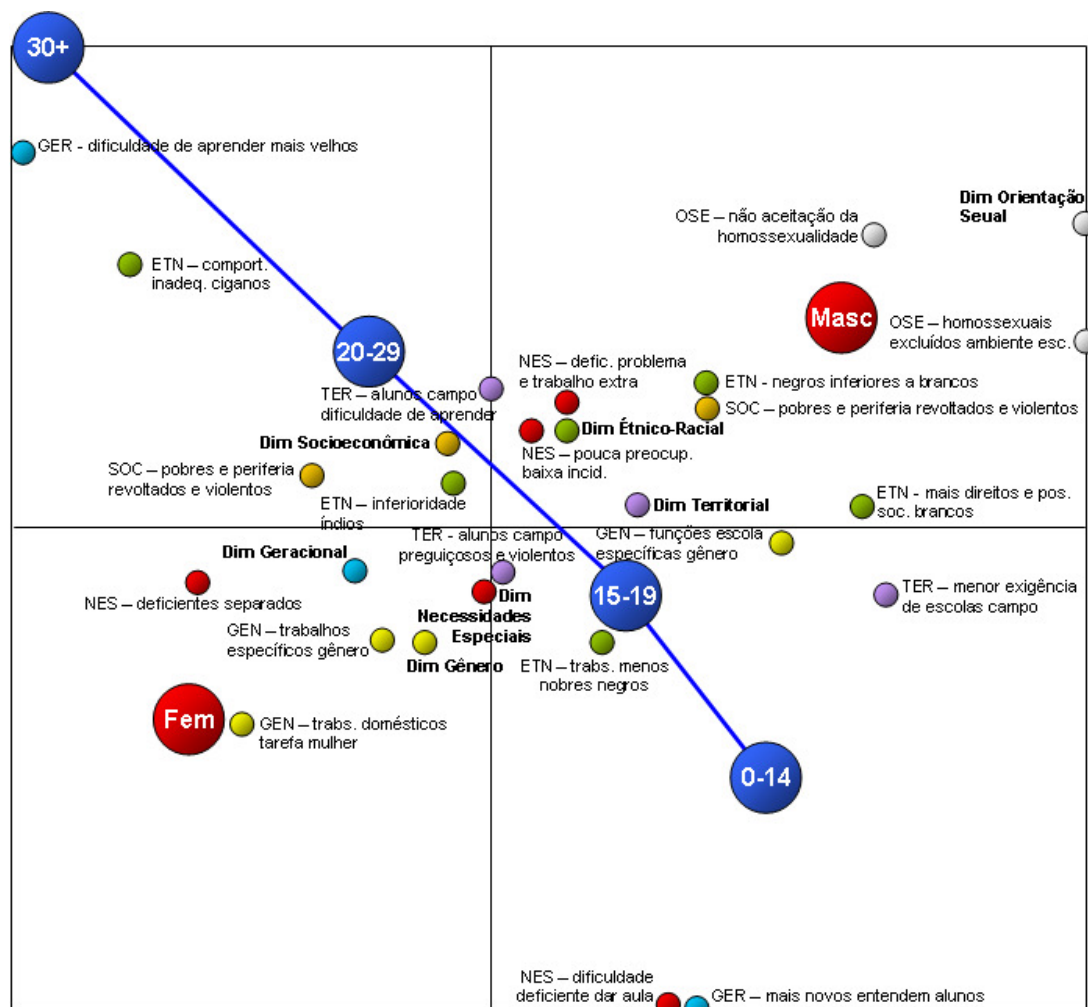


Tabela 133 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Atitudes por Sexo e Faixa Etária dos Respondentes

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Masculino	31,60	21,30	0,10	0,00	23,20	0,00	0,85	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00
Feminino	28,20	18,80	0,00	0,00	26,70	0,00	0,85	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00
Até 14 anos	9,00	15,50	37,50	12,00	13,10	0,00	0,63	0,29	0,07	0,01	0,00	0,00
Entre 15 a 19 anos	2,70	3,80	18,50	32,10	21,50	0,00	0,58	0,22	0,11	0,09	0,00	0,00
Entre 20 e 29 anos	2,40	5,00	26,00	51,50	7,30	0,00	0,47	0,26	0,14	0,13	0,00	0,00
30 anos ou mais	26,20	35,50	17,90	4,50	8,20	0,00	0,72	0,26	0,01	0,00	0,00	0,00

**Tabela 134 – Contribuições das Linhas (Atitudes) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Sexo e Faixa Etária dos Respondentes**

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Étnico-Racial	0,10	0,50	0,30	0,00	0,00	0,00	0,45	0,51	0,04	0,00	0,00	0,00
ETN – mais direitos e pos. soc. brancos	3,10	0,00	1,80	0,00	0,00	0,00	0,98	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
ETN – negros inferiores a brancos	1,10	0,90	0,10	0,00	1,00	0,00	0,81	0,19	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – comport. Inadeq. ciganos	8,50	6,20	3,50	0,50	0,20	0,00	0,83	0,16	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – trabs. menos nobres negros	0,30	0,70	7,00	0,10	5,10	0,00	0,44	0,27	0,28	0,00	0,00	0,00
ETN – inferioridade índios	0,00	0,10	0,00	0,30	6,00	0,00	0,58	0,36	0,00	0,06	0,00	0,00
Dim. Necessidades Especiais	0,00	0,30	0,20	2,10	0,60	0,00	0,26	0,50	0,04	0,20	0,00	0,00
NES – defic. problema e trabalho extra	0,20	0,80	5,70	5,10	0,10	0,00	0,31	0,33	0,26	0,11	0,00	0,00
NES – pouca preocup. baixa incid.	0,00	0,70	15,50	0,40	0,10	0,00	0,00	0,30	0,69	0,01	0,00	0,00
NES – deficientes separados	7,70	0,40	8,80	3,30	7,80	0,00	0,95	0,01	0,03	0,01	0,00	0,00
NES – dificuldade deficiente dar aula	2,00	30,80	3,10	2,90	0,00	0,00	0,20	0,79	0,01	0,00	0,00	0,00
Dim. Gênero	0,40	1,20	1,00	1,30	2,00	0,00	0,55	0,39	0,04	0,02	0,00	0,00
GEN – funções escola gênero	2,30	0,00	14,20	0,00	1,70	0,00	0,85	0,00	0,15	0,00	0,00	0,00
GEN – trabalhos específicos gênero	0,90	1,10	0,00	6,70	1,60	0,00	0,69	0,24	0,00	0,07	0,00	0,00
GEN – trabs. domésticos tarefa mulher	6,50	4,80	0,20	0,60	3,30	0,00	0,83	0,16	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Geracional	1,40	0,10	0,40	2,60	0,50	0,00	0,94	0,03	0,01	0,02	0,00	0,00
GER – mais novos entendem alunos	2,30	19,20	0,00	1,80	1,60	0,00	0,31	0,69	0,00	0,00	0,00	0,00
GER – dificuldade de aprender mais velhos	14,20	12,30	1,40	3,50	0,20	0,00	0,81	0,19	0,00	0,00	0,00	0,00

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim Socioeconômica	0,10	0,40	1,50	0,30	3,80	0,00	0,36	0,45	0,17	0,02	0,00	0,00
SOC – pobres e periferia revoltados e violentos	2,00	0,30	10,60	1,40	6,80	0,00	0,83	0,03	0,13	0,01	0,00	0,00
SOC – alunos pobres e periferia menor qualidade	1,20	0,70	1,90	8,20	1,30	0,00	0,77	0,12	0,04	0,07	0,00	0,00
Dim. Territorial	0,40	0,00	0,60	8,40	2,40	0,00	0,75	0,01	0,03	0,20	0,00	0,00
TER – alunos campo preguiçosos e violentos	0,00	0,10	2,00	0,10	46,10	0,00	0,00	0,32	0,64	0,02	0,01	0,00
TER – alunos campo dificuldade de aprender	0,00	1,40	1,10	33,10	1,00	0,00	0,03	0,42	0,03	0,51	0,00	0,00
TER – menor exigência de escolas campo	3,40	0,20	0,00	9,90	0,20	0,00	0,95	0,01	0,00	0,04	0,00	0,00
Dim. Orientação Sexual	12,40	5,40	0,10	2,20	1,50	0,00	0,89	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00
OSE – homossexuais excluídos ambiente esc.	22,90	4,20	8,80	3,70	0,00	0,00	0,94	0,05	0,01	0,00	0,00	0,00
OSE – não aceitação homossexualidade	6,60	7,00	10,00	1,30	5,20	0,00	0,75	0,21	0,03	0,00	0,00	0,00

Tabela 135 – Média para o IPC % por Sexo e Faixa Etária

Atitudes	IPC (%)					
	Masculino	Feminino	Até 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 anos ou mais
Dimensão Étnico-Racial	26,0	20,5	24,3	23,2	22,4	20,4
Branços têm mais direitos e devem ocupar melhor posição social	21,3	15,1	20,0	18,3	16,6	14,1
Superioridade inata dos brancos em relação a negros	23,0	16,9	21,0	20,0	19,0	16,8
Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	39,6	36,4	35,4	37,3	40,0	40,0
Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	31,5	25,6	31,4	28,6	26,6	23,9
Inferioridade inata dos índios	21,2	17,6	20,1	19,4	19,1	17,3

Atitudes	IPC (%)					
	Masculino	Feminino	Até 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 anos ou mais
Dimensão Necessidades Especiais	35,5	30,1	34,4	33,2	31,3	28,6
Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	26,2	20,4	24,5	23,3	21,6	20,9
Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	31,1	25,1	28,0	28,5	28,7	24,3
Separação dos alunos deficientes dos demais	65,7	62,0	65,6	63,5	62,3	62,1
Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	39,6	34,5	42,6	39,6	33,2	24,7
Dimensão Gênero	41,0	36,1	40,4	39,0	38,2	33,5
Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	26,5	19,7	24,2	23,9	22,5	17,5
Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	47,1	41,8	46,9	44,4	44,2	39,3
Trabalho doméstico é tarefa da mulher	56,6	55,0	58,2	56,1	55,5	51,6
Dimensão Geracional	40,4	36,0	39,4	38,4	37,1	35,2
Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	40,4	34,1	42,7	39,1	33,3	26,1
Pessoas mais velhas tem maior dificuldade de aprender	40,4	37,9	36,0	37,7	40,9	44,3
Dimensão Socioeconômica	27,8	23,0	25,8	25,4	25,5	22,8
Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	33,3	29,7	30,7	31,9	32,2	29,5
Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	22,3	16,4	20,9	19,0	18,7	16,1
Dimensão Territorial	23,6	18,4	22,6	20,8	20,5	17,5
Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	23,3	19,4	22,7	21,4	20,2	18,6
Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	30,5	24,6	28,9	26,6	28,3	24,9
Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	19,1	13,6	18,3	16,5	15,6	11,8
Dimensão Orientação Sexual	33,6	20,4	28,8	27,4	24,6	20,3
Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	24,1	12,4	20,8	18,4	14,9	12,1
Não aceitação da homossexualidade	45,6	30,6	38,8	38,7	36,7	30,5
Geral	30,9	24,8	29,2	28,0	26,9	24,1

Assim como verificado para as atitudes, os respondentes do sexo masculino apresentam distância social maior em relação aos grupos pesquisados do que os respondentes do sexo feminino. O mesmo ocorre para as diferenças de distância social verificada para as diferentes faixas etárias. Respondentes mais novos apresentam, na média, maior distância social em relação aos grupos da pesquisa.

Os respondentes do sexo masculino não somente apresentam percepção mais preconceituosa acerca de homossexuais do que os do sexo feminino, como também procuram manter menor proximidade. Estes respondentes também apresentam maior distância social em relação a pessoas negras. É importante notar, no entanto, que as respondentes do sexo feminino apresentam distância social maior do que os do sexo masculino em relação a índios e pessoas que moram na periferia e/ou favelas.

Entre os respondentes mais velhos, compreendendo aqueles com 20 anos ou mais, as maiores distâncias sociais são observadas em relação a deficientes mentais. Os respondentes mais jovens, com idades até 14 anos, por sua vez, demonstram maior distância em relação a negros e moradores e/ou trabalhadores de áreas rurais.

A análise das contribuições das características de sexo e faixa etária indica que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes do sexo masculino e do sexo feminino, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de respondentes dos grupos de faixas etárias de até 14 anos, de 20 a 29 anos e de 30 anos ou mais. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo (no caso de respondentes com idades entre 20 e 29 anos), 88% da variância para cinco dos seis grupos. A exceção é o grupo de respondentes com idades entre 15 e 19 anos que apresentou 48% de sua variância explicada pelos dois eixos.

O eixo 1 (eixo horizontal) apresenta contribuição fortíssima do indicador referente à distância social em relação a homossexuais, e contribuições também da distância em relação a índios e pessoas que moram na periferia e/ou favelas. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição dos indicadores de distância social em relação a deficientes mentais, negros e trabalhadores e/ou moradores de áreas rurais. Os eixos 1 e 2

são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 81% da variância de oito dos dez indicadores de distância social. As exceções são observadas para o indicador relacionado à distância social em relação a pessoas pobres (54% da variância) e para o indicador geral de distância social (69%).

Figura 6 – Mapeamento Perceptual de Distância Social por Sexo e Faixa Etária

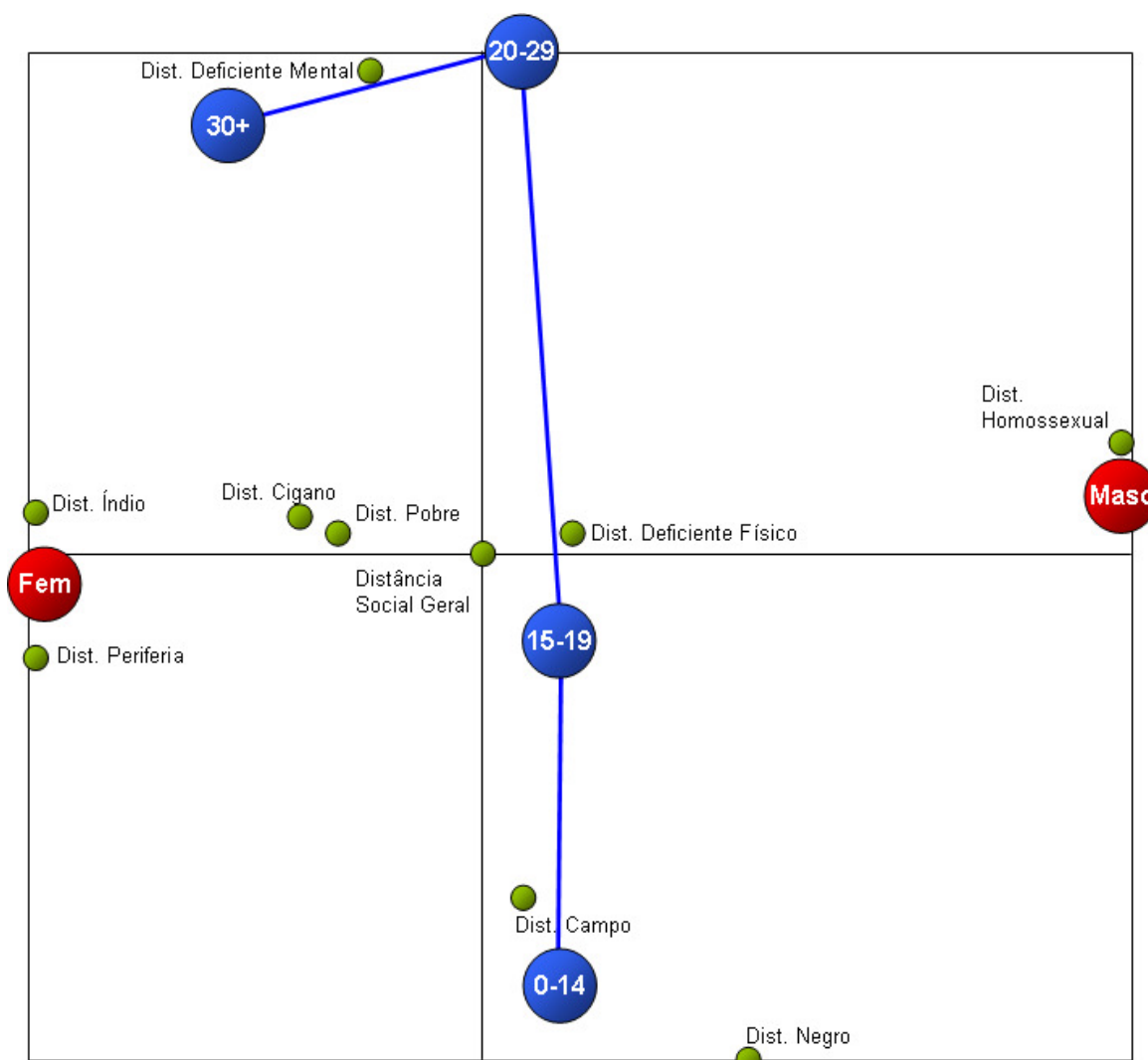


Tabela 136 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Sexo e Faixa Etária

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Masculino	53,70	1,00	1,60	0,30	21,70	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Feminino	41,40	0,80	0,90	0,40	28,20	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Até 14 anos	0,20	39,60	18,30	15,10	14,10	0,00	0,02	0,93	0,05	0,01	0,00	0,00
Entre 15 e 19 anos	0,60	2,50	33,50	22,90	19,40	0,00	0,18	0,30	0,43	0,08	0,00	0,00
Entre 20 e 29 anos	0,10	31,00	7,50	45,80	8,00	0,00	0,00	0,93	0,02	0,04	0,00	0,00
30 anos ou mais	4,00	25,10	38,20	15,70	8,60	0,00	0,26	0,62	0,10	0,01	0,00	0,00

Tabela 137 – Contribuições das Linhas (Distâncias Sociais) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Sexo e Faixa Etária

Distância Social	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Pobre	1,50	0,10	18,00	45,40	4,70	0,00	0,53	0,01	0,27	0,19	0,00	0,00
Negro	3,80	35,50	12,70	0,30	2,00	0,00	0,22	0,75	0,03	0,00	0,00	0,00
Índio	12,80	0,20	8,50	0,00	39,30	0,00	0,97	0,01	0,03	0,00	0,00	0,00
Cigano	2,80	0,30	17,40	0,40	27,00	0,00	0,78	0,03	0,19	0,00	0,00	0,00
Homossexual	63,80	5,10	4,00	3,20	9,60	0,00	0,97	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	13,80	1,50	31,70	3,50	9,20	0,00	0,88	0,04	0,08	0,00	0,00	0,00
Área Rural	0,10	16,30	0,10	27,40	0,10	0,00	0,02	0,93	0,00	0,05	0,00	0,00
Deficiente Físico	0,30	0,00	0,60	0,60	5,60	0,00	0,89	0,02	0,07	0,02	0,00	0,00
Deficiente Mental	1,10	40,90	7,00	19,10	2,50	0,00	0,06	0,91	0,02	0,01	0,00	0,00
Geral	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,45	0,24	0,29	0,01	0,01	0,00

Tabela 138 – Média para o IPCD % por Sexo e Faixa Etária

Distância Social	IPCD (%)					
	Masculino	Feminino	Até 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 anos ou mais
Pobre	61,0	60,6	64,2	60,4	58,2	59,4
Negro	56,5	53,9	60,1	55,5	50,0	51,4
Índio	60,6	62,3	64,5	61,4	58,5	60,9
Cigano	70,3	70,4	73,2	70,9	67,5	68,0
Homossexual	77,4	67,8	74,9	72,7	70,0	68,2
Periferia / favela	60,1	62,4	64,3	61,9	58,4	59,0
Área Rural	57,2	55,9	60,4	57,2	51,9	53,4
Deficiente Físico	62,9	61,0	64,7	62,2	58,9	59,7
Deficiente Mental	71,6	70,3	71,8	70,5	69,5	71,7
Geral	64,2	62,7	66,4	63,6	60,3	61,3

Os valores para o índice percentual médio de conhecimento de situações discriminatórias (*bullying*) indicam que quanto mais jovens os respondentes, na média, maior o conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias na escola, especialmente o conhecimento de *bullying* praticado contra homossexuais, pobres e negros.

Os resultados indicam também que os respondentes do sexo masculino apresentam, de maneira geral, maior conhecimento da ocorrência de tais situações do que aqueles do sexo feminino. As respondentes do sexo feminino, no entanto, se caracterizam por conhecer um pouco mais práticas discriminatórias contra negros e pobres, se aproximando do nível de conhecimento dos respondentes do sexo masculino.

Ao se observar as contribuições dos agrupamentos de respondentes em função de seu gênero e sua faixa etária na análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta contribuições de respondentes dos sexos masculino e feminino, de respondentes com idades até 14 anos e daqueles com 30 anos ou mais, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuições mais fortes do grupo de respondentes com idades entre 15 e 19 anos, do grupo com 30 ou mais anos e daqueles com até 14 anos de idade. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo 61% da variância todos os agrupamentos de respondentes.

Em relação aos indicadores de conhecimento de situações de *bullying*, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas a práticas discriminatórias contra pobres, índios, ciganos, moradores da periferia e negros. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição fortíssima do *bullying* sofrido por homossexuais. Dos onze indicadores, oito apresentaram percentuais iguais ou superiores a 72% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o *bullying* sofrido por deficientes mentais, idosos e mulheres apresentaram 56%, 41% e 67% de suas variâncias explicadas pelos eixos.

Figura 7 – Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Sexo e Faixa Etária

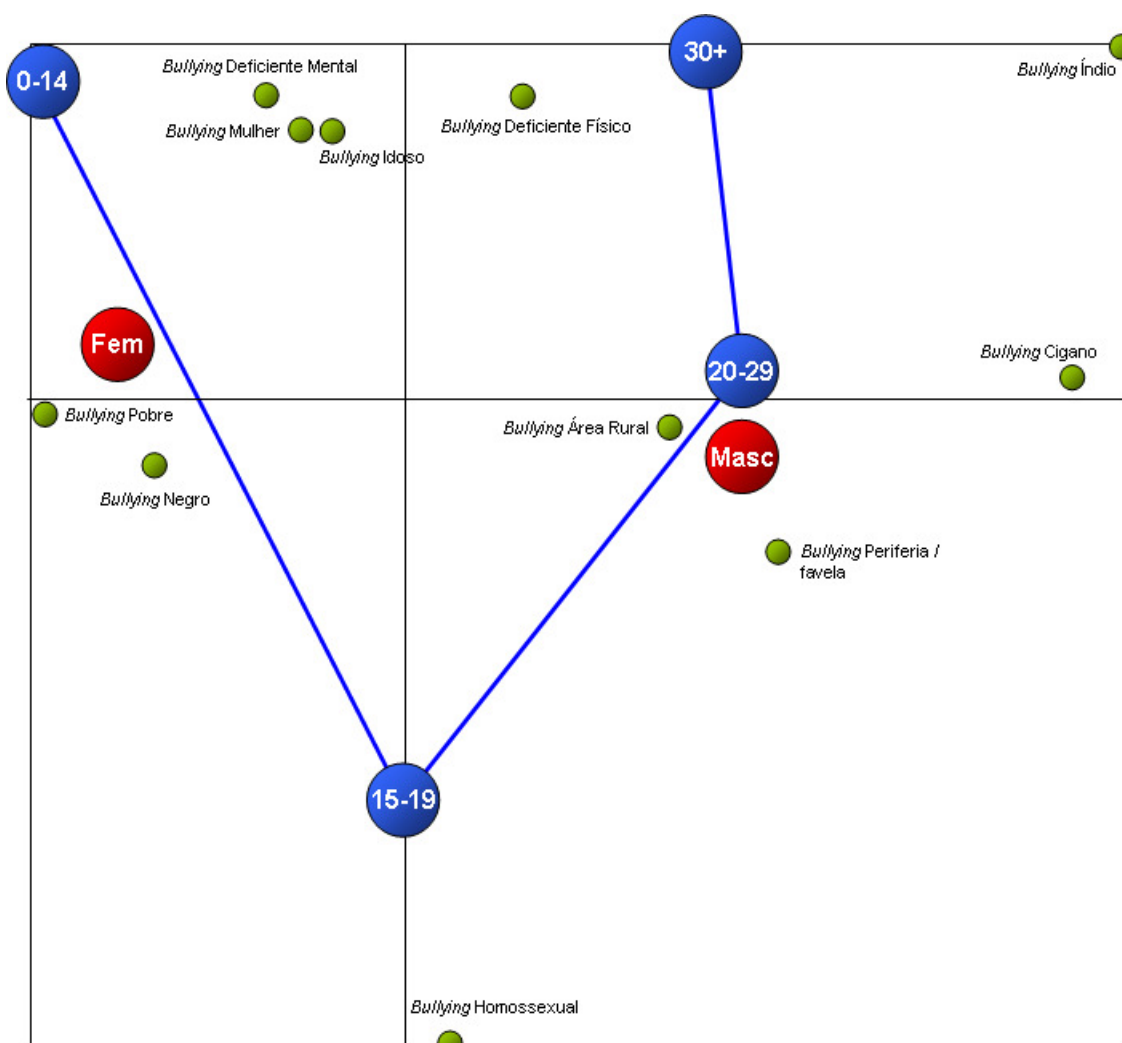


Tabela 139 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Sexo e Faixa Etária

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Masculino	24,1	0,2	25,9	0,3	24,0	0,0	0,84	0,00	0,16	0,00	0,00	0,00
Feminino	23,3	0,5	25,2	0,4	25,7	0,0	0,83	0,01	0,16	0,00	0,00	0,00
Até 14 anos	24,9	16,2	27,2	0,0	16,3	0,0	0,70	0,16	0,14	0,00	0,00	0,00
Entre 15 e 19 anos	0,2	42,9	2,6	10,0	21,4	0,0	0,01	0,92	0,03	0,04	0,00	0,00
Entre 20 e 29 anos	8,1	0,0	3,1	75,0	7,1	0,0	0,61	0,00	0,04	0,34	0,00	0,00
30 anos ou mais	19,4	40,1	16,0	14,2	5,4	0,0	0,52	0,37	0,08	0,02	0,00	0,00

Tabela 140 – Contribuições das Linhas (Conhecimento de *Bullying*) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Sexo e Faixa Etária

Motivo	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Por ser Negro	10,8	0,9	22,6	3,0	8,3	0,0	0,70	0,02	0,26	0,01	0,00	0,00
Por ser Índio	23,1	6,0	22,9	6,5	13,4	0,0	0,78	0,07	0,14	0,01	0,00	0,00
Por ser Cigano	19,4	0,0	0,2	5,9	0,2	0,0	0,98	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00
Por ser Homossexual	0,6	60,0	8,0	1,6	3,2	0,0	0,03	0,91	0,06	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Físico	1,0	7,0	1,7	4,3	6,2	0,0	0,25	0,61	0,07	0,07	0,00	0,00
Por ser Deficiente Mental	1,1	6,4	3,7	31,3	16,0	0,0	0,19	0,37	0,11	0,32	0,00	0,00
Por ser Pobre	24,8	0,1	8,7	3,0	8,0	0,0	0,93	0,00	0,06	0,01	0,00	0,00
Por ser Morador de Periferia ou Favela	12,0	2,2	0,1	1,1	6,2	0,0	0,93	0,06	0,00	0,01	0,00	0,00
Por ser Morador de Área Rural	5,7	0,1	0,6	17,0	16,2	0,0	0,83	0,01	0,01	0,15	0,00	0,00
Por ser Idoso	0,7	8,4	29,6	0,0	18,7	0,0	0,08	0,33	0,60	0,00	0,00	0,00
Por ser Mulher	0,9	8,9	2,0	26,1	3,7	0,0	0,15	0,52	0,06	0,27	0,00	0,00

Tabela 141 – Média para o IPCSB % por Sexo e Faixa Etária

Motivo	IPCSB (%)					
	Masculino	Feminino	Até 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 anos ou mais
Por ser Negro	13,6	10,2	15,8	12,7	9,1	5,7
Por ser Índio	4,4	2,5	4,0	3,4	2,9	2,2
Por ser Cigano	4,0	2,5	3,6	3,4	3,0	2,0
Por ser Homossexual	12,1	8,9	12,0	12,0	8,6	5,1
Por ser Deficiente Físico	6,5	4,7	7,0	5,8	4,6	3,4
Por ser Deficiente Mental	5,7	4,4	6,5	5,3	3,8	3,0
Por ser Pobre	12,9	10,2	15,6	12,2	9,0	5,4
Por ser Morador de Periferia ou Favela	7,9	5,3	7,6	7,1	5,6	3,8
Por ser Morador do Campo	6,7	4,6	6,7	6,0	5,0	3,1
Por ser Idoso	10,0	7,9	11,2	9,4	7,4	5,3
Por ser Mulher	10,3	7,9	11,6	9,3	7,8	5,0
Geral	9,8	7,6	10,7	9,4	7,1	4,6

Os resultados mostram claramente a diferença entre as atitudes, a distância social e o conhecimento de situações de *bullying* entre os públicos. Nota-se que os respondentes mais velhos (30 ou mais anos) demonstram menor conhecimento sobre a ocorrência de situações *bullying* na escola, especialmente o sofrido por negros, pobres e homossexuais. O nível de conhecimento destas situações é maior entre respondentes com até 14 anos de idade, especialmente o *bullying* em relação a negros e pobres.

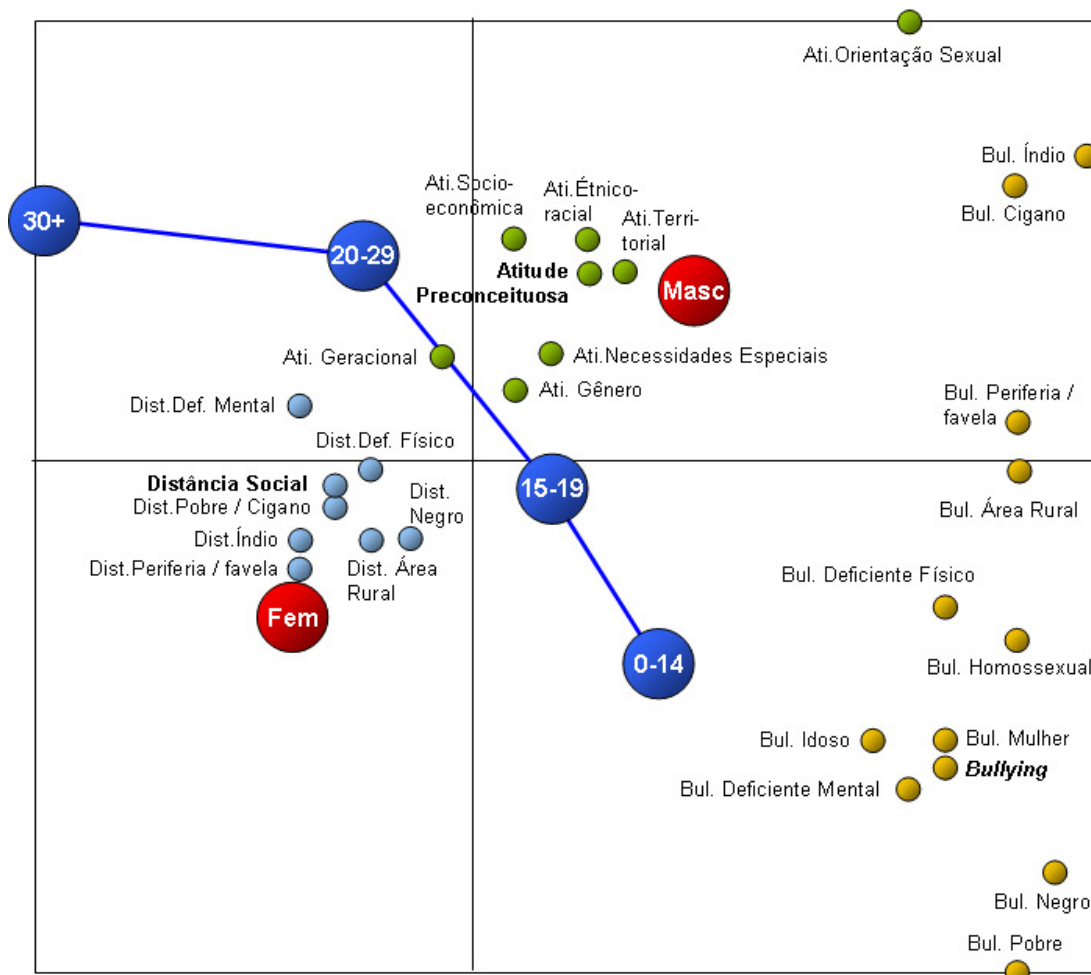
Nota-se, que de maneira geral, os respondentes do sexo feminino também demonstram menor conhecimento da ocorrência de *bullying* nas escolas do que os respondentes do sexo masculino e apresentam atitudes bem menos preconceituosas em relação a questões de orientação sexual.

O eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes com 30 ou mais anos, respondentes do sexo masculino e do sexo feminino, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte dos agrupamentos de respondentes do sexo masculino,

do sexo feminino, de respondentes com idades de até 14 anos e respondentes com 30 anos ou mais. Nota-se que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo (no caso de respondentes com idades entre 15 e 19 anos), 82% da variância de cada grupo de respondentes.

No caso dos indicadores relacionados à discriminação, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas às atitudes referentes ao preconceito em relação à orientação sexual e ao *bullying* sofrido por negros, pobres e homossexuais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição dos indicadores de atitudes preconceituosas em relação à orientação sexual, e ao *bullying* sofrido por pobres e negros. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 75% da variância para praticamente todos os indicadores da análise, exceto para a atitude preconceituosa em relação ao gênero (49% da variância explicada pelos eixos do mapa).

**Figura 8 – Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e
Conhecimento de Situações de *Bullying* por Sexo e Faixa Etária**



**Tabela 143 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Sexo e Faixa Etária**

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Masculino	25,7	26,2	2,5	0,7	22,1	0,0	0,83	0,16	0,00	0,00	0,00	0,00
Feminino	20,4	21,8	1,8	0,7	27,8	0,0	0,83	0,17	0,00	0,00	0,00	0,00
Até 14 anos	10,9	21,8	35,3	5,0	14,0	0,0	0,69	0,27	0,04	0,00	0,00	0,00
Entre 15 e 19 anos	3,4	0,9	32,2	21,5	20,7	0,0	0,78	0,04	0,13	0,05	0,00	0,00
Entre 20 e 29 anos	1,6	12,0	8,8	62,4	7,7	0,0	0,34	0,50	0,03	0,12	0,00	0,00
30 anos ou mais	38,0	17,3	19,3	9,7	7,8	0,0	0,91	0,08	0,01	0,00	0,00	0,00

**Tabela 144 – Contribuições das Linhas (Indicadores) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Sexo e Faixa Etária**

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Atitudes	0,9	4,2	0,0	0,6	0,2	0,0	0,53	0,47	0,00	0,00	0,00	0,00
Étnico-racial	0,8	4,9	0,4	0,2	0,0	0,0	0,45	0,54	0,00	0,00	0,00	0,00
Necessidades Especiais	0,4	1,5	0,8	0,0	0,6	0,0	0,57	0,41	0,02	0,00	0,00	0,00
Gênero	0,1	0,7	6,9	15,4	5,5	0,0	0,23	0,26	0,24	0,27	0,00	0,00
Geracional	0,0	1,6	1,2	0,4	1,2	0,0	0,06	0,87	0,06	0,01	0,00	0,00
Socioeconômica	0,2	5,2	2,2	5,1	2,0	0,0	0,13	0,81	0,03	0,04	0,00	0,00
Territorial	1,4	3,0	1,3	12,1	0,4	0,0	0,66	0,28	0,01	0,05	0,00	0,00
Orientação Sexual	12,7	22,4	4,0	9,9	3,1	0,0	0,74	0,25	0,00	0,01	0,00	0,00
Distância Social	2,0	0,3	0,1	0,4	0,0	0,0	0,97	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
Pobre	2,7	0,6	2,6	1,4	2,3	0,0	0,94	0,04	0,02	0,00	0,00	0,00
Negro	0,3	1,9	8,7	7,8	0,6	0,0	0,34	0,41	0,17	0,08	0,00	0,00
Índio	4,5	1,9	0,4	0,0	0,2	0,0	0,92	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Cigano	3,2	0,9	2,0	0,0	1,5	0,0	0,94	0,05	0,01	0,00	0,00	0,00
Homossexual	0,0	5,3	0,2	0,3	10,4	0,0	0,03	0,97	0,00	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	3,7	3,9	3,4	0,0	0,0	0,0	0,82	0,17	0,01	0,00	0,00	0,00
Área Rural	1,0	1,9	0,9	9,4	0,8	0,0	0,67	0,26	0,01	0,06	0,00	0,00
Deficiente Físico	1,7	0,1	0,0	0,6	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	4,8	0,7	0,1	0,0	1,9	0,0	0,97	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00
Bullying	5,1	3,4	2,6	0,0	0,3	0,0	0,88	0,11	0,01	0,00	0,00	0,00
Negro	9,9	8,9	1,8	0,0	0,2	0,0	0,85	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00
Índio	3,2	1,3	5,5	1,2	30,3	0,0	0,90	0,07	0,03	0,00	0,00	0,00
Cigano	2,3	1,0	0,7	0,0	9,4	0,0	0,92	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Homossexual	7,5	1,7	41,6	11,7	0,0	0,0	0,87	0,04	0,08	0,01	0,00	0,00
Deficiente Físico	3,1	0,6	1,8	0,1	0,8	0,0	0,96	0,03	0,01	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	2,6	2,6	2,9	2,2	1,2	0,0	0,82	0,16	0,02	0,01	0,00	0,00
Pobre	8,6	13,2	1,7	4,4	13,7	0,0	0,77	0,23	0,00	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	4,7	0,0	3,2	3,0	1,8	0,0	0,98	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00
Área Rural	4,1	0,0	0,7	1,5	0,1	0,0	0,99	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Idoso	3,8	3,3	0,2	0,5	8,3	0,0	0,85	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00
Mulher	5,0	3,1	2,0	11,6	3,0	0,0	0,87	0,11	0,01	0,02	0,00	0,00

9.8.3. Análise por Região do País

A aplicação da técnica de análise de correspondência para analisar o perfil dos respondentes das diversas regiões do país revela que, de maneira geral, os respondentes da região Nordeste apresentam valores relativamente maiores que os das demais regiões para as atitudes preconceituosas. Em seguida apresentam valores maiores os respondentes das regiões Norte, Centro-oeste e Sul, respectivamente, enquanto os respondentes da Região Sudeste são os que apresentam os menores valores para a percepção preconceituosa.

Os respondentes nas regiões Sudeste e Sul apresentam, na média, percepções menos preconceituosas em relação a aspectos étnico-raciais do que os respondentes das regiões Nordeste e Norte, especialmente em relação percepção de inferioridade dos índios, de que os brancos possuem mais direitos e devem possuir melhores posições sociais que os negros e que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres. Os respondentes das regiões Sudeste e Sul também apresentam percepções menos preconceituosas em relação a questões territoriais, como a de que as escolas do campo necessitam menos de infra-estrutura e de capacitação em função da qualidade de seus alunos e de que estes são mais preguiçosos e violentos. Os respondentes das regiões Nordeste e Norte ainda apresentam percepções um pouco mais preconceituosas em relação à existência de funções na escola que devem ser exercidas por pessoas de gêneros específicos.

Os respondentes da região Sul percebem ainda com menor intensidade que os demais que os alunos do campo têm maior dificuldade para aprender, no entanto, são os que menos aceitam a homossexualidade e demonstram, dentre os vários aspectos discriminatórios pesquisados, maior discriminação em relação a questões de orientação sexual.

Os resultados para a análise de correspondência para as atitudes de acordo com as regiões do país indicam que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes das regiões Nordeste e Sudeste, seguidos pelas regiões Norte e Sul, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição muito forte da região Sul e alguma contribuição da região Sudeste. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo

(no caso de respondentes da região Norte), 87% da variância para quatro das cinco regiões. A exceção é a região centro-oeste que apresentou 33% da sua variância explicada pelos dois eixos do mapa.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à percepção de que os índios pertencem a uma raça inferior, que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres, que existem funções na escola que são mais adequadas para gêneros específicos, que os alunos deficientes deve ser separados dos demais e que escolas do campo exigem menos em termos de estrutura e capacitação dos seus profissionais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição das dimensões que sugerem que os homossexuais não devem participar do ambiente escolar de heterossexuais, que os alunos do campo têm maior dificuldade de aprender, maior preconceito em relação à orientação sexual e que professores deficientes enfrentam maiores dificuldades para dar aulas. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 86% da variância da maior parte das atitudes. A exceção é observada para a dimensão que expressa as atitudes preconceituosas relacionadas a gênero (66% da variância).

Figura 9 – Mapeamento Perceptual das Dimensões Latentes e Macroconstrutos de Atitudes por Região do País

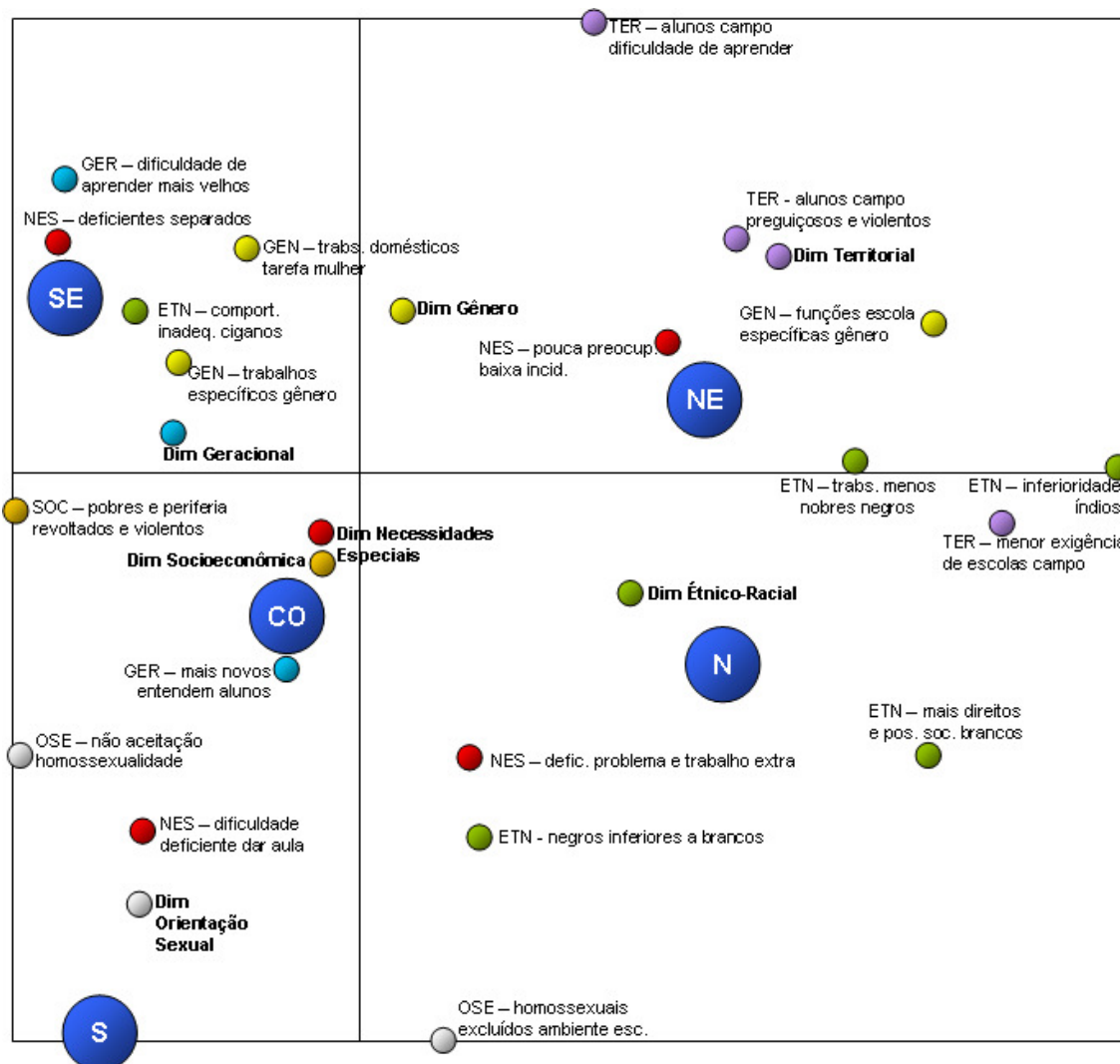


Tabela 145 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Atitudes por Região do país

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Centro-Oeste	0,80	2,30	13,80	75,90	0,00	0,00	0,22	0,11	0,15	0,51	0,00	0,00
Nordeste	40,30	2,90	21,80	1,30	0,00	0,00	0,97	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
Norte	14,60	5,90	52,60	16,90	0,00	0,00	0,81	0,06	0,11	0,02	0,00	0,00
Sudeste	34,00	24,10	0,90	4,00	0,00	0,00	0,89	0,11	0,00	0,00	0,00	0,00
Sul	10,30	64,80	10,90	1,90	0,00	0,00	0,47	0,51	0,02	0,00	0,00	0,00

**Tabela 146 – Contribuições das Linhas (Atitudes) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Região do País**

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Étnico-Racial	1,70	0,80	0,30	1,00	0,00	0,00	0,91	0,07	0,01	0,01	0,00	0,00
ETN – mais direitos e pos. soc. brancos	6,40	2,90	3,00	3,50	0,00	0,00	0,90	0,07	0,02	0,01	0,00	0,00
ETN – negros inferiores a brancos	0,30	5,40	0,00	0,10	0,00	0,00	0,25	0,75	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – comport. Inadeq. ciganos	3,00	2,10	0,90	4,00	0,00	0,00	0,86	0,11	0,01	0,03	0,00	0,00
ETN – trabs. menos nobres negros	8,60	0,00	2,30	1,80	0,00	0,00	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – inferioridade índios	13,20	0,00	0,10	1,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Necessidades Especiais	0,10	0,30	0,00	0,80	0,00	0,00	0,52	0,34	0,00	0,14	0,00	0,00
NES – defic. problema e trabalho extra	0,30	3,80	2,30	0,00	0,00	0,00	0,25	0,66	0,08	0,00	0,00	0,00
NES – pouca preocup. baixa incid.	3,30	0,80	0,40	0,00	0,00	0,00	0,95	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
NES – deficientes separados	7,70	6,20	2,50	12,70	0,00	0,00	0,84	0,12	0,01	0,03	0,00	0,00
NES – dificuldade deficiente dar aula	2,20	9,10	2,60	0,10	0,00	0,00	0,57	0,41	0,02	0,00	0,00	0,00
Dim. Gênero	0,00	2,10	4,60	1,00	0,00	0,00	0,01	0,65	0,30	0,04	0,00	0,00
GEN – funções escola gênero	8,20	1,00	25,30	15,00	0,00	0,00	0,85	0,02	0,10	0,04	0,00	0,00
GEN – trabalhos específicos gênero	2,50	1,00	0,10	0,60	0,00	0,00	0,93	0,07	0,00	0,01	0,00	0,00
GEN – trabs. domésticos tarefa mulher	1,10	5,70	1,40	2,40	0,00	0,00	0,50	0,45	0,02	0,03	0,00	0,00
Dim. Geracional	1,80	0,20	0,20	1,50	0,00	0,00	0,96	0,01	0,00	0,02	0,00	0,00
GER – mais novos entendem alunos	0,30	3,00	8,90	3,70	0,00	0,00	0,21	0,44	0,28	0,07	0,00	0,00
GER – dificuldade de aprender mais velhos	4,90	6,30	15,20	18,00	0,00	0,00	0,70	0,16	0,08	0,06	0,00	0,00

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Socioeconômica	0,10	0,40	0,10	1,80	0,00	0,00	0,40	0,37	0,02	0,21	0,00	0,00
SOC – pobres e periferia revoltados e violentos	4,40	0,10	0,70	2,00	0,00	0,00	0,98	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00
SOC – alunos pobres e periferia menor qualidade	4,10	1,40	0,10	1,60	0,00	0,00	0,93	0,06	0,00	0,01	0,00	0,00
Dim. Territorial	4,20	2,10	2,00	4,10	0,00	0,00	0,89	0,08	0,02	0,02	0,00	0,00
TER – alunos campo preguiçosos e violentos	3,50	2,20	1,40	0,00	0,00	0,00	0,89	0,10	0,01	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo dificuldade de aprender	1,80	11,50	1,90	15,80	0,00	0,00	0,42	0,48	0,02	0,09	0,00	0,00
TER – menor exigência de escolas campo	7,70	0,10	12,80	4,20	0,00	0,00	0,93	0,00	0,06	0,01	0,00	0,00
Dim. Orientação Sexual	1,60	9,60	0,30	0,70	0,00	0,00	0,49	0,50	0,00	0,00	0,00	0,00
OSE – homossexuais excluídos ambiente esc.	0,10	15,90	3,20	2,40	0,00	0,00	0,02	0,92	0,04	0,02	0,00	0,00
OSE – não aceitação homossexualidade	7,00	5,90	7,20	0,10	0,00	0,00	0,84	0,12	0,03	0,00	0,00	0,00

Tabela 147 – Média para o IPC % por Região do País

Atitudes	IPC (%)				
	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Dimensão Étnico-Racial	22,9	24,6	26,7	21,9	20,0
Branços têm mais direitos e devem ocupar melhor posição social	18,1	20,4	21,5	16,6	14,6
Superioridade Inata dos Brancos em relação a negros	19,5	20,8	22,2	20,0	17,1
Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	38,2	35,7	41,2	36,8	36,0
Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	28,0	31,6	34,2	25,2	23,8
Inferioridade inata dos índios	18,0	22,2	24,3	16,8	15,7

Atitudes	IPC (%)				
	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Dimensão Necessidades Especiais	31,9	33,1	36,2	32,0	29,7
Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	23,1	24,6	25,9	22,9	20,3
Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	26,9	29,8	32,8	25,0	24,4
Separação dos alunos deficientes dos demais	60,9	60,3	68,5	62,3	61,5
Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	36,8	36,2	39,7	39,2	33,8
Dimensão Gênero	37,5	37,7	43,7	36,1	35,1
Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	22,1	23,2	28,5	20,2	19,1
Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	44,1	42,6	48,2	43,2	41,7
Trabalho doméstico é tarefa da mulher	53,8	54,5	62,0	53,0	52,5
Dimensão Geracional	38,4	37,1	41,4	37,3	35,6
Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	35,5	36,7	41,2	37,9	33,5
Pessoas mais velhas tem maior dificuldade de aprender	41,3	37,6	41,5	36,7	37,8
Dimensão Socioeconômica	25,5	25,4	28,0	24,8	22,9
Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	32,2	30,0	33,2	31,7	29,8
Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	18,9	20,8	22,8	18,0	16,0
Dimensão Territorial	19,5	22,9	24,7	18,0	18,1
Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	20,1	22,3	25,5	18,7	18,5
Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	24,9	29,1	31,8	23,3	24,9
Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	15,3	19,3	19,5	14,0	13,3
Dimensão Orientação Sexual	26,5	26,5	28,0	28,1	24,0
Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	17,0	18,4	19,6	19,1	15,1
Não aceitação da homossexualidade	38,3	36,7	38,4	39,3	35,1
Discriminação Geral	27,3	28,3	31,1	26,8	24,8

É interessante notar que, conforme ocorreu na análise entre os públicos da pesquisa, na qual diretores apresentaram percepções menos preconceituosas, porém maior distância social, os respondentes da região Sul, apesar de, na média, apresentarem menor nível de preconceito, são aqueles que apresentam, na média, as maiores distâncias sociais em relação aos grupos sociais pesquisados. Da mesma forma, os respondentes das regiões Nordeste e Norte, que apresentaram as percepções mais preconceituosas, apresentam distâncias sociais ligeiramente menores que os das demais regiões.

Entre os respondentes da região Sudeste as maiores distâncias sociais são observadas em relação a moradores/trabalhadores do campo, a pessoas pobres e a ciganos. No entanto, estes respondentes são os que apresentam menores distâncias em relação a índios e negros.

Os respondentes da região Sul, na média, apresentaram as maiores distâncias em relação às pessoas negras, e a moradores da periferia e/ou de favelas, enquanto os respondentes da região Nordeste, apresentaram menor distância social em relação a moradores de áreas rurais, e os da região Norte menor distância em relação a moradores da periferia e/ou de favelas.

Os resultados observados na aplicação da análise de correspondência indicam que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes das regiões Sudeste e Nordeste, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de respondentes das regiões Sul e Norte. Observa-se que estes dois eixos são capazes de explicar ao menos 84% da variância para quatro das cinco regiões. A exceção é o grupo de respondentes da região Centro-Oeste que apresentou 29% de sua variância explicada pelos dois eixos.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta contribuição fortíssima do indicador referente à distância social em relação a moradores / trabalhadores de áreas rurais, e contribuições também das distâncias em relação a índios e negros. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição muito forte do indicador de distância social em relação a moradores da periferia e/ou de favelas, e contribuições um pouco menores da distância em relação a deficientes mentais e em relação a negros. Os eixos 1 e 2 são

capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 84% da variância de oito dos dez indicadores de distância social. As exceções são observadas para o indicador relacionado à distância em relação a deficientes físicos (62% da variância) e para o indicador geral de distância social (41%).

Figura 10 – Mapeamento Perceptual de Distância Social por região do País



Tabela 148 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Região do País

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Centro-Oeste	0,20	2,30	0,20	89,90	0,00	0,00	0,08	0,21	0,01	0,71	0,00	0,00
Nordeste	35,60	1,00	33,10	0,70	0,00	0,00	0,94	0,01	0,05	0,00	0,00	0,00
Norte	7,60	35,40	47,20	0,00	0,00	0,00	0,45	0,39	0,16	0,00	0,00	0,00
Sudeste	53,40	1,50	1,20	3,60	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Sul	3,30	59,80	18,20	5,80	0,00	0,00	0,21	0,71	0,07	0,01	0,00	0,00

Tabela 149 – Contribuições das Linhas (Distância Social) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Região do País

Distância Social	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Pobre	5,40	2,40	14,40	16,20	0,00	0,00	0,78	0,06	0,12	0,04	0,00	0,00
Negro	10,70	13,40	0,10	0,20	0,00	0,00	0,81	0,19	0,00	0,00	0,00	0,00
Índio	11,90	0,20	7,30	4,30	0,00	0,00	0,96	0,00	0,03	0,01	0,00	0,00
Cigano	4,20	2,10	6,50	18,60	0,00	0,00	0,80	0,07	0,07	0,06	0,00	0,00
Homossexual	2,50	0,40	0,00	3,00	0,00	0,00	0,95	0,03	0,00	0,02	0,00	0,00
Periferia / favela	0,00	50,10	0,60	1,40	0,00	0,00	0,00	0,99	0,00	0,00	0,00	0,00
Área Rural	58,90	0,20	9,80	18,60	0,00	0,00	0,98	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	2,40	11,40	43,40	15,20	0,00	0,00	0,33	0,29	0,35	0,03	0,00	0,00
Deficiente Mental	4,00	19,80	17,90	22,50	0,00	0,00	0,44	0,41	0,12	0,04	0,00	0,00
Geral	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,41	0,00	0,23	0,37	0,00	0,00

Tabela 150 – Média para o IPCD % por Região do País

Distância Social	IPCD (%)				
	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Pobre	62,0	59,8	59,9	61,9	61,2
Negro	55,9	54,6	55,1	57,7	54,2
Índio	62,2	62,0	61,5	63,9	60,7
Cigano	71,8	69,4	69,3	71,8	70,7
Homossexual	72,9	71,6	71,6	74,5	71,4
Periferia / favela	62,8	59,7	60,7	64,6	61,2
Área Rural	57,2	55,0	54,2	57,8	57,9
Deficiente Físico	62,9	62,8	61,2	63,6	61,3
Deficiente Mental	71,1	71,0	70,9	72,2	70,4
Geral	64,3	62,9	62,7	65,3	63,2

Os respondentes com 30 ou mais anos de idade demonstram maior conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias contra mulheres, embora apresentem menor conhecimento destas práticas contra índios, idosos e moradores de áreas rurais, práticas sobre as quais respondentes com idades entre 15 e 19 anos apresentam maior conhecimento. Os respondentes com até 14 anos de idade apresentam conhecimento relativamente maior de práticas de *bullying* contra idosos.

Os respondentes do sexo feminino apresentam maior conhecimento de *bullying* vitimando deficientes mentais, no entanto, declaram ter menor conhecimento de tais práticas contra idosos, pobres e deficientes físicos.

No tocante às contribuições das regiões na análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta contribuições de respondentes das regiões Norte, Nordeste e, principalmente, daqueles da região Sul, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuições mais fortes de respondentes das regiões Sudeste, Centro-Oeste e, em menor intensidade, da região Sul. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo 63% da variância para todas as regiões.

Em relação aos indicadores de conhecimento de situações de *bullying*, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas a práticas

discriminatórias contra índios, ciganos, moradores de áreas rurais e negros. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição fortíssima do *bullying* sofrido por pobres, moradores de periferia / favelas, moradores de áreas rurais, homossexuais e ciganos. Dos onze indicadores, nove apresentaram percentuais iguais ou superiores a 81% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o *bullying* sofrido por idosos e mulheres apresentaram apenas 56% e 35% de suas variâncias explicadas pelos eixos.

De maneira geral, os respondentes das regiões Norte, Centro Oeste e Nordeste apresentam os maiores valores para os indicadores de conhecimento de situações de *bullying* na escola, enquanto os respondentes das regiões Sudeste e, especialmente, Sul, apresentam menor conhecimento.

Entre os respondentes da região Sul, as práticas discriminatórias que se mostram mais conhecidas são aquelas em que as vítimas são negros e pobres, estas últimas também se incluem entre as mais conhecidas entre os respondentes da região Centro Oeste e Sudeste. Os respondentes da região Sul se caracterizam ainda por apresentar os níveis mais baixos de conhecimento de práticas discriminatórias em relação a índios, ciganos e moradores de áreas rurais, práticas essas entre as mais conhecidas no Norte e no Nordeste.

Entre os respondentes da região Sudeste, por sua vez, nota-se maior conhecimento de situações de *bullying* contra homossexuais e moradores da periferia / favelas, enquanto na região Sul estas práticas são menos conhecidas do que nas demais regiões.

Figura 11 – Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Região do País

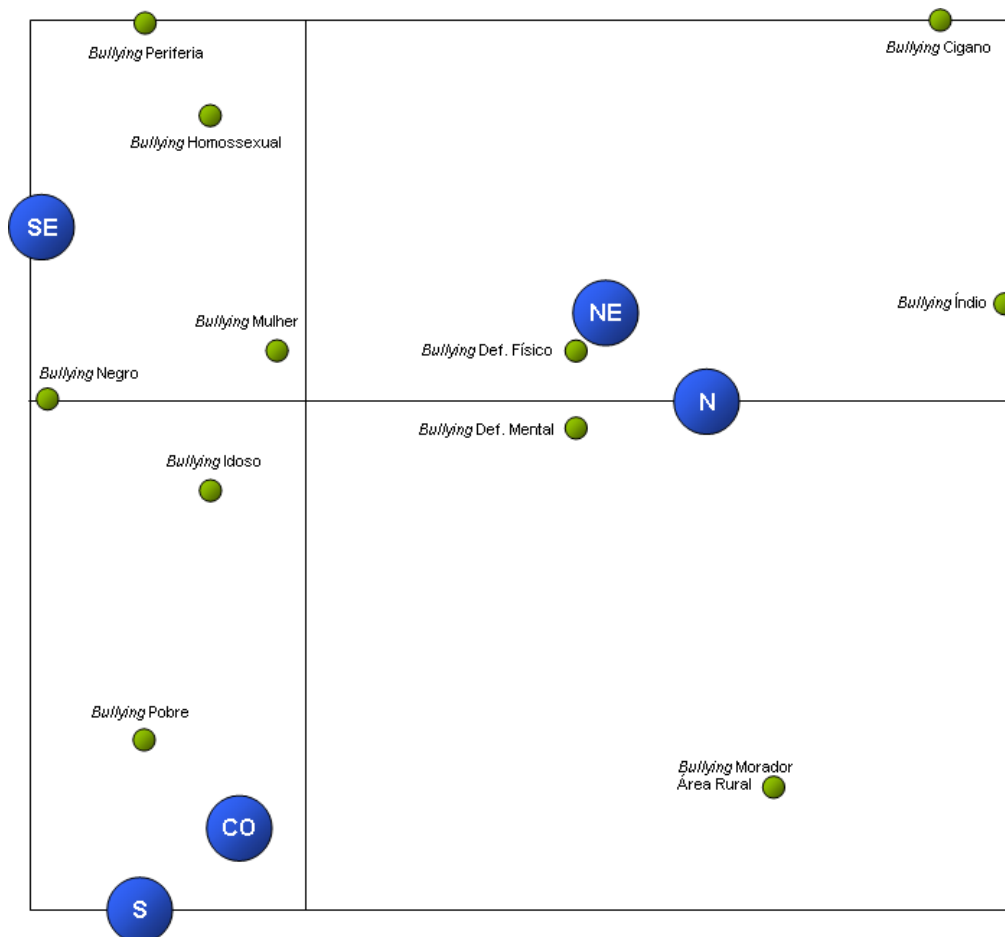


Tabela 151 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Região do País

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Centro-Oeste	0,6	29,3	34,0	27,8	0,0	0,0	0,05	0,58	0,23	0,15	0,00	0,00
Nordeste	22,5	0,0	23,5	42,0	0,0	0,0	0,81	0,00	0,08	0,11	0,00	0,00
Norte	30,2	3,6	16,3	16,7	0,0	0,0	0,89	0,03	0,04	0,04	0,00	0,00
Sudeste	4,1	47,6	25,3	12,8	0,0	0,0	0,20	0,64	0,11	0,05	0,00	0,00
Sul	42,6	19,6	0,9	0,6	0,0	0,0	0,89	0,11	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 152 – Contribuições das Linhas (*Conhecimento de Bullying*) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Região do País

Motivo	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Por ser Negro	17,0	0,0	13,7	37,5	0,0	0,0	0,81	0,00	0,06	0,13	0,00	0,00
Por ser Índio	23,5	0,7	23,6	1,4	0,0	0,0	0,91	0,01	0,08	0,00	0,00	0,00
Por ser Cigano	18,5	10,0	14,5	9,2	0,0	0,0	0,80	0,12	0,06	0,03	0,00	0,00
Por ser Homossexual	1,8	16,5	1,0	5,5	0,0	0,0	0,27	0,66	0,01	0,06	0,00	0,00
Por ser Deficiente Físico	5,9	0,2	3,1	1,2	0,0	0,0	0,93	0,01	0,05	0,01	0,00	0,00
Por ser Deficiente Mental	4,5	0,2	3,2	1,1	0,0	0,0	0,91	0,01	0,06	0,02	0,00	0,00
Por ser Pobre	5,5	30,6	16,3	0,8	0,0	0,0	0,36	0,54	0,10	0,00	0,00	0,00
Por ser Morador de Periferia ou Favela	3,4	20,1	12,3	12,1	0,0	0,0	0,32	0,50	0,10	0,08	0,00	0,00
Por ser Morador de Área Rural	17,8	19,3	1,6	6,1	0,0	0,0	0,75	0,22	0,01	0,02	0,00	0,00
Por ser Idoso	1,5	2,1	4,2	16,6	0,0	0,0	0,40	0,16	0,11	0,33	0,00	0,00
Por ser Mulher	0,5	0,5	6,4	8,4	0,0	0,0	0,28	0,07	0,31	0,34	0,00	0,00

Tabela 153 – Média para o IPCSB % por Região do País

Motivo	IPCSB (%)				
	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste
Por ser Negro	14,6	12,6	12,3	9,5	11,2
Por ser Índio	3,8	5,1	4,1	2,3	2,6
Por ser Cigano	3,0	4,1	4,1	2,2	2,5
Por ser Homossexual	11,0	11,8	11,4	7,9	9,6
Por ser Deficiente Físico	6,1	7,4	6,4	4,3	4,7
Por ser Deficiente Mental	5,4	6,4	5,8	4,1	4,2
Por ser Pobre	13,5	12,8	12,1	10,8	10,2
Por ser Morador de Periferia ou Favela	6,1	7,5	7,0	5,2	6,2
Por ser Morador de Área Rural	6,7	7,3	6,7	4,8	4,2
Por ser Idoso	10,2	11,0	9,3	7,6	8,0
Por ser Mulher	10,0	11,1	9,6	7,3	8,1
Geral	9,7	10,0	9,1	7,5	7,9

Os resultados evidenciam as diferenças entre as atitudes, mais fortemente preconceituosas entre os respondentes do Norte e, principalmente, do Nordeste, as distâncias sociais maiores verificadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste, e o conhecimento de situações de *bullying*, menores nas regiões Sul e Sudeste.

O eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes das regiões Norte e Sul, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuições mais fortes de respondentes das regiões Nordeste e Sudeste e contribuições também de respondentes das regiões Norte e Centro Oeste. Os dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 88% da variância de quatro das cinco regiões, exceção feita à região Centro Oeste, que apresentou 58% de sua variância explicada pelos dois eixos.

Considerando os indicadores da pesquisa, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição de atitudes referentes ao preconceito de natureza territorial, do *bullying* em relação a moradores de áreas rurais, da atitude preconceituosa de natureza étnico-racial, do *bullying* contra índios e ciganos, e da distância social em relação a moradores da área rural. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição dos indicadores de *bullying* contra negros, mulheres e idosos, e de atitudes preconceituosas em relação a gênero. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 62% da variância de todos os indicadores da análise.

Figura 12 – Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Região do País



Tabela 154 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Região do País

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Centro-Oeste	0,3	16,8	14,6	60,9	0,0	0,0	0,05	0,53	0,14	0,29	0,00	0,00
Nordeste	11,1	35,9	8,3	34,6	0,0	0,0	0,61	0,32	0,02	0,05	0,00	0,00
Norte	43,1	19,7	5,2	1,2	0,0	0,0	0,92	0,07	0,01	0,00	0,00	0,00
Sudeste	13,2	24,0	47,2	3,2	0,0	0,0	0,68	0,20	0,12	0,00	0,00	0,00
Sul	32,4	3,5	24,8	0,1	0,0	0,0	0,95	0,02	0,04	0,00	0,00	0,00

**Tabela 155 – Contribuições das Linhas (Indicadores) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Região do País**

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Atitudes	3,9	4,7	0,0	0,1	0,0	0,0	0,84	0,16	0,00	0,00	0,00	0,00
Étnico-racial	7,2	4,0	0,8	0,0	0,0	0,0	0,91	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Necessidades Especiais	2,9	5,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,76	0,24	0,00	0,00	0,00	0,00
Gênero	4,9	9,6	8,8	4,2	0,0	0,0	0,70	0,22	0,06	0,01	0,00	0,00
Geracional	1,1	4,4	1,0	6,4	0,0	0,0	0,53	0,36	0,03	0,08	0,00	0,00
Socioeconômica	2,2	3,9	0,3	1,9	0,0	0,0	0,76	0,22	0,01	0,02	0,00	0,00
Territorial	10,1	1,9	7,0	5,4	0,0	0,0	0,93	0,03	0,03	0,01	0,00	0,00
Orientação Sexual	0,4	5,1	15,4	0,2	0,0	0,0	0,21	0,41	0,38	0,00	0,00	0,00
Distância Social	2,6	0,1	0,0	0,2	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Pobre	3,2	0,5	1,3	0,2	0,0	0,0	0,95	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00
Negro	1,5	0,2	2,2	0,2	0,0	0,0	0,91	0,02	0,07	0,00	0,00	0,00
Índio	1,4	0,0	1,5	2,1	0,0	0,0	0,92	0,00	0,05	0,03	0,00	0,00
Cigano	3,5	0,6	0,8	0,1	0,0	0,0	0,96	0,03	0,01	0,00	0,00	0,00
Homossexual	2,4	0,0	0,3	0,6	0,0	0,0	0,99	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00
Periferia / favela	3,3	0,2	1,1	0,4	0,0	0,0	0,97	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
Área Rural	6,4	1,6	3,3	0,0	0,0	0,0	0,94	0,04	0,02	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	1,8	0,7	0,7	2,2	0,0	0,0	0,90	0,06	0,02	0,03	0,00	0,00
Deficiente Mental	1,7	0,1	0,4	1,7	0,0	0,0	0,96	0,01	0,01	0,02	0,00	0,00
Bullying	1,2	4,1	0,2	1,0	0,0	0,0	0,63	0,35	0,01	0,01	0,00	0,00
Negro	0,8	10,2	2,0	42,4	0,0	0,0	0,22	0,47	0,03	0,29	0,00	0,00
Índio	6,8	6,9	1,2	6,5	0,0	0,0	0,84	0,14	0,01	0,02	0,00	0,00
Cigano	6,2	0,1	2,5	3,8	0,0	0,0	0,96	0,00	0,02	0,01	0,00	0,00
Homossexual	2,5	4,9	11,4	0,9	0,0	0,0	0,65	0,20	0,14	0,01	0,00	0,00
Deficiente Físico	4,6	5,2	0,3	2,0	0,0	0,0	0,84	0,15	0,00	0,01	0,00	0,00
Deficiente Mental	3,8	1,7	0,8	2,0	0,0	0,0	0,91	0,07	0,01	0,01	0,00	0,00
Pobre	1,3	2,2	9,7	7,8	0,0	0,0	0,56	0,15	0,20	0,08	0,00	0,00
Periferia / favela	0,8	2,0	10,9	6,4	0,0	0,0	0,45	0,18	0,29	0,08	0,00	0,00
Área Rural	7,3	1,5	14,3	0,8	0,0	0,0	0,88	0,03	0,09	0,00	0,00	0,00
Idoso	1,7	8,6	1,6	0,1	0,0	0,0	0,53	0,45	0,03	0,00	0,00	0,00
Mulher	2,3	9,3	0,0	0,4	0,0	0,0	0,60	0,40	0,00	0,00	0,00	0,00

9.8.4. Análise por Acesso à Mídia

A análise dos resultados indica que grupos de respondentes com maior acesso a meios de informação, tanto em termos de quantidade quanto de sua diversidade, apresentam percepções menos preconceituosas para as questões pesquisadas.

Os respondentes com acesso muito baixo a meios de informação apresentam valores mais altos para os indicadores de preconceito que indicam a percepção de que os índios pertencem a uma raça inferior, que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres e que alunos pobres e da periferia são de menor qualidade que os da cidade.

Entre os respondentes com acesso total a meios de informação, as atitudes mais preconceituosas se referem à percepção de que os alunos pobres e da periferia e/ou da favela são mais revoltados e violentos e que os alunos com deficiência deveriam ser separados dos demais.

Respondentes com acesso reduzido a meios de informação apresentam percepção mais forte que profissionais de ensino mais jovens entendem melhor os alunos e que professores deficientes tem maiores dificuldades para dar aulas.

Os resultados obtidos pela aplicação da análise de correspondência para as atitudes, de acordo com o acesso a meios de informação, indicam que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição dos grupos de respondentes que apresentam acesso muito baixo, e acesso total a meios de informação, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição muito forte dos grupos que apresentam acesso reduzido e muito baixo a meios de informação. Estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 80% da variância para os quatro grupos de respondentes.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à percepção de que os índios pertencem a uma raça inferior, que alunos pobres e moradores da periferia e/ou favelas são revoltados e violentos, que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres e que os alunos deficientes devem ser separados dos demais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição

das dimensões que sugerem que profissionais de ensino mais jovens entendem melhor os alunos e que professores deficientes têm mais dificuldades para dar aula. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 80% da variância para a maior parte das atitudes. As exceções são observadas para as percepções preconceituosas de que negros são inferiores aos brancos (22% da variância), de que os deficientes representam um problema e, portanto, os profissionais de ensino deveriam ganhar mais para lidar com eles (46%) e para as dimensões de discriminação de gênero (51%) e em relação à deficiência (68%).

Figura 13 – Mapeamento Perceptual das Dimensões Latentes e Macroconstrutos de Atitudes por Grau de Acesso a Meios de Comunicação

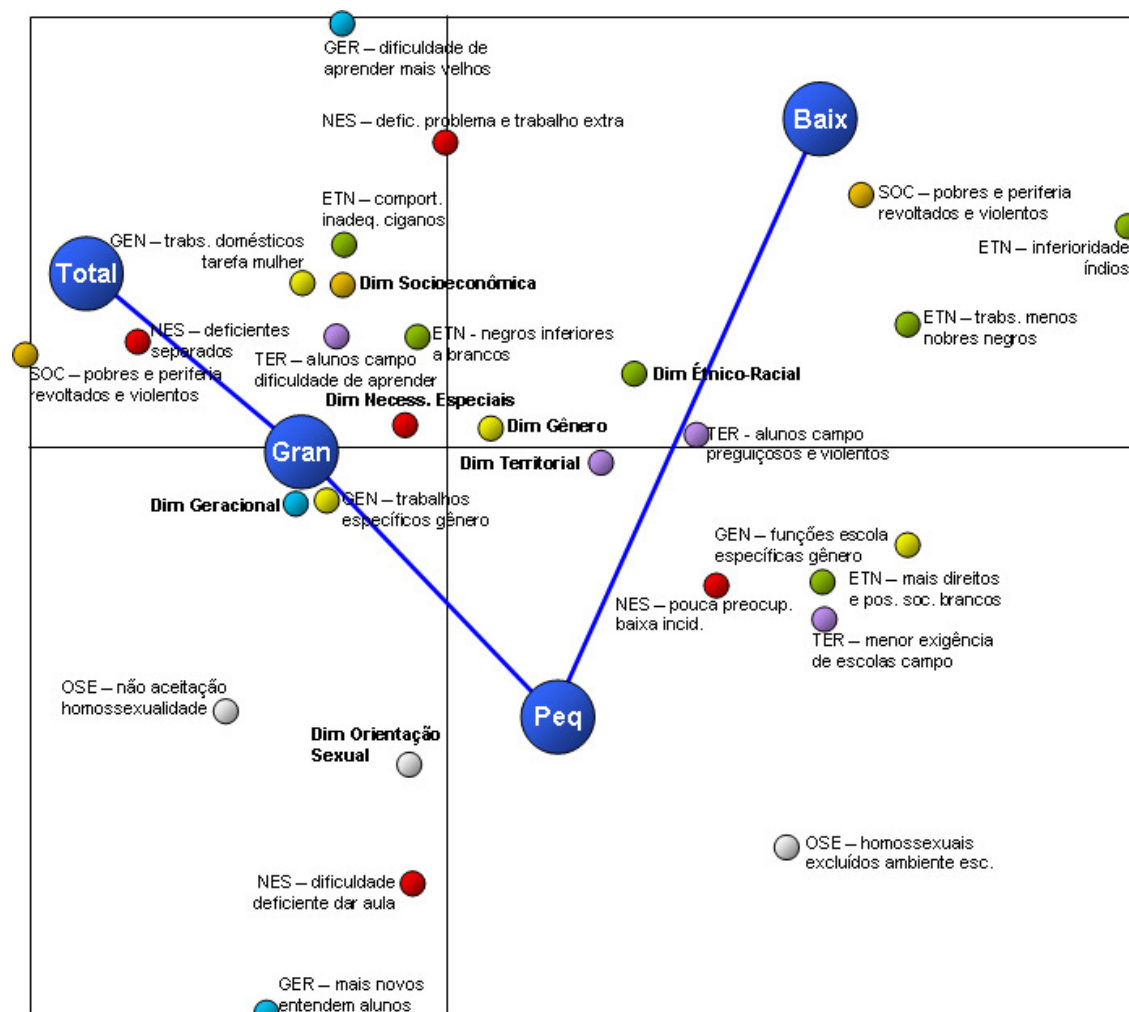


Tabela 156 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Atitudes por Grau de Acesso a Meios de Informação

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Baixo Acesso	41,70	38,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,90	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00
Reduzido Acesso	7,70	48,60	11,00	0,00	0,00	0,00	0,56	0,41	0,03	0,00	0,00	0,00
Alto Acesso	10,00	0,30	61,00	0,00	0,00	0,00	0,80	0,00	0,19	0,00	0,00	0,00
Total Acesso	40,60	12,60	28,00	0,00	0,00	0,00	0,94	0,03	0,03	0,00	0,00	0,00

Tabela 157 – Contribuições das Linhas (Atitudes) no Mapeamento Perceptual de Atitudes por Grau de Acesso a Meios de Informação

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Étnico-Racial	1,60	0,30	0,30	0,00	0,00	0,00	0,97	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – mais direitos e pos. soc. Brancos	5,10	0,70	2,30	0,00	0,00	0,00	0,97	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
ETN – negros inferiores a brancos	0,00	0,50	7,70	0,00	0,00	0,00	0,07	0,15	0,78	0,00	0,00	0,00
ETN – comport. inadeq. Ciganos	0,70	3,10	0,80	0,00	0,00	0,00	0,64	0,33	0,03	0,00	0,00	0,00
ETN – trabs. menos nobres negros	11,70	1,10	0,10	0,00	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – inferioridade índios	16,60	1,90	0,80	0,00	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Necessidades Especiais	0,10	0,10	1,70	0,00	0,00	0,00	0,64	0,04	0,32	0,00	0,00	0,00
NES– defic. problema e trabalho extra	0,00	4,80	16,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,46	0,54	0,00	0,00	0,00
NES – pouca preocup. baixa incid.	3,70	1,10	2,30	0,00	0,00	0,00	0,94	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00
NES – deficientes separados	10,70	1,70	6,90	0,00	0,00	0,00	0,96	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00
NES – dificuldade deficiente dar aula	0,10	14,70	0,10	0,00	0,00	0,00	0,06	0,94	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Gênero	0,10	0,10	1,80	0,00	0,00	0,00	0,44	0,07	0,50	0,00	0,00	0,00
GEN – funções escola gênero	9,10	0,50	5,80	0,00	0,00	0,00	0,97	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
GEN – trabalhos específicos gênero	0,80	0,20	0,20	0,00	0,00	0,00	0,96	0,03	0,01	0,00	0,00	0,00
GEN – trabs. domésticos tarefa mulher	1,90	3,40	1,40	0,00	0,00	0,00	0,81	0,17	0,02	0,00	0,00	0,00

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Geracional	1,60	0,20	9,00	0,00	0,00	0,00	0,81	0,01	0,18	0,00	0,00	0,00
GER – mais novos entendem alunos	2,80	26,00	3,10	0,00	0,00	0,00	0,47	0,51	0,02	0,00	0,00	0,00
GER – dificuldade de aprender mais velhos	0,70	16,40	16,80	0,00	0,00	0,00	0,22	0,58	0,20	0,00	0,00	0,00
Dim. Socioeconômica	0,80	1,30	0,00	0,00	0,00	0,00	0,83	0,17	0,00	0,00	0,00	0,00
SOC – pobres e periferia revoltados e violentos	11,80	0,70	0,90	0,00	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
SOC – alunos pobres e periferia menor qualidade	5,70	2,60	2,00	0,00	0,00	0,00	0,94	0,05	0,01	0,00	0,00	0,00
Dim. Territorial	0,90	0,00	2,60	0,00	0,00	0,00	0,90	0,00	0,10	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo preguiçosos e violentos	2,10	0,00	0,40	0,00	0,00	0,00	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo dificuldade de aprender	0,50	0,60	2,80	0,00	0,00	0,00	0,75	0,10	0,16	0,00	0,00	0,00
TER – menor exigência de escolas campo	4,10	1,10	6,80	0,00	0,00	0,00	0,91	0,03	0,06	0,00	0,00	0,00
Dim. Orientação Sexual	0,00	5,50	0,90	0,00	0,00	0,00	0,03	0,92	0,05	0,00	0,00	0,00
OSE – homossexuais excluídos ambiente esc.	3,40	6,20	6,00	0,00	0,00	0,00	0,78	0,16	0,05	0,00	0,00	0,00
OSE – não aceitação homossexualidade	3,30	5,20	0,10	0,00	0,00	0,00	0,85	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 158 – Média para o IPC % por Grau de Acesso a Meios de Informação

Atitudes	IPC (%)			
	Baixo	Reduzido	Alto	Total
Dimensão Étnico-Racial	26,3	24,4	22,1	19,1
Branços têm mais direitos e melhor posição social	20,8	19,4	16,7	14,3
Superioridade inata dos brancos em relação a negros	21,6	20,4	19,4	16,8
Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	41,6	39,3	37,2	33,3
Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	33,9	30,4	26,6	22,4
Inferioridade inata dos índios	23,9	20,8	17,9	14,6
Dimensão Necessidades Especiais	35,6	34,3	31,5	28,4
Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	25,8	24,1	21,8	20,4
Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	31,8	30,1	26,3	22,8
Separação dos alunos deficientes dos demais	67,1	65,5	63,8	57,6
Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	39,3	39,7	36,0	31,4

Atitudes	IPC (%)			
	Baixo	Reduzido	Alto	Total
Dimensão Gênero	42,6	40,4	37,4	32,8
Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	26,9	24,7	21,7	17,7
Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	47,8	46,5	43,4	38,6
Trabalho doméstico é tarefa da mulher	60,8	58,0	55,0	49,4
Dimensão Geracional	40,7	40,1	36,9	33,9
Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	38,0	39,9	36,3	32,5
Pessoas mais velhas tem maior dificuldade de aprender	43,5	40,4	37,6	35,3
Dimensão Socioeconômica	27,4	26,2	24,7	22,3
Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	32,1	32,0	31,5	29,1
Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	22,7	20,3	17,8	15,5
Dimensão Territorial	23,4	22,0	20,1	17,2
Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	24,3	22,6	20,3	17,5
Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	29,7	28,4	26,9	23,8
Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	18,6	17,3	15,4	12,6
Dimensão Orientação Sexual	28,2	28,1	25,4	22,5
Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	19,8	19,3	16,4	14,2
Não aceitação da homossexualidade	38,8	39,2	36,7	32,9
Geral	30,6	29,1	26,7	23,6

É interessante notar que, apesar de apresentar, na média, os maiores valores em termos de atitudes preconceituosas para as dimensões da pesquisa, os respondentes de mais baixo acesso a meios de informação apresentam o menor valor para a média do indicador global de distância social, seguido muito de perto pelos respondentes com acesso total a meios de informação. Os grupos de respondentes que apresentam um grau intermediário de acesso foram os que apresentaram os maiores valores para os índices percentuais de distância social.

A distância social em relação a moradores / trabalhadores de áreas rurais é maior quanto maior o acesso aos meios de comunicação e apresenta o seu grau mais alto de discriminação entre os respondentes que tem acesso total a meios de informação. Ainda

que em menor intensidade, o mesmo se aplica à distância em relação a moradores da periferia / favelas.

Os respondentes de mais baixo acesso a meios de informação apresentam distância social relativamente maior em relação a negros, enquanto pessoas de nível intermediário de acesso apresentam maior distância em relação a ciganos.

O grupo de respondentes de total acesso a meios de informação, por sua vez, é aquele que apresenta a menor distância social em relação aos homossexuais.

Em relação aos agrupamentos em função do grau de acesso a meios de informação, o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes com acesso muito baixo e aqueles com acesso total a meios de informação, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de respondentes com acesso reduzido, acesso total e acesso muito baixo a meios de informação. Observa-se que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 72% da variância para todos os agrupamentos.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta contribuição fortíssima do indicador referente à distância social em relação a moradores / trabalhadores de áreas rurais, e contribuição também da distância em relação a negros. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição muito forte do indicador de distância social em relação a deficientes físicos, ciganos, negros e moradores da periferia e/ou de favelas. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 93% da variância de todos os dez indicadores de distância social.

Figura 14 – Mapeamento Perceptual de Distância Social por Grau de Acesso a Meios de Informação

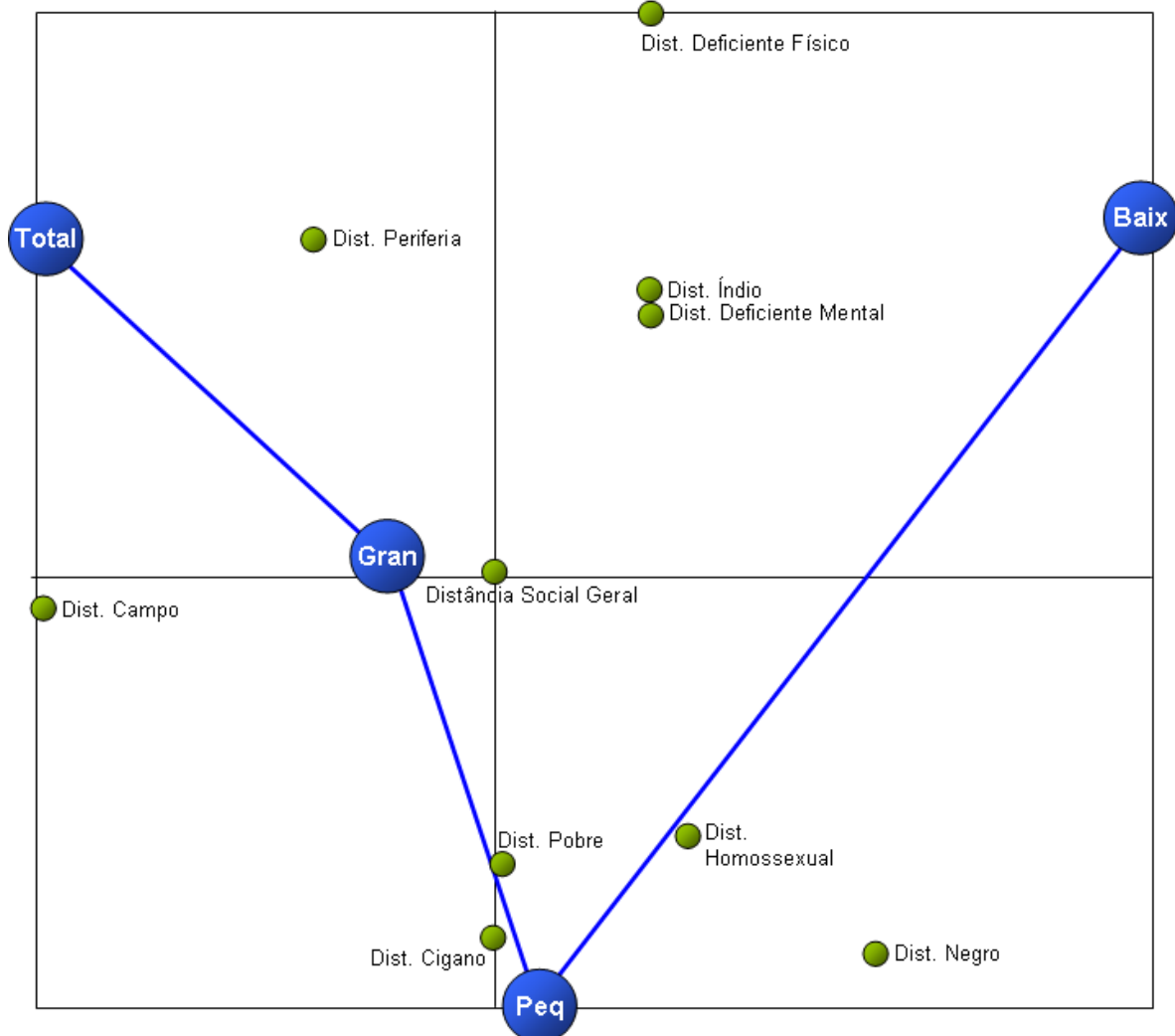


Tabela 159 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual da Distância Social por Grau de Acesso a Meios de Informação

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Baixo Acesso	59,20	20,40	2,80	0,00	0,00	0,00	0,97	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00
Reduzido Acesso	0,40	57,20	11,20	0,00	0,00	0,00	0,09	0,89	0,02	0,00	0,00	0,00
Alto Acesso	1,70	0,00	68,80	0,00	0,00	0,00	0,72	0,00	0,28	0,00	0,00	0,00
Total Acesso	38,70	22,40	17,20	0,00	0,00	0,00	0,95	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 160 – Contribuições das Linhas (Distância Social) no Mapeamento Perceptual da Distância Social por Grau de Acesso a Meios de Informação

Distância Social	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Pobre	0,00	8,80	0,30	0,00	0,00	0,00	0,01	0,99	0,00	0,00	0,00	0,00
Negro	9,60	13,20	42,00	0,00	0,00	0,00	0,87	0,09	0,04	0,00	0,00	0,00
Índio	2,30	7,20	3,30	0,00	0,00	0,00	0,80	0,19	0,01	0,00	0,00	0,00
Cigano	0,00	14,70	7,50	0,00	0,00	0,00	0,01	0,94	0,06	0,00	0,00	0,00
Homossexual	4,00	8,10	12,40	0,00	0,00	0,00	0,84	0,13	0,02	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	2,60	10,50	0,30	0,00	0,00	0,00	0,76	0,23	0,00	0,00	0,00	0,00
Área Rural	76,60	0,50	1,10	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	2,10	29,90	5,40	0,00	0,00	0,00	0,47	0,52	0,01	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	2,70	7,10	27,60	0,00	0,00	0,00	0,77	0,16	0,07	0,00	0,00	0,00
Geral	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,29	0,70	0,01	0,00	0,00	0,00

Tabela 161 – Média para o IPCD % por Grau de Acesso a Meios de Informação

Distância Social	IPCD (%)			
	Baixo	Reduzido	Alto	Total
Pobre	59,9	61,6	60,9	60,1
Negro	55,3	55,8	55,2	53,4
Índio	61,7	61,9	61,7	60,8
Cigano	69,4	71,4	70,4	69,7
Homossexual	71,9	73,0	71,8	70,7
Periferia / favela	60,3	61,7	61,7	61,7
Área Rural	52,3	56,8	57,0	58,5
Deficiente Físico	62,1	61,9	61,9	61,2
Deficiente Mental	71,1	71,4	70,7	70,1
Geral	62,7	64,0	63,5	62,9

Respondentes com níveis mais baixos de acesso aos meios de informação se caracterizam por menor conhecimento de práticas discriminatórias nas escolas, especialmente contra homossexuais. Entretanto, quando comparados com os respondentes dos demais grupos, apresentam menores diferenças quanto ao conhecimento de tais práticas em relação a moradores de áreas rurais, índios e ciganos, conhecimento esse relativamente baixo em todos os grupos.

Quando comparados com os respondentes com total acesso e com acesso muito baixo aos meios de informação, aqueles que possuem níveis intermediários de acesso a estes meios apresentam maiores níveis de conhecimento de situações de *bullying* nas quais as vítimas são mulheres e pessoas pobres.

Como resultado da utilização da técnica de análise de correspondência, , nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta contribuição fortíssima de respondentes com baixo acesso aos meios de informação e alguma contribuição dos respondentes com alto acesso a meios informação, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta fortíssima contribuição de respondentes com reduzido acesso e alguma contribuição de respondentes com total acesso aos meios de informação. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo 87% da variância para todos os quatro grupos.

Em relação aos indicadores de conhecimento de situações de *bullying*, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas a práticas discriminatórias contra homossexuais, moradores de áreas rurais, índios e ciganos. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição do *bullying* sofrido por ciganos, mulheres e pessoas pobres. Dos onze indicadores, dez apresentaram percentuais iguais ou superiores a 79% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o *bullying* sofrido por idosos apresentou 50% de sua variância explicadas pelos eixos do mapa obtido.

Figura 15 – Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Acesso a Meios de Informação

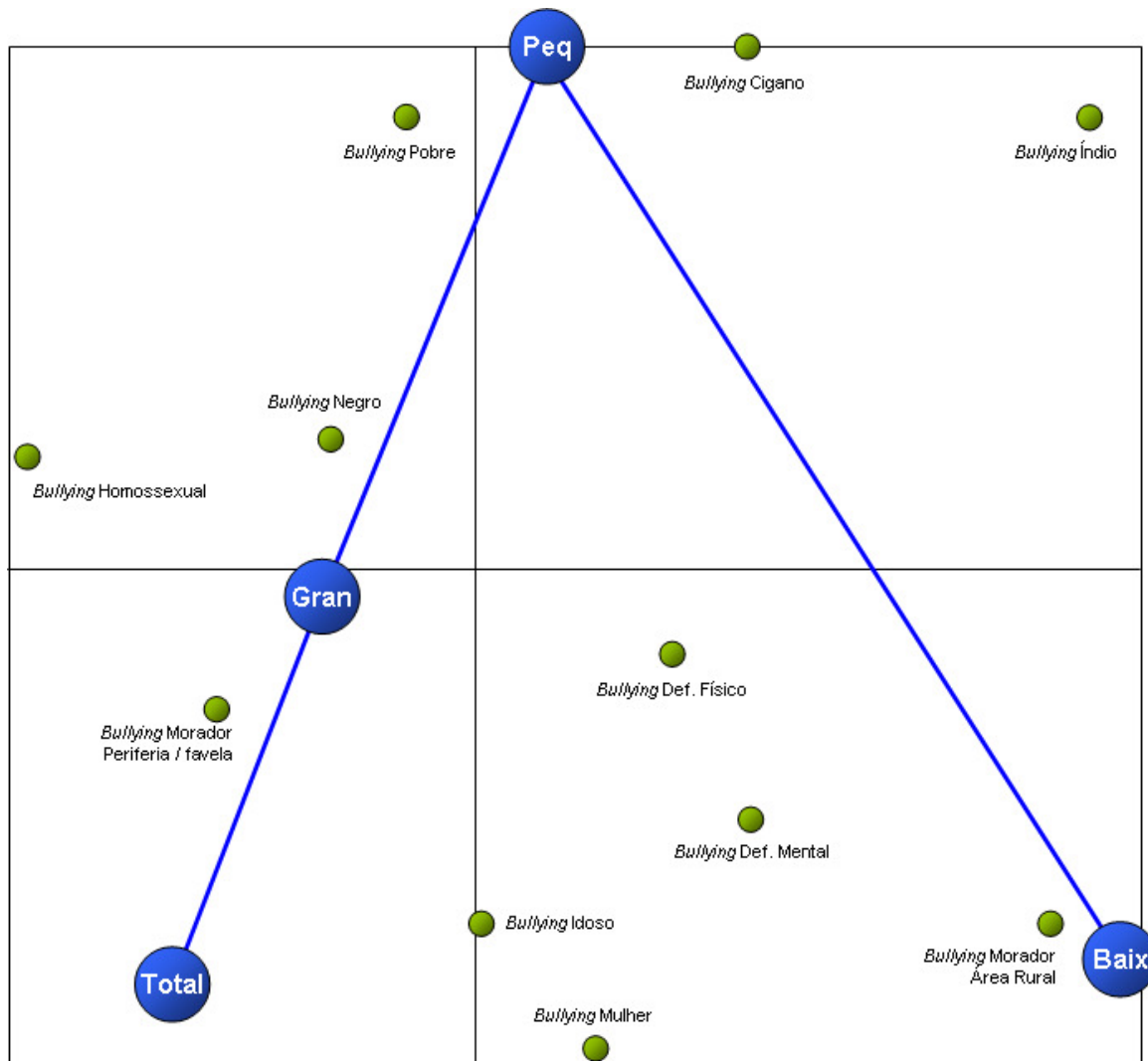


Tabela 163 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Acesso a Meios de Informação

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Baixo Acesso	66,3	17,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Reduzido Acesso	1,3	57,9	8,7	0,0	0,0	0,0	0,31	0,63	0,05	0,00	0,00	0,00
Alto Acesso	10,1	0,5	58,7	0,0	0,0	0,0	0,87	0,00	0,13	0,00	0,00	0,00
Total Acesso	22,3	24,2	32,6	0,0	0,0	0,0	0,92	0,05	0,03	0,00	0,00	0,00

Tabela 164 – Contribuições das Linhas (Conhecimento de *Bullying*) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Acesso a Meios de Informação

Motivo	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Por ser Negro	3,3	1,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,98	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Índio	14,6	5,5	9,2	0,0	0,0	0,0	0,97	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Cigano	13,1	35,2	11,8	0,0	0,0	0,0	0,87	0,11	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Homossexual	33,4	0,8	1,6	0,0	0,0	0,0	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Físico	2,5	0,4	26,4	0,0	0,0	0,0	0,78	0,01	0,21	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Mental	3,6	2,8	5,8	0,0	0,0	0,0	0,93	0,03	0,04	0,00	0,00	0,00
Por ser Pobre	1,6	17,9	17,1	0,0	0,0	0,0	0,56	0,29	0,16	0,00	0,00	0,00
Por ser Morador de Periferia ou Favela	6,1	1,2	0,7	0,0	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Morador de Área Rural	20,6	6,3	4,9	0,0	0,0	0,0	0,98	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00
Por ser Idoso	0,0	9,9	17,4	0,0	0,0	0,0	0,00	0,50	0,50	0,00	0,00	0,00
Por ser Mulher	1,2	18,5	5,2	0,0	0,0	0,0	0,55	0,39	0,06	0,00	0,00	0,00

Tabela 165 – Média para o IPCSB % por Acesso a Meios de Informação

Motivo	IPCSB (%)			
	Baixo	Reduzido	Alto	Total
Por ser Negro	10,0	12,2	12,4	11,5
Por ser Índio	3,5	3,6	3,2	2,9
Por ser Cigano	3,3	3,5	3,0	2,7
Por ser Homossexual	7,7	10,6	11,2	10,8
Por ser Deficiente Físico	5,3	5,7	5,8	5,0
Por ser Deficiente Mental	4,9	5,2	5,1	4,6
Por ser Pobre	9,8	11,9	12,1	10,9
Por ser Morador de Periferia ou Favela	5,3	6,6	6,9	6,5
Por ser Morador do Campo	5,9	5,7	5,5	4,8
Por ser Idoso	8,1	9,1	9,1	8,7
Por ser Mulher	8,4	9,1	9,1	8,6
Geral	7,4	8,9	8,9	8,5

Os resultados ressaltam as diferenças entre as atitudes, mais fortemente preconceituosas entre os respondentes de mais baixo acesso a meios de informação, a distância social, com pouca diferença entre os grupos, e o conhecimento de práticas discriminatórias nas escolas, menor entre respondentes com mais baixo acesso aos meios de informação.

O eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes dos grupos de total acesso e de mais baixo acesso a meios de informação, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta forte contribuição de respondentes dos grupos mais baixo acesso, de acesso reduzido e de total acesso. Os dois eixos são capazes de explicar, ao menos, 93% da variância de todos os agrupamentos.

Considerando os indicadores da pesquisa, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição da dimensão de atitudes referentes ao preconceito de gênero, étnico-racial, territorial, da distância social em relação a moradores de áreas rurais e de práticas discriminatórias em relação a homossexuais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição do indicador de conhecimento de práticas discriminatórias em relação a homossexuais, pobres e negros. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 79% da variância de todos os indicadores da análise.

Figura 16 – Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Grau de Acesso a Meios de Informação

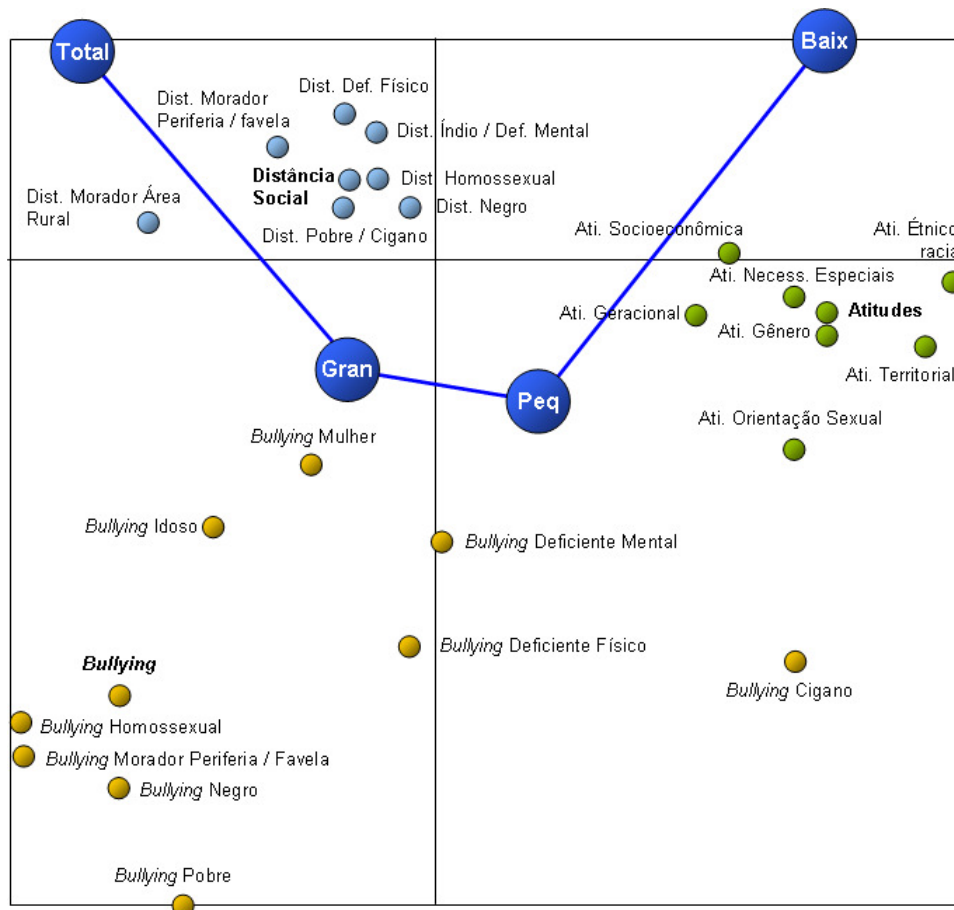


Tabela 166 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Grau de Acesso a Meios de Informação

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Baixo Acesso	45.9	32.4	3.6	0.0	0.0	0.0	0.92	0.08	0.00	0.00	0.00	0.00
Reduzido Acesso	6.1	26.2	36.1	0.0	0.0	0.0	0.62	0.34	0.04	0.00	0.00	0.00
Alto Acesso	5.6	13.2	51.8	0.0	0.0	0.0	0.72	0.21	0.07	0.00	0.00	0.00
Total Acesso	42.5	28.1	8.4	0.0	0.0	0.0	0.92	0.08	0.00	0.00	0.00	0.00

**Tabela 167 – Contribuições das Linhas (Indicadores) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Grau de Acesso a Meios de Informação**

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Atitudes	8,1	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Étnico-racial	11,2	0,1	0,2	0,0	0,0	0,0	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Necessidades Especiais	7,2	0,2	0,9	0,0	0,0	0,0	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Gênero	11,4	0,7	3,3	0,0	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Geracional	5,2	0,5	9,8	0,0	0,0	0,0	0,97	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
Socioeconômica	4,0	0,0	2,8	0,0	0,0	0,0	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Territorial	9,0	0,6	1,9	0,0	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Orientação Sexual	6,2	3,9	9,9	0,0	0,0	0,0	0,91	0,07	0,02	0,00	0,00	0,00
Distância Social	1,4	1,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,86	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00
Pobre	1,2	0,6	0,4	0,0	0,0	0,0	0,93	0,06	0,00	0,00	0,00	0,00
Negro	0,1	0,5	2,7	0,0	0,0	0,0	0,59	0,27	0,13	0,00	0,00	0,00
Índio	0,7	3,2	2,8	0,0	0,0	0,0	0,62	0,35	0,03	0,00	0,00	0,00
Cigano	1,3	0,7	2,3	0,0	0,0	0,0	0,92	0,06	0,02	0,00	0,00	0,00
Homossexual	0,6	1,4	0,3	0,0	0,0	0,0	0,75	0,24	0,00	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	2,4	2,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,87	0,13	0,00	0,00	0,00	0,00
Área Rural	9,4	0,2	14,6	0,0	0,0	0,0	0,98	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	0,8	4,9	6,0	0,0	0,0	0,0	0,54	0,41	0,04	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	0,8	4,4	0,1	0,0	0,0	0,0	0,58	0,41	0,00	0,00	0,00	0,00
Bullying	1,5	6,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,65	0,35	0,00	0,00	0,00	0,00
Negro	2,3	12,8	0,2	0,0	0,0	0,0	0,59	0,41	0,00	0,00	0,00	0,00
Índio	0,7	0,6	5,0	0,0	0,0	0,0	0,84	0,09	0,06	0,00	0,00	0,00
Cigano	0,7	2,1	13,2	0,0	0,0	0,0	0,65	0,23	0,12	0,00	0,00	0,00
Homossexual	7,9	18,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,78	0,22	0,00	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	0,0	3,3	10,5	0,0	0,0	0,0	0,01	0,78	0,21	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	0,0	1,6	4,5	0,0	0,0	0,0	0,01	0,80	0,19	0,00	0,00	0,00
Pobre	1,5	18,0	2,3	0,0	0,0	0,0	0,39	0,60	0,01	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	2,4	6,2	0,4	0,0	0,0	0,0	0,75	0,25	0,00	0,00	0,00	0,00
Área Rural	0,8	0,3	4,6	0,0	0,0	0,0	0,90	0,04	0,06	0,00	0,00	0,00
Idoso	0,8	2,6	0,2	0,0	0,0	0,0	0,70	0,29	0,00	0,00	0,00	0,00
Mulher	0,3	1,6	0,6	0,0	0,0	0,0	0,57	0,41	0,01	0,00	0,00	0,00

9.8.5. Análise por Cor / Etnia

Entre os respondentes, os brancos e os pretos, mulatos ou pardos são os que apresentam percepções menos preconceituosas, enquanto os amarelos ou orientais, seguidos por morenos e por cafusos / caboclos / índios apresentam as atitudes mais preconceituosas.

Os respondentes brancos apresentam valores menores para a percepção de que escolas do campo não exigem infra-estrutura e profissionais de qualidade iguais às da cidade, de que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres e que os índios pertencem a uma raça inferior. No entanto, estes respondentes acreditam que os alunos com deficiência devem ser separados dos demais.

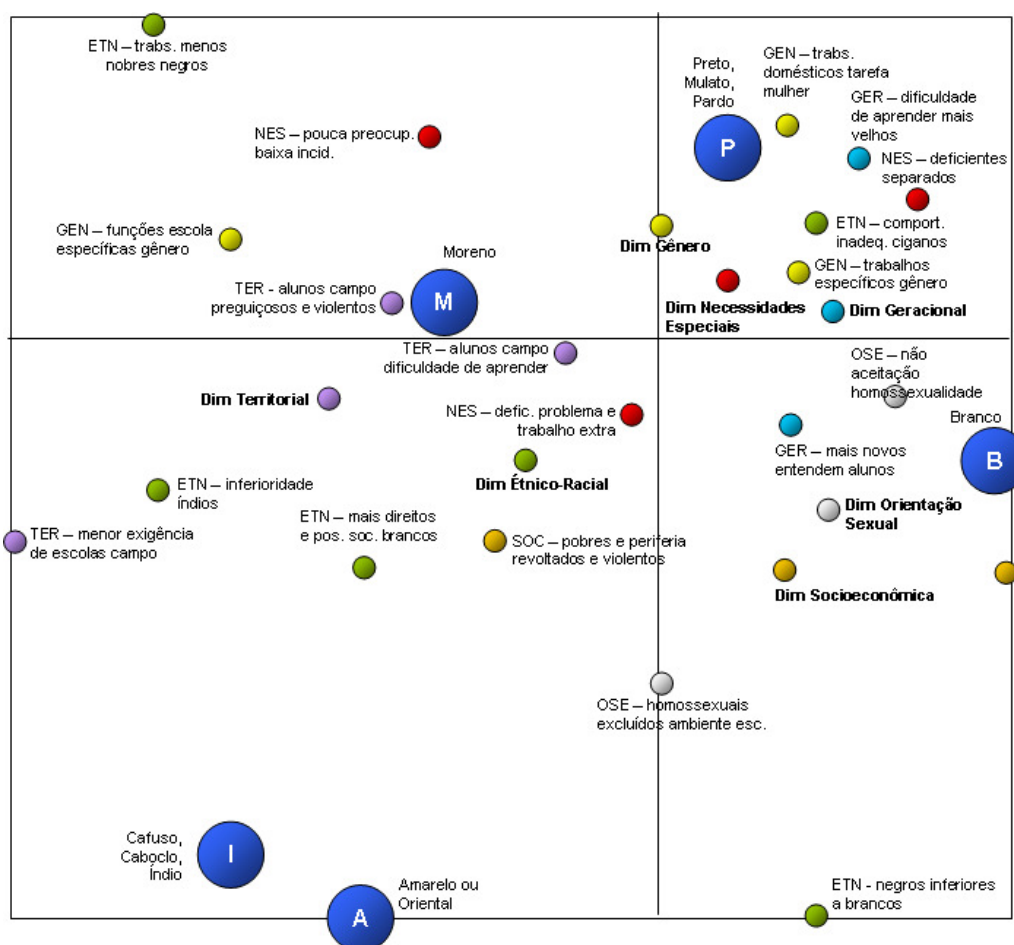
Os pretos, pardos e mulatos são os que apresentam valores mais baixos para a percepção de que negros são inferiores aos brancos. Questão para a qual os respondentes amarelos ou orientais, e índios, cafusos e caboclos apresentam percepção relativamente mais forte. Entretanto, estes grupos, em especial os amarelos ou orientais, têm percepção muito próxima a dos demais grupos e parecem não concordar que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres. Nesta questão, a percepção mais preconceituosa é verificada entre os respondentes morenos.

Em relação aos agrupamentos de respondentes em função de sua cor/etnia, os resultados obtidos indicam que o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição dos grupos de respondentes brancos e de respondentes morenos, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuições mais fortes dos grupos de respondentes amarelos ou orientais, de mulatos / pretos / pardos, de cafusos / caboclos/ índios e de brancos. Estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 80% da variância para todos os grupos de respondentes.

Em relação às atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à percepção de que as escolas do campo exigem menos do que as da cidade em termos da necessidade de infra-estrutura e de profissionais qualificados, que os negros são mais adequados para trabalhos menos nobres, que os alunos com deficiência

devem ser separados dos demais e que os índios pertencem a uma raça inferior. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição das dimensões que sugerem que os negros são inferiores aos brancos e que são mais adequados para a realização de trabalhos menos nobres. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 73% da variância para 23 das 28 atitudes pesquisadas. As exceções são observadas para as percepções preconceituosas de que os deficientes representam um problema e, portanto, profissionais de educação deveriam ganhar mais para lidar com eles (27%), que professores deficientes apresentam maiores dificuldades para dar aulas (37%), que alunos do campo têm mais dificuldades para aprender (42%), que profissionais de ensino mais jovens entendem melhor os alunos (62%) e em relação ao preconceito de gênero de maneira geral (60%).

Figura 17 – Mapeamento Perceptual das Dimensões Latentes e Macroconstrutos de Atitudes por Cor/Etnia



**Tabela 168 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Cor/Etnia**

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Amarelo ou oriental	6,00	35,10	4,30	51,30	0,00	0,00	0,32	0,59	0,02	0,07	0,00	0,00
Branco	50,10	12,60	5,20	1,60	0,00	0,00	0,92	0,07	0,01	0,00	0,00	0,00
Cafuso, Caboclo, Índio	8,10	19,40	27,80	42,50	0,00	0,00	0,47	0,35	0,11	0,06	0,00	0,00
Moreno	34,70	1,80	25,40	1,00	0,00	0,00	0,94	0,01	0,05	0,00	0,00	0,00
Mulato, Preto, Pardo	1,10	31,10	37,30	3,60	0,00	0,00	0,08	0,72	0,19	0,01	0,00	0,00

**Tabela 169 – Contribuições das Linhas (Atitudes) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Cor/Etnia**

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Étnico-Racial	0,90	1,30	0,20	0,20	0,00	0,00	0,66	0,32	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – mais direitos e pos. soc. brancos	3,70	3,80	1,00	3,50	0,00	0,00	0,74	0,23	0,01	0,02	0,00	0,00
ETN – negros inferiores a brancos	0,90	24,00	1,90	0,00	0,00	0,00	0,11	0,87	0,02	0,00	0,00	0,00
ETN – comport. inadeq. ciganos	1,40	2,30	0,40	0,20	0,00	0,00	0,65	0,33	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – trabs. menos nobres negros	14,50	11,40	1,50	5,90	0,00	0,00	0,79	0,19	0,01	0,01	0,00	0,00
ETN – inferioridade índios	10,00	1,70	0,10	34,50	0,00	0,00	0,88	0,05	0,00	0,08	0,00	0,00
Dim. Necessidades Especiais	0,10	0,40	1,60	1,00	0,00	0,00	0,24	0,38	0,31	0,07	0,00	0,00
NES – defic. problema e trabalho extra	0,10	0,50	8,10	0,70	0,00	0,00	0,08	0,19	0,71	0,02	0,00	0,00
NES – pouca preocup. baixa incid.	3,50	3,60	3,40	1,20	0,00	0,00	0,71	0,23	0,05	0,01	0,00	0,00
NES – deficientes separados	10,40	5,90	0,90	0,20	0,00	0,00	0,84	0,15	0,01	0,00	0,00	0,00
NES – dificuldade deficiente dar aula	0,30	0,00	7,40	3,10	0,00	0,00	0,37	0,00	0,55	0,08	0,00	0,00

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Gênero	0,10	2,10	6,80	0,20	0,00	0,00	0,06	0,54	0,39	0,00	0,00	0,00
GEN – funções escola gênero	9,30	0,80	2,70	0,60	0,00	0,00	0,95	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00
GEN – trabalhos específicos gênero	1,00	0,70	3,60	0,60	0,00	0,00	0,69	0,14	0,16	0,01	0,00	0,00
GEN – trabs. domésticos tarefa mulher	1,50	7,20	19,00	0,00	0,00	0,00	0,29	0,44	0,26	0,00	0,00	0,00
Dim. Geracional	1,70	0,30	0,10	0,30	0,00	0,00	0,95	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
GER – mais novos entendem alunos	0,70	1,20	9,10	1,90	0,00	0,00	0,42	0,20	0,35	0,03	0,00	0,00
GER – dificuldade de aprender mais velhos	3,00	4,40	12,20	0,20	0,00	0,00	0,57	0,26	0,16	0,00	0,00	0,00
Dim. Socioeconômica	0,80	4,80	2,00	0,00	0,00	0,00	0,32	0,62	0,06	0,00	0,00	0,00
SOC – pobres e periferia revoltados e violentos	6,20	6,70	2,50	1,90	0,00	0,00	0,73	0,24	0,02	0,01	0,00	0,00
SOC – alunos pobres e periferia menor qualidade	1,40	3,10	1,50	1,80	0,00	0,00	0,56	0,38	0,04	0,02	0,00	0,00
Dim. Territorial	5,10	0,30	0,70	0,00	0,00	0,00	0,97	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo preguiçosos e violentos	3,30	0,10	0,10	11,10	0,00	0,00	0,91	0,01	0,00	0,08	0,00	0,00
TER – alunos campo dificuldade de aprender	0,70	0,00	12,30	3,90	0,00	0,00	0,42	0,00	0,52	0,06	0,00	0,00
TER – menor exigência de escolas campo	14,70	2,50	0,70	1,60	0,00	0,00	0,94	0,05	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Orientação Sexual	1,00	2,60	0,10	5,10	0,00	0,00	0,51	0,41	0,00	0,07	0,00	0,00
OSE – homossexuais excluídos ambiente esc.	0,00	8,00	0,40	20,00	0,00	0,00	0,00	0,82	0,01	0,17	0,00	0,00
OSE – não aceitação homossexualidade	3,60	0,40	0,00	0,30	0,00	0,00	0,97	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 170 – Média para o IPC % por Cor/Etnia

Atitudes	IPC (%)				
	Amarelo ou oriental	Branco	Cafuso, Caboclo, Índio	Moreno	Mulato, Preto, Pardo
Dimensão Étnico-Racial	26,5	21,8	24,4	24,3	21,8
Branços têm mais direitos e melhor posição social	21,4	16,6	20,4	19,3	16,5
Superioridade inata dos brancos em relação a negros	24,6	20,1	21,5	20,0	17,8
Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	39,2	37,0	35,4	38,9	37,4
Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	29,8	24,4	30,3	31,4	28,0
Inferioridade inata dos índios	25,5	17,1	20,7	21,2	18,2
Dimensão Necessidades Especiais	35,3	31,3	31,8	33,6	31,8
Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	26,6	22,0	24,5	23,8	22,4
Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	30,6	25,2	28,3	29,7	27,4
Separação dos alunos deficientes dos demais	63,5	63,5	56,9	64,3	63,3
Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	39,9	35,9	34,0	38,4	35,3
Dimensão Gênero	40,0	36,6	36,1	40,6	37,1
Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	25,6	20,3	24,1	25,2	21,7
Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	46,0	43,3	41,5	45,9	42,8
Trabalho doméstico é tarefa da mulher	55,5	54,5	48,7	58,4	54,3
Dimensão Geracional	40,3	37,4	36,1	39,0	37,1
Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	40,9	36,5	34,9	38,3	35,0
Pessoas mais velhas têm maior dificuldade de aprender	39,6	38,3	37,3	39,6	39,3
Dimensão Socioeconômica	29,2	25,0	26,5	25,6	24,0
Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	35,8	32,0	31,2	31,1	30,1
Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	22,7	18,0	21,7	20,1	18,0

Atitudes	IPC (%)				
	Amarelo ou oriental	Branco	Cafuso, Caboclo, Índio	Moreno	Mulato, Preto, Pardo
Dimensão Territorial	24,6	18,9	23,0	22,4	19,8
Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	23,1	19,5	23,3	22,8	20,3
Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	31,7	25,6	28,9	28,4	26,8
Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	20,9	14,0	18,9	18,1	14,9
Dimensão Orientação Sexual	28,8	26,1	27,3	26,8	25,0
Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	20,2	17,2	20,5	18,1	16,2
Não aceitação da homossexualidade	39,6	37,1	35,9	37,7	35,9
Geral	30,7	26,5	28,1	28,8	26,5

Se na análise das atitudes os respondentes brancos apresentavam, juntamente com pretos, mulatos e pardos os menores valores para a percepção preconceituosa, quando se analisa os resultados para os comportamentos a partir da escala de distância social, os respondentes deste grupo apresentam predisposição em manter menor nível de proximidade com os grupos sociais pesquisados dentre os grupos analisados de acordo com sua cor / etnia, seguidos de perto dos respondentes amarelos ou orientais. As menores distâncias sociais foram apresentadas por cafusos / caboclos / índios, seguidos por pretos / mulatos / pardos.

Os respondentes brancos são os que apresentam maior distância em relação a negros e moradores da periferia e/ou favelas, enquanto os respondentes pretos / mulatos / pardos apresentam menor distância em relação a negros, assim como os cafusos / caboclos / índios. Estes últimos, por sua vez, também são os que apresentam predisposição de contatos mais próximos com moradores/trabalhadores do campo, da periferia, pobres e índios. No entanto, dentre os aspectos pesquisados, estes respondentes apresentam maior distância social em relação a pessoas homossexuais.

Em relação aos agrupamentos em função da cor /etnia, o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição de respondentes brancos e de pretos / mulatos / pardos, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição mais forte de cafusos / caboclos / índios seguidos de pretos / mulatos / pardos. Observa-se que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 95% da variância de três dos cinco agrupamentos. As exceções são os respondentes amarelos ou orientais (4% de variância explicada) e morenos (66% de variância explicada pelos dois eixos do mapa).

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta contribuição do indicador referente à distância social em relação a negros, deficientes mentais e moradores da periferia e/ou favelas. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição dos indicadores de distância em relação a negros, homossexuais e moradores / trabalhadores de áreas rurais. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 71% da variância de oito dos dez indicadores de comportamento discriminatório. As exceções são os indicadores de distância social geral (37%) e em relação aos índios (34%).

**Figura 18 – Mapeamento Perceptual de Distância Social por
Cor / Etnia**



**Tabela 171 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de
Distância Social por Cor / Etnia**

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Amarelo ou oriental	0,10	0,10	47,20	49,50	0,00	0,00	0,03	0,01	0,78	0,19	0,00	0,00
Branco	44,50	1,50	5,40	16,40	0,00	0,00	0,97	0,01	0,01	0,01	0,00	0,00
Cafuso, Caboclo, Índio	13,00	54,30	16,40	14,20	0,00	0,00	0,41	0,54	0,04	0,01	0,00	0,00
Moreno	0,00	16,40	30,90	17,20	0,00	0,00	0,00	0,66	0,30	0,04	0,00	0,00
Mulato, Preto, Pardo	42,40	27,70	0,20	2,60	0,00	0,00	0,83	0,17	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 172 – Contribuições das Linhas (Comportamentos Discriminatórios) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Cor / Etnia

Distância Social	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Pobre	0,20	8,60	6,10	9,70	0,00	0,00	0,07	0,76	0,13	0,05	0,00	0,00
Negro	39,70	27,50	0,00	1,30	0,00	0,00	0,82	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00
Índio	1,60	3,90	70,90	0,00	0,00	0,00	0,19	0,15	0,65	0,00	0,00	0,00
Cigano	2,60	1,70	0,60	69,20	0,00	0,00	0,59	0,12	0,01	0,27	0,00	0,00
Homossexual	2,50	25,20	0,00	3,00	0,00	0,00	0,24	0,76	0,00	0,01	0,00	0,00
Periferia / favela	21,70	7,80	19,00	0,10	0,00	0,00	0,85	0,10	0,06	0,00	0,00	0,00
Área Rural	0,00	18,20	0,00	1,80	0,00	0,00	0,01	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00
Deficiente Físico	9,10	0,00	0,30	9,10	0,00	0,00	0,98	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00
Deficiente Mental	22,70	7,20	2,90	5,70	0,00	0,00	0,90	0,09	0,01	0,00	0,00	0,00
Geral	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,24	0,13	0,09	0,54	0,00	0,00

Tabela 173 – Média para o IPCD % por Cor / Etnia

Distância Social	IPCD (%)				
	Amarelo ou oriental	Branco	Cafuso, Caboclo, Índio	Moreno	Mulato, Preto, Pardo
Pobre	61,6	61,9	57,6	60,5	60,0
Negro	55,6	57,1	52,6	55,4	52,3
Índio	60,8	62,8	56,6	61,9	60,3
Cigano	72,1	71,3	67,1	70,5	69,5
Homossexual	72,7	72,8	71,9	72,4	70,4
Periferia / favela	63,1	63,6	56,3	61,1	59,6
Área Rural	57,0	57,6	52,2	56,2	55,7
Deficiente Físico	62,0	62,4	60,4	61,8	61,3
Deficiente Mental	71,5	71,1	71,5	71,0	70,3
Geral	64,1	64,5	60,7	63,4	62,2

No tocante ao conhecimento de práticas discriminatórias na escola, os respondentes Amarelos / orientais e os cafusos, caboclos ou índios são os que apresentam os maiores valores para o índice percentual médio de conhecimento de situações discriminatórias (*bullying*) nas escolas, enquanto os brancos, seguidos de pretos, mulatos e pardos

apresentam os menores níveis de conhecimento sobre tais práticas. Quando comparados com os demais grupos, estes respondentes se destacam menos pelo conhecimento de situações de *bullying* onde as vítimas são homossexuais e negros. É relativamente maior também entre estes respondentes o conhecimento de situações em que as vítimas são índios e moradores de áreas rurais.

Os respondentes brancos, por sua vez, demonstram menor conhecimento que os demais de situações em que as vítimas do *bullying* são índios e ciganos, e apresentam conhecimento relativamente maior de situações nas quais as vítimas são mulheres e pobres, enquanto que os respondentes pretos, mulatos ou pardos apresentam maior conhecimento relativo de situações de *bullying* sofrido por negros e menor conhecimento de situações em que as vítimas são moradores de áreas rurais.

A se analisar as contribuições dos agrupamentos no mapeamento perceptual, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta maiores contribuições de respondentes brancos, de cafusos, caboclos e índios, e de amarelos ou orientais, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição bastante forte de respondentes pretos, mulatos e pardos, e contribuições também do grupo de respondentes brancos, e de cafusos, caboclos e índios. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo 70% da variância de todos os agrupamentos de respondentes, classificados de acordo com sua cor / etnia.

Em relação aos indicadores de conhecimento de situações de *bullying*, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas a práticas discriminatórias contra índios, ciganos, homossexuais e pobres. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição fortíssima do *bullying* sofrido por mulheres, homossexuais, moradores de áreas rurais e negros. Dos onze indicadores, dez apresentaram percentuais iguais ou superiores a 70% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o *bullying* sofrido por idosos apresentaram 51% de sua variância explicada pelos eixos do mapa obtido.

Figura 19 – Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Cor / Etnia



Tabela 174 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Cor / Etnia

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Amarelo ou oriental	18,4	9,6	42,4	25,7	0,0	0,0	0,75	0,07	0,15	0,02	0,00	0,00
Branco	47,0	22,3	1,9	0,9	0,0	0,0	0,92	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Cafuso, Caboclo, Índio	25,2	14,4	0,1	57,4	0,0	0,0	0,87	0,09	0,00	0,05	0,00	0,00
Moreno	9,3	0,0	42,1	10,6	0,0	0,0	0,70	0,00	0,28	0,02	0,00	0,00
Mulato, Preto, Pardo	0,0	53,7	13,5	5,4	0,0	0,0	0,00	0,88	0,11	0,01	0,00	0,00

Tabela 175 – Contribuições das Linhas (Conhecimento de *Bullying*) no Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por por Cor / Etnia

Motivo	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Por ser Negro	2,4	14,4	19,7	16,8	0,0	0,0	0,34	0,36	0,24	0,06	0,00	0,00
Por ser Índio	26,3	1,1	2,5	0,0	0,0	0,0	0,98	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00
Por ser Cigano	24,8	2,5	7,3	0,0	0,0	0,0	0,96	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Homossexual	11,3	22,2	3,4	1,0	0,0	0,0	0,73	0,25	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Físico	4,6	3,5	5,4	0,3	0,0	0,0	0,80	0,11	0,08	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Mental	8,5	3,0	34,6	0,2	0,0	0,0	0,70	0,04	0,25	0,00	0,00	0,00
Por ser Pobre	9,8	1,1	0,0	10,2	0,0	0,0	0,96	0,02	0,00	0,02	0,00	0,00
Por ser Morador de Periferia ou Favela	0,8	0,0	0,5	41,7	0,0	0,0	0,44	0,00	0,02	0,53	0,00	0,00
Por ser Morador de Área Rural	3,9	18,2	0,8	18,3	0,0	0,0	0,51	0,42	0,01	0,06	0,00	0,00
Por ser Idoso	0,5	8,2	19,5	5,9	0,0	0,0	0,12	0,39	0,45	0,04	0,00	0,00
Por ser Mulher	7,0	25,6	6,3	5,6	0,0	0,0	0,57	0,37	0,05	0,01	0,00	0,00

Tabela 176 – Média para o IPCSB % por Cor / Etnia

Motivo	IPCSB (%)				
	Amarelo ou oriental	Branco	Cafuso, Caboclo, Índio	Moreno	Mulato, Preto, Pardo
Por ser Negro	15,5	10,4	13,7	12,3	11,9
Por ser Índio	5,4	2,6	5,4	3,7	3,3
Por ser Cigano	5,0	2,4	5,0	3,4	3,2
Por ser Homossexual	12,1	9,3	11,4	10,9	10,4
Por ser Deficiente Físico	7,4	4,6	7,6	6,0	5,5
Por ser Deficiente Mental	6,6	4,1	7,0	5,6	4,9
Por ser Pobre	14,0	10,4	13,9	11,9	11,2
Por ser Morador de Periferia ou Favela	8,4	5,6	9,0	6,9	6,4
Por ser Morador de Área Rural	8,1	4,8	7,8	6,0	5,3
Por ser Idoso	12,1	8,0	11,7	9,2	8,7
Por ser Mulher	11,3	8,3	11,0	9,5	8,5
Geral	10,9	7,8	10,5	9,0	8,5

Os resultados ressaltam as diferenças entre os grupos. Os amarelos ou orientais e os índios, cafusos e caboclos se destacam por apresentarem conhecimento relativamente maior sobre a ocorrência de práticas discriminatórias nas escolas, enquanto os respondentes brancos apresentam níveis mais baixos de conhecimento. Nota-se também que os respondentes brancos apresentam valores um pouco maiores para os indicadores sociais.

De maneira relativa, quando se compara a relevância das variáveis entre os grupos, os morenos se mostram caracterizados por atitudes um pouco mais preconceituosas, o que também pode ser verificado, em certo grau, entre os respondentes amarelos e orientais e índios, cafusos e caboclos, enquanto pretos, pardos e mulatos apresentam os menores níveis de preconceito.

O eixo 1 (horizontal) apresenta contribuição principalmente de respondentes brancos, mas também de amarelos ou orientais, cafusos, caboclos e índios, e de morenos, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta forte contribuição de respondentes morenos, mulatos, pretos e pardos, e de cafusos, caboclos e índios. Os dois eixos são capazes de explicar, ao menos, 93% da variância de quatro dos cinco agrupamentos. A exceção é o agrupamento de respondentes pretos, mulatos e pardos com 51% de sua variância explicada pelos dois eixos.

Considerando os indicadores da pesquisa, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição dos indicadores de conhecimento de situações de *bullying* contra índios, ciganos, deficientes mentais e moradores de áreas rurais e do indicador de atitude preconceituosa de natureza territorial. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição dos indicadores de atitudes preconceituosas de natureza territorial e de gênero. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 76% da variância de 27 dos 30 indicadores da análise. As exceções são as atitudes preconceituosas de natureza geracional, em socioeconômica e em relação à orientação sexual, com 53%, 24% e 25%, respectivamente, de suas variâncias explicadas pelos dois eixos do mapa.

Figura 20 – Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Cor / Etnia

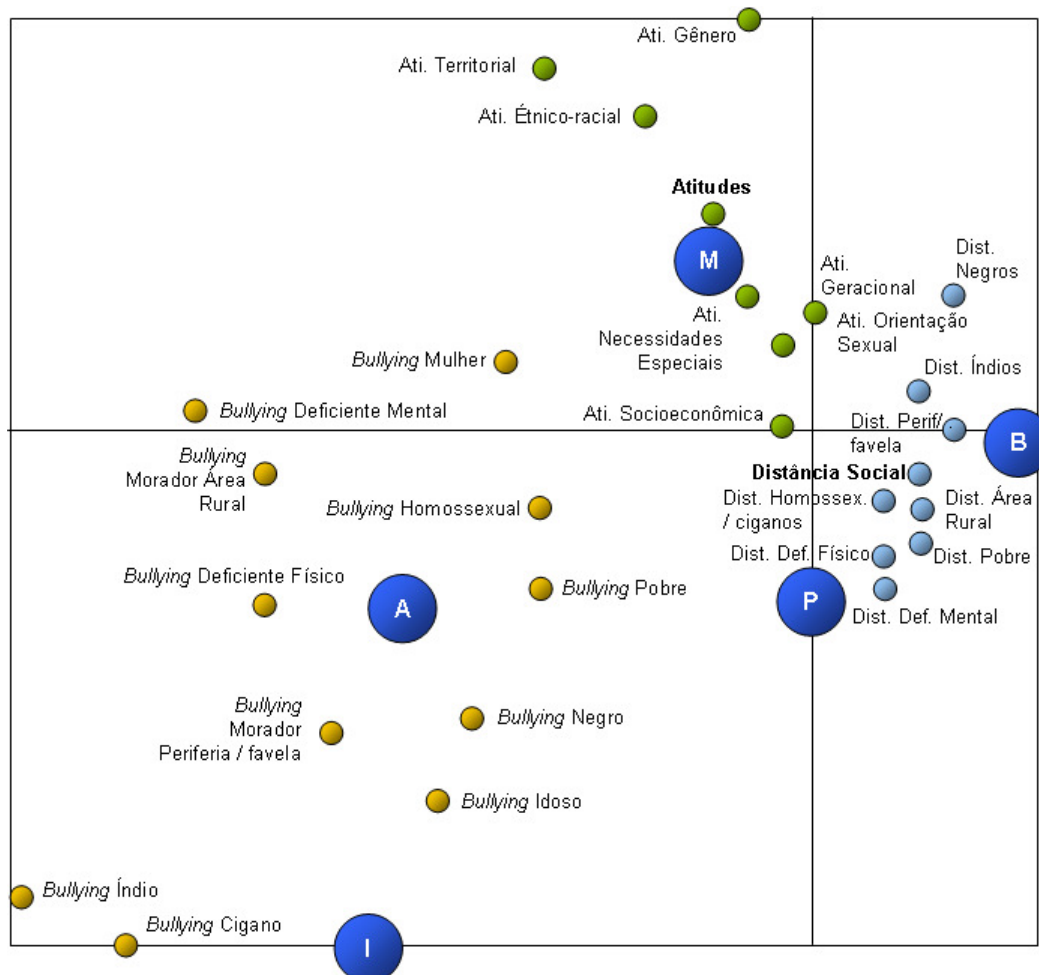


Tabela 177 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Cor / Etnia

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Amarelo ou oriental	19,3	3,3	20,0	54,4	0,0	0,0	0,91	0,01	0,05	0,03	0,00	0,00
Branco	47,2	0,0	21,3	0,0	0,0	0,0	0,98	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
Cafuso, Caboclo, Índio	17,5	21,4	16,9	41,9	0,0	0,0	0,86	0,07	0,04	0,03	0,00	0,00
Moreno	16,0	44,4	1,3	2,2	0,0	0,0	0,83	0,16	0,00	0,00	0,00	0,00
Mulato, Preto, Pardo	0,0	30,9	40,6	1,4	0,0	0,0	0,00	0,51	0,48	0,00	0,00	0,00

**Tabela 178 – Contribuições das Linhas (Indicadores) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Cor / Etnia**

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Atitudes	1,1	5,3	0,0	0,3	0,0	0,0	0,75	0,25	0,00	0,00	0,00	0,00
Étnico-racial	2,5	9,3	1,7	0,0	0,0	0,0	0,77	0,20	0,03	0,00	0,00	0,00
Necessidades Especiais	0,7	2,1	4,4	2,9	0,0	0,0	0,63	0,13	0,20	0,03	0,00	0,00
Gênero	1,1	26,3	11,2	0,1	0,0	0,0	0,31	0,52	0,16	0,00	0,00	0,00
Geracional	0,0	2,2	2,0	4,3	0,0	0,0	0,05	0,48	0,31	0,16	0,00	0,00
Socioeconômica	0,2	0,0	12,6	5,4	0,0	0,0	0,24	0,00	0,69	0,07	0,00	0,00
Territorial	6,6	10,5	0,1	0,5	0,0	0,0	0,90	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00
Orientação Sexual	0,1	0,8	7,5	0,3	0,0	0,0	0,14	0,11	0,74	0,01	0,00	0,00
Distância Social	2,0	0,6	0,0	0,2	0,0	0,0	0,98	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
Pobre	2,3	2,8	0,3	1,1	0,0	0,0	0,91	0,08	0,01	0,01	0,00	0,00
Negro	3,1	4,1	18,8	3,4	0,0	0,0	0,70	0,07	0,22	0,01	0,00	0,00
Índio	2,8	0,4	1,0	0,0	0,0	0,0	0,97	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
Cigano	1,6	1,7	0,9	1,5	0,0	0,0	0,89	0,07	0,03	0,01	0,00	0,00
Homossexual	1,1	0,7	0,2	12,7	0,0	0,0	0,83	0,04	0,01	0,12	0,00	0,00
Periferia / favela	4,2	0,0	5,0	10,5	0,0	0,0	0,91	0,00	0,06	0,03	0,00	0,00
Área Rural	2,6	1,2	0,9	3,7	0,0	0,0	0,94	0,03	0,02	0,02	0,00	0,00
Deficiente Físico	1,2	3,7	2,5	3,0	0,0	0,0	0,74	0,16	0,08	0,02	0,00	0,00
Deficiente Mental	0,7	6,9	2,2	11,9	0,0	0,0	0,49	0,34	0,08	0,10	0,00	0,00
Bullying	3,3	1,7	0,0	0,3	0,0	0,0	0,96	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
Negro	5,8	3,7	2,8	18,6	0,0	0,0	0,90	0,04	0,02	0,04	0,00	0,00
Índio	8,6	2,8	2,0	0,0	0,0	0,0	0,97	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00
Cigano	8,1	4,3	0,0	0,8	0,0	0,0	0,96	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
Homossexual	3,0	0,2	8,5	0,4	0,0	0,0	0,87	0,00	0,13	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	6,4	0,6	0,6	1,7	0,0	0,0	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	7,1	0,0	0,9	7,9	0,0	0,0	0,98	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00
Pobre	3,7	1,1	0,1	0,4	0,0	0,0	0,98	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	5,4	2,4	0,0	6,5	0,0	0,0	0,96	0,03	0,00	0,01	0,00	0,00
Área Rural	6,4	0,0	5,8	0,1	0,0	0,0	0,95	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00
Idoso	5,2	4,5	3,4	1,3	0,0	0,0	0,91	0,06	0,03	0,00	0,00	0,00
Mulher	3,1	0,2	4,4	0,3	0,0	0,0	0,93	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00

9.8.6. Análise por Religião

A partir dos valores observados para o IPC % médio para as atitudes para cada um dos agrupamentos, nota-se que os respondentes que não possuem religião são os que apresentam valores mais elevados para as atitudes preconceituosas, enquanto que respondentes que possuem outras religiões, que não a católica ou a evangélica, são os que apresentam as percepções menos preconceituosas na pesquisa.

Os respondentes católicos são os que apresentam, na média, as atitudes menos preconceituosas em relação à orientação sexual, em especial a percepção de que os homossexuais devem ser excluídos do ambiente escolar de alunos heterossexuais. Os respondentes evangélicos, por outro lado, são os que apresentam percepções mais preconceituosas em relação às questões de orientação sexual. No entanto, no âmbito étnico-racial, são os evangélicos que mais rechaçam a idéia de que os índios pertencem a uma raça inferior.

Os respondentes que não possuem religião, ou que possuem outras religiões que não a católica ou a evangélica rejeitam mais fortemente que os respondentes destas duas religiões as idéias de que os trabalhos domésticos são tarefas da mulher e que os ciganos apresentam comportamento socialmente inadequado. Entretanto, assim como os evangélicos, concordam um pouco mais que os católicos que os homossexuais devam ser excluídos do ambiente escolar de alunos heterossexuais. Estes dois grupos de respondentes (evangélicos e de outras religiões) também apresentam atitudes mais preconceituosas em relação à percepção de que as escolas do campo possuem menores exigências do que as da cidade em termos das necessidades de infra-estrutura e da qualidade de seus profissionais.

No tocante às contribuições dos públicos na análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta fortíssima contribuição do grupo de respondentes evangélicos além de contribuição do grupo de respondentes católicos, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta forte contribuição do grupo de respondentes que não possui religião, além de contribuições dos grupos de respondentes de outras religiões e de católicos. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 93% da variância de três

dos quatro grupos. O grupo de respondentes de outras religiões apresentou 66% de sua variância explicada pelos dois eixos do mapa perceptual.

Para as atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas à percepção de que os homossexuais devem ser excluídos do ambiente escolar de heterossexuais, ao preconceito geral em relação à orientação sexual, à não aceitação da homossexualidade e à percepção de que os índios pertencem a uma raça inferior. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição das dimensões que sugerem que homossexuais devem ser excluídos do ambiente escolar de alunos heterossexuais, que trabalhos domésticos são tarefas para as mulheres e que os ciganos apresentam comportamentos inadequados. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar com mais de 70% a variância de praticamente todas as dimensões, com exceção das dimensões relacionadas à percepção que os professores deficientes têm mais dificuldades para dar aulas (4%), que profissionais de ensino mais jovens entendem melhor os alunos (21%), que alunos pobres e da periferia e/ou favelas são mais revoltados e violentos (30%) e ao preconceito geracional de maneira mais ampla (56%).

Figura 21 – Mapeamento Perceptual das Dimensões Latentes e Macroconstrutos de Atitudes por Religião

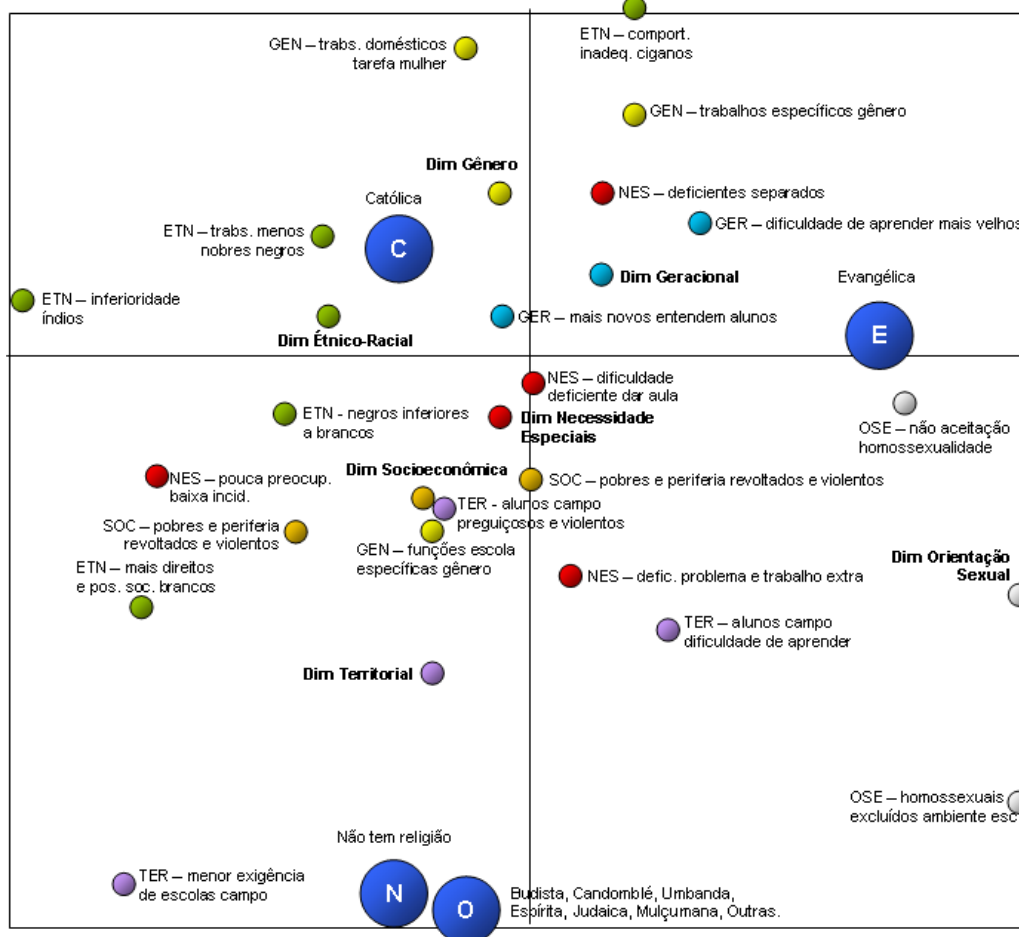


Tabela 179 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Atitudes por Religião

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Não Possui Religião	2,90	60,70	26,80	0,00	0,00	0,00	0,08	0,85	0,06	0,00	0,00	0,00
Outras	0,30	23,30	73,10	0,00	0,00	0,00	0,02	0,64	0,34	0,00	0,00	0,00
Católica	25,40	15,80	0,10	0,00	0,00	0,00	0,77	0,23	0,00	0,00	0,00	0,00
Evangélica	71,30	0,20	0,10	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

**Tabela 180 – Contribuições das Linhas (Atitudes) no Mapeamento Perceptual de
Atitudes por Religião**

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Étnico-Racial	2,20	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00	0,98	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – mais direitos e pos. soc. brancos	6,50	3,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,82	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – negros inferiores a brancos	2,20	0,20	0,10	0,00	0,00	0,00	0,95	0,05	0,00	0,00	0,00	0,00
ETN – comport. inadeq. Ciganos	1,20	12,40	0,70	0,00	0,00	0,00	0,16	0,83	0,01	0,00	0,00	0,00
ETN – trabs. menos nobres negros	3,00	1,20	2,30	0,00	0,00	0,00	0,79	0,15	0,05	0,00	0,00	0,00
ETN – inferioridade índios	13,40	0,20	1,90	0,00	0,00	0,00	0,98	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00
Dim. Necessidades Especiais	0,10	0,20	0,20	0,00	0,00	0,00	0,28	0,62	0,10	0,00	0,00	0,00
NES – defic. problema e trabalho extra	0,20	2,80	3,10	0,00	0,00	0,00	0,09	0,76	0,14	0,00	0,00	0,00
NES – pouca preocup. baixa incid.	8,50	1,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,94	0,06	0,00	0,00	0,00	0,00
NES – deficientes separados	1,00	4,60	4,30	0,00	0,00	0,00	0,28	0,62	0,10	0,00	0,00	0,00
NES – dificuldade deficiente dar aula	0,00	0,10	13,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,96	0,00	0,00	0,00
Dim. Gênero	0,00	2,90	3,10	0,00	0,00	0,00	0,01	0,84	0,16	0,00	0,00	0,00
GEN – funções escola gênero	0,60	1,70	1,50	0,00	0,00	0,00	0,38	0,53	0,08	0,00	0,00	0,00
GEN – trabalhos específicos gênero	1,20	6,80	4,40	0,00	0,00	0,00	0,25	0,67	0,08	0,00	0,00	0,00
GEN – trabs. domésticos tarefa mulher	0,30	14,30	4,70	0,00	0,00	0,00	0,04	0,91	0,05	0,00	0,00	0,00
Dim. Geracional	0,40	0,80	7,40	0,00	0,00	0,00	0,30	0,26	0,44	0,00	0,00	0,00
GER – mais novos entendem alunos	0,20	0,10	10,30	0,00	0,00	0,00	0,14	0,07	0,79	0,00	0,00	0,00
GER – dificuldade de aprender mais velhos	2,90	1,80	5,10	0,00	0,00	0,00	0,69	0,21	0,10	0,00	0,00	0,00
Dim. Socioeconômica	0,40	1,20	4,90	0,00	0,00	0,00	0,29	0,42	0,29	0,00	0,00	0,00
SOC – pobres e periferia revoltados e violentos	0,00	1,10	14,90	0,00	0,00	0,00	0,00	0,30	0,69	0,00	0,00	0,00
SOC – alunos pobres e periferia menor qualidade	2,50	1,40	0,10	0,00	0,00	0,00	0,79	0,21	0,00	0,00	0,00	0,00

Atitudes	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Dim. Territorial	0,60	5,20	1,00	0,00	0,00	0,00	0,18	0,79	0,03	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo preguiçosos e violentos	0,50	1,00	0,40	0,00	0,00	0,00	0,50	0,47	0,03	0,00	0,00	0,00
TER – alunos campo dificuldade de aprender	1,20	4,90	12,90	0,00	0,00	0,00	0,25	0,52	0,23	0,00	0,00	0,00
TER – menor exigência de escolas campo	5,90	11,70	0,00	0,00	0,00	0,00	0,51	0,49	0,00	0,00	0,00	0,00
Dim. Orientação Sexual	14,70	4,00	0,80	0,00	0,00	0,00	0,88	0,12	0,00	0,00	0,00	0,00
OSE – homossexuais excluídos ambiente esc.	16,30	14,90	0,00	0,00	0,00	0,00	0,69	0,31	0,00	0,00	0,00	0,00
OSE – não aceitação homossexualidade	14,10	0,20	2,70	0,00	0,00	0,00	0,98	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00

Tabela 181 – Média para o IPC % por Religião

Atitudes	IPC (%)			
	Não Possui Religião	Outras	Católica	Evangélica
Dimensão Étnico-Racial	24,3	22,0	22,9	22,4
Branços têm mais direitos e melhor posição social	20,2	18,4	17,8	16,7
Superioridade inata dos brancos em relação a negros	21,1	19,4	19,5	19,1
Comportamento socialmente inadequado dos ciganos	36,3	33,8	37,5	39,3
Adequação dos negros para trabalhos menos nobres	29,6	25,8	28,4	27,5
Inferioridade inata dos índios	20,9	18,0	19,7	17,6
Dimensão Necessidades Especiais	34,5	31,9	31,9	32,7
Deficiente é um problema e os profissionais da educação deveriam ganhar mais	24,9	23,9	22,3	23,5
Não preocupação com deficientes em função de sua baixa incidência	30,7	27,8	27,9	26,3
Separação dos alunos deficientes dos demais	63,6	60,4	62,8	65,6
Dificuldade do professor deficiente em dar aulas	39,8	33,4	36,1	37,3
Dimensão Gênero	39,3	34,4	38,0	38,8
Há funções na escola que só podem ser desempenhadas por um gênero específico	25,1	22,2	22,4	22,6
Há trabalhos que só podem ser realizados por um gênero específico	44,3	38,6	43,6	45,8
Trabalho doméstico é tarefa da mulher	55,6	48,4	55,9	56,3
Dimensão Geracional	38,4	37,4	37,3	39,0
Profissional de educação mais novos entendem melhor os alunos	37,8	37,1	36,5	37,1
Pessoas mais velhas têm maior dificuldade de aprender	39,0	37,6	38,2	41,0

Atitudes	IPC (%)			
	Não Possui Religião	Outras	Católica	Evangélica
Dimensão Socioeconômica	26,9	26,1	24,8	25,1
Estudantes mais pobres e da periferia são mais revoltados e violentos	32,9	33,0	30,7	31,7
Alunos pobres e da periferia são de menor qualidade e, portanto, podem ter professores de menor nível	20,9	19,2	18,9	18,4
Dimensão Territorial	23,5	20,9	20,3	20,5
Estudantes do campo são mais preguiçosos e violentos	22,9	21,3	20,8	21,0
Estudantes do campo têm mais dificuldade para aprender	30,7	25,7	26,2	28,2
Escolas do campo não requerem professores e instalações como as da cidade	19,2	17,5	15,9	15,0
Dimensão Orientação Sexual	28,3	25,6	24,5	28,9
Homossexuais não devem participar de ambiente escolar de heterossexuais	19,9	18,5	15,9	19,6
Não aceitação da homossexualidade	38,8	34,6	35,3	40,4
Geral	29,1	26,7	27,1	27,8

Os agrupamentos de respondentes em termos de sua religião apresentam, na média, resultados consistentes entre as atitudes e a distância social expressa pelos indicadores derivados da escala de *Bogardus*. Da mesma forma que o verificado para as atitudes, os respondentes que não possuem religião são os que apresentam a maior distância social em relação aos grupos sociais pesquisados, enquanto os respondentes que possuem outras religiões que não a católica ou a evangélica apresentam as menores distâncias sociais.

Os respondentes de religião evangélica são os que apresentam a maior distância social em relação a ciganos e homossexuais, no que são acompanhados pelos respondentes que não possuem religião.

A distância em relação a negros e moradores / trabalhadores de áreas rurais é menor entre os respondentes de outras religiões, que também discriminam menos os deficientes físicos e mentais, enquanto os respondentes católicos são os que apresentam menor distância social em relação a pessoas pobres.

Para os agrupamentos em função da religião dos respondentes, o eixo 1 (horizontal) apresenta maior contribuição dos grupos referentes a outras religiões, à religião católica e

aos respondentes que não possuem religião, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuição extremamente forte da religião evangélica. Observa-se que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo, 100% da variância de todos os quatro agrupamentos.

No caso das atitudes, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta contribuição do indicador referente à distância social em relação a negros, pobres e moradores / trabalhadores de áreas rurais. O eixo 2 (vertical) apresenta contribuição dos indicadores de distância social em relação a negros e homossexuais. Os eixos 1 e 2 também são capazes de explicar, conjuntamente 100% da variância dos dez indicadores de distância social.

Figura 22 – Mapeamento Perceptual de Distância Social por Religião

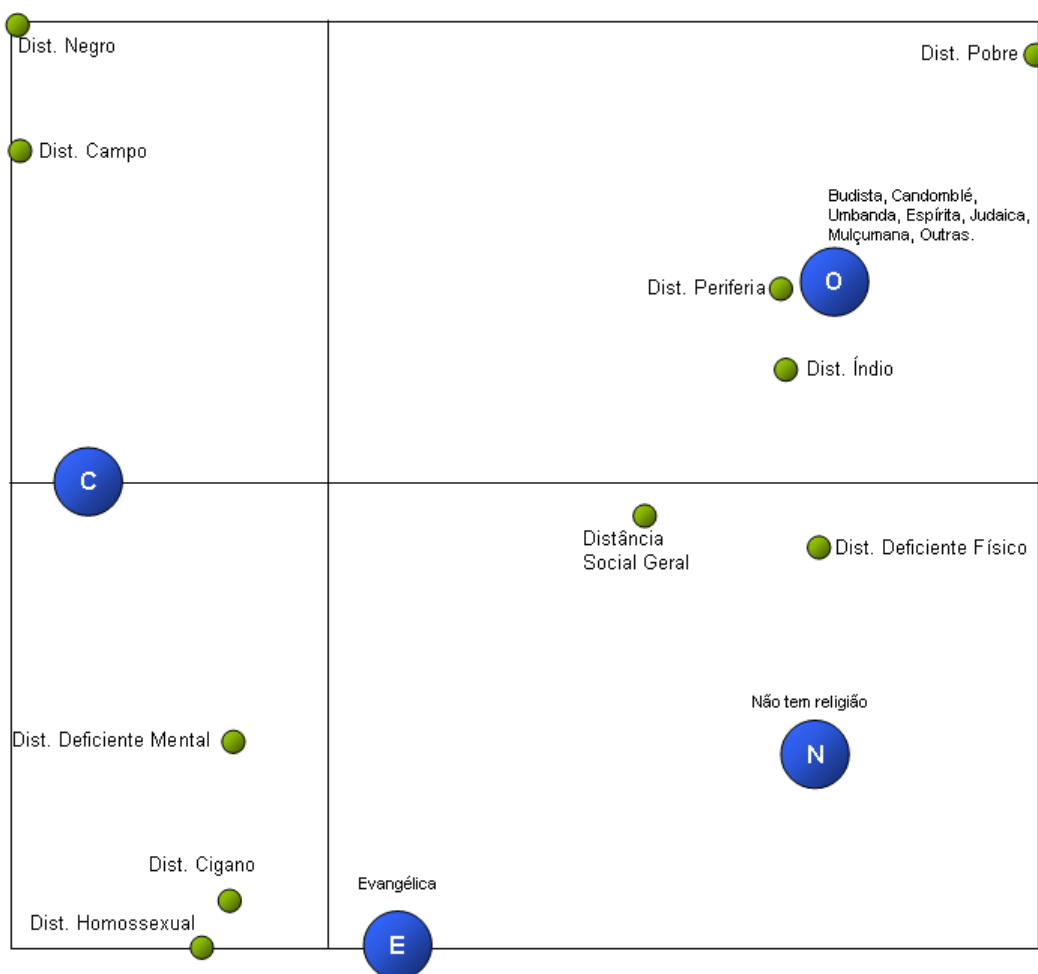


Tabela 182 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Religião

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Não Possui Religião	14,60	4,50	74,10	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outras	52,30	7,30	16,20	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Católica	31,70	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Evangélica	1,40	88,10	9,70	0,00	0,00	0,00	0,82	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 183 – Contribuições das Linhas (Distância Social) no Mapeamento Perceptual de Distância Social por Religião

Distância Social	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Pobre	23,10	7,80	17,10	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Negro	15,60	25,80	2,60	0,00	0,00	0,00	0,99	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Índio	11,10	0,60	4,70	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cigano	1,50	19,20	0,10	0,00	0,00	0,00	0,96	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
Homossexual	2,20	24,10	0,00	0,00	0,00	0,00	0,96	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	11,50	2,00	8,30	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Área Rural	14,80	12,70	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	12,70	0,30	53,60	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	1,30	7,40	13,40	0,00	0,00	0,00	0,98	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00
Geral	6,30	0,10	0,10	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 184 – Média para o IPCD % por Religião

Distância Social	IPCD (%)			
	Não Tem Religião	Outras	Católica	Evangélica
Pobre	62,1	61,1	60,6	60,8
Negro	55,8	54,8	55,3	54,3
Índio	61,6	58,3	61,9	61,4
Cigano	70,2	64,7	70,1	71,8
Homossexual	73,1	67,3	71,2	73,8
Periferia / favela	60,4	58,8	61,8	61,3
Área Rural	58,2	57,2	55,6	57,6
Deficiente Físico	63,4	58,0	61,6	62,2
Deficiente Mental	71,9	68,7	70,6	71,4
Geral	64,1	61,0	63,2	63,8

Os valores para o índice percentual médio de conhecimento de situações discriminatórias (*bullying*) indicam que respondentes de outras religiões que não a católica ou a evangélica são os que apresentam maiores níveis de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas quando comparados com os dos demais agrupamentos de religiões, especialmente sobre o *bullying* contra homossexuais, índios e ciganos. Embora apresentem, na média, os maiores valores, a diferença relativa em relação aos evangélicos é maior em relação ao conhecimento de práticas discriminatórias em que as vítimas são pessoas com necessidades especiais. Os evangélicos por sua vez, se caracterizam por demonstrar conhecimento um pouco maior de situações de *bullying* sofridas por moradores de periferia / favela e mulheres.

Os respondentes que não possuem religião se caracterizam por seu menor conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias contra pobres e idosos, no entanto, apresentam valores um pouco maiores para o conhecimento de *bullying* em que as vítimas são ciganos, índios e homossexuais, cujas ocorrências são relativamente menos conhecidas entre os respondentes católicos.

Após a aplicação da técnica de análise de correspondência, nota-se que o eixo 1 (horizontal) apresenta contribuição muito forte de respondentes que não possuem religião e certa contribuição de respondentes de outras religiões não cristãs e de católicos, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta contribuições mais fortes de respondentes de religiões que não a católica ou evangélica e de respondentes evangélicos. Nota-se ainda que estes dois eixos são capazes de explicar, no mínimo 71% da variância de todos os agrupamentos de respondentes classificados de acordo com sua religião.

Em relação aos indicadores de conhecimento de situações de *bullying*, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição das dimensões relacionadas a práticas discriminatórias contra pobres, idosos, ciganos e homossexuais. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta contribuição do *bullying* sofrido por pessoas com necessidades especiais (deficientes físicos ou mentais) e de moradores de periferia / favela. Dos onze indicadores, nove apresentaram percentuais iguais ou superiores a 91% para a explicação de sua variância por meio dos dois eixos do mapa perceptual, enquanto que o *bullying* sofrido por

moradores de áreas rurais e mulheres apresentaram 58% e 53%, respectivamente, de suas variâncias explicadas pelos eixos do mapa.

Figura 23 – Mapeamento Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Religião



**Tabela 185 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual do
Conhecimento de Situações de *Bullying* por Religião**

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Não Possui Religião	51,1	11,6	27,8	0,0	0,0	0,0	0,89	0,06	0,04	0,00	0,00	0,00
Outras	30,8	46,6	18,5	0,0	0,0	0,0	0,65	0,31	0,04	0,00	0,00	0,00
Católica	18,1	11,6	12,3	0,0	0,0	0,0	0,79	0,16	0,05	0,00	0,00	0,00
Evangélica	0,0	30,2	41,3	0,0	0,0	0,0	0,00	0,71	0,29	0,00	0,00	0,00

**Tabela 186 – Contribuições das Linhas (Conhecimento de *Bullying*) no Mapeamento
Perceptual do Conhecimento de Situações de *Bullying* por Religião**

Motivo	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Por ser Negro	6,1	6,4	6,3	0,0	0,0	0,0	0,70	0,23	0,07	0,00	0,00	0,00
Por ser Índio	9,6	6,3	0,1	0,0	0,0	0,0	0,83	0,17	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Cigano	14,7	1,9	14,4	0,0	0,0	0,0	0,88	0,03	0,08	0,00	0,00	0,00
Por ser Homossexual	12,9	0,3	7,7	0,0	0,0	0,0	0,94	0,01	0,05	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Físico	2,3	27,1	3,8	0,0	0,0	0,0	0,21	0,76	0,03	0,00	0,00	0,00
Por ser Deficiente Mental	0,4	28,4	0,8	0,0	0,0	0,0	0,04	0,95	0,01	0,00	0,00	0,00
Por ser Pobre	26,4	5,0	1,9	0,0	0,0	0,0	0,94	0,06	0,01	0,00	0,00	0,00
Por ser Morador de Periferia ou Favela	6,7	13,8	0,3	0,0	0,0	0,0	0,61	0,39	0,00	0,00	0,00	0,00
Por ser Morador de Área Rural	4,7	2,7	41,7	0,0	0,0	0,0	0,50	0,09	0,41	0,00	0,00	0,00
Por ser Idoso	16,3	1,2	2,7	0,0	0,0	0,0	0,96	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00
Por ser Mulher	0,0	6,8	20,3	0,0	0,0	0,0	0,00	0,53	0,47	0,00	0,00	0,00

Tabela 187 – Média para o IPCSB % por Religião

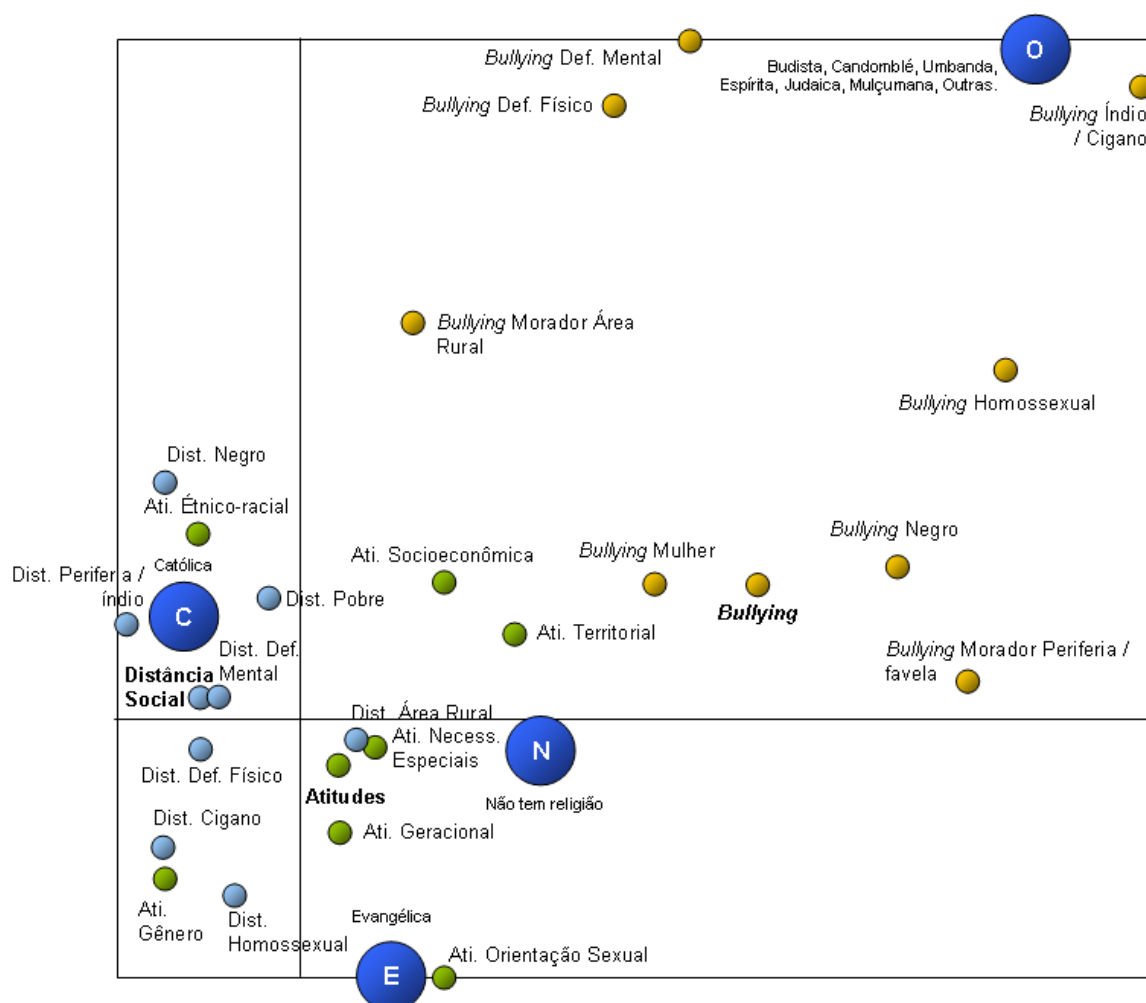
Motivo	IPCSB (%)			
	Não Tem Religião	Outras	Católica	Evangélica
Por ser Negro	12,6	14,3	11,2	12,1
Por ser Índio	3,7	4,6	3,2	3,3
Por ser Cigano	3,7	4,3	3,0	3,1
Por ser Homossexual	11,2	13,4	9,8	10,5
Por ser Deficiente Físico	5,3	7,0	5,5	5,5
Por ser Deficiente Mental	4,9	6,5	4,9	4,9
Por ser Pobre	11,0	12,0	11,2	11,7
Por ser Morador de Periferia ou Favela	7,2	7,7	6,1	6,7
Por ser Morador do Campo	5,6	6,2	5,5	5,5
Por ser Idoso	8,5	9,6	8,7	9,1
Por ser Mulher	9,6	10,1	8,7	9,1
Geral	8,9	10,1	8,3	8,8

Assim como verificado nas análises anteriores, os indicadores de atitudes e de distância social apresentam comportamentos próximos entre os agrupamentos de respondentes de acordo com sua religião, com menor intensidade de preconceito e de distância social entre os respondentes de outras religiões quando comparados com os respondentes dos demais agrupamentos. Por outro lado, assim como observado no mapa perceptual de conhecimento de situações de *bullying* este grupos de respondentes (outras religiões) é o que demonstra maior de conhecimento sobre a ocorrência de situações que refletem práticas discriminatórias nas escolas.

Na análise conjunta de atitudes e comportamentos discriminatórios, o eixo 1 do mapa perceptual (horizontal) apresenta maior contribuição do agrupamento de respondentes de outras religiões que não as católicas ou evangélicas e de respondentes católicos, enquanto o eixo 2 (vertical) apresenta forte contribuição de respondentes evangélicos e de respondentes que possuem outras religiões. Os dois eixos são capazes de explicar, ao menos, 92% da variância de três dos quatro agrupamentos. A exceção é o agrupamento de respondentes que não possuem religião, com 47% de sua variância explicada pelos dois eixos.

Considerando os indicadores da pesquisa, o eixo 1 (eixo horizontal) apresenta maior contribuição de atitudes referentes ao preconceito em relação à orientação sexual, de indicadores de conhecimento de situações de *bullying* em que as vítimas são homossexuais e negros. O eixo 2 (vertical), por sua vez, apresenta maior contribuição do indicador de atitude em relação à orientação sexual. Os eixos 1 e 2 são capazes de explicar, conjuntamente, ao menos 63% da variância de 12 dos 18 indicadores da análise. As exceções são a atitude preconceituosa global (23% da variância explicada pelos dois eixos do mapa), a de natureza étnico-racial (43% da variância), em relação a pessoas com necessidades especiais (30%), de natureza territorial (27%), e o conhecimento de situações de *bullying* em que as vítimas são pobres (8%) e idosos (20%).

Figura 24 – Mapeamento Perceptual Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por Religião



**Tabela 188 – Contribuições das Colunas (Grupos) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Religião**

Grupos	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Não Possui Religião	15,5	0,3	74,8	0,0	0,0	0,0	0,47	0,00	0,52	0,00	0,00	0,00
Outras	46,7	38,6	11,3	0,0	0,0	0,0	0,68	0,28	0,04	0,00	0,00	0,00
Católica	28,3	12,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,82	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00
Evangélica	9,4	48,5	13,9	0,0	0,0	0,0	0,26	0,66	0,09	0,00	0,00	0,00

**Tabela 189 – Contribuições das Linhas (Indicadores) no Mapeamento Perceptual
Conjunto de Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* por
Religião**

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Atitudes	0,2	0,3	3,9	0,0	0,0	0,0	0,16	0,11	0,73	0,00	0,00	0,00
Étnico-racial	0,6	2,0	9,5	0,0	0,0	0,0	0,16	0,27	0,57	0,00	0,00	0,00
Necessidades Especiais	0,4	0,1	5,1	0,0	0,0	0,0	0,27	0,03	0,71	0,00	0,00	0,00
Gênero	1,7	3,0	1,5	0,0	0,0	0,0	0,47	0,43	0,10	0,00	0,00	0,00
Geracional	0,2	1,6	2,4	0,0	0,0	0,0	0,11	0,53	0,36	0,00	0,00	0,00
Socioeconômica	1,2	1,2	4,8	0,0	0,0	0,0	0,42	0,21	0,38	0,00	0,00	0,00
Territorial	2,3	0,3	29,1	0,0	0,0	0,0	0,25	0,02	0,73	0,00	0,00	0,00
Orientação Sexual	15,6	43,2	0,3	0,0	0,0	0,0	0,42	0,58	0,00	0,00	0,00	0,00
Distância Social	1,3	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,97	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00
Pobre	0,1	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,08	0,92	0,00	0,00	0,00	0,00
Negro	1,7	7,3	0,1	0,0	0,0	0,0	0,32	0,68	0,00	0,00	0,00	0,00
Índio	5,1	0,9	0,1	0,0	0,0	0,0	0,92	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00
Cigano	3,6	3,7	2,0	0,0	0,0	0,0	0,61	0,32	0,08	0,00	0,00	0,00
Homossexual	0,5	6,6	0,5	0,0	0,0	0,0	0,12	0,85	0,03	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	6,0	1,7	3,6	0,0	0,0	0,0	0,78	0,11	0,11	0,00	0,00	0,00
Área Rural	1,3	0,2	0,2	0,0	0,0	0,0	0,89	0,07	0,04	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	1,8	0,1	1,5	0,0	0,0	0,0	0,82	0,03	0,15	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	0,9	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,95	0,02	0,03	0,00	0,00	0,00

Indicadores	Contribuições Absolutas						Contribuições Quadráticas					
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4	Eixo 5	Eixo 6
Bullying	4,6	0,4	2,0	0,0	0,0	0,0	0,87	0,04	0,09	0,00	0,00	0,00
Negro	11,4	0,6	0,4	0,0	0,0	0,0	0,97	0,03	0,01	0,00	0,00	0,00
Índio	5,8	3,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,77	0,23	0,00	0,00	0,00	0,00
Cigano	5,8	3,1	1,7	0,0	0,0	0,0	0,75	0,20	0,05	0,00	0,00	0,00
Homossexual	13,5	3,2	0,5	0,0	0,0	0,0	0,89	0,10	0,01	0,00	0,00	0,00
Deficiente Físico	1,4	5,5	7,6	0,0	0,0	0,0	0,24	0,47	0,29	0,00	0,00	0,00
Deficiente Mental	1,9	6,2	4,7	0,0	0,0	0,0	0,31	0,51	0,18	0,00	0,00	0,00
Pobre	0,2	0,0	9,7	0,0	0,0	0,0	0,08	0,00	0,92	0,00	0,00	0,00
Periferia / favela	7,2	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,99	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Área Rural	0,2	2,3	0,3	0,0	0,0	0,0	0,12	0,83	0,05	0,00	0,00	0,00
Idoso	0,4	0,1	7,9	0,0	0,0	0,0	0,17	0,03	0,81	0,00	0,00	0,00
Mulher	3,2	0,4	0,1	0,0	0,0	0,0	0,94	0,06	0,01	0,00	0,00	0,00

9.9 Árvore de Classificação para Análise da Distância Social a Partir das Características Demográficas dos Respondentes

A classificação utilizando árvores de decisão consiste da segmentação sequencial das respostas dadas pelos respondentes da pesquisa, de maneira a maximizar as diferenças para uma variável dependente entre segmentos homogêneos em termos de um conjunto de variáveis preditoras. As árvores de decisão fornecem uma abordagem concisa para a obtenção de grupos ou segmentos que são consistentes em seus atributos, mas que variam em termos da variável dependente.

Para a estimação dos grupos, foi utilizada a técnica *Exhaustive CHAID* (*Chi-square Automatic Interaction Detector*), que consiste de um método exploratório para a estimação de grupos homogêneos e consistentes em termos de um conjunto de características sociodemográficas (tipo de público da pesquisa, sexo, faixa etária, região do país, cor / etnia, religião e acesso a meios de informação), porém diferentes em termos do escore discriminatório global, calculado por meio da média dos nove indicadores percentuais de distância social.

A modelagem *CHAID* seleciona um conjunto de variáveis preditoras e de suas interações que permitem prever, de maneira ótima, a medida dependente. Como a variável dependente do problema em questão é quantitativa, o algoritmo utiliza a estatística *F* através de iterações sequenciais de segmentação das variáveis preditoras para determinar de maneira ótima os segmentos (intervalos ou *splits*) para as variáveis independentes, de forma a maximizar a capacidade de explicar variância da medida dependente. O processo de construção da árvore de decisão resulta, então, em um conjunto de segmentos que apresentam as maiores diferenças entre si, em termos da variável dependente.

O método *Exhaustive CHAID*, por sua vez, é uma modificação do método *CHAID* original que realiza procedimentos mais meticulosos de aglomeração e teste das variáveis preditoras, onde em cada passo as categorias vão sendo continuamente agrupadas, até que fiquem apenas duas categorias remanescentes para cada preditor e então seleciona o preditor que fornece a divisão mais significativa.

A aplicação do método de classificação *Exhaustive CHAID* resultou em oito nós finais, a partir da divisão dos casos em três níveis até os nós finais, as folhas da árvore, representando os segmentos homogêneos de acordo com suas características sociodemográficas, porém diferentes em termos de seu escore global de distância social em relação aos grupos sociais do estudo.

O primeiro nível da classificação resultou em dois grupos, um contendo respondentes com até 14 anos de idade, com maior média para o índice percentual de distância social (IPCD = 66,4%) e outro com respondentes maiores de 14 anos (IPCD = 62,4%). Outras classificações em função de diferenças para o IPCD % foram segmentando os respondentes de acordo com sua idade, o tipo de público alvo, a sua cor/etnia, sexo e religião, nas ramificações derivadas nos dois níveis subseqüentes da árvore até a composição dos oito nós finais.

Os segmentos finais que apresentaram as maiores médias para o IPCD e, portanto, maior distância social, foram aqueles formados por respondentes de até 14 anos de idade morenos, pardos, brancos e amarelos/orientais do sexo masculino (IPCD = 67,8%) e respondentes dos públicos de Diretores, Professores, Funcionários e Pais com 20 ou mais

anos de idade (IPCD = 67%). Os grupos que apresentaram as menores distâncias sociais em relação ao conjunto de grupos sociais pesquisados foram aqueles formados por respondentes com até 14 anos, pretos, mulatos, cafusos, índios e caboclos cujas religiões são Candomblé/Umbanda (IPCD = 43,4%), alunos com 20 anos ou mais (IPCD = 59,7%) e respondentes do sexo feminino com idades entre 15 e 19 anos (IPCD = 62,5%).

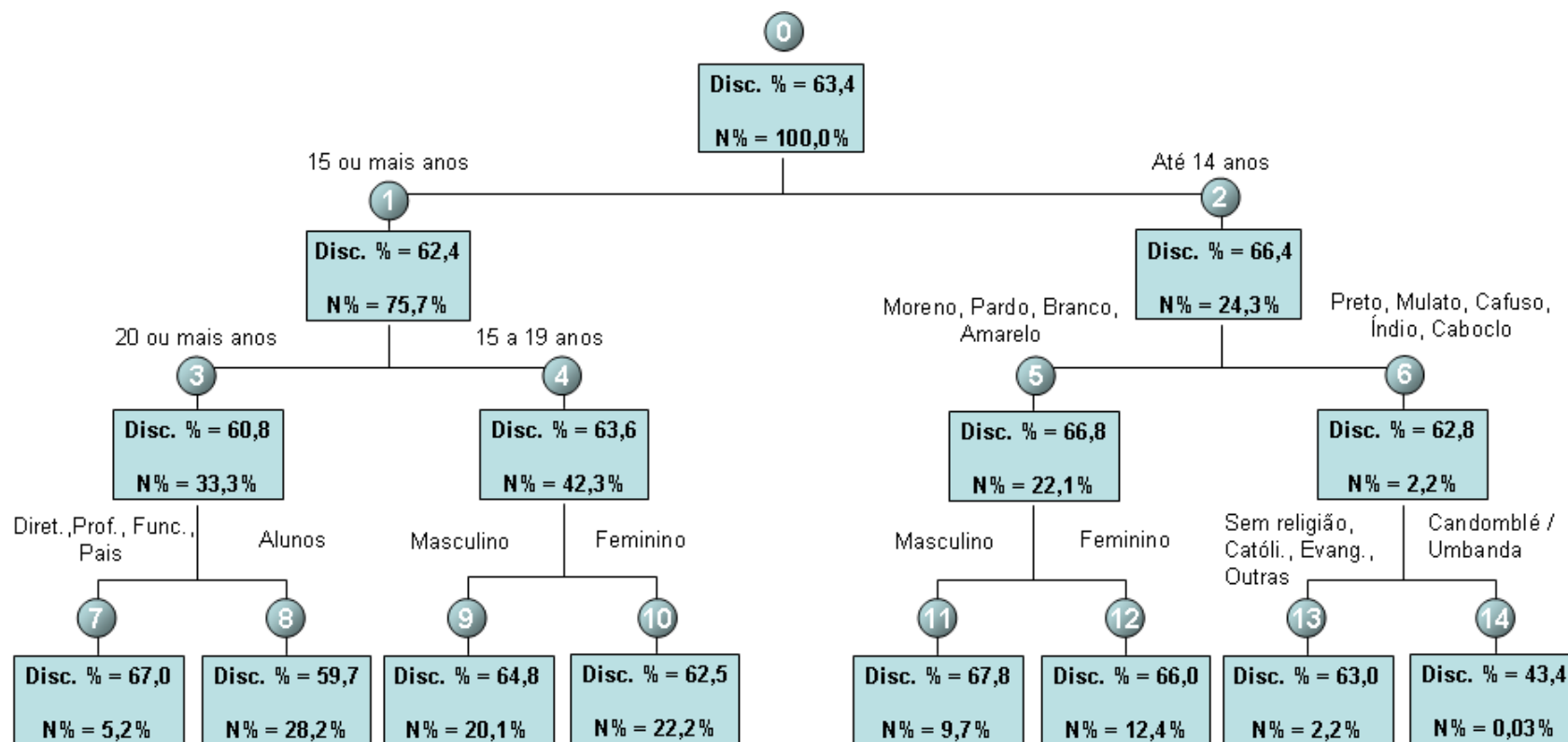
A tabela a seguir apresenta o resumo da classificação nos nós terminais estimados pelo modelo, ordenados do maior para o menor nível de distância social percebida pelo respondente.

Tabela 190 – Resultado da Classificação Exhaustive CHAID para a Distância Social em Função das Variáveis Demográficas

Nó	N %	IPCD %	Class. 1º nível	Class. 2º nível	Class. 3º nível
11	9,7	67,8	Até 14 anos	Moreno, Pardo, Branco, Amarelo	Masculino
7	5,2	67,0	15 ou mais anos	20 ou mais anos	Diretores, Professores, Funcionários, Pais
12	12,4	66,1	Até 14 anos	Moreno, Pardo, Branco, Amarelo	Feminino
9	20,1	64,8	15 ou mais anos	Entre 15 e 19 anos	Masculino
13	2,2	63,0	Até 14 anos	Preto, Mulato, Cafuso, Índio, Caboclo	Sem religião, Católica, Evangélica e Outras
10	22,2	62,5	15 ou mais anos	Entre 15 e 19 anos	Feminino
8	28,2	59,7	15 ou mais anos	20 ou mais anos	Alunos
14	0,0	43,4	Até 14 anos	Preto, Mulato, Cafuso, Índio, Caboclo	Candomblé, Umbanda

A figura a seguir apresenta os nós resultantes da classificação utilizando o método *Exhaustive CHAID*. Para cada nó é apresentada a sua característica demográfica, a média para o escore médio percentual de distância social e a sua participação percentual na amostra da pesquisa.

Figura 25 – Modelo de Classificação *Exhaustive CHAID* para a Distância Social em Função das Variáveis Preditoras Demográficas



9.10 Análises da Relação entre Atitudes, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* nas Escolas

Em seguida, foram calculadas as matrizes de correlação entre os constructos da pesquisa, utilizando o coeficiente de correlação de *Pearson*, com o propósito de avaliar relações de dependência entre eles, identificando a força e a direção destas relações.

9.10.1. Respondente como Unidade de Análise

Primeiramente, foram calculadas matrizes de correlação tomando como unidade de análise cada um dos respondentes da pesquisa (cada um dos respondentes de todos os públicos alvo representa uma observação).

As células da tabela a seguir apresentam os coeficientes de correlação entre as áreas temáticas de preconceito, tomadas duas a duas (cada célula apresenta o grau de correlação entre duas áreas temáticas). Esses coeficientes variam entre 0 e 1 e quanto maior o seu valor, mais forte é a correlação entre os dois indicadores analisados. Uma correlação forte entre duas áreas temáticas (étnico-racial e socioeconômica, por exemplo) indica que o preconceito relacionado a questões étnico-raciais caminha conjuntamente com o preconceito relacionado a questões socioeconômicas, ou seja, para respondentes com atitudes muito preconceituosas em relação a questões étnico-racial, de maneira geral, é forte também o preconceito de natureza socioeconômica. Em todas as tabelas a seguir, as células indicadas com a cor verde indicam que a correlação é estatisticamente significativa a $p < 0,05$.

Os resultados dos coeficientes de correlação obtidos evidenciam que todos os macroconstructos que exprimem as atitudes preconceituosas relacionadas às áreas temáticas da pesquisa se mostram fortemente correlacionados entre si, uma vez que os valores de todos os coeficientes são maiores ou iguais a 0,511 e se mostraram estatisticamente significativos a $p < 0,01$. Ou seja, estes macroconstructos caminham conjuntamente, o que

indica que a ocorrência de discriminação em uma área temática, em geral, não ocorre de maneira isolada.

Ainda que todas as relações tenham se mostrado significativas, as relações mais fortes observadas foram entre o macroconstruto de preconceito étnico-racial com os macrocontrutos de preconceito territorial, socioeconômico e em relação a pessoas com necessidades especiais (deficiência), respectivamente. Ou seja, os respondentes que apresentaram atitudes mais preconceituosas em relação a questões étnico-raciais, em geral, também apresentaram atitudes mais preconceituosas em relação a questões territoriais, socioeconômicas e em relação às pessoas com necessidades especiais. É importante notar que a relação entre os macroconstrutos socioeconômico e territorial também apresentou coeficiente entre os mais elevados (0,721).

A tabela a seguir apresenta os valores para os coeficientes de correlação de *Pearson* entre os constructos da pesquisa relativos às frases que exprimem as atitudes dos respondentes.

Tabela 191 – Correlação entre os Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito da Pesquisa (todos os respondentes)

Dimensão	Étnico Racial	Necessid. Especiais	Gênero	Geracional	Socio-econômica	Territorial	Orientação Sexual
Étnico Racial	1,000	0,721	0,624	0,591	0,770	0,785	0,669
Necessidades Especiais		1,000	0,594	0,600	0,655	0,636	0,621
Gênero			1,000	0,548	0,541	0,533	0,542
Geracional				1,000	0,568	0,524	0,511
Socioeconômica					1,000	0,721	0,590
Territorial						1,000	0,572
Orientação Sexual							1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$

Em seguida, tendo todos os respondentes como unidade de análise, foram verificadas as correlações entre as nove variáveis referentes aos indicadores de distância

social. Observa-se que, apesar de se observarem valores um pouco mais baixos para os seus coeficientes de correlação, todas as variáveis de distância social também apresentaram correlação significativa entre si, com valores para os coeficientes variando entre 0,251 e 0,493, todos estatisticamente significativos a $p < 0,01$.

Os maiores coeficientes de correlação observados indicam que as relações mais fortes envolvem as variáveis de distância social em relação a pessoas pobres e negras. Também apresentaram correlações entre as mais fortes as variáveis de distância social em relação a pessoas negras e indígenas, pessoas pobres e indígenas, indígenas e pessoas da periferia ou moradores de favela. Estas relações confirmam a forte correlação entre as áreas étnico-racial e socioeconômica, conforme verificado para os macroconstrutos de atitudes.

A tabela a seguir apresenta os valores para os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as variáveis da pesquisa relativas às frases que exprimem a distância social dos respondentes a partir da escala de *Bogardus*.

Tabela 192 – Correlação entre as Variáveis de Distância Social em Relação aos Grupos Sociais da Pesquisa

Variável	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Periferia ou Favela	Área Rural	Deficiente Físico	Deficiente Mental
Pobre	1,000	0,493	0,444	0,290	0,251	0,373	0,414	0,347	0,252
Negro		1,000	0,469	0,298	0,278	0,393	0,409	0,381	0,253
Índio			1,000	0,376	0,272	0,418	0,397	0,380	0,298
Cigano				1,000	0,333	0,332	0,315	0,308	0,307
Homossexual					1,000	0,267	0,261	0,295	0,312
Periferia ou Favela						1,000	0,408	0,383	0,301
Área Rural							1,000	0,413	0,280
Deficiente Físico								1,000	0,415
Deficiente Mental									1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$

Assim como foi observado para as atitudes e para a distância social, a ocorrência de situações de *bullying* motivadas por um preconceito específico não ocorre de maneira isolada na escola. utilizando os respondentes como unidade de análise, verifica-se que o conhecimento da existência destas situações motivadas por um determinado tipo de preconceito é acompanhado pelo conhecimento de situações motivadas por outros tipos de preconceito, conforme evidenciado nos altos coeficientes (todos iguais ou superiores a 0,545), estatisticamente significativos a $p < 0.01$, verificados para as correlações dos diversos tipos de *Bullying* pesquisados.

A tabela a seguir apresenta os valores para os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as variáveis da pesquisa relativas aos conhecimento de situações de *bullying* nas escolas.

Tabela 193 – Correlação entre o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* de acordo com os seus motivadores

Motivo	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Deficiente Físico	Deficiente Mental	Pobre	Periferia ou Favela	Área Rural	Idoso	Mulher
Negro	1,000	0,646	0,605	0,686	0,694	0,669	0,778	0,699	0,656	0,688	0,671
Índio		1,000	0,832	0,581	0,738	0,732	0,574	0,671	0,714	0,601	0,574
Cigano			1,000	0,570	0,720	0,728	0,549	0,660	0,697	0,574	0,545
Homossexual				1,000	0,656	0,632	0,671	0,662	0,583	0,643	0,582
Deficiente Físico					1,000	0,826	0,676	0,699	0,721	0,677	0,629
Deficiente Mental						1,000	0,647	0,675	0,697	0,650	0,603
Pobre							1,000	0,740	0,706	0,747	0,723
Morador de Periferia ou Favela								1,000	0,730	0,696	0,664
Morador do Campo									1,000	0,681	0,677
Idoso										1,000	0,755
Mulher											1

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$

Analogamente, o *bullying* quando ocorre nas escolas atinge a todos: alunos, professores e funcionários. O grau de conhecimento de situações nas quais as vítimas são alunos, professores e funcionários apresentam altíssimos coeficientes de correlação (iguais ou superiores a 0,797), estatisticamente significativos a $p < 0,01$.

Tabela 194 – Correlação entre o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* de acordo com as suas vítimas

Vítimas	Alunos	Funcionários	Professores
Alunos	1,000	0,797	0,807
Funcionários		1,000	0,910
Professores			1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$

Analisou-se também a correlação entre os indicadores referentes aos macroconstrutos de atitudes preconceituosas e as variáveis de distância social pesquisadas. Os coeficientes de correlação obtidos foram bem mais baixos do que os apresentados nas duas análises anteriores, indicando que o grau distância nos contatos que os respondentes se mostram predispostos a manter em relação aos grupos sociais pesquisados não estão tão fortemente correlacionadas com as atitudes, crenças e valores preconceituosas declarados pelos respondentes. Assim como nas análises anteriores, todos os coeficientes obtidos foram significantes a $p < 0,01$.

Os maiores valores observados indicam que há maior correlação entre as atitudes relacionadas às áreas temáticas referentes ao preconceito étnico-racial, em relação a pessoas com necessidades especiais, preconceito de gênero e, principalmente, orientação sexual com a distância social em relação a pessoas homossexuais. Ou seja, pessoas que possuem atitudes, crenças e valores que indiquem maior preconceito em relação a estas áreas temáticas tendem a apresentar maior distância social em relação a pessoas homossexuais.

Tabela 195 – Correlação entre as Variáveis de Distância Social e os Macroconstrutos de Atitudes das Áreas Temáticas de Discriminação da Pesquisa

Macroconstrutos (Atitudes)	Distância Social								
	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos- sexual	Periferia ou Favela	Área Rural	Deficiente Físico	Deficiente Mental
Étnico Racial	0,055	0,106	0,078	0,096	0,127	0,071	0,015	0,074	0,071
Deficiência	0,062	0,106	0,072	0,091	0,155	0,077	0,029	0,116	0,127
Gênero	0,055	0,082	0,079	0,102	0,146	0,062	0,015	0,066	0,074
Geracional	0,042	0,064	0,048	0,082	0,101	0,049	0,027	0,055	0,078
Socioeconômica	0,066	0,088	0,060	0,077	0,113	0,082	0,035	0,072	0,075
Territorial	0,066	0,097	0,060	0,048	0,098	0,052	0,041	0,075	0,060
Identidade de Gênero	0,069	0,117	0,070	0,109	0,285	0,073	0,044	0,093	0,103

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$

Utilizando como unidade de análise somente o grupo de diretores que responderam à pesquisa, nota-se que a declaração de conhecimento de situações de *bullying* por este público está mais relacionada com a sua atitude preconceituosa e está negativamente relacionada com a distância social geral que mantém em relação aos grupos sociais pesquisados. Ou seja, ainda que os coeficientes não apresentem valores muito altos, os resultados indicam que quanto maior a distância social em relação a estes grupos verificada entre os diretores, menor é o conhecimento declarado da ocorrência de situações de *bullying*. No entanto, quanto maior a atitude preconceituosa, maior o conhecimento de tais situações.

Tabela 196 – Correlação entre a Atitude Preconceituosa, a Distância Social e o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* verificadas entre o público de diretores das escolas

Dimensão	Atitude Preconceituosa	Distância Social	<i>Bullying Geral</i>	<i>Bullying Vítima Alunos</i>	<i>Bullying Vítima Funcionários</i>	<i>Bullying Vítima Professores</i>
Atitude Preconceituosa	1,000	0,089	0,101	0,044	0,171	0,164
Distância Social		1,000	-0,149	-0,144	-0,101	-0,072
<i>Bullying Geral</i>			1,000	0,932	0,846	0,875
<i>Bullying Vítima Alunos</i>				1,000	0,667	0,707
<i>Bullying Vítima Funcionários</i>					1,000	0,807
<i>Bullying Vítima Professores</i>						1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$

Entre os professores, ainda que significantes a pelo menos $p < 0,05$, os coeficientes de correlação são mais baixos que os verificados entre os diretores. O sentido da correlação, entretanto, é o mesmo, indicando que os professores que declaram maior conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* tendem a ter atitudes mais preconceituosas, mas menor distância social em relação aos grupos pesquisados.

Tabela 197 – Correlação entre a Atitude Preconceituosa, a Distância Social e o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* verificadas entre o público de professores das escolas

Dimensão	Atitude Preconceituosa	Distância Social	<i>Bullying Geral</i>	<i>Bullying Vítima Alunos</i>	<i>Bullying Vítima Funcionários</i>	<i>Bullying Vítima Professores</i>
Atitude Preconceituosa	1,000	0,147	0,059	0,055	0,055	0,006 **
Distância Social		1,000	-0,058	-0,076	-0,040	-0,013
<i>Bullying Geral</i>			1,000	0,858	0,851	0,820
<i>Bullying Vítima Alunos</i>				1,000	0,576	0,479
<i>Bullying Vítima Funcionários</i>					1,000	0,787
<i>Bullying Vítima Professores</i>						1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$, exceto **, significante a $p < 0,05$.

Entre os funcionários que responderam à pesquisa, assim como verificado entre os diretores, os coeficientes de correlação indicam que quanto maior a atitude preconceituosa, maior o conhecimento declarado da ocorrência de situações de *bullying* na escola. Nota-se também, que há uma tendência de que quanto maior a distância social em relação aos grupos sociais da pesquisa, menor o conhecimento declarado de tais situações, ainda que os coeficientes de correlação sejam baixos (inferiores a 0,1).

Tabela 198 – Correlação entre a Atitude Preconceituosa, a Distância Social e o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* verificadas entre o público de funcionários das escolas

Dimensão	Atitude Preconceituosa	Distância Social	<i>Bullying Geral</i>	<i>Bullying Vítima Alunos</i>	<i>Bullying Vítima Funcionários</i>	<i>Bullying Vítima Professores</i>
Atitude Preconceituosa	1,000	0,221	0,160	0,132	0,156	0,180
Distância Social		1,000	-0,033	-0,051	0,006 **	0,007 **
<i>Bullying Geral</i>			1,000	0,926	0,946	0,930
<i>Bullying Vítima Alunos</i>				1,000	0,800	0,761
<i>Bullying Vítima Funcionários</i>					1,000	0,917
<i>Bullying Vítima Professores</i>						1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$, exceto **, significante a $p < 0,05$.

Os grupo de alunos que responderam à pesquisa representam o público que apresentou os maiores coeficientes de correlação entre as atitudes preconceituosas e o conhecimento declarado de situações discriminatórias na escola. No entanto, estes respondentes apresentam as menores correlações, em módulo, entre a distância social e o conhecimento de situações de *bullying*.

Tabela 199 – Correlação entre a Atitude Preconceituosa, a Distância Social e o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* verificadas entre o público de alunos das escolas

Dimensão	Atitude Preconceituosa	Distância Social	<i>Bullying Geral</i>	<i>Bullying Vítima Alunos</i>	<i>Bullying Vítima Funcionários</i>	<i>Bullying Vítima Professores</i>
Atitude Preconceituosa	1,000	0,160	0,237	0,222	0,230	0,230
Distância Social		1,000	-0,010	0,003	-0,017	-0,023
<i>Bullying Geral</i>			1,000	0,942	0,928	0,929
<i>Bullying Vítima Alunos</i>				1,000	0,798	0,808
<i>Bullying Vítima Funcionários</i>					1,000	0,911
<i>Bullying Vítima Professores</i>						1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Os pais de alunos, assim como os demais públicos pesquisados, apresentam maior correlação entre as atitudes e preconceituosas e o conhecimento declarado de situações discriminatórias na escola, entretanto baixa correlação entre este conhecimento e a distância social que se mostram predispostos a manter em relação aos grupos sociais pesquisados.

Tabela 200 – Correlação entre a Atitude Preconceituosa, a Distância Social e o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* verificadas entre o público de pais e mães alunos das escolas

Dimensão	Atitude Preconceituosa	Distância Social	<i>Bullying Geral</i>	<i>Bullying Vítima Alunos</i>	<i>Bullying Vítima Funcionários</i>	<i>Bullying Vítima Professores</i>
Atitude Preconceituosa	1,000	0,117	0,122	0,141	0,108	0,107
Distância Social		1,000	0,031	0,039	0,028	0,041
<i>Bullying Geral</i>			1,000	0,935	0,932	0,942
<i>Bullying Vítima Alunos</i>				1,000	0,803	0,848
<i>Bullying Vítima Funcionários</i>					1,000	0,907
<i>Bullying Vítima Professores</i>						1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

9.10.2. Escolas como Unidade de Análise

Em seguida, foram calculados escores médios de preconceito, distância social e *bullying* entre os alunos e entre os respondentes do corpo técnico para cada área temática e grupo social da pesquisa para cada uma das 501 escolas que compuseram a sua amostra. A partir dos escores médios de cada escola, foram calculadas as matrizes de correlação, tendo como unidade de análise a escola.

Os resultados dos coeficientes de correlação obtidos evidenciam que todas as áreas temáticas de preconceito se mostram fortemente correlacionadas entre si, quando tomadas duas a duas, tanto no que se refere ao preconceito dos alunos quanto dos respondentes do corpo técnico e administrativo nas escolas. Nota-se que as correlações são um pouco mais fortes para os preconceitos observados entre os alunos (coeficientes iguais ou maiores que 0,623).

Ainda que todas as relações tenham se mostrado estatisticamente significativas, as relações mais fortes observadas entre os alunos foram entre os preconceitos étnico-racial e territorial, socioeconômico e territorial, étnico-racial e em relação a portadores de deficiências, e étnico-racial e socioeconômica. Entre respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas as relações mais fortes foram verificadas para os preconceitos étnico-racial e territorial, étnico-racial e em relação a portadores de deficiências, étnico-racial e em relação à orientação sexual e étnico-racial e socioeconômico.

Tabela 201 – Correlação entre as médias para os índices (IPC%) para as áreas temáticas de preconceito nas escolas (Alunos)

Área Temática de Preconceito	Étnico-racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orientação Sexual
Étnico-racial	1,000	0,831	0,784	0,679	0,828	0,873	0,749
Necessidades Especiais		1,000	0,739	0,742	0,764	0,774	0,735
Gênero			1,000	0,686	0,645	0,675	0,658
Geracional				1,000	0,673	0,623	0,654
Socioeconômica					1,000	0,843	0,721
Territorial						1,000	0,686
Orientação sexual							1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Tabela 202 – Correlação entre as médias para os índices (IPC%) para as áreas temáticas de preconceito nas escolas (Corpo técnico e administrativo)

Área Temática de Preconceito	Étnico-racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orientação Sexual
Étnico-racial	1,000	0,686	0,587	0,536	0,628	0,719	0,667
Necessidades Especiais		1,000	0,530	0,553	0,589	0,561	0,596
Gênero			1,000	0,511	0,457	0,555	0,545
Geracional				1,000	0,556	0,476	0,535
Socioeconômica					1,000	0,594	0,497
Territorial						1,000	0,563
Orientação sexual							1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Os resultados dos coeficientes de correlação obtidos indicam que os escores de distância social em relação a todos os grupos sociais pesquisados se mostram bastante correlacionadas entre si, quando tomados dois a dois. Nota-se que as correlações são mais fortes para as distâncias sociais apresentadas pelos respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas (coeficientes iguais ou maiores que 0,497).

Tabela 203 – Correlação entre as médias para os índices (IPCD%) de distância social nas escolas (Alunos)

Grupo Social	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Periferia/favela	Área rural	Defic. físico	Defic. mental
Pobre	1,000	0,608	0,589	0,474	0,414	0,521	0,609	0,485	0,378
Negro		1,000	0,619	0,453	0,443	0,537	0,543	0,531	0,381
Índio			1,000	0,489	0,439	0,559	0,504	0,505	0,429
Cigano				1,000	0,509	0,537	0,476	0,500	0,481
Homossexual					1,000	0,420	0,388	0,504	0,467
Morador da periferia/favela						1,000	0,552	0,583	0,471
Morador de área rural							1,000	0,566	0,460
Deficiente físico								1,000	0,577
Deficiente mental									1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Tabela 204 – Correlação entre as médias para os índices (IPCD%) de distância social nas escolas (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Periferia/favela	Área rural	Defic. físico	Defic. mental
Pobre	1,000	0,758	0,731	0,650	0,610	0,680	0,645	0,668	0,507
Negro		1,000	0,745	0,609	0,640	0,674	0,634	0,655	0,497
Índio			1,000	0,761	0,693	0,732	0,683	0,710	0,560
Cigano				1,000	0,666	0,698	0,581	0,659	0,604
Homossexual					1,000	0,668	0,639	0,630	0,566
Morador da periferia/favela						1,000	0,708	0,725	0,553
Morador de área rural							1,000	0,692	0,513
Deficiente físico								1,000	0,585
Deficiente mental									1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

No tocante ao *bullying*, os resultados dos coeficientes de correlação obtidos indicam que os escores de conhecimento de práticas discriminatórias sofridas pelos diversos grupos sociais também se mostram fortemente correlacionadas entre si, quando tomados dois a dois, especialmente para o conhecimento dos alunos acerca da ocorrência dessas situações na escola (coeficientes iguais ou maiores que 0,600 entre os alunos).

Tabela 205 – Correlação entre as médias para os índices (IPCSB%) de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas (Alunos)

Grupo Social	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Def. fís.	Def. ment.	Pobre	Perif. / favela	Área rural	Idoso	Mulher
Negro	1,000	0,717	0,669	0,757	0,769	0,756	0,883	0,786	0,703	0,832	0,830
Índio		1,000	0,915	0,626	0,828	0,817	0,705	0,714	0,785	0,745	0,759
Cigano			1,000	0,600	0,794	0,802	0,665	0,695	0,763	0,699	0,718
Homossexual				1,000	0,655	0,639	0,733	0,732	0,538	0,711	0,701
Deficiente físico					1,000	0,907	0,780	0,744	0,782	0,791	0,793
Deficiente mental						1,000	0,763	0,729	0,771	0,769	0,768
Pobre							1,000	0,773	0,784	0,857	0,865
Morador de periferia/favela								1,000	0,681	0,789	0,777
Morador de área rural									1,000	0,745	0,767
Idoso										1,000	0,877
Mulher											1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Tabela 206 – Correlação entre as médias para os índices (IPCSB %) de conhecimento de situações de *bullying* nas escolas (Corpo técnico e administrativo)

Grupo Social	Negro	Índio	Cigano	Homossexual	Def. fís.	Def. ment.	Pobre	Perif. / favela	Área rural	Idoso	Mulher
Negro	1,000	0,458	0,388	0,640	0,542	0,487	0,749	0,680	0,522	0,638	0,628
Índio		1,000	0,849	0,375	0,511	0,512	0,454	0,461	0,589	0,412	0,402
Cigano			1,000	0,337	0,480	0,500	0,402	0,431	0,617	0,358	0,364
Homossexual				1,000	0,516	0,474	0,589	0,595	0,427	0,556	0,523
Deficiente físico					1,000	0,709	0,560	0,557	0,456	0,527	0,501
Deficiente mental						1,000	0,559	0,534	0,532	0,491	0,468
Pobre							1,000	0,796	0,587	0,646	0,641
Morador de periferia/favela								1,000	0,552	0,629	0,598
Morador de área rural									1,000	0,466	0,491
Idoso										1,000	0,713
Mulher											1,000

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$.

Foi ainda calculada uma matriz de correlação entre as atitudes preconceituosas, a distância social e o conhecimento de situações de *bullying*, tendo como objeto da análise a escola, de forma agregada. Os resultados obtidos indicam que, de maneira geral, as escolas em que se encontram atitudes mais preconceituosas apresentam também maior conhecimento por parte dos respondentes sobre situações discriminatórias. A correlação entre estas dimensões é mais forte nas escolas em que os alunos apresentam atitudes mais preconceituosas.

No entanto, a correlação entre a distância social nas escolas pesquisadas e o conhecimento de situações de *bullying* apresenta coeficientes mais baixos, e em alguns casos essa correlação é negativa. Nota-se que a correlação mais forte é verificada entre a atitude preconceituosa declarada pelos alunos e o conhecimento da ocorrência de *bullying* quando as vítimas são alunos. As células em amarelo na tabela a seguir indicam os maiores valores observados para os coeficientes de correlação entre as variáveis de atitudes / distância social e as variáveis de conhecimento de situações de *bullying* na escola.

Tabela 207 – Correlação entre a Atitude Preconceituosa, a Distância Social e o conhecimento da ocorrência de situações de *Bullying* verificadas (escola como unidade de análise)

Atitude / Distância Social dos Atores		<i>Bullying</i>			
		Geral	Vítimas Alunos	Vítimas Funcionários	Vítimas Professores
Atitude Preconceituosa	Diretores	0,049	0,003	0,104	0,102
	Professores	0,102	0,082	0,108	0,117
	Funcionários	0,003	-0,020	0,047	0,040
	Alunos	0,398	0,340	0,467	0,463
	Pais	0,028	-0,009	0,087	0,075
	Geral	0,401	0,341	0,469	0,465
Distância Social	Diretores	-0,065	-0,069	-0,022	-0,037
	Professores	0,034	0,013	0,084	0,083
	Funcionários	0,009	-0,006	0,069	0,045
	Alunos	0,128	0,184	0,002	0,011
	Pais	0,021	0,028	0,044	0,034
	Geral	0,110	0,164	0,016	0,015

(*) Todas as correlações significantes a $p < 0,01$, exceto as indicadas em cinza. Em amarelo estão indicadas as correlações mais significantes.

9.10.3. Contribuição e Peso Relativo das Atitudes Preconceituosas e da Distância Social dos Atores Escolares no Conhecimento de Situações de *Bullying*

Em adição à análise dos coeficientes de correlação de *Pearson* para o estudo das relações entre as atitudes, as distâncias sociais e o conhecimento de situações de *bullying* nas escolas pesquisadas, foram realizadas análises de regressão com o objetivo de compreender a contribuição e o peso relativo da atitude preconceituosa e da distância social de cada conjunto de atores das escolas na formação do conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* no ambiente escolar.

A aplicação da técnica de regressão linear múltipla permitiu verificar as variações nas variáveis e dimensões de atitudes e de comportamento discriminatório que apresentam maior impacto na variação do conhecimento da ocorrência de situações discriminatórias (*bullying*) nas escolas.

A variável de conhecimento de situações de *bullying* em função das atitudes e da distância social apresentou um R^2 de 0,182. Esta estatística indica que pouco menos de 20% da variação do conhecimento de situações discriminatórias nas escolas pode ser explicado pela variação nas atitudes, crenças e valores declarados pelos respondentes e por sua distância social em relação aos grupos sociais pesquisados. Nota-se, dentre as variáveis analisadas, que a atitude preconceituosa dos alunos é o fator com maior influência na explicação da variação para o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* nas escolas. Em seguida, entretanto com peso relativo bastante inferior, está a distância social destes mesmos alunos em relação aos grupos sociais da pesquisa. Estes resultados sugerem que as atitudes preconceituosas e a distância social dos alunos apresentam as maiores influências na explicação das variações para o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola, do que as atitudes e a distância social dos demais agrupamentos de atores que participam do ambiente escolar.

Tabela 208 – Peso relativo das variáveis de atitude preconceituosa e de distância social na formação do conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* ($R^2 = 0,182$)

Atores	Beta Padronizado	Estatística t	Sig.
Atitude Alunos	0,427	142,9	0,000
Dist. Social Alunos	0,079	28,5	0,000
Atitude Professores	0,024	8,4	0,000
Dist. Social Pais	0,024	8,7	0,000
Dist. Social Funcionários	0,000	0,0	0,971*
Dist. Social Professores	-0,005	-1,9	0,060*
Atitude Diretores	-0,038	-13,1	0,000
Atitude Funcionários	-0,052	-17,5	0,000
Dist. Social Diretores	-0,060	-21,6	0,000
Atitude Pais	-0,080	-26,8	0,000

(*) Coeficientes não significativos a $p < 0,05$.

Foi também utilizada a técnica de Regressão Logística Multinomial para verificar a influência das atitudes e das distâncias sociais dos atores da escola na explicação da variação no conhecimento da ocorrência de situações de discriminação na escola. Esta

técnica é uma modalidade especial de regressão que utiliza como variável dependente, uma variável categórica. Neste sentido, a variável de conhecimento de situações de discriminação na escola foi transformada em uma variável nominal contendo três categorias que representam os tercis de escolas de acordo com o valor para o conhecimento de situações de discriminação no ambiente escolar. A tabela a seguir apresenta os valores limites para o índice percentual de conhecimento de situações de *bullying* para cada um dos tercis obtidos.

Tabela 209 – Valores limites do IPCSB (%) para os tercis de escolas da pesquisa

Categoria	IPCSB (%)	
	Mínimo	Máximo
1º Tercil	0,3	6,0
2º Tercil	6,0	9,8
3º Tercil	9,8	29,8

A técnica foi então aplicada utilizando como variável dependente o tercil em que se enquadra cada escola e como variáveis independentes as variáveis de atitudes e de distância social para cada conjunto de atores da escola. O tercil contendo as escolas que apresentam incidência mais baixa de situações de *bullying* conhecidas pelos respondentes da pesquisa foi fixado como a categoria de referência e então, foram estimadas as influências relativas de cada variável para diferenciar as categorias que compõem a variável dependente.

Nota-se que, assim como verificado na aplicação da técnica de regressão linear múltipla, a influência da variável referente à atitude dos alunos é muito maior que as demais variáveis para determinar o nível de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola. Os valores obtidos para o exponencial do beta para esta variável indicam que a sua influência para a composição do segundo tercil de escolas em função do conhecimento de situações de *bullying* é 17 vezes maior do que para o primeiro tercil (escolas onde se tem menor conhecimento da ocorrência de práticas discriminatórias). No tercil das escolas que apresentam maior conhecimento de tais situações, a atitude

preconceituosa dos alunos apresenta influência 158 vezes maior do que a verificada no tercil de escolas com menor conhecimento de situações de *bullying*.

Tabela 210 – Influência relativa das variáveis de atitude e distância social para diferenciar as escolas de acordo com o tercil para os valores de conhecimento de situações de *Bullying* na escola

Categoria	Variável Dependente	Exp(B)	Sig.
2º tercil	Atitude Alunos	16,9	0,000
	Dist. Social Alunos	3,2	0,000
	Dist. Social Funcionários	1,2	0,000
	Dist. Social Pais	1,2	0,000
	Dist. Social Professores	1,0	0,001
	Atitude Funcionários	1,0	0,094*
	Atitude Diretores	0,8	0,000
	Atitude Pais	0,8	0,000
	Dist. Social Diretores	0,8	0,000
	Atitude Professores	0,2	0,000
3º tercil	Atitude Alunos	158,0	0,000
	Inten. Discr. Alunos	3,2	0,000
	Inten. Discr. Pais	1,2	0,000
	Inten. Discr. Funcionários	1,1	0,000
	Inten. Discr. Professores	0,9	0,000
	Atitude Diretores	0,9	0,000
	Atitude Funcionários	0,8	0,000
	Inten. Discr. Diretores	0,8	0,000
	Atitude Professores	0,6	0,000
	Atitude Pais	0,6	0,000

(*) Coeficiente não significativo a $p < 0,05$.

9.11 Análise da Influência das Atitudes, Crenças e Valores das Áreas Temáticas de Discriminação da Pesquisa para a Distância Social e para o Conhecimento de Situações de *Bullying*

Com o intuito de verificar as relações de causa e efeito entre as variáveis de atitudes, crenças e valores, as dimensões e macroconstrutos de preconceito e as variáveis e o construto de distância social e entre estes e as variáveis de conhecimento de situações de

bullying nas escolas, foram utilizados modelos de equações estruturais, por meio da técnica PLS (*Partial Least Squares*).

O PLS é uma técnica de modelagem de equações estruturais baseada em componentes, ao passo que técnicas que utilizam softwares como LISREL, EQS e AMOS, são baseadas em covariância. Técnicas baseadas em covariância são mais apropriadas para testar como um modelo teórico se adéqua aos dados, requerendo um desenvolvimento teórico prévio muito mais elaborado. A técnica PLS, no entanto, é mais apropriada para análise preditiva-causal em situações de alta complexidade, mas pouco desenvolvimento teórico, o que se aplica ao presente estudo.

O PLS utiliza variáveis latentes e manifestas. As variáveis latentes dizem respeito a construtos abstratos ou teóricos associados a eventos presumidos, mas não diretamente observáveis. As variáveis manifestas consistem de eventos diretamente observáveis.

A análise dos resultados do PLS se dá em dois estágios. No primeiro, é feita uma análise da confiabilidade e validade do modelo de mensuração, e no segundo é feita uma análise do modelo estrutural. No PLS, a adequação do modelo de mensuração é feita através da análise da confiabilidade e validade das medidas, e determinação da natureza apropriada das relações entre medidas e construtos, construtos estes que podem ser formativos ou reflexivos. Construtos formativos são expressos em função das variáveis. Estas formam, causam ou precedem o construto. Os construtos reflexivos, por sua vez, são aqueles em que as variáveis são expressas como uma função do construto. Os construtos precedem os indicadores em um sentido causal.

O PLS tem como objetivo principal a minimização do erro, ou, de modo equivalente, a maximização da variância explicada de todos os construtos endógenos. A análise do modelo estrutural é feita através do R^2 destes construtos.

Iniciou-se a análise pela modelagem através de abordagens reflexivas que permitem avaliar a qualidade do modelo, através da explicação da variância compartilhada por variáveis e dimensões que compõem os construtos de maior ordem. Os resultados obtidos e representados pelos valores nas setas entre o construto geral de atitudes, crenças e valores preconceituosos (APD) e os macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito (todos

iguais ou superiores a 0,765) indicam que este construto é robusto e que o conjunto de macroconstrutos que o compõe apresentam uma explicação adequada de sua variância. O mesmo é verificado para as relações entre os macroconstrutos das áreas temáticas e as dimensões latentes que os compõem, com valores sempre iguais ou superiores a 0,646. O peso do construto geral de atitudes, crenças e valores preconceituosos na formação do construto de distância social é baixo (0,150) e, portanto, o poder explicativo de variações na distância social (GUT) em função de variações nos macroconstrutos de atitudes é também baixo (2,3% da variação explicada), conforme observado a partir do R^2 de 0,023 observado para o construto de distância social.

É importante notar que o coeficiente de formação do construto de distância social é estatisticamente significativo, embora o R^2 seja baixo. Os resultado obtido para o R^2 tem como origem a postura distinta que os respondentes adotam ao responder questões apresentadas na forma de uma escala de atitudes tradicional em relação à escala de *Bogardus* (que implementa os indicadores de distância social), que é muito mais sólida em termos de discriminação. Os resultados indicam que as atitudes acabaram por ser mascaradas / subdimensionadas por uma percepção do que é socialmente desejável, em contraposição à distância social verificada na escala de *Bogardus*, que representa um valor mais realista em termos de discriminação das respostas.

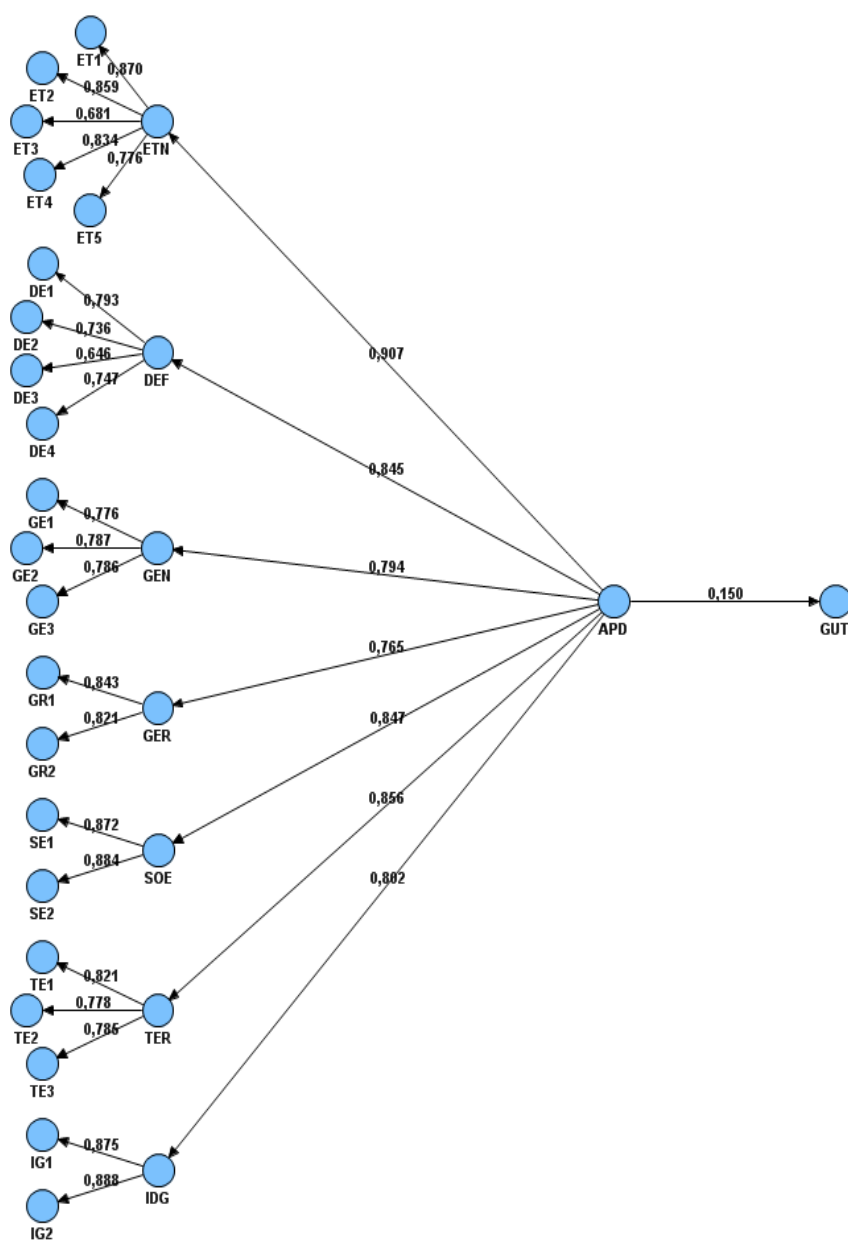
A tabela a seguir apresenta as cargas dos macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito que indicam a variância explicada destes pelo modelo.

Tabela 211 – Explicação da Variância dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito pelo Modelo

Macroconstruto	Variância Explicada
Étnico Racial	0,907
Territorial	0,856
Socioeconômica	0,847
Necessidades Especiais	0,845
Orientação Sexual	0,802
Gênero	0,794
Geracional	0,765

A figura a seguir apresenta a representação gráfica do modelo PLS utilizado, após a sua estimação.

Figura 26 – Modelo de Equações Estruturais – Efeito Indireto dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito sobre a Distância Social (Reflexivo) – R^2 (GUT) = 0,023



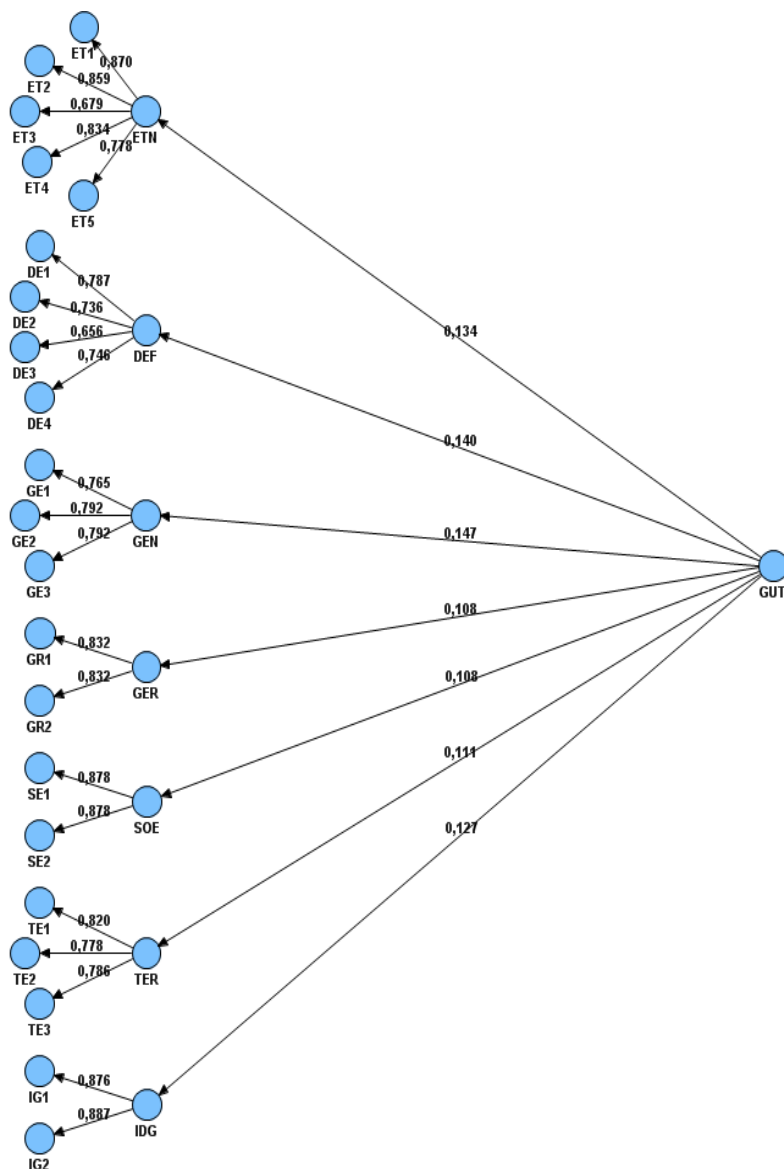
A técnica de PLS foi ainda aplicada para estimar um modelo reflexivo alternativo para verificar a explicação da variância dos macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito diretamente em função do construto de distância social composto pelos indicadores baseados na escala de *Bogardus*. Conforme esperado, em função dos diversos resultados observados anteriormente na estimação dos demais modelos e com as análises de correlação entre os construtos, verificou-se que o construto de distância social possui um baixo poder de explicação da variância dos macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito, uma vez que os seus coeficientes no modelo reflexivo em questão são todos inferiores a 0,500. De fato, nenhum coeficiente apresentou valor superior a 0,147.

A tabela a seguir apresenta as cargas dos macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito que indicam a variância explicada destes pelo construto de distância social.

Tabela 212 – Explicação da Variância dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito pelo Construto de Distância Social

Macroconstruto	Variância Explicada
Gênero	0,147
Necessidades Especiais	0,140
Étnico Racial	0,134
Orientação Sexual	0,127
Territorial	0,111
Socioeconômica	0,108
Geracional	0,108

Figura 27 – Modelo de Equações Estruturais – Efeito Direto da Distância Social nos Macroconstructos das Áreas Temáticas de Preconceito (Reflexivo)



Em seguida à utilização da abordagem reflexiva para a modelagem dos construtos latentes, aplicou-se a técnica utilizando um conceito formativo, que avalia, de um lado, o peso relativo de cada macroconstructo de atitudes, crenças e valores das áreas temáticas de preconceito para a formação do construto de distância social. O caráter formativo do modelo permite descrever a influência de cada variável e dimensão latente para a formação do constructo que exprime a distância social. Ou seja, esta técnica, através do critério

formativo, permite verificar as variações nas variáveis e dimensões de preconceito que apresentam maior impacto na variação da distância social.

A estimação do modelo possibilita verificar que o poder explicativo de variações na distância social (GUT) em função de variações no macroconstruto de atitudes, crenças e valores em relação às diversas áreas temáticas de preconceito consideradas no estudo (APD). O construto de distância social, formado pelo construto de atitudes preconceituosas apresentou um R^2 de 0,058. Esta estatística, da ordem de 5,8%, pode ser considerada bastante baixa, pela literatura existente, face à natureza do estudo feito, o que indica que um percentual muito baixo da variação da distância social em relação aos grupos sociais pesquisados é explicado pela variação nas atitudes, crenças e valores preconceituosos declarados pelos respondentes. Apesar de baixo, o R^2 é significativo e está alinhado com os resultados obtidos nos modelos reflexivos descritos anteriormente. Este resultado confirma as diferenças verificadas na análise dos valores médios para o índice percentual de concordância para os macroconstutos das áreas temáticas de preconceito e para o índice percentual de distância social e a baixa correlação observada entre estes dois grupos de construtos, em função das diferentes posturas adotadas pelos respondentes ao responder às questões nas diferentes escalas (atitudes influenciadas pelo efeito da desejabilidade social e maior robustez da escala de *Bogardus* para capturar a intenção de manutenção de contatos sociais com os grupos sociais pesquisados).

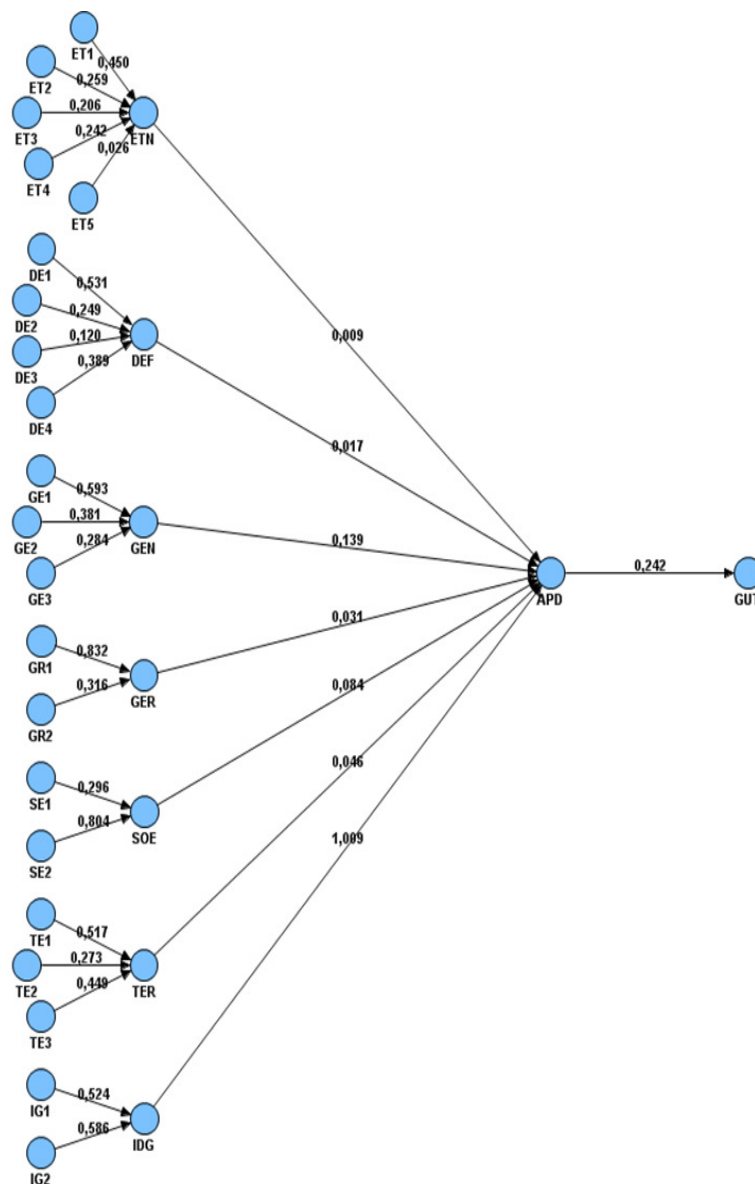
Verificou-se ainda que os macroconstructos com maior peso para a variação no construto de atitudes, crenças e valores que exprime o preconceito são referentes às áreas temáticas de orientação sexual e a de gênero. A tabela a seguir apresenta os pesos estimados pelo modelo para a formação do macroconstruto de atitudes, crenças e valores que exprimem preconceito, em ordem decrescente de importância.

Tabela 213 – Peso dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito na Formação do Macroconstruto de Atitudes, Crenças e Valores Preconceituosos

Macroconstruto	Peso
Orientação Sexual	1,009
Gênero	0,139
Étnico Racial	0,009
Necessidades Especiais	0,017
Geracional	0,031
Territorial	0,046
Socioeconômica	0,084

A figura a seguir apresenta a representação gráfica do modelo PLS utilizado, após a sua estimação. Os valores ao lado das setas apresentam os pesos das dimensões latentes identificadas na análise fatorial na formação dos macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito, o peso destes na formação do macroconstruto geral de atitudes, crenças e valores preconceituosos e deste na formação do macroconstruto de distância social.

Figura 28 – Modelo de Equações Estruturais – Efeito Indireto dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito sobre a Distância Social (Formativo) –
 R^2 (GUT) = 0,058



Assim como para a modelagem reflexiva, foi utilizado ainda um modelo formativo alternativo, para avaliar o peso relativo dos macroconstrutos das áreas temáticas de preconceito diretamente na formação do construto formado pelas variáveis de distância

social. Assim como no modelo anterior, o poder explicativo de variações na distância social (GUT) em função de variações nos macroconstruto de atitudes, crenças e valores em relação às áreas temáticas de preconceito consideradas pode ser considerado bastante baixo (6,8%), em função do R^2 observado de 0,068.

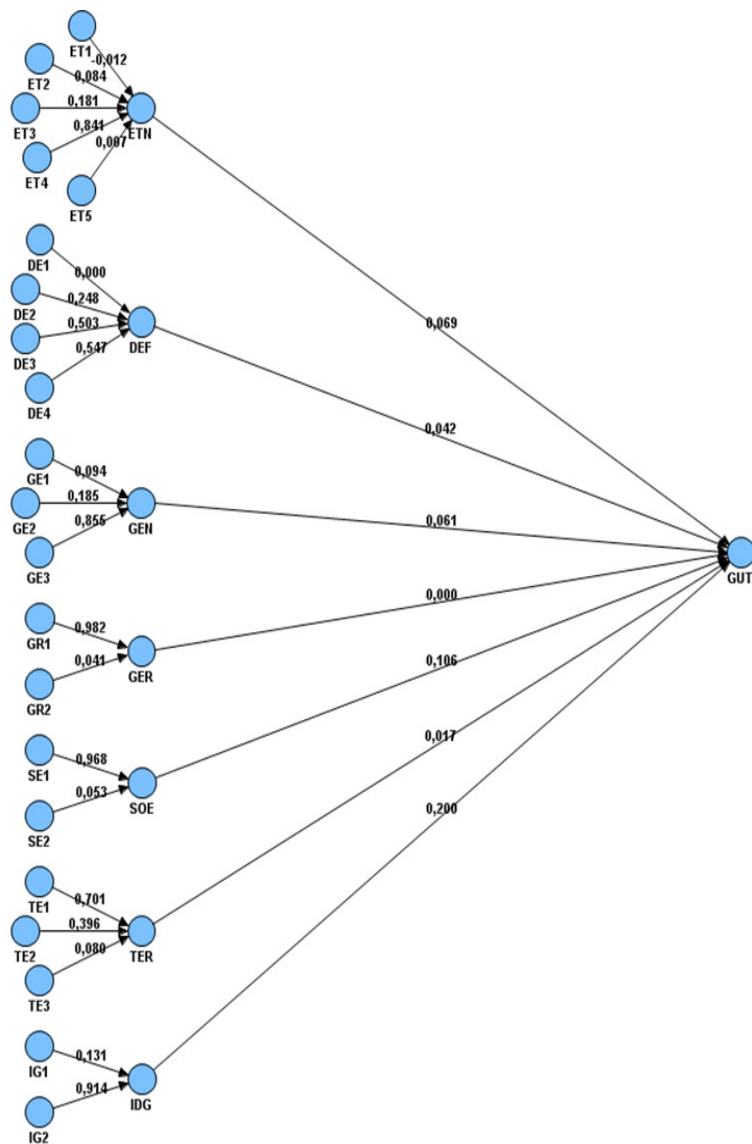
O macroconstruto da área temática de orientação sexual foi o que apresentou o maior peso para a variação no construto de distância social, enquanto os demais macroconstrutos apresentaram pesos relativamente baixos. A tabela a seguir apresenta os pesos estimados pelo modelo para a formação do macroconstruto de distância social, em ordem decrescente de importância.

Tabela 214 – Peso dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Discriminação
Formação do Macroconstruto de *Guttman* (comportamento discriminatório)

Macroconstruto	Peso
Orientação Sexual	0,200
Étnico Racial	0,069
Gênero	0,061
Necessidades Especiais	0,042
Geracional	0,000
Territorial	0,017
Socioeconômica	0,106

A figura a seguir apresenta a representação gráfica do modelo PLS utilizado, após a sua estimação.

Figura 29 – Modelo de Equações Estruturais – Efeito Direto dos Macroconstrutos das Áreas Temáticas de Preconceito sobre a Distância Social (Formativo) – R^2 (GUT) = 0,068



Aplicou-se a técnica utilizando um conceito também formativo para avaliar o peso relativo da atitude preconceituosa e da distância social dos diversos atores do ambiente escolar para a formação do construto de conhecimento da ocorrência de situações discriminatórias na escola (*bullying*). Ou seja, esta técnica, através do critério formativo, permite verificar as variações nas variáveis e dimensões de atitudes e distância social que apresentam maior impacto na variação do conhecimento de situações de *bullying*.

O construto de *bullying*, formado pelos construtos de atitudes preconceituosas e de distância social apresentou um R^2 de 0,259. Esta estatística, da ordem de 25,9%, pode ser considerada relevante, face à natureza do estudo feito. Este resultado confirma as relações identificadas através dos coeficientes de correlação e dos pesos obtidos na utilização das técnicas de regressão na seção 8.10.

A variação no *bullying* geral observado nas escolas é influenciado principalmente por situações nas quais as vítimas são professores e funcionários, enquanto que a distância social praticamente não apresenta efeito sobre estas situações. Fica evidente que as atitudes apresentam influência muito maior que a distância social na ocorrência de situações de *bullying* na escola, sendo que o maior peso para a variação no construto de atitudes, crenças e valores que exprime o preconceito é representado pelo preconceito declarado pelos alunos.

Tabela 215 – Peso dos Macroconstrutos de Atitudes e de Distância Social na Formação do Macroconstruto de Conhecimento de Situações de *Bullying* nas Escolas

Macroconstruto	Peso
Atitudes	0,509
Distância Social	-0,001

Tabela 216 – Peso das Atitudes dos Atores na Formação do Macroconstruto Geral de Atitudes

Atitude	Peso
Alunos	0,985
Funcionários	0,106
Professores	0,054
Pais	-0,022
Diretores	-0,034

Tabela 217 – Peso da Distância Social dos Atores do Ambiente Escolar na Formação do Macroconstruto Geral de Distância Social

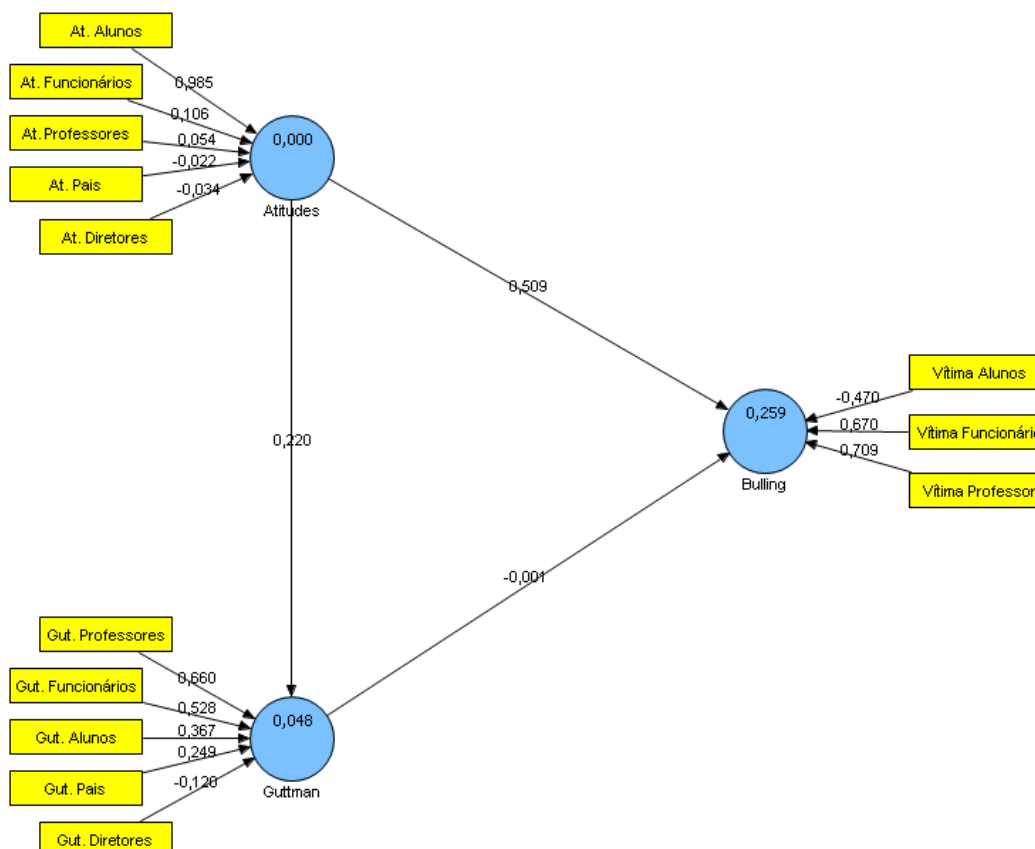
Distância Social	Peso
Professores	0,660
Funcionários	0,528
Alunos	0,367
Pais	0,249
Diretores	-0,128

Tabela 218 – Peso do *Bullying* de acordo com as suas vítimas na Formação do Macroconstruto Geral de *Bullying*

Vítima	Peso
Professores	0,709
Funcionários	0,670
Alunos	-0,470

A figura a seguir apresenta a representação gráfica do modelo PLS utilizado, após a sua estimação.

Figura 30 – Modelo de Equações Estruturais – Efeito Direto dos Macroconstrutos de Atitudes e de Distância Social sobre o Conhecimento de Situações de *Bullying* nas Escolas (Formativo) – R^2 (*Bullying*) = 0,259



9.12 Contribuição e Peso Relativo dos Aspectos Específicos das Escolas no Preconceito e Discriminação Geral das Escolas

Foi ainda utilizada a técnica de regressão linear múltipla para verificar a influência de diversos aspectos das escolas pesquisadas sobre o seu ambiente geral em termos de preconceito e discriminação.

Como variável dependente foi criado um indicador geral de preconceito e discriminação na escola, representado pelas médias gerais do IPC, IPCD e IPCSB para cada escola. Em seguida foram definidos indicadores em função de diversas características de cada escola.

A aplicação desta técnica resultou na obtenção de um R^2 de 0,207, o que indica que as variações no conjunto de variáveis utilizadas como preditoras são capazes de explicar 20,7% da variação no indicador geral de preconceito e discriminação.

Entre as características analisadas a partir de dados do Censo Escolar 2007, os resultados indicam que a duração média das turmas (turno em minutos) é a variável que tem maior influência sobre o nível de discriminação e preconceito na escola. Conforme evidencia a tabela a seguir, esta relação é negativa, ou seja, nas escolas pesquisadas, incrementos na duração das turmas estão relacionados com reduções no nível de preconceito e discriminação nas escolas.

Nota-se que a oferta de ensino médio também está relacionada com menores níveis de preconceito e discriminação, assim como a oferta de EJA e como o número de equipamentos disponíveis nas escolas (copiadoras, DVDs, impressoras, impressoras Braille, antenas parabólicas, retroprojetores, aparelhos de televisão, videocassetes).

Também estão entre os aspectos de maior influência no indicador geral de preconceito e discriminação nas escolas, no entanto, relacionado ao seu aumento nas escolas, o número médio de alunos por turmas e o número total de funcionários na escola (incluindo professores e auxiliares).

Tabela 219 – Influência das características das escolas no seu ambiente geral em termos de Preconceito e Discriminação ($R^2 = 0,207$)

Característica	Beta Padronizado	Influência no preconceito e na discriminação	Estatística t	Sig.
Duração média do turno por turma	0,304	redução	-103,324	0,000
Possui Ensino Médio	0,173	redução	-35,823	0,000
Número médio de alunos por turma	0,152	aumento	43,773	0,000
Total de funcionários da escola (inclusive professores e auxiliares)	0,136	aumento	23,303	0,000
Número de Equipamentos	0,133	redução	-33,436	0,000
Possui Educação de Jovens e Adultos	0,126	redução	-30,620	0,000
Instalações para profissionais de ensino	0,111	aumento	30,805	0,000
Escola Urbana	0,098	aumento	25,610	0,000
Possui Educação Infantil	0,090	aumento	21,514	0,000

Característica	Beta Padronizado	Influência no preconceito e na discriminação	Estatística t	Sig.
Possui alimentação escolar para os alunos	0,087	aumento	28,948	0,000
Número de salas utilizadas como salas de aula (dentro e fora do prédio)	0,077	redução	-18,725	0,000
Possui acesso à Internet	0,072	redução	-20,022	0,000
Número de modalidades de ensino oferecidas	0,055	aumento	11,704	0,000
Instalações de lazer	0,054	redução	-16,281	0,000
Nível de infra-estrutura básica	0,041	redução	-12,714	0,000
Utiliza também salas em outra escola	0,040	redução	-13,878	0,000
Quantidade de computadores na escola	0,035	redução	-3,206	0,001
Instalações pedagógicas	0,034	aumento	7,857	0,000
Número de aluno matriculados	0,030	redução	-4,722	0,000
Quantidade de computadores para uso dos alunos	0,026	redução	-2,761	0,006
Quantidade de computadores de uso administrativo	0,021	aumento	5,205	0,000
Dependência Administrativa Estadual	0,006	aumento	1,421	0,155
Instalações básicas	0,004	redução	-1,425	0,154
Adequação para portadores de necessidades especiais	0,003	redução	-0,993	0,321

9.13 Análise dos Fatores Associados ao Preconceito e à Discriminação no Ambiente Escolar

Com o objetivo de estudar a influência de características específicas dos alunos e das escolas no preconceito e na discriminação em alunos do ensino fundamental, médio e de educação de jovens e adultos, utilizou-se um modelo linear hierárquico (HLM).

As variáveis dependentes do modelo – preconceito e distância social – foram obtidas a partir das variáveis de atitudes preconceituosas e de distância social utilizadas nas análises apresentadas anteriormente.

As medidas de preconceito se basearam nas respostas de itens de escala tipo *Likert* de quatro pontos, que representam as atitudes preconceituosas dos respondentes, conforme descrito na seção 8.2. Com base numa análise fatorial foram gerados escores para as sete dimensões de preconceito, a saber:

- étnico-racial;
- deficiência;
- gênero;
- geracional;
- socioeconômica;
- territorial; e
- identidade de gênero.

A medida geral de atitude preconceituosa, portanto, foi composta pela média das sete dimensões.

No caso da avaliação da distância social dos alunos em relação aos grupos sociais estudados, foram obtidas nove medidas baseadas nos itens da escala de *Bogardus*, cada uma variando de um a seis, conforme também detalhado na seção 8.2. Foram avaliadas as distâncias sociais em relação a:

- pobre;
- negro;
- índio;
- cigano;
- homossexual;
- morador da periferia / favela;
- agricultor, trabalhador ou morador de área rural;
- deficiente físico; e
- deficiente mental.

Quanto maior o valor na escala de um a seis, maior a distância social. A partir da média das nove medidas de distância social descritas, calculou-se medida geral de distância social.

As variáveis independentes nos modelos hierárquicos (ou possíveis fatores associados à distância social e ao preconceito do aluno) são aqui consideradas em dois níveis. No nível 1 são descritas as variáveis intrínsecas aos alunos e, no nível 2, as

variáveis relativas à escola. O quadro 1 a seguir apresenta as variáveis que foram testadas no modelo.

Quadro 1 – Variáveis independentes testadas nos modelos hierárquicos

Nível 1 (de alunos)		
Variáveis	Descrição	Rótulo
Acesso à mídia	Escore de 1 a 9, baseado nas respostas do bloco 2 do questionário	MIDIA_A
Idade	Anos completos	IDADE_A
Participação religiosa	0 = não tem religião ou participa pouco ; 1 = participa muito	RELIG_A
Sexo	Variável indicadora do sexo masculino: 0 = feminino; 1 = masculino	SEXO_A
Cor/Etnia	Variáveis indicadoras de: (1) Amarelo, (2) Preto e (3) Outras, exceto cor branca. (base de comparação no modelo: cor Branca)	AMARELO_A PRETO_A OUTROS_A
Nível 2 (de escolas/diretor da escola)		
Variáveis	Descrição	Rótulo
Região demográfica	Variáveis indicadoras de: (1) CO, (2) N e (3) NE e (4) S (base de comparação no modelo: Região SE)	REG_CO_E REG_N_E REG_NE_E REG_S_E
Localização	Variáveis indicadoras de: (1) não-capital, (2) rural (base de comparação no modelo: capital)	NAO_CAP_E RURAL_E
Dependência administrativa	Variável indicadora de Municipal (1=municipal; 0=estadual ou federal) ¹	MUNICIPA_E
Acesso à mídia do diretor	Escore de 1 a 9, baseado nas respostas do bloco 2 do questionário diretor	MIDIA_E
Sexo do diretor	0 = feminino; 1 = masculino	SEXO_E
Tempo do diretor	Número de anos	TEMPO_E
Idade do diretor	Ano de nascimento subtraído de 2008	IDADE_E
Participação religiosa	0 = não tem religião ou participa pouco ; 1 = participa muito	RELIG_E
Cor/Etnia do diretor	Variáveis indicadoras de: (1) Amarelo, (2) Preto e (3) Outras, exceto cor branca (base de comparação: cor branco)	AMARELO_E PRETO_E OUTROS_E
Carga horária do diretor	0 = 40 horas; 1 = menos de 40 horas semanais	HORAS_E
Cursos de formação continuada em temas correlatos	0 = não; 1 = um ou dois; 2 = três ou mais	CURSOS_1_2 CURSOS_3

¹ Há somente uma escola federal na amostra.

A amostra utilizada na aplicação do modelo consiste de 15.087 alunos, onde se têm as observações das variáveis dependentes (índices de preconceito e de distância social) e as variáveis independentes do nível 1. Os dados do nível 2 são de 501 escolas. Ambos os arquivos obedecem a uma estrutura hierárquica (cada aluno está indexado a uma escola).

Para acomodar de maneira adequada as variáveis associadas aos alunos e as variáveis associadas às escolas ou aos diretores, adotou-se o modelo linear hierárquico (HLM) de dois níveis [Raudenbush e Bryk (2002)² e Natis (2000)³]. Nesse modelo, os coeficientes do nível 1 podem ser considerados aleatórios (variam em função da escola a que pertence o aluno) e, também, podem variar com as variáveis do nível 2. Adotou-se uma estrutura mais simples, onde o estudo da influência das variáveis do nível 2 se restringe ao intercepto (caso mais comum).

Formalmente, o modelo adotado é definido da seguinte maneira:

Nível 1:

$$\ln(y_{ij}) = \beta_{0j} + \beta_{1j}X_{1ij} + \beta_{2j}X_{2ij} + \dots + \beta_{Kj}X_{Kij} + r_{ij}$$

Nível 2:

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01}Z_{01j} + \dots + \gamma_{0L}Z_{0Lj} + u_{0j}$$

$$\beta_{1j} = \gamma_{10}$$

...

$$\beta_{Kj} = \gamma_{K0}$$

sendo suposto $r_{ij} \sim N(0, \sigma^2)$, $u_{0j} \sim N(0, \tau_{00})$ e independentes.

² RAUDENBUSH, S. W.; BRYK, A. S. Hierarchical linear models: Applications and data analysis methods. 2 ed. USA: Sage Publication, 2002.

³ NATIS, L. Modelos lineares hierárquicos. Dissertação (Mestrado em Estatística) – Universidade de São Paulo, 2000.

onde:

y_{ij} é o índice de discriminação do estudante i da escola j ;

$X_{1ij}, \dots, X_{Kij}$ são as variáveis independentes do nível 1;

$Z_{01j}, \dots, Z_{0Lj}$ são as variáveis independentes do nível 2 que podem alterar o intercepto;

$\beta_{0j}, \dots, \beta_{Kj}$ são os coeficientes (parâmetros) do nível 1 e podem variar por escola;

$\gamma_{00}, \dots, \gamma_{0L}$ são os coeficientes (parâmetros) do nível 2 e podem afetar o intercepto da equação do nível 1;

$\gamma_{10}, \dots, \gamma_{K0}$ são os valores esperados dos coeficientes $\beta_{1j}, \dots, \beta_{Kj}$.

O uso da transformação logarítmica na variável dependente foi feita com o propósito de facilitar a interpretação dos coeficientes. No nível 1, os coeficientes podem ser diferentes para cada escola, enquanto no nível 2 eles são constantes para todas escolas. Além disso, esse modelo leva em conta a possível dependência entre as observações dos alunos de uma mesma escola, enquanto observações de alunos de escolas diferentes são assumidas como independentes.

Para considerar o plano amostral realizado, no nível 2 foram usados pesos inversamente proporcionais às probabilidades de inclusão das escolas (calculados com base na estratificação e na seleção com probabilidade proporcional ao tamanho, conforme detalhado na descrição do plano amostral da pesquisa). Para o nível 1 os pesos foram inversamente proporcionais às probabilidades de inclusão dos alunos, condicionadas às escolas de onde foram extraídos. Essa abordagem é baseada em Pfeffermann, *et. al.* (1998)⁴.

Como critério para a seleção das variáveis independentes, usou-se a abordagem *forward*, ou seja, iniciou-se com um modelo nulo e as variáveis foram entrando uma por vez e avaliando a redução da *deviance* [definida como $-2\log(\text{verossimilhança})$]. Primeiramente,

⁴ PFEFFERMANN, D.; SKINNER, C. J.; HOLMES, D. J.; GOLDSTEIN, H.; RASBASH, J. Weighting for unequal selection probabilities in multilevel models. *Journal of Royal Statistical Society*, v. 60, part 1, p. 23-40.

esgotaram-se as variáveis do nível 1 (aluno). Com as variáveis do nível 1 selecionadas no modelo e através do mesmo critério, selecionaram-se as variáveis de escola/diretor.

Inicialmente, através do modelo nulo, ou seja, sem variáveis independentes, a variabilidade dos índices de distância social e de atitude preconceituosa foi particionada em variações devidas às características próprias dos alunos, e variações devidas às características da escola.

Os resultados obtidos evidenciam que as características intrínsecas dos alunos são as principais responsáveis pelos diferentes valores nos índices de distância social e atitudes preconceituosas. Somente uma pequena porcentagem dessa variação nos indicadores pode ser atribuída às características das escolas, especialmente nos índices de distância social.

Tabela 220 – Partição da variância em alunos e escolas

Variáveis	Aluno	Escola
Preconceito		
Étnico-racial	80,9%	19,1%
Necessidades especiais	86,1%	13,9%
Gênero	86,2%	13,8%
Geracional	90,7%	9,3%
Socioeconômica	89,0%	11,0%
Territorial	82,2%	17,8%
Orientação Sexual	89,1%	10,9%
Geral	83,8%	16,2%
Distância Social		
Pobre	93,1%	6,9%
Negro	92,6%	7,4%
Índio	95,9%	4,1%
Cigano	95,0%	5,0%
Homossexual	96,1%	3,9%
Periferia	95,0%	5,0%
Área Rural	90,6%	9,4%
Deficiente físico	95,2%	4,8%
Deficiente mental	95,7%	4,3%
Geral	91,6%	8,4%

9.13.1. Análise dos Fatores Associados à Distância Social dos Alunos

Em seguida, procedeu-se à análise mais detalhada das variáveis dependentes da pesquisa, iniciando pelos índices de distância social. Em relação à distância social geral dos alunos, no nível 1 (características do aluno), mostraram-se significativas as variáveis: idade, cor/etnia, sexo e exposição à mídia. No nível 2 (características da escola): região demográfica, idade do diretor e localização.

Cabe observar que, embora várias variáveis apresentaram-se significantes estatisticamente, a redução da variabilidade com essas variáveis é de apenas 3,5%.

Tendo sido adotado um modelo da forma log-linear, o exponencial do coeficiente representa a taxa de variação da variável dependente (índice de distância social) para cada unidade de variação da variável independente que se está permitindo variar. Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nestes resultados conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de distância social reduz em 0,3%;
- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social reduz em 2%;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 1,3% no índice de distância social quando comparado às do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 5,5% a menos no índice de distância social quando comparado com os alunos de cor branca. Os alunos de cor parda e índios também têm índices de distância social menores (1,4%, em média);
- Comparado com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste e Sul têm, em média, valores no índice de distância social 1,7% e 1,9% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas de áreas rurais e de áreas urbanas fora das capitais apresentam valores 2,4% e 1,5% menores do que alunos de escolas urbanas das capitais, respectivamente.

Tabela 221 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice geral de distância social

Variável*	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,4742	0,0180	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0026	0,0008	0,002	-0,3%
Idade	γ_{20}	-0,0022	0,0003	<0,001	-0,2%
Gênero	γ_{30}	0,0133	0,0041	0,002	1,3%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	-0,0081	0,0118	0,494	-0,8%
Preto	γ_{50}	-0,0568	0,0114	<0,001	-5,5%
Outros	γ_{60}	-0,0141	0,0044	0,002	-1,4%
Características da Escola					
Idade do Diretor	γ_{70}	0,0008	0,0003	0,005	0,1%
Região					
CO	γ_{01}	0,0167	0,0076	0,029	1,7%
N	γ_{02}	-0,0064	0,0079	0,421	-0,6%
NE	γ_{03}	-0,0060	0,0060	0,321	-0,6%
S	γ_{04}	0,0189	0,0070	0,007	1,9%
Localização					
Não capital	γ_{05}	-0,0151	0,0055	0,007	-1,5%
Rural	γ_{06}	-0,0247	0,0096	0,011	-2,4%
	τ_{00}	0,0013			
	σ^2	0,0227			

Para a distância social em relação a pessoas pobres, nota-se que a exposição à mídia e o sexo (gênero) deixaram de ser significativas, em termos de variáveis associadas aos alunos. Por outro lado, a participação religiosa passou a influenciar (para o grupo com maior participação religiosa, maior a distância social em relação a pessoas pobres). Cabe ressaltar, porém, que essa variável é significativa com valor-p ligeiramente menor que o ponto de corte, podendo assim ter sido um resultado do processo de amostragem. Nas variáveis da escola, apenas a localização mostrou-se significativa.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a pessoas pobres reduz em 2%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam, em média, índice de distância social em relação a pessoas pobres 1,9% maior do que aqueles de pouca ou nenhuma participação religiosa;
- Alunos de cor preta têm, em média, 7,6% a menos no índice de distância social em relação a pessoas pobres quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos de cor parda e índios também têm índices de distância social menores (2%, em média);
- Alunos de escolas de áreas rurais e de áreas urbanas fora das capitais apresentam valores 5,8% e 2,9% menores do que alunos de escolas urbanas das capitais, respectivamente, para o índice de distância social em relação a pessoas pobres.

Tabela 222 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a pessoas pobres

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,4066	0,0132	<0,001	
Características do Aluno					
Idade	γ_{20}	-0,0020	0,0004	<0,001	-0,2%
Participação religiosa	γ_{30}	0,0188	0,0081	0,020	1,9%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	-0,0085	0,0251	0,736	-0,8%
Preto	γ_{50}	-0,0790	0,0221	0,001	-7,6%
Outros	γ_{60}	-0,0205	0,0079	0,010	-2,0%
Características da Escola					
Localização					
Não capital	γ_{05}	-0,0292	0,0104	0,006	-2,9%
Rural	γ_{06}	-0,0594	0,0269	0,027	-5,8%
	τ_{00}	0,0052			
	σ^2	0,0838			

Para a distância social em relação a negros, nota-se que a idade, o sexo e a cor / etnia dos alunos se mostraram significativos, enquanto que em termos de características das escolas, apenas a região se mostrou significativa, em especial as regiões Sul e Centro Oeste em relação à região Sudeste.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a negros reduz em 3%;
- Alunos do sexo masculino apresentam, em média, índice de distância social em relação a negros 3% maior do que os do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 14,9% a menos no índice de distância social em relação a negros quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos de cor parda e índios também têm índices de distância social menores (4,1%, em média);
- Alunos de escolas da região Sul e Centro Oeste apresentam valores 4,4% e 3,9% maiores do que alunos de escolas da região Sudeste para o índice de distância social em relação a negros.

Tabela 223 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a negros

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,3018	0,0158	<0,001	
Características do Aluno					
Idade	γ_{20}	-0,0033	0,0005	<0,001	-0,3%
Gênero	γ_{30}	0,0327	0,0093	0,001	3,3%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	-0,0514	0,0324	0,112	-5,0%
Preto	γ_{50}	-0,1619	0,0289	<0,001	-14,9%
Outros	γ_{60}	-0,0420	0,0090	<0,001	-4,1%

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{01}	0,0379	0,0190	0,046	3,9%
N	γ_{02}	0,0019	0,0201	0,926	0,2%
NE	γ_{03}	0,0194	0,0138	0,160	2,0%
S	γ_{04}	0,0426	0,0143	0,003	4,4%
	τ_{00}	0,0068			
	σ^2	0,1209			

Em relação aos índios, nota-se que são significativas as mesmas variáveis observadas para a distância social em relação aos negros: a idade, o sexo e a cor / etnia dos alunos; e apenas a região, em especial as regiões Sul e Centro Oeste em relação à região Sudeste, em termos de características das escolas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a índios reduz em 2%;
- Alunos do sexo masculino apresentam, em média, índice de distância social em relação a índios 4,6% menor do que os do sexo feminino. Cabe ressaltar que em relação a negros a variação foi positiva e não negativa como a verificada para a distância social em relação a índios;
- Alunos de cor preta têm, em média, 8,2% a menos no índice de distância social em relação a índios quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos de cor parda e índios também têm índices de distância social menores (2,2%, em média);
- Alunos de escolas da região Sul e Centro Oeste apresentam valores 5% e 3,1% maiores do que alunos de escolas da região Sudeste para o índice de distância social em relação a índios.

Tabela 224 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a índios

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,4051	0,0124	<0,001	
Características do Aluno					
Idade	γ_{20}	-0,0020	0,0004	<0,001	-0,2%
Gênero	γ_{30}	-0,0467	0,0079	<0,001	-4,6%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	-0,0336	0,0242	0,164	-3,3%
Preto	γ_{50}	-0,0852	0,0228	<0,001	-8,2%
Outros	γ_{60}	-0,0220	0,0078	0,005	-2,2%
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{01}	0,0302	0,0125	0,016	3,1%
N	γ_{02}	0,0225	0,0134	0,092	2,3%
NE	γ_{03}	0,0178	0,0103	0,083	1,8%
S	γ_{04}	0,0492	0,0118	<0,001	5,0%
	τ_{00}	0,0027			
	σ^2	0,0834			

Em relação aos ciganos, nota-se que são significativas praticamente as mesmas variáveis observadas para a distância social em relação aos negros e índios: a idade, o sexo e a cor / etnia dos alunos; a região, em especial a região Nordeste em relação à região Sudeste, e também o sexo do diretor da escola, em termos de características das escolas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a ciganos reduz em 3%;
- Alunos do sexo masculino apresentam, em média, índice de distância social em relação a ciganos 1,9% menor do que os do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 4,4% a menos no índice de distância social em relação a ciganos quando comparados com os alunos de cor branca. Os

alunos de cor parda e índios também têm índices de distância social menores (0,8%, em média);

- Alunos de escolas da região Nordeste apresentam valores em média 2,2% menores do que alunos de escolas da região Sudeste para o índice de distância social em relação a ciganos;
- Alunos de escolas em que o diretor é do sexo masculino apresentam valores em média 2,1% maiores para o índice de distância social em relação a ciganos do que alunos de escolas em que o diretor é do sexo feminino.

Tabela 225 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação aos ciganos

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,5311	0,0123	<0,001	
Características do Aluno					
Idade	γ_{20}	-0,0025	0,0004	<0,001	-0,3%
Gênero	γ_{30}	-0,0189	0,0074	0,011	-1,9%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	0,0015	0,0237	0,949	0,2%
Preto	γ_{50}	-0,0452	0,0191	0,018	-4,4%
Outros	γ_{60}	-0,0077	0,0076	0,306	-0,8%
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{01}	0,0107	0,0123	0,387	1,1%
N	γ_{02}	-0,0226	0,0121	0,060	-2,2%
NE	γ_{03}	-0,0227	0,0093	0,015	-2,2%
S	γ_{04}	0,0039	0,0113	0,731	0,4%
Gênero do Diretor	γ_{05}	0,0210	0,0084	0,012	2,1%
	τ_{00}	0,0026			
	σ^2	0,0637			

Para a distância social em relação a homossexuais, nota-se que a exposição à mídia, a idade, o sexo e a cor / etnia dos alunos (em especial negros em relação a brancos) são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola,

apenas a região mostrou-se significativa, em especial as regiões Sul e Centro Oeste em relação à região Sudeste.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de distância social em relação a homossexuais reduz em 0,3%;
- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a homossexuais reduz em 2%;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 10,7% no índice de distância social em relação a homossexuais quando comparado às do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 3,7% a menos no índice de distância social em relação a homossexuais quando comparado com os alunos de cor branca;
- Comparado com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste e Sul têm, em média, valores no índice de distância social em relação a homossexuais 2% e 2,4% maiores, respectivamente.

Tabela 226 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a homossexuais

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,5116	0,0126	< 0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0035	0,0013	0,006	-0,3%
Idade	γ_{20}	-0,0019	0,0003	< 0,001	-0,2%
Gênero	γ_{30}	0,1020	0,0078	< 0,001	10,7%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	-0,0097	0,0196	0,622	-1,0%
Preto	γ_{50}	-0,0375	0,0134	0,005	-3,7%
Outros	γ_{60}	-0,0101	0,0061	0,098	-1,0%

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{01}	0,0198	0,0078	0,011	2,0%
N	γ_{02}	-0,0148	0,0091	0,105	-1,5%
NE	γ_{03}	-0,0049	0,0084	0,564	-0,5%
S	γ_{04}	0,0234	0,0076	0,002	2,4%
	τ_{00}	0,0014			
	σ^2	0,0457			

Em relação a moradores de periferia / favelas, nota-se que a idade, o nível de participação religiosa, o sexo e a cor / etnia dos alunos (em especial negros, pardos e índios em relação a brancos) são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, a região, em especial as regiões Sul e Centro Oeste em relação à região Sudeste, o tempo em que o diretor trabalha na escola e a sua raça / etnia se mostraram significativos.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a moradores de periferia / favela reduz em 3%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 2% maiores para o índice de distância social em relação a moradores de periferia / favela em relação aqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média uma redução de 4,9% no índice de distância social em relação a moradores de periferia / favela quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 8,4% a menos no índice de distância social em relação a moradores de periferia / favela quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos de cor parda e índios também têm índices de distância social menores (3,5%, em média);

- Comparado com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste e Sul têm, em média, valores no índice de distância social em relação a moradores de periferia / favela 4,4% e 3,2% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas em que o diretor é de cor preta apresentam valores em média 6,1% menores para o índice de distância social em relação a moradores de periferia / favela do que alunos de escolas em que o diretor é de cor branca;
- A cada cinco anos que o diretor permanece na escola o índice de distância social dos alunos desta escola em relação a moradores de periferia / favela tende a aumentar em média de 1%.

Tabela 227 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a moradores de periferia / favelas

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,4319	0,0159	<0,001	
Características do Aluno					
Idade	γ_{10}	-0,0031	0,0004	<0,001	-0,3%
Participação religiosa	γ_{20}	0,0193	0,0090	0,032	2,0%
Gênero	γ_{30}	-0,0507	0,0086	<0,001	-4,9%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	-0,0228	0,0318	0,474	-2,3%
Preto	γ_{50}	-0,0875	0,0209	<0,001	-8,4%
Outros	γ_{60}	-0,0351	0,0087	<0,001	-3,5%
Características da Escola					
Tempo do Diretor	γ_{01}	0,0017	0,0008	0,027	0,2%
Cor / Etnia do Diretor					
Amarelo	γ_{02}	-0,0178	0,0255	0,486	-1,8%
Preto	γ_{03}	-0,0627	0,0172	0,001	-6,1%
Outros	γ_{04}	-0,0120	0,0103	0,247	-1,2%
Região					
CO	γ_{05}	0,0434	0,0130	0,001	4,4%
N	γ_{06}	-0,0120	0,0154	0,436	-1,2%
NE	γ_{07}	-0,0083	0,0118	0,483	-0,8%
S	γ_{08}	0,0314	0,0131	0,017	3,2%
	τ_{00}	0,0033			
	σ^2	0,0970			

Para a distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais, nota-se que o grau de acesso a meios de informação, a idade e a cor / etnia dos alunos (em especial negros em relação a brancos) são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, a sua região, em especial as regiões Norte e Nordeste em relação à região Sudeste, a sua localização e a idade do seu diretor se mostraram significativos.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais aumenta em 0,7%;
- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais reduz em 4%;
- Alunos de cor preta têm, em média, 5,3% a menos no índice de distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais quando comparados com os alunos de cor branca;
- Comparado com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Norte e Nordeste têm, em média, valores no índice de distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais 5,1% e 6,9% menores, respectivamente;
- Alunos de escolas de áreas rurais e de áreas urbanas fora das capitais apresentam valores 9,2% e 6,6% menores do que alunos de escolas urbanas das capitais, respectivamente, para o índice de distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais;
- A cada cinco anos que o diretor da escola envelhece o índice de distância social dos alunos desta escola em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais tende a aumentar em média de 1%.

Tabela 228 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a agricultores, moradores e trabalhadores de áreas rurais

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,2804	0,0375	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	0,0069	0,0021	0,001	0,7%
Gênero	γ_{20}	-0,0041	0,0006	0,000	-0,4%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{30}	-0,1100	0,0790	0,163	-10,4%
Preto	γ_{40}	-0,0541	0,0201	0,008	-5,3%
Outros	γ_{50}	-0,0077	0,0125	0,538	-0,8%
Características da Escola					
Idade do Diretor	γ_{01}	0,0023	0,0006	<0,001	0,2%
Região					
CO	γ_{02}	-0,0153	0,0170	0,369	-1,5%
N	γ_{03}	-0,0522	0,0217	0,016	-5,1%
NE	γ_{04}	-0,0710	0,0151	<0,001	-6,9%
S	γ_{05}	-0,0091	0,0148	0,539	-0,9%
Localização					
Não capital	γ_{06}	-0,0678	0,0124	<0,001	-6,6%
Rural	γ_{07}	-0,0961	0,0352	0,007	-9,2%
	τ_{00}	0,0074			
	σ^2	0,1194			

Em relação a deficientes físicos, nota-se que a idade, o sexo e a cor / etnia dos alunos (em especial negros em relação a brancos) são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, apenas a sua localização se mostrou significativa.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a deficientes físicos reduz em 3%;

- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 2,1% no índice de distância social em relação a deficientes físicos quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 6,4% a menos no índice de distância social em relação a deficientes quando comparados com os alunos de cor branca;
- Alunos de escolas urbanas fora das capitais apresentam valores em média 2,7% menores do que alunos de escolas urbanas das capitais para o índice de distância social em relação a deficientes físicos.

Tabela 229 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a deficientes físicos

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,4336	0,0132	<0,001	
Características do Aluno					
Idade	γ_{10}	-0,0029	0,0004	<0,001	-0,3%
Gênero	γ_{20}	0,0207	0,0074	0,006	2,1%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{30}	-0,0329	0,0277	0,235	-3,2%
Preto	γ_{40}	-0,0665	0,0210	0,002	-6,4%
Outros	γ_{50}	-0,0115	0,0078	0,143	-1,1%
Características da Escola					
Localização					
Não capital	γ_{01}	-0,0274	0,0090	0,003	-2,7%
Rural	γ_{02}	0,0003	0,0197	0,987	0,0%
	τ_{00}	0,0026			
	σ^2	0,0713			

Para a distância social em relação a deficientes mentais, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, a idade, o sexo e o grau de participação religiosa são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, a sua localização e o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais) se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de distância social em relação a deficientes mentais reduz em 0,4%;
- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de distância social em relação a deficientes mentais reduz em 1%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 1,8% menores para o índice de distância social em relação a deficientes mentais em relação aqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 1,5% no índice de distância social em relação a deficientes mentais quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos de escolas urbanas fora das capitais apresentam valores em média 2,1% menores do que alunos de escolas urbanas das capitais para o índice de distância social em relação a deficientes mentais;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 1,5% menores do que alunos de escolas estaduais para o índice de distância social em relação a deficientes mentais.

Tabela 230 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de distância social em relação a deficientes mentais

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	1,5409	0,0115	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0043	0,0012	<0,001	-0,4%
Idade	γ_{20}	-0,0009	0,0003	0,001	-0,1%
Participação religiosa	γ_{40}	-0,0184	0,0059	0,002	-1,8%
Gênero	γ_{30}	0,0148	0,0059	0,013	1,5%

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
Características da Escola					
Dependência Adm.	γ_{60}	-0,0155	0,0068	0,022	-1,5%
Localização					
Não capital	γ_{01}	-0,0214	0,0061	0,001	-2,1%
Rural	γ_{02}	-0,0275	0,0139	0,047	-2,7%
	τ_{00}	0,0017			
	σ^2	0,0411			

9.13.2. Análise dos Fatores Associados à Atitude Preconceituosa dos Alunos

Em seguida, procedeu-se à análise das variáveis dependentes da pesquisa para os índices de atitude preconceituosa. As variáveis descritas na Tabela 231, a seguir, reduzem a variância do índice de preconceito em 8,9%. Embora este seja um percentual baixo, ele se mostra bastante superior à redução da variância no modelo para o índice de distância social.

Em relação à atitude preconceituosa geral dos alunos, no nível 1 (características do aluno), mostraram-se significativas as variáveis: grau de acesso a meios de informação, participação religiosa, cor/etnia e sexo (gênero). No nível 2 (características da escola) se mostraram significativas as variáveis região, dependência administrativa e grau de acesso aos meios de informação por parte do diretor da escola.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nestes resultados conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa reduz em 0,8%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 2,3% maiores para o índice de atitude preconceituosa em relação aqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 9,9% no índice de atitude preconceituosa quando comparados aos do sexo feminino;

- Alunos de cor preta têm, em média, 3,5% a menos no índice de atitude preconceituosa comparado com os alunos de cor branca;
- A cada unidade a mais que o diretor da escola tem de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado do índice de atitude preconceituosa dos alunos se reduz em média em 0,6%;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores 5% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa.
- Comparado com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste e Nordeste têm, em média, valores no índice de distância social 4,2% e 8,2% maiores, respectivamente.

Tabela 231 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice geral de atitude preconceituosa

Variável*	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,5983	0,0251	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0079	0,0012	<0,001	-0,8%
Participação religiosa	γ_{20}	0,0232	0,0056	<0,001	2,3%
Gênero	γ_{30}	0,0945	0,0069	<0,001	9,9%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	0,0285	0,0150	0,056	2,9%
Preto	γ_{50}	-0,0354	0,0125	0,005	-3,5%
Outros	γ_{60}	-0,0042	0,0058	0,465	-0,4%
Características da Escola					
Acesso do Diretor à mídia	γ_{01}	-0,0062	0,0027	0,021	-0,6%
Região					
CO	γ_{02}	0,0413	0,0125	0,001	4,2%
N	γ_{03}	0,0319	0,0169	0,058	3,2%
NE	γ_{04}	0,0790	0,0095	<0,001	8,2%
S	γ_{05}	0,0188	0,0099	0,059	1,9%
Dependência Adm.	γ_{06}	0,0481	0,0085	<0,001	4,9%
	τ_{00}	0,0044			
	σ^2	0,0351			

Para a atitude preconceituosa de natureza étnico-racial, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, o sexo e a cor / etnia são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, a sua localização, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais), a região e o grau de acesso à mídia de seu diretor se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial reduz em 0,7%;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 8,9% no índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 3,6% a menos no índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos orientais / de cor amarela, no entanto, apresentam índices de atitude preconceituosa maiores (4,1%, em média);
- A cada unidade a mais que o diretor da escola tem de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado do índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial dos alunos se reduz em média em 0,8%;
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste, Norte e Nordeste têm, em média, valores no índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial 5,6%, 6,4% e 9,8% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 6,6% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial;

- Alunos de escolas urbanas fora das capitais apresentam valores em média 3,2% maiores do que alunos de escolas urbanas das capitais para o índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial.

Tabela 232 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa de natureza étnico-racial

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,4640	0,0318	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0066	0,0013	<0,001	-0,7%
Gênero	γ_{20}	0,0855	0,0070	<0,001	8,9%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{30}	0,0401	0,0172	0,020	4,1%
Preto	γ_{40}	-0,0369	0,0129	0,005	-3,6%
Outros	γ_{50}	-0,0054	0,0067	0,422	-0,5%
Características da Escola					
Acesso do Diretor à Mídia	γ_{01}	-0,0080	0,0031	0,010	-0,8%
Região					
CO	γ_{02}	0,0546	0,0164	0,001	5,6%
N	γ_{03}	0,0624	0,0180	0,001	6,4%
NE	γ_{04}	0,0934	0,0116	<0,001	9,8%
S	γ_{05}	0,0178	0,0125	0,155	1,8%
Dependência Adm.	γ_{06}	0,0641	0,0094	<0,001	6,6%
Localização					
Não capital	γ_{07}	0,0319	0,0101	0,002	3,2%
Rural	γ_{08}	0,0333	0,0287	0,248	3,4%
	τ_{00}	0,0067			
	σ^2	0,0439			

Para a atitude preconceituosa em relação a pessoas com necessidades especiais (deficiência física e mental), nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, o sexo e a cor / etnia também são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais) e a sua região se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa em relação a pessoas com necessidades especiais reduz em 0,9%;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 8,1% no índice de atitude preconceituosa em relação a pessoas com necessidades especiais quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 2,7% a menos no índice de atitude preconceituosa em relação a pessoas com necessidades especiais quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos orientais / de cor amarela, no entanto, apresentam índices de atitude preconceituosa maiores (3,9%, em média);
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Sul, Centro Oeste, Norte e Nordeste têm, em média, valores no índice de atitude em relação a pessoas com necessidades especiais 2,5%, 3,8%, 4% e 9,3% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 4,4% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa em relação a pessoas com necessidades especiais.

Tabela 233 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa em relação a pessoas com necessidades especiais (deficiência física e mental)

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,6065	0,0111	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0089	0,0014	<0,001	-0,9%
Gênero	γ_{20}	0,0781	0,0066	<0,001	8,1%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{30}	0,0385	0,0171	0,024	3,9%
Preto	γ_{40}	-0,0276	0,0127	0,029	-2,7%
Outros	γ_{50}	0,0047	0,0065	0,464	0,5%
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{01}	0,0374	0,0146	0,011	3,8%
N	γ_{02}	0,0393	0,0170	0,021	4,0%
NE	γ_{03}	0,0891	0,0091	0,000	9,3%
S	γ_{04}	0,0251	0,0111	0,024	2,5%
Dependência Adm.	γ_{05}	0,0430	0,0088	0,000	4,4%
	τ_{00}	0,0046			
	σ^2	0,0438			

No tocante à atitude preconceituosa em relação a gênero, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, a idade, o grau de participação religiosa e o sexo são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais), a sua região, a sua localização e o grau de acesso à mídia de seu diretor se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa em relação a gênero se reduz em 1,1%;

- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa em relação a gênero reduz em 1%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 2,2% maiores para seu índice de atitude preconceituosa em relação a gênero em relação aqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 6,5% no seu índice de atitude preconceituosa em relação a gênero quando comparados aos do sexo feminino;
- A cada unidade a mais que o diretor da escola tem de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado do índice de atitude preconceituosa em relação a gênero dos alunos se reduz em média em 0,8%;
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste e Nordeste têm, em média, valores para o índice de atitude preconceituosa em relação a gênero 4,4% e 10,4% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 4,4% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa em relação a gênero;
- Alunos de escolas urbanas fora das capitais apresentam valores em média 5% maiores do que alunos de escolas urbanas das capitais para o índice de atitude preconceituosa em relação a gênero.

Tabela 234 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa em relação a gênero

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,7463	0,0336	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0110	0,0015	<0,001	-1,1%
Idade	γ_{20}	-0,0011	0,0003	0,003	-0,1%
Participação religiosa	γ_{30}	0,0221	0,0065	0,001	2,2%
Gênero	γ_{40}	0,0630	0,0072	<0,001	6,5%

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
Características da Escola					
Acesso do Diretor à mídia	γ_{01}	-0,0083	0,0032	0,010	-0,8%
Região					
CO	γ_{02}	0,0432	0,0127	0,001	4,4%
N	γ_{03}	0,0276	0,0180	0,124	2,8%
NE	γ_{04}	0,0992	0,0118	<0,001	10,4%
S	γ_{05}	0,0074	0,0120	0,539	0,7%
Dependência Adm.	γ_{06}	0,0428	0,0094	<0,001	4,4%
Localização					
Não capital	γ_{07}	0,0488	0,0097	<0,001	5,0%
Rural	γ_{08}	0,0128	0,0313	0,682	1,3%
	τ_{00}	0,0056			
	σ^2	0,0583			

Para a atitude preconceituosa de natureza geracional, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, o grau de participação religiosa, o gênero e a cor / etnia são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais), a sua região e o grau de acesso à mídia de seu diretor se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa de natureza geracional se reduz em 0,9%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 2,1% maiores para seu índice de atitude preconceituosa de natureza geracional em relação aqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 6,9% no seu índice de atitude preconceituosa de natureza geracional quando comparados aos do sexo feminino;

- Alunos de cor preta têm, em média, 4,6% a menos no índice de atitude preconceituosa de natureza geracional quando comparados com os alunos de cor branca;
- A cada unidade a mais que o diretor da escola tem de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado do índice de atitude preconceituosa de natureza geracional dos alunos se reduz em média em 0,7%;
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste e Nordeste têm, em média, valores para o índice de atitude preconceituosa de natureza geracional 4,8% e 6% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 4,7% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa de natureza geracional;

Tabela 235 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa de natureza geracional

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,7427	0,0295	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0091	0,0015	<0,001	-0,9%
Participação religiosa	γ_{20}	0,0211	0,0073	0,004	2,1%
Gênero	γ_{30}	0,0669	0,0073	<0,001	6,9%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	0,0134	0,0210	0,522	1,4%
Preto	γ_{50}	-0,0468	0,0176	0,008	-4,6%
Outros	γ_{60}	-0,0028	0,0075	0,708	-0,3%
Características da Escola					
Acesso do Diretor à mídia	γ_{01}	-0,0074	0,0032	0,021	-0,7%
Região					
CO	γ_{02}	0,0465	0,0132	0,001	4,8%
N	γ_{03}	0,0029	0,0202	0,887	0,3%
NE	γ_{04}	0,0586	0,0114	<0,001	6,0%
S	γ_{05}	0,0179	0,0120	0,136	1,8%

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
Dependência Adm.	γ_{06}	0,0458	0,0101	<0,001	4,7%
	τ_{00}	0,0052			
	σ^2	0,0673			

Em relação à atitude preconceituosa de natureza socioeconômica, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, o gênero e a cor / etnia são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais), a sua região e localização se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica se reduz em 0,6%;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 7,7% no seu índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos de cor preta têm, em média, 4,1% a menos no índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica quando comparados com os alunos de cor branca. Os alunos de cor parda e índios também têm índices de atitude preconceituosa menores (2,1%, em média);
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Sul, Norte, Centro Oeste e Nordeste têm, em média, valores para o índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica 2,4%, 3,6%, 5,1% e 7,8% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 4,4% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica;

- Alunos de escolas urbanas fora das capitais apresentam valores em média 2,8% menores do que alunos de escolas urbanas das capitais para o índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica.

Tabela 236 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa de natureza socioeconômica

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,5044	0,0140	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0063	0,0014	<0,001	-0,6%
Gênero	γ_{20}	0,0741	0,0073	<0,001	7,7%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{30}	0,0503	0,0193	0,010	5,2%
Preto	γ_{40}	-0,0416	0,0148	0,006	-4,1%
Outros	γ_{50}	-0,0212	0,0076	0,006	-2,1%
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{01}	0,0499	0,0153	0,002	5,1%
N	γ_{02}	0,0357	0,0163	0,028	3,6%
NE	γ_{03}	0,0750	0,0103	<0,001	7,8%
S	γ_{04}	0,0238	0,0118	0,044	2,4%
Dependência Adm.	γ_{05}	0,0426	0,0089	<0,001	4,4%
Localização					
Não capital	γ_{06}	-0,0281	0,0088	0,002	-2,8%
Rural	γ_{07}	-0,0394	0,0265	0,136	-3,9%
	τ_{00}	0,0050			
	σ^2	0,0548			

Para a atitude preconceituosa de natureza territorial, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, a participação religiosa, o gênero e a cor / etnia são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, o grau de acesso do seu diretor a meios de informação, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais) e a sua região se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa de natureza territorial se reduz em 0,5%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 2,2% maiores para seu índice de atitude preconceituosa de natureza territorial em relação àqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 8,6% no seu índice de atitude preconceituosa de natureza territorial quando comparados aos do sexo feminino;
- Alunos orientais / de cor amarela têm, em média, 6,2% a mais no índice de atitude preconceituosa de natureza territorial quando comparados com os alunos de cor branca;
- A cada unidade a mais que o diretor da escola tem de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado do índice de atitude preconceituosa de natureza territorial dos alunos aumenta em média em 2,8%;
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Centro Oeste, Sul e Norte têm, em média, valores para o índice de atitude preconceituosa de natureza territorial 7,2%, 7,7%, e 10,3% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 2,9% menores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa de natureza territorial.

Tabela 237 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa de natureza territorial

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,3687	0,0157	<0,001	0,3687
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0049	0,0014	0,001	-0,5%
Participação religiosa	γ_{20}	0,0222	0,0073	0,003	2,2%
Gênero	γ_{30}	0,0829	0,0074	<0,001	8,6%
Cor / Etnia					
Amarelo	γ_{40}	0,0606	0,0210	0,004	6,2%
Preto	γ_{50}	-0,0199	0,0155	0,200	-2,0%
Outros	γ_{60}	0,0043	0,0076	0,569	0,4%
Características da Escola					
Acesso do Diretor à mídia	γ_{01}	0,0276	0,0178	0,122	2,8%
Região					
CO	γ_{01}	0,0694	0,0191	0,001	7,2%
N	γ_{02}	0,0979	0,0130	<0,001	10,3%
NE	γ_{03}	-0,0055	0,0136	0,684	-0,6%
S	γ_{04}	0,0739	0,0109	<0,001	7,7%
Dependência Adm.	γ_{05}	-0,0299	0,0108	0,006	-2,9%
Localização					
Não capital	γ_{06}	-0,0390	0,0327	0,233	-3,8%
Rural	γ_{07}	0,0276	0,0178	0,122	2,8%
	τ_{00}	0,0087			
	σ^2	0,0589			

Para a atitude preconceituosa em relação à orientação sexual, nota-se que o grau de acesso aos meios de informação, a idade, a participação religiosa e o gênero são significativos, em termos de variáveis associadas aos alunos. Nas variáveis da escola, o tipo de dependência administrativa (municipais em relação às estaduais) e a sua região se mostraram significativas.

Os percentuais de variação são apresentados na última coluna da tabela a seguir. Com base nos resultados estatisticamente significativos, conclui-se que:

- A cada unidade a mais que o aluno têm de exposição à mídia (escala de 1 a 9), o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual se reduz em 1%;
- A cada dez anos que o aluno envelhece, o valor esperado de seu índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual se reduz em 2%;
- Alunos com forte participação religiosa apresentam valores em média 6,1% maiores para seu índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual em relação àqueles que apresentam pequena ou nenhuma participação;
- Os alunos do sexo masculino têm, em média um aumento de 23% no seu índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual quando comparados aos do sexo feminino;
- Comparados com alunos de escolas da região Sudeste, os alunos de escolas das regiões Sul, Centro Oeste e Nordeste têm, em média, valores para o índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual 4,7%, 5,3%, e 6,3% maiores, respectivamente;
- Alunos de escolas municipais apresentam valores em média 4% maiores do que alunos de escolas estaduais para o índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual.

Tabela 238 – Estimativas dos parâmetros do modelo para o índice de atitude preconceituosa em relação à orientação sexual

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
INTERCEPTO	γ_{00}	0,4588	0,0141	<0,001	
Características do Aluno					
Acesso à mídia	γ_{10}	-0,0097	0,0015	<0,001	-1,0%
Idade	γ_{20}	-0,0016	0,0004	<0,001	-0,2%
Participação religiosa	γ_{30}	0,0590	0,0078	<0,001	6,1%
Gênero	γ_{40}	0,2070	0,0125	<0,001	23,0%

Variável	Parâmetro	Estimativa	Erro padrão	Valor-p	Porcentagem de variação
Características da Escola					
Região					
CO	γ_{02}	0,0520	0,0146	0,001	5,3%
N	γ_{03}	0,0323	0,0168	0,054	3,3%
NE	γ_{04}	0,0610	0,0103	<0,001	6,3%
S	γ_{05}	0,0464	0,0114	<0,001	4,7%
Dependência Adm.	γ_{06}	0,0393	0,0096	<0,001	4,0%
	τ_{00}	0,0049			
	σ^2	0,0566			

As tabelas a seguir apresentam a consolidação dos resultados relativos à influência das características específicas dos alunos e das escolas no preconceito e na discriminação em alunos do ensino fundamental, médio e de educação de jovens e adultos.

Os resultados indicam que os indicadores de distância social em relação a todos os grupos sociais apresentam variações com a idade dos alunos. Quanto mais velhos os alunos, menor a distância social em relação aos grupos sociais pesquisados. Os indicadores para os quais a idade apresenta a maior influência são a distância social em relação aos moradores da área rural (a cada dez anos que o aluno envelhece, a distância social se reduz em 4%), negros (redução de 3% a cada dez anos), ciganos (3%), moradores da periferia (3%) e deficientes físicos (3%).

O incremento no acesso a mídia reduz a distância social geral e aquela em relação a homossexuais e deficientes mentais, no entanto, a cada ponto de incremento (escala de 1 a 9) no acesso à mídia a distância social em relação a moradores da área rural aumenta de 0,7%.

A forte participação religiosa dos alunos aumenta em cerca de 2% a distância social em relação a pobres e moradores da periferia. No entanto, reduz em cerca de 2% também a distância social em relação a deficientes mentais.

Em relação ao gênero do aluno, nota-se que respondentes do sexo masculino apresentam valores maiores que os do sexo feminino em 3,3% para a distância social em relação a negros, 2,1% em relação a deficientes físicos, 1,5% em relação a deficientes

mentais, além da maior variação verificada para características dos alunos: 10,7% a mais na distância social em relação aos homossexuais. No entanto, os respondentes do sexo feminino apresentam distâncias sociais maiores que os do sexo masculino para as distâncias sociais em relação a índios (4,6%), ciganos (1,9%) e moradores da periferia (4,9%).

No tocante à cor / etnia dos alunos, nota-se que, de maneira geral, alunos de todas as demais cores e etnias apresentam menores valores para os índices de distância social do que os brancos, com os negros apresentando, na média, os menores valores para estes indicadores. As maiores diferenças são: os negros apresentam valores 14,9% mais baixos que os brancos para a distância social em relação a negros, 8,4% em relação a moradores da periferia, 8,2% em relação a índios e 7,6% em relação a pobres; os respondentes amarelos ou orientais apresentam valores 10,4% mais baixos que os brancos para a distância social em relação a moradores de áreas rurais e 5% a menos em relação a negros.

Tabela 239 – Estimativas da variação dos índices de distância social em função de características dos alunos

Variável	Porcentagem de variação da Distância Social									
	Geral	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos- sexual	Perif.	Área rural	Def. Fis.	Def. Men.
Acesso à mídia (1 a 9)	-0,3%					-0,3%		0,7%		-0,4%
Idade	-0,2%	-0,2%	-0,3%	-0,2%	-0,3%	-0,2%	-0,3%	-0,4%	-0,3%	-0,1%
Participação religiosa (base: baixa)		1,9%					2,0%			-1,8%
Sexo (base: feminino)	1,3%		3,3%	-4,6%	-1,9%	10,7%	-4,9%		2,1%	1,5%
Cor / Etnia (base: branco)										
Amarelo	-0,8%	-0,8%	-5,0%	-3,3%	0,2%	-1,0%	-2,3%	-10,4%	-3,2%	
Preto	-5,5%	-7,6%	-14,9%	-8,2%	-4,4%	-3,7%	-8,4%	-5,3%	-6,4%	
Outros	-1,4%	-2,0%	-4,1%	-2,2%	-0,8%	-1,0%	-3,5%	-0,8%	-1,1%	

No tocante às variáveis da escola, verifica-se que as características demográficas do diretor tem pequena influência na distância social dos alunos da escola. A principal variação verificada é a redução de 6,1% na distância social em relação a moradores da periferia em escolas em que o diretor é de cor preta, quando comparado com escolas em que o diretor é de cor branca.

Nota-se que escolas localizadas nas regiões Centro Oeste e Sul apresentam maiores distâncias sociais do que escolas da região Sudeste para praticamente todos os indicadores, exceto para a distância social em relação a moradores de áreas rurais. As maiores diferenças verificadas indicam que em escolas da região Sul as distâncias sociais em relação a índios e negros são 5% e 4,4% maiores, respectivamente, do que as verificadas entre alunos da região Sudeste e na região Centro Oeste as distâncias sociais em relação a moradores da periferia e a negros são 4,4% e 3,9% maiores.

As escolas das Regiões Norte e Nordeste, por sua vez apresentam distâncias sociais menores do que as escolas da Região Sudeste, para quase todos os indicadores, exceto para aqueles que exprimem a distância social em relação a negros e índios. As principais diferenças indicam que estas escolas apresentam redução da distância social em relação a moradores de áreas rurais de 6,9% na região Nordeste e 5,1% na região Norte, quando comparadas com a região Sudeste.

Escolas que não estão localizadas nas capitais, sejam elas urbanas ou rurais, apresentam menores valores do que as escolas das capitais para quase todos os indicadores de distância social. Destacam-se as reduções de 9,2% e 6,6% nas escolas rurais e urbanas fora das capitais, respectivamente, para a distância social em relação a moradores de áreas rurais, e de 5,8% em escolas rurais para a distância social em relação a pobres.

Tabela 240 – Estimativas da variação dos índices de distância social em função de características das escolas

Variável	Porcentagem de variação da Distância Social									
	Geral	Pobre	Negro	Índio	Cigano	Homos- sexual	Perif.	Área rural	Def. Fis.	Def. Men.
Idade do Diretor	0,1%							0,2%		
Sexo do Diretor					2,1%					
Tempo do Diretor							0,2%			
Cor / Etnia Diretor (base: branco)										
Amarelo							-1,8%			
Preto							-6,1%			
Outros							-1,2%			
Dependência Adm base: estadual / federal)										-1,5%
Região (base: SE)										
CO	1,7%		3,9%	3,1%	1,1%	2,0%	4,4%	-1,5%		
N	-0,6%		0,2%	2,3%	-2,2%	-1,5%	-1,2%	-5,1%		
NE	-0,6%		2,0%	1,8%	-2,2%	-0,5%	-0,8%	-6,9%		
S	1,9%		4,4%	5,0%	0,4%	2,4%	3,2%	-0,9%		
Localização (base: capital)										
Não capital	-1,5%	-2,9%						-6,6%	-2,7%	-2,1%
Rural	-2,4%	-5,8%						-9,2%	0,0%	-2,7%

Entre os alunos, verifica-se que as variáveis de acesso a meios de informação, de gênero e de cor / etnia dos alunos são os que estão mais relacionados às variações na atitude preconceituosa dos alunos.

O incremento no acesso a mídia reduz o preconceito observado em relação a todos os temas pesquisados. As principais variações observadas indicam que a cada ponto de incremento (escala de 1 a 9) no acesso à mídia o preconceito de gênero apresenta redução de 1,1%, o relacionado à orientação sexual de 1%, o preconceito em relação a pessoas com

necessidades especiais e o de natureza geracional apresentam reduções de 0,9% e o de natureza étnico-racial de 0,7%.

Alunos com forte participação religiosa apresentam valores cerca de 2% maiores para o preconceito de gênero, geracional e territorial e de cerca de 6% maior para o preconceito em relação à orientação sexual.

Em relação ao gênero do aluno, nota-se que respondentes do sexo masculino apresentam valores maiores que os do sexo feminino para todos os temas de preconceito pesquisados. A maior diferença indica que o preconceito entre os alunos do sexo masculino é 23% maior do que o verificado entre alunas para o preconceito em relação à orientação sexual. Para os demais temas os alunos do sexo masculino apresentam valores entre 6,5% (gênero) e 9% (étnico-racial) maiores do que os do sexo feminino.

No tocante à cor / etnia dos alunos, nota-se que, enquanto os alunos de cor preta, os mulatos, pardos, cafusos, caboclos e índios apresentam menores valores para os índices de preconceito do que os brancos, os respondentes orientais ou de cor amarela apresentam valores maiores. Os respondentes orientais apresentam valores maiores especialmente para os preconceitos de natureza territorial (6,2% a mais do que os respondentes brancos), socioeconômico (5,2%) e étnico-racial (4,1%). Enquanto os respondentes pretos apresentam menores valores para os preconceitos de natureza geracional (4,6% a menos do que os respondentes de cor branca), socioeconômica (4,1%) e étnico-racial (3,6%).

Tabela 241 – Estimativas da variação dos índices de Atitude Preconceituosa em função de características dos alunos

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico-racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Acesso à mídia (1 a 9)	-0,8%	-0,7%	-0,9%	-1,1%	-0,9%	-0,6%	-0,5%	-1,0%
Idade				-0,1%				-0,2%
Participação religiosa (base: baixa)	2,3%			2,2%	2,1%		2,2%	6,1%
Sexo (base: feminino)	9,9%	8,9%	8,1%	6,5%	6,9%	7,7%	8,6%	23,0%

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico-racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Cor / Etnia (base: branco)								
Amarelo	2,9%	4,1%	3,9%		1,4%	5,2%	6,2%	
Preto	-3,5%	-3,6%	-2,7%		-4,6%	-4,1%	-2,0%	
Outros	-0,4%	-0,5%	0,5%		-0,3%	-2,1%	0,4%	

No tocante às variáveis da escola, verifica-se que as características demográficas do diretor tem pequena relação com a atitude preconceituosa dos alunos da escola, exceto pelo seu grau de acesso aos meios de informação. A cada ponto de incremento (em uma escala de 1 a 9) no acesso do diretor a meios de informação), notam-se reduções de 0,8% no preconceito étnico-racial e de gênero dos alunos da escola, e de 0,7% no preconceito geracional. Entretanto, este incremento está associado a forte aumento no preconceito territorial dos alunos, com 2,8% a cada ponto de incremento no acesso a meios de informação.

As escolas municipais apresentam valores entre 4% e 6% maiores para as atitudes preconceituosas, quando comparadas com escolas estaduais, para praticamente todos os indicadores de preconceito, exceto pelo preconceito territorial, que é maior entre escolas estaduais (2,9% maior).

Nota-se que escolas localizadas nas regiões Centro Oeste e Sul apresentam maiores distâncias sociais do que escolas da região Sudeste para praticamente todos os indicadores, exceto para a distância social em relação moradores de áreas rurais. As maiores diferenças verificadas indicam que em escolas da região Sul as distâncias sociais em relação a índios e negros são 5% e 4,4% maiores, respectivamente, do que as verificadas entre alunos da região Sudeste e na região Centro Oeste as distâncias sociais em relação a moradores da periferia e a negros são 4,4% e 3,9% maiores.

As escolas das Regiões Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste apresentam atitudes mais preconceituosas para todas as áreas temáticas de preconceito quando comparadas com a região Sudeste. As escolas da região Nordeste são as que apresentam as maiores variações no preconceito, quando comparadas com a região Sudeste, exceto pelo preconceito de natureza

territorial que é menor nas escolas desta região do que nas demais (-0,6%). As escolas da região Sul, por sua vez, são as que apresentam as menores variações em relação à região Sudeste para os indicadores de preconceito, com exceção também ao indicador de preconceito territorial, cuja variação é maior para essa região, quando comparada à região Sudeste (10,3%). As maiores variações observadas são: o valor 10,4% maior na região Nordeste para o preconceito de gênero; 10,3% maior na região Sul para o preconceito territorial; 9,8% e 9,3% maiores na região Nordeste para os preconceitos étnico-racial e em relação a pessoas com necessidades especiais, respectivamente.

Escolas que não estão localizadas nas capitais, sejam elas urbanas ou rurais, apresentam menores valores do que as escolas das capitais para os preconceitos de natureza socioeconômica e territorial, entretanto, maiores valores para o preconceito étnico-racial e de gênero.

Tabela 242 – Estimativas da variação dos índices de Atitude Preconceituosa em função de características das escolas

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico-racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Idade do Diretor								
Sexo do Diretor								
Tempo do Diretor								
Acesso à mídia Diretor	-0,6%	-0,8%		-0,8%	-0,7%		2,8%	
Cor / Etnia Diretor (base: branco)								
Amarelo								
Preto								
Outros								
Dependência Adm. (base: est / fed)	4,9%	6,6%	4,4%	4,4%	4,7%		-2,9%	4,0%
Região (base: SE)								
CO	4,2%	5,6%	3,8%	4,4%	4,8%	5,1%	7,2%	5,3%
N	3,2%	6,4%	4,0%	2,8%	0,3%	3,6%	10,3%	3,3%
NE	8,2%	9,8%	9,3%	10,4%	6,0%	7,8%	-0,6%	6,3%
S	1,9%	1,8%	2,5%	0,7%	1,8%	2,4%	7,7%	4,7%

Variável	Porcentagem de variação da Atitude Preconceituosa							
	Geral	Étnico-racial	Necess. Espec.	Gênero	Gerac.	Socio-econômica	Territ.	Orient. Sexual
Localização (base: capital)								
Não capital		3,2%		5,0%		-2,8%	-3,8%	
Rural		3,4%		1,3%		-3,9%	2,8%	

9.14 Resultados da Prova Brasil 2007 por Nível de Preconceito, Distância Social e Conhecimento de Situações de *Bullying* no ambiente escolar

9.14.1. Resultados Descritivos

As 501 escolas pesquisadas foram classificadas em grupos (quartis), de acordo com os valores médios observados para o índice de atitude preconceituosa dos seus alunos que responderam à pesquisa. Os quartis de mais baixa ordem representam escolas com menores valores médios para os índices de atitude preconceituosa. Por exemplo, o 1º quartil em termos de atitude preconceituosa reúne as escolas (cerca de 25%) que apresentaram as menores médias para o índice percentual de atitude preconceituosa entre seus respondentes, enquanto o 4º quartil reúne as escolas que apresentaram as maiores médias para a atitude preconceituosa de seus respondentes.

Foram então calculadas as médias para as avaliações da Prova Brasil (matemática e português para 8ª série) para cada um dos agrupamentos de escolas. À direita nas tabelas são apresentados os resultados para a significância estatística da diferença entre as médias para cada aspecto pesquisado, sendo que as células indicadas com a cor verde indicam que a diferença das médias é estatisticamente significativa a $p < 0,05$.

Os resultados indicam que escolas em que se observaram atitudes mais preconceituosas entre os alunos apresentaram avaliações mais baixas nas avaliações de matemática e português da Prova Brasil 2007.

Tabela 243 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por atitude preconceituosa dos alunos (de 8ª série) nas escolas

Avaliação	Atitude Preconceituosa	Significância estatística da diferença
-----------	------------------------	--

Prova Brasil 2007	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	246	241	240	230	0,000	0,174	0,034	0,000	0,917	0,014	0,080
Português 8ª série	233	230	227	219	0,000	0,276	0,045	0,000	0,862	0,007	0,065

Em seguida, as escolas pesquisadas foram classificadas em grupos de acordo com os valores médios observados para o índice de atitude preconceituosa do seu corpo técnico e administrativo (diretores e professores) e foram calculadas as médias para as avaliações da Prova Brasil para cada um dos novos agrupamentos.

Os agrupamentos de escolas em que o corpo técnico e administrativo (diretores e professores pesquisados) possui atitude mais preconceituosa são os que apresentaram médias mais baixas para as avaliações nas avaliações de Matemática e Português da Prova Brasil 2007. É importante ressaltar, no entanto, que as diferenças das médias para essas avaliações entre os agrupamentos de escolas, de acordo com a atitude preconceituosa de seu corpo técnico e administrativo, não são significantes a $p < 0,05$.

Tabela 244 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por atitude preconceituosa dos respondentes do corpo técnico e administrativo nas escolas

Avaliação Prova Brasil 2007	Atitude Preconceituosa				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	241	239	238	236	0,321	0,903	0,723	0,342	0,985	0,749	0,907
Português 8ª série	231	226	225	226	0,129	0,663	0,235	0,244	0,890	0,874	1,000

As escolas foram também agrupadas de acordo com os valores médios da distância social, ou seja, da predisposição em estabelecer contatos sociais, que os alunos apresentam em relação aos grupos sociais pesquisados (os quartis de mais baixa ordem representam escolas com menores valores médios para a distância social dos alunos em relação aos grupos sociais pesquisados).

No agrupamento de escolas em que os alunos que responderam à pesquisa apresentaram maior distância social em relação aos grupos sociais pesquisados foram observadas maiores médias para as avaliações da Prova Brasil do que nas escolas com menores médias para a distância social.

Tabela 245 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por distância social dos alunos (de 8ª série) em relação aos grupos sociais pesquisados

Avaliação Prova Brasil 2007	Distância Social				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	235	233	241	245	0,000	0,925	0,194	0,001	0,536	0,008	0,260
Português 8ª série	224	221	231	232	0,000	1,000	0,068	0,005	0,060	0,004	0,838

Assim como se verificou em relação às atitudes preconceituosas, os agrupamentos de escolas classificados de acordo com a distância social dos respondentes de seu corpo técnico e administrativo, em relação aos grupos sociais pesquisados, não apresentaram diferenças significantes a $p < 0,05$ para as médias das avaliações na Prova Brasil 2007.

Tabela 246 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por distância social dos respondentes do corpo técnico e administrativo das escolas em relação aos grupos sociais pesquisados

Avaliação Prova Brasil 2007	Distância Social				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	Q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	242	238	238	236	0,380	0,911	0,439	0,655	0,849	0,961	0,991
Português 8ª série	230	225	227	226	0,395	0,744	0,421	0,754	0,960	1,000	0,961

A tabela, a seguir, apresenta as médias das avaliações na Prova Brasil para cada agrupamento de escolas de acordo com o grau de conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* na escola por parte dos alunos que responderam à pesquisa. Nota-se que há diferenças para as avaliações realizadas junto aos alunos da 8ª série. No agrupamento de escolas em que os alunos pesquisados apresentam os maiores níveis de conhecimento de situações de *bullying* na escola, os valores para as médias das avaliações na prova Brasil 2007 são menores do que nos demais grupos.

Tabela 247 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por grau de conhecimento dos alunos da ocorrência de situações de *bullying* na escola

Avaliação Prova Brasil 2007	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i>				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	Q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	238	242	243	231	0,005	1,000	0,995	0,085	0,993	0,050	0,019
Português 8ª série	226	232	230	219	0,000	0,948	0,900	0,047	0,999	0,003	0,001

Os agrupamentos de escolas, classificadas de acordo com o grau de conhecimento do seu corpo técnico e administrativo sobre a ocorrência de situações de *bullying* no ambiente escolar não apresentaram diferenças estatisticamente significante a $p < 0,05$ para as avaliações da Prova Brasil 2007.

Tabela 248 – Médias dos resultados da Prova Brasil 2007 por grau de conhecimento dos respondentes do corpo técnico e administrativo sobre a ocorrência de situações de *bullying* na escola

Avaliação Prova Brasil 2007	Conhecimento de Situações de <i>Bullying</i>				Significância estatística da diferença						
	1º quartil	2º quartil	3º quartil	4º quartil	Total	q1 q2	q1 q3	Q1 q4	q2 q3	q2 q4	q3 q4
Matemática 8ª série	239	239	237	239	0,768	0,950	0,985	0,999	0,785	0,900	0,994
Português 8ª série	227	228	225	227	0,723	0,978	0,938	0,998	0,731	0,933	0,970

9.14.2. Relação entre as Atitudes Preconceituosas, a Distância Social dos Atores Escolares e o seu Conhecimento de Situações de *Bullying* na Escola e os Resultados obtidos pelos alunos das escolas na Prova Brasil 2007

A tabela a seguir apresenta os resultados das análises de correlação entre os escores observados nas escolas para as atitudes preconceituosas de respondentes do corpo técnico e administrativo da escola, alunos, funcionários e pais e mães e as médias das avaliações de português e matemática na Prova Brasil 2007 para a 8ª série.

Estes resultados indicam que existem relações negativas entre o preconceito expresso pelas atitudes dos diversos atores escolares e as notas médias na avaliação da Prova Brasil nas escolas. A correlação negativa indica que em escolas em que os escores que medem o preconceito apresenta valores mais elevados tendem a apresentar médias menores para as avaliações na Prova Brasil. Nota-se ainda que esta relação é mais forte para o preconceito dos alunos, ou seja, em escolas em que os alunos apresentam maior preconceito, as avaliações tendem a ser menores.

Tabela 249 – Correlação entre atitudes preconceituosas dos públicos da escola e as avaliações médias das escolas para matemática e português na Prova Brasil 2007 (8ª série do ensino fundamental)

Atitude Preconceituosa – Público	Indicadores	Matemática	Português
Corpo Técnico e Administrativo	<i>Pearson</i>	-0,134	-0,139
	Significância	0,008	0,006
Funcionários	<i>Pearson</i>	-0,142	-0,136
	Significância	0,005	0,007
Alunos	<i>Pearson</i>	-0,290	-0,309
	Significância	0,000	0,000
Pais e Mães	<i>Pearson</i>	-0,195	-0,177
	Significância	0,000	0,000

A seguir são apresentados os resultados para as relações verificadas entre os valores médios nas escolas para a distância social mantida pelos atores escolares, em relação aos diversos grupos sociais pesquisados e as avaliações na Prova Brasil 2007.

Os resultados indicam que não existem relações significantes entre a distância social verificada para funcionários e para o corpo técnico e administrativo da escola. Entretanto, nota-se que entre as escolas existe correlação positiva entre a distância social dos alunos em relação aos grupos sociais pesquisados e a avaliação na Prova Brasil. Assim como verificado nas análises descritivas apresentadas anteriormente, em escolas que os alunos apresentam maior distância social em relação aos grupos sociais da pesquisa, as médias verificadas na Prova Brasil tendem a ser um pouco maiores.

Tabela 250 – Correlação entre distância social dos públicos da escola e as avaliações médias das escolas para matemática e português na Prova Brasil 2007 (8ª série do ensino fundamental)

Atitude Preconceituosa – Público	Indicadores	Matemática	Português
Corpo Técnico e Administrativo	<i>Pearson</i>	-0,042	-0,032
	Significância	0,409	0,533
Funcionários	<i>Pearson</i>	-0,020	-0,009
	Significância	0,689	0,865
Alunos	<i>Pearson</i>	0,229	0,226
	Significância	0,000	0,000
Pais e Mães	<i>Pearson</i>	-0,160	-0,141
	Significância	0,002	0,005

A seguir são apresentados os resultados para as relações verificadas entre os valores médios nas escolas para o conhecimento de situações em que alunos, professores e funcionários são vítimas de *bullying* e as avaliações na Prova Brasil 2007.

Os resultados indicam que há correlações significativas entre o conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* e as médias para as avaliações na Prova Brasil nas escolas. Nota-se que essas correlações são negativas, ou seja, em escolas em há um maior conhecimento da ocorrência de situações de *bullying* as avaliações na prova Brasil tendem a ser menores.

Observa-se ainda que as correlações entre o *bullying* sofrido por professores e funcionários apresenta valores mais altos para o módulo do coeficiente de correlação com as avaliações. Isso indica que o a intensidade no conhecimento de situações de *bullying* sofridos por funcionários e professores está mais relacionada com as avaliações médias nas escolas do que o *bullying* sofrido por alunos.

Tabela 251 – Correlação entre o conhecimento de situações de *bullying* na escola e as avaliações médias das escolas para matemática e português na Prova Brasil 2007 (8ª série do ensino fundamental)

<i>Bullying</i> – Vítimas	Indicadores	Matemática	Português
Alunos	<i>Pearson</i>	-0,101	-0,123
	Significância	0,046	0,015
Funcionários	<i>Pearson</i>	-0,244	-0,264
	Significância	0,000	0,000
Professores	<i>Pearson</i>	-0,244	-0,274
	Significância	0,000	0,000

9.14.3. Contribuição e Peso Relativo das Atitudes Preconceituosas, da Distância Social dos Atores Escolares e do seu Conhecimento de Situações de *Bullying* na Escola para os Resultados obtidos pelos alunos das escolas na Prova Brasil 2007

A regressão linear múltipla foi também utilizada para avaliar a influência do ambiente escolar em termos de preconceito e distância social de seus atores nos resultados observados para a Prova Brasil, mais especificamente nas provas de matemática e português aplicadas na 4ª e 8ª séries do ensino fundamental.

O R^2 obtido (0,301) na aplicação da regressão linear múltipla indica que o poder explicativo de variações nos resultados obtidos pelas escolas na Prova Brasil em função de variações nas atitudes, crenças e valores dos atores do ambiente escolar, da distância social que estão predispostos a manter em relação aos grupos sociais pesquisados e do conhecimento de situações de *bullying* em que alunos, professores e funcionários são vítimas pode ser considerado relevante (30%), especialmente em se tratando de estudos sociais dessa natureza.

Os coeficientes mais fortemente negativos indicam que o conhecimento de situações de *bullying* contra professores e funcionários das escolas pesquisadas e a atitude preconceituosa dos alunos são os fatores que mais influenciam de maneira negativa o desempenho escolar, medido por meio da Prova Brasil.

Tabela 252 – Peso relativo das variáveis de atitude preconceituosa, da distância social e do conhecimento de situações de *Bullying* ocorridas na escola na formação do desempenho escolar medido através da Prova Brasil
($R^2 = 0,301$)

Atitudes / Distância Social / <i>Bullying</i>	Beta	Estatística t	Sig.
<i>Bullying</i> contra Professores	-0,303	-25,6	0,000
<i>Bullying</i> contra Funcionários	-0,196	-16,8	0,000
Atitudes Alunos	-0,195	-56,9	0,000
Dist. Social Pais	-0,160	-52,9	0,000
Atitudes Pais	-0,115	-37,7	0,000

Atitudes / Distância Social / <i>Bullying</i>	Beta	Estatística t	Sig.
Atitudes Professores	-0,102	-33,1	0,000
Atitudes Funcionários	-0,073	-23,6	0,000
Dist. Social Professores	-0,020	-6,4	0,000
Atitudes Diretores	0,006	1,8	0,067
Dist. Social Diretores	0,058	19,4	0,000
Dist. Social Funcionários	0,072	23,4	0,000
Dist. Social Alunos	0,213	66,1	0,000
<i>Bullying</i> contra Alunos	0,394	58,6	0,000

10. CONCLUSÕES

A análise dos resultados da pesquisa revelou que os seus diversos públicos-alvo (diretores, professores, funcionários, alunos e pais / mães) apresentam atitudes, crenças e valores percebidos que indicam que o preconceito é uma realidade nas escolas públicas brasileiras nas sete áreas temáticas de discriminação pesquisadas (étnico-racial, de deficiência, de gênero, geracional, socioeconômica, territorial e de identidade de gênero).

Os resultados indicam que é ainda mais evidente entre os atores das escolas a predisposição em se manter contatos de menor proximidade em relação a diferentes grupos sociais (pobres, negros, índios, ciganos, moradores de periferia / favela, moradores de áreas rurais, homossexuais e pessoas com necessidades especiais, físicas e mentais). É extremamente importante observar que os valores obtidos para o índice percentual de distância social é bastante superior aos observados para as medidas de atitudes preconceituosas, ainda que estes últimos sejam relevantes. Estes resultados indicam que os respondentes, na média, não aceitam a diversidade como parecem perceber e possuem intenções comportamentais associadas ao nível de contato com os grupos estudados que efetivamente denotam discriminação.

Mais preocupante é o fato que o preconceito e a discriminação não raramente resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas e acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. Nota-se que estas práticas discriminatórias tem como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais. Apesar do fato de que os alunos são as maiores vítimas, as práticas discriminatórias na escola também vitimam professores e funcionários com preocupante incidência. Entre os professores vitimados, os que mais sofrem os efeitos de práticas discriminatórias, de acordo com o conhecimento dos respondentes, são os professores mais velhos, os homossexuais e as mulheres entre os funcionários, as maiores vítimas são os pobres, idosos e negros.

Os resultados da análise das relações entre as áreas temáticas de diversidade pesquisadas demonstram ainda que a ocorrência de preconceito e discriminação em uma

área, em geral, não ocorre de maneira isolada. Por exemplo, o preconceito em relação a um determinado aspecto da diversidade vem, em geral, acompanhado de preconceitos similares em relação aos outros aspectos pesquisados. O mesmo foi observado para a distância social e para o grau de conhecimento de práticas discriminatórias (*bullying*) nas escolas.

No entanto, é importante notar que a relação entre o preconceito declarado e o nível de proximidade ou distância que se pretende estabelecer com diferentes grupos sociais é mais frágil. Os resultados sugerem que a distância social dos respondentes em relação aos diversos grupos sociais pesquisados nem sempre é consistente com o preconceito ou atitude preconceituosa por ele percebida.

Um exemplo deste fenômeno é a diferença entre a percepção e a distância social verificada entre os públicos-alvo da pesquisa. Os funcionários, professores e, principalmente, os diretores de escolas são os públicos que apresentam as atitudes menos preconceituosas. Entretanto, os resultados indicam que os diretores, seguidos de funcionários e professores, respectivamente, apresentam predisposição a estabelecer contatos em níveis de proximidade com os grupos sociais pesquisados do que as verificadas entre alunos e pais / mães.

Nota-se também que a ocorrência de práticas discriminatórias nas escolas (*bullying*), que representa a efetiva materialização de forma ofensiva do preconceito e da discriminação, está associada principalmente ao nível preconceito dos alunos e em menor grau à distância social que estes mesmos alunos percebem em relação aos diversos grupos sociais pesquisados.

Entre os diversos fatores analisados, as características intrínsecas dos alunos se mostraram mais relevantes para os diferentes valores nos índices de distância social e nas atitudes preconceituosas. Somente uma pequena porcentagem dessa variação nos indicadores pode ser atribuída às características das escolas, especialmente nos índices de distância social.

Finalmente, observou-se que em escolas em que os escores que medem o preconceito e o conhecimento de práticas discriminatórias apresenta valores mais elevados

tendem a apresentar médias menores para as avaliações na Prova Brasil. Do ponto de vista do preconceito, nota-se ainda que a relação é mais forte para o preconceito dos alunos, ou seja, em escolas em que os alunos apresentam maior preconceito, as avaliações tendem a ser menores. Entretanto, escolas em que os alunos apresentam predisposição em manter contatos de menor proximidade com os grupos sociais pesquisados tendem a apresentar melhores resultados na prova Brasil. Este resultado é surpreendente e enseja a oportunidade de análises mais aprofundadas para a compreensão dos motivos que influenciam esta relação.

Avaliou-se ainda o grau de importância das diversas variáveis de preconceito e discriminação para a explicação das variações nas médias da Prova Brasil 2007. Os resultados indicam que cerca de 30% das variações nas médias puderam ser explicadas pelos escores de preconceito ou discriminação, o que representa um forte poder de explicação, especialmente em estudos de natureza social. Além das atitudes dos alunos, nota-se que a intensidade de práticas discriminatórias na escola vitimando funcionários e, principalmente, professores são as variáveis com maior peso na explicação das variações nas médias da Prova Brasil 2007.

Portanto, é possível concluir pelos resultados obtidos, que os alunos das escolas públicas não apenas têm atitudes e comportamentos preconceituosos e discriminatórios, como sofrem os efeitos de comportamentos similares de outros atores do ambiente escolar, como diretores, professores, funcionários e do conselho escolar.

A dicotomia entre atitudes e distância social sugere também que, de modo geral, as pessoas no ambiente escolar não assumem que são preconceituosas e que discriminam pessoas pertencentes a outros grupos sociais aos quais não pertencem.

Este ambiente escolar, marcado pelo preconceito, especialmente entre os alunos, termina por resultar em práticas discriminatórias, como humilhações, agressões e acusações injustas que afetam não somente os próprios alunos, mas também funcionários e professores.

A literatura e experiências mostram que a mudança desse ambiente discriminatório marcadamente dissimulado leva muitos e muitos anos, possivelmente até gerações. No

entanto, é preciso inicializar e potencializar esse processo por meios de ações corajosas, envolvendo disseminação de informações (condição necessária, mas não suficiente para a promoção de mudanças), realização de ações específicas e pontuais, implementação de plano, que visem à mudança de comportamento e, principalmente, no longo prazo, ações que promovam a mudança de valores dos agentes escolares em relação à questão discriminatória.

Assim como destacado na descrição dos objetivos e da metodologia deste trabalho, é importante ressaltar que esta é uma pesquisa pioneira no campo da diversidade na educação brasileira que teve por objetivo analisar de maneira global e coerente a incidência de preconceito e discriminação nas escolas públicas, de forma a descrever um quadro consolidado que sirva de linha de base para a avaliação de ações globais no sentido de transformar as escolas em um ambiente essencial ao estímulo à diversidade e à mitigação do preconceito e da discriminação, além de gerar importantes subsídios para o aprofundamento dos estudos relacionados a cada uma de suas áreas temáticas.

Neste contexto, e em face do vasto banco de dados sobre os temas pesquisados produzidos por este estudo, existe a enorme oportunidade de se ampliar o conhecimento sobre os fenômenos de preconceito e discriminação nas escolas para as diversas áreas temáticas que compuseram a pesquisa para além do escopo definido para este estudo, por meio da expansão posterior das análises através de novos estudos viabilizados pelos dados e informações agora disponíveis.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)